



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPG**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL**

**WELLINGTON DOS SANTOS PEREIRA**

**QUANDO A LITERATURA VAI AO ENCONTRO DO RÉS-DO-CHÃO:  
O ESPAÇO TIPOGRÁFICO FOLHETINESCO NOS PERIÓDICOS  
TERESINENSES (1871-1903)**

Teresina - PI

2021

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco** Divisão de  
**Processos Técnicos**

P436q	<p>Pereira, Wellington dos Santos.</p> <p>Quando a literatura vai ao encontro do rés-do- chão: o espaço tipográfico folhetinesco nos periódicosteresinenses (1871-1903) / Wellington dos Santos Pereira. -- 2021.</p> <p>225 f.</p> <p>“Orientação: Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho”.</p> <p>1. Teresina – História - imprensa. 2. Folhetim. 3.Literatura. 4. Imprensa teresinense (1871-1903). I. Fontineles Filho, Pedro Pio. II. Título.</p>
-------	--

Bibliotecário: Rigoberto Veloso de Carvalho – CRB-3/988

WELLINGTON DOS SANTOS PEREIRA

**QUANDO A LITERATURA VAI AO ENCONTRO DO RÉ-S-DO-CHÃO:  
O ESPAÇO TIPOGRÁFICO FOLHETINESCO NOS PERIÓDICOS  
TERESINENSES (1871 -1903)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil-PPGHB, do Centro de Ciência Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho

Teresina-PI

2021

WELLINGTON DOS SANTOS PEREIRA

**QUANDO A LITERATURA VAI AO ENCONTRO DO RÉS-DO-CHÃO:  
O ESPAÇO TIPOGRÁFICO FOLHETINESCO NOS PERIÓDICOS  
TERESINENSES (1871 -1903)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil-PPGHB, do Centro de Ciência Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho

Aprovada em: 15 / 04 / 2021.

---

Prof. Dr. Pedro Pio Fontineles Filho (Orientador)  
Universidade Estadual do Piauí/ Universidade Federal do Piauí (UESPI/UFPI)

---

Profa. Dra. Cláudia Cristina da Silva Fontineles (Examinadora Interna)  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

---

Profa. Dra. Joseanne Zingleara Soares Marinho (Examinadora Externa)  
Universidade Estadual do Piauí (UFPI)

---

Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco de Brito (Examinador Suplente)  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

À dona Conceição, exemplo de força e determinação.

Aos encontros, desencontros, reencontros, afetos, leituras e ideias que atravessaram o desenvolvimento do presente texto.

## AGRADECIMENTOS

“(...) quando falo de escrever, o que primeiro me vem à mente não é um romance, um poema ou a tradição literária, mas uma pessoa que fecha a porta, senta-se diante da mesa e sozinha volta-se pra dentro; cercada pelas suas sombras, constrói um mundo novo com as palavras.”<sup>1</sup>

Apesar de escrever ser uma prática solitária, conforme evidencia o trecho acima, e de fato o é, após várias horas sentado em frente ao computador, absorto entre leituras, transcrição, análises de fontes, feitura e (re)feitura de textos, não poderia incorrer no erro de não reconhecer as infinitas contribuições que atravessaram o desenvolvimento da presente Dissertação. Embora o trabalho tenha sido produzido à base de mãos que, por vezes, foram vencidas pela dor de um ato repetitivo, teclar insensatamente na tentativa de cumprir os prazos exigidos, de uma vista que se mostrava embaçada, ou de uma mente que ocasionalmente demonstrava o cansaço de reta final, algo absolutamente normal no momento em que a defesa se aproxima, posso afirmar que este trabalho foi feito a várias mãos. Por certo, o último termo que antecede essa frase deve ser entendido no sentido metafórico. Aqui, ele representa as influências que pautaram o texto que apresento e posso afirmar que foram inúmeras incorrendo no risco, inclusive, de ser injusto.

Agradeço à Universidade Federal do Piauí - UFPI, ressaltando a importância das instituições públicas de ensino superior para o desenvolvimento da pesquisa e da ciência para o país. Mais do que isso, reafirmo o trabalho social promovido por meio de políticas públicas na instituição de modo a oportunizar o ingresso das diversas classes sociais. Por meio da referida universidade, o filho de uma zeladora e de um caminhoneiro teve a chance de concluir uma graduação, aprender um ofício e, a partir disso, perceber o mundo por meio de uma outra perspectiva. Eram meados de 2005, ano que marca o meu ingresso ao curso de História, o processo de expansão universitária dava seus primeiros passos. Hoje, como professor do ensino básico da rede pública, sinto-me contemplado ao ver os alunos de escolas públicas podendo sonhar com a possibilidade de darem continuidade aos seus processos formativos e, assim, tornarem-se professores, assistentes sociais, dentre um leque amplo de possibilidades que se apresentam a eles. Houve, por certo, uma conjuntura que favoreceu todo esse caminho.

Ao regressar à instituição, fui acolhido não mais pelo Departamento de História, mas pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil – PPGHB/UFPI. Gostaria de agradecer

---

<sup>1</sup> PARNUK, Orhan. *A Maleta do meu pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.s.p.

aos professores do Programa pelo empenho, dedicação, trabalhando sempre em prol da qualidade e excelência, ressaltando a importância da pesquisa.

Registro a parceria e acolhida do Professor Dr. Pedro Pio Fontineles Filho, meu orientador nessa empreitada, por sempre demonstrar disponibilidade, seriedade, humanidade, ao tempo que me ensinava a importância do rigor teórico e metodológico que uma pesquisa em nível acadêmico deve apresentar. Sua intelectualidade, competência e compromisso nas Áreas da História e das Letras são exemplos de vida e de profissionalismo.

Aos professores que deixaram suas boas marcas por meio das disciplinas ofertadas: Professor Francisco Nascimento; Professora Marylu, profissional gigante, humana e sensível; ao Professor Jhony Santana; Professor Gleison; Professor Edwar Castelo Branco; Professor Fábio Leonardo Castelo Branco Brito, extremamente parceiro da turma; e ao Professor Pedro Pio Fontineles à frente da disciplina de Tópicos Especiais de História e Literatura, ministrada com exímia maestria. Gostaria ainda de agradecer às professoras da graduação: Maria do Socorro Rangel, por me apresentar, por meio de Seminário, leituras que fizeram com que meu interesse se voltasse ao campo da História da Leitura, a partir de debates realizados por Roger Chartier e Robert Darnton; e à professora Teresinha Queiroz, hábil pesquisadora com quem tive a honra de iniciar minha trajetória como pesquisador, dando os primeiros passos na investigação sobre os folhetins nos periódicos teresinenses, resultando em trabalho de conclusão de curso, na graduação<sup>2</sup>.

Meu ingresso no PPGHB - UFPI não se deu inicialmente por meio do mestrado e sim através da Especialização em História do Brasil. Para além de alguns dos professores citados acima, que estiveram à frente de algumas disciplinas, registro minha gratidão à Professora Jane Bezerra, à Professora Laura Lene e ao Professor Mairton Celestino, bem como aos colegas de turma, Márcia, Elizabeth, Emanuel, Leandro e Luciano.

À décima sexta turma do Mestrado em História, da qual sou parte e fiz amizades que gostaria muito de estender para além do biênio estabelecido pela CAPES, registro aqui a parceria de pessoas com as quais tive a oportunidade de aprender muito, como Wanderson, Ramone, Francisco Adriano, Karolyne, Antônio Jefferson, Aleisa, Fran e Camila. Além de Valderlany e Eugênio, parceiros que trilhamos juntamente comigo, desde a Especialização, bem como Rafael Nery, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, que tive o prazer de conhecer antes da seleção, acolhido pela turma do nosso Programa. Obrigado pela amizade!

---

<sup>2</sup> PEREIRA, Wellington dos Santos. *Cartografando uma cidade, descortinando seus elementos: um olhar sobre os folhetins em Teresina na segunda metade do século XIX.* (Monografia-Graduação). Teresina: UFPI. 2010.

À Banca de Qualificação composta pela Professora Dra. Cláudia Cristina da Silva Fontineles e ao Professor Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco de Brito, gratidão pela leitura cuidadosa do texto submetido ao Exame, pelas sugestões e pelas orientações fundamentais.

Aos membros da Banca de Defesa, Professora Dra. Joeseanne Zingleara Soares Marinho, da Universidade Estadual do Piauí, por aceitar fazer a leitura desta Dissertação e compartilhar de seu conhecimento no trato com a História. Obrigado especial à Professora Dra. Cláudia Fontineles, pois, a partir de suas recomendações no Exame de Qualificação, além do aumento da admiração que tenho por ela, o presente texto ganhou contornos históricos e historiográficos mais sólidos.

Muito do que sou é fruto da luta e determinação de pessoas com as quais eu convivo. Uns pelos laços sanguíneos, minha família, e outros pelos afetos que foram se estabelecendo ao longo da caminhada. À minha mãe, dona Conceição, sem a qual nada disso seria possível. Gostaria de possuir somente uma parcela da força e determinação que essa mulher teve para incutir em mim a ideia de que é possível sonhar, mesmo não tendo as mesmas oportunidades que muitos tiveram. Esse trabalho espelha muito os anseios dela para com seus filhos, eu e minha irmã, pois nos foi ensinada a importância de se estudar e se qualificar. De longe, ela sempre foi minha maior incentivadora, sobretudo quando decidi tentar a seleção do Mestrado.

À Fernanda, minha irmã, de quem sinto muito orgulho, bem como meus sobrinhos, Alex e Lívia, de sete e três anos, respectivamente – gostaria muito que um dia vocês sentissem orgulho de verem seus nomes figurados nessas notas. Ao meu pai, Walter, por ter propiciado recursos para minha educação.

A Rômulo, Jefferson e Dielson, amigos que a vida me deu. Meninos, gostaria que vocês soubessem o quanto foram e estão sendo importantes nessa fase da vida. A Rodrigo Melo, amigo, conselheiro, que sempre mostrou disposição em ajudar, por vezes manifestada por aquele bom “puxão de orelha”. A Glauco Arthur, pela parceria em parte da presente trajetória. A Mário, ex-aluno, amigo e colega de ofício, parceiro no estágio docente e um promissor pesquisador.

À Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Piauí (SEDUC-PI), pela liberação concedida para o Mestrado, e, que ao permiti-la, demonstra a importância da valorização da qualificação de seus profissionais para um melhor aprimoramento, refletindo a preocupação com a educação, algo tão caro à nossa sociedade. Ao CETI Dr. Fontes Ibiapina, instituição em que passei os últimos anos antes do afastamento. Aos amigos que fiz, funcionários, alunos e professores, agradeço pela torcida.

Para além dos problemas e dificuldades inerentes a qualquer pesquisa em nível *stricto sensu*, fomos assolados por uma pandemia. Ao mesmo tempo em que tivemos a experiência de passar meses a fio isolados a fim de conter seus avanços, assistimos ao número crescente de vítimas. Muitos não puderam retornar aos seus lares. Essas vidas não seriam apenas números, o termo causa a cruel impessoalidade que não caberia mediante a tragédia. São pais, mães, avós, filhos, irmãos, vizinhos, conhecidos, que, infelizmente, não estão mais presentes junto aos seus amigos e familiares e de quem não tivemos a oportunidade da despedida. Assim como tantas pessoas, compartilho a dor de ter perdido um parente para a COVID -19. Ofereço este trabalho à tia Deusa (*in memoriam*) e reafirmo a importância da ciência para o enfrentamento dessa catástrofe mundial. Com a pandemia, devemos aprender que nada pode estar acima de vidas, esses sim importam!

O Divino se apresenta de múltiplas maneiras. A mim sua manifestação se deu através da roupagem de um índio, que, sob o olhar sensível do poeta Caetano Veloso, desceu de uma estrela colorida, brilhante que pousou no coração da América do Sul<sup>3</sup>. Esse indígena recebe o nome de Pai Seta Branca, que hasteou inicialmente a bandeira rósea do amor na capital do nosso país, Brasília, implantando uma doutrina espiritualista denominada Vale do Amanhecer. A toda sua corte bendita, falanges, cores, cantos e encantos, meus respeitos com ternura. Obrigado por me fortalecer nos momentos difíceis de minha trajetória. Gratidão a cada ensinamento e por mostrar que de todas as situações que a vida possa apresentar é preciso extrair seus ensinamentos e sair fortalecido.

Não poderia terminar estas notas sem deixar meus agradecimentos a cada folhetinista que permitiu o desenvolvimento do presente trabalho. A análise das fontes não respondia apenas às problematizações lançadas ao objeto, afinal de contas, as perguntas são a força motriz da pesquisa em História, mas revelavam que, por trás de cada palavra escrita havia pessoas empenhadas a construir seus sonhos, e também evidenciavam suas angústias e seus projetos não realizados. Saibam que fragmentos de suas realizações, tentativas, e, por vezes, frustrações, ecoaram no tempo e chegaram ao presente momento dando subsídios para entendermos como foram construídas as leituras do final do século XIX e início do XX. E não apenas isso, como a partir daí é preciso entender as dinâmicas que nos atravessam.

---

<sup>3</sup> VELOSO, Caetano. *Um Índio*. Rio de Janeiro: Phillips Records. 1977.

“Somos resultado de tanta gente, de tanta história, tão grandes sonhos que vão passando de pessoa a pessoa que nunca estaremos só”

(Valter Hugo Mãe - O Filho de Mil Homens)

## RESUMO

A Dissertação buscou compreender a trajetória dos folhetins nos periódicos teresinenses e suas representações socioculturais entre 1871 a 1903. O suporte desenvolvido no interior do jornal encontrou, no final do século XVIII, período de florescimento, tonando-se um fenômeno no século posterior, modificando as relações entre o mercado, a arte e o consumo. Nesse sentido, eleger o recorte temporal da pesquisa se justifica por dois aspectos. Primeiro, por observar uma maior recorrência de publicações folhetinescas nos periódicos impressos da capital piauiense do período. Segundo, por perceber as transmutações ocorridas na fórmula, sobretudo nos primeiros anos dos novecentos. Nem sempre eles se apresentaram no rodapé dos jornais, *lócus* que originalmente ocuparam. Ao longo do tempo, eles se verticalizaram, invadindo, por vezes, o espaço das colunas dos jornais. Esse fato é observável, por exemplo, nos folhetins dos periódicos teresinenses. Analisar como tais dinâmicas se processavam no recorte proposto se constitui também como esforço desta Dissertação. Aqui, os folhetins foram analisados em sua multiplicidade, por meio da publicação de romances, crônicas, poesias e até da sua própria recepção, no sentido das instâncias de produção, consumo e apropriação. Para analisar o referido escopo documental, utilizamos as discussões desenvolvidas por Meyer (1996), Nadaf (2002), Dumasy-Queffelec (2011) e Trizzotti (2016), significando os folhetins como espaço tipográfico e gênero; as ideias de representação e apropriação de Chartier (1989; 2001); bem como as aproximações entre os campos da História e Literatura, propostas por Cândido (2000) e Lima (2006). Partindo das referidas problematizações como norte, analisamos os usos e as imagens das produções folhetinescas nos periódicos teresinenses, suas intencionalidades, ao revelar uma escrita de caráter instrutivo e moralizador, e os sentidos políticos que podemos apreender por meio das polêmicas publicadas no suporte. Metodologicamente, foram analisados 55 folhetins, à luz do referencial teórico e historiográfico, quanto ao conteúdo e à forma, com o intuito de entender como eles são significados, ao tempo em que seus produtores ajudam a significá-los. O estudo considerou que os folhetins leem, produzem e imprimem as visões de mundo no qual estão inseridos. São narrativas e representações que (re)constroem histórias e memórias imersas em práticas que denotam os múltiplos conflitos do cenário teresinense daquele momento.

**Palavras-Chave:** História. Imprensa. Folhetim. Literatura.

## RESUMÉ

La dissertation a cherché à comprendre la trajectoire des feuilletons dans le périodiques à Teresina et ses représentations socioculturelles entre les années 1871 jusqu'à 1903. Ce support développé à l'intérieur du journal a trouvé, à la fin du XVIIIème siècle, période de floraison et est devenu un phénomène au siècle postérieur, en modifiant les relations entre le marché, l'art et la consommation. Dans ce sens, choisir le découpage du temps de la recherche est justifié par deux aspects. Le premier, pour observer une récurrence de publications dans les feuilletons des périodiques imprimés, de la capitale du Piauí dans cette période. Le deuxième, pour comprendre les transmutations survenues dans la formule, surtout dans les premières années des neuf cents. Ils n'étaient pas toujours présentés en bas de page des journaux, *locus* qu'il a occupés originalement. Au fil du temps, ils se sont verticalisés, parfois en envahissant les sections des colonnes des journaux. ce fait est observé, par exemple, dans les feuilletons des périodiques à Teresina. Analyser comment ces dynamiques se déroulaient dans la découpe proposée constitue également un effort de cette dissertation. Ici, les feuilletons ont été analysés dans leur multiplicités, par la publication de romans, chroniques, poésies et aussi sa propre réception, dans le sens des lieux de production, de consommation et d'appropriation. Afin d'analyser cette portée de documents, nous utilisons les discussions développées par Meyer (1996), Nadaf (2002), Dumasy-Queffelec (2011) e Trizzotti (2016), en signifiant les feuilletons comme espace typographique et genre; les idées de représentation et d'appropriation de Chartier (1989; 2001); ainsi que les approches entre les domaines de l'histoire et de la littérature, proposées par Cândido (2000) e Lima (2006). A partir de ces questions comme point de départ, nous analysons les usages et les images des productions dans les feuilletons des périodiques à Teresina, leurs intentions, tout en révélant une écriture de caractère instructif et moralisateur et les sens politiques que nous pouvons appréhender à travers des polémiques publiées sur le support. Méthodologiquement, 55 feuilletons ont été analysés, en utilisant le fondement théorique et historiographique, en ce qui concerne le contenu et la forme, avec l'intention de comprendre comment ils sont signifiés, pendant que leurs producteurs aident à les signifier. L'étude a montré que les feuilletons lisent, produisent et impriment les visions du monde dont ils font partie. Ce sont des récits et des représentations qui (re)construisent des histoires et des souvenirs immergés dans les pratiques qui dénotent les multiples conflits du scénario dans ce moment à Teresina.

**Mots-clés:** Histoire. Presse. Feuilletons. Littérature.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Folhetim: Vinte Horas de Liteira (Camilo Castelo Branco).....	35
Figura 2: Le FEUILLETON .....	39
Figura 3: Folhetim As Aventuras do Nilimo Abencerrage .....	53
Figura 4: Tradução do jornal brasileiro Correio Mercantil da obra Os Mystérios de Paris de Eugène Sue .....	59
Figura 5: Folhetim Ao Correr da Pena .....	63
Figura 6: Folhetim Fiama, O escolástico .....	68
Figura 7: Rubrica Blocos - Jornal O Artista (1902), ocupando as duas últimas colunas no espaço do rodapé do jornal .....	92
Figura 8: Rubrica Blocos, ocupando toda a extensão do rodapé da terceira página do jornal O Artista .....	93
Figura 9: Folhetim- Apontamento para uma nova ciência .....	101
Figura 10: Folhetim Apontamento para uma nova ciência, presente na segunda página do jornal, ocupando grande parte do rodapé do jornal, dividido em duas colunas, em que é possível visualizar a operacionalização da teoria proposta .....	103
Figura 11: Folhetim Límpidos, com dedicatória abaixo do título em parêntese. O título em questão encontra-se localizado no rodapé do jornal dividido em três colunas .....	123
Figura 12: Subtítulo do Jornal utilizado como espaço de denúncia contra as demissões dos liberais no poder .....	196

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: XERAZARDE (RE)INVENTADA - NARRATIVA FATIADA E A REVOLUÇÃO NOS IMPRESSOS .....</b>	<b>15</b>
<b>2 DO ÚTIL AO FÚTIL: O ESPAÇO TIPOGRÁFICO DOS FOLHETINS NOS PERIÓDICOS TERESINENSES (1871-1903).....</b>	<b>31</b>
2.1. O folhetim e suas miscelâneas: circulação, emergência e produção.....	32
2.1.1 <i>Lucros na Literatura</i> : pensar a ótica mercadológica através dos folhetins .....	40
2.1.2 As múltiplas faces de um poliedro: características e concepções dos folhetins .....	48
2.1.3 Na Travessia do Atlântico o folhetim se ramifica nos trópicos e alcança o sertão.....	58
2.2 Caras Leitoras? Entre o Romance e as práticas de leituras .....	70
2.3 Entre ligeirezas e saliências fisionômicas: o encontro da crônica e de outros gêneros no rodapé do jornal .....	79
2.3.1. Diferentes narrativas e outras miscelâneas: entre o relato, a notícia, a ficção, a biografia .....	83
2.3.2 A materialidade do suporte também ajuda a significá-lo: poesia e outras rubricas .....	89
<b>3 EMPUNHAR A PENNA FOLHETINISTA: ENTRE ESCRITAS, AUTORIAS E PSEUDÔNIMOS.....</b>	<b>95</b>
3.1 Não se discute a importância literária e sim o valor moral do drama: escrita prescritiva e ideologia nas produções folhetinescas .....	97
3.2 O sonho da Mocidade: homens de letras, intelectualidade e autoria .....	117
3.3 Não faltam maledicentes que se encarregam de andar pela rua dando a paternidade dessa série de folhetim: os Pseudônimos.....	135
<b>4 O FOLHETIM COMO ARENA DE CONFRONTO: ENTRE POLÊMICAS E OS USOS POLÍTICOS DO ESPAÇO TIPOGRÁFICO .....</b>	<b>150</b>
4.1 Entre os meios e os fins: tensões e polêmicas nos folhetins.....	151
4.1.1 “Onde está a moralidade do drama?”: Disputas e tensões sociais em “O Drama, Honra por Honra” .....	154
4.1.2 Escritas e Leituras interditas: entre a subversão e o Romance.....	162

4.2 Entre a Pólis e a Pena: as Disputas Político-Partidárias.....	170
4.3 <i>O riso é a vida para as almas</i> : Humor e Política nas produções folhetinescas.....	190
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS : ATÉ BREVE!</b> .....	<b>201</b>
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>206</b>
6.1 Referências Bibliográficas.....	206
6.2 Folhetins/Jornais/Notícias .....	215
6.2.1 Jornais.....	215
6.2.2 Folhetins .....	216
6.2.3 Anúncios/Notícias .....	219
6.2.4 Referências das Imagens .....	219
<b>7 APÊNDICE</b> .....	<b>221</b>

## 1 INTRODUÇÃO: XERAZARDE (RE)INVENTADA - NARRATIVA FATIADA E A REVOLUÇÃO NOS IMPRESSOS

“Ligados ao jogo verbal da sedução [...] esses elementos estruturais remetem-nos à velha fórmula discursiva da esperta Xerazarde, aquela das *Mil e uma noites*, que enganava, encantava o poderoso sultão Xeriar com suas infundáveis estórias, interrompidas no momento mais empolgante do desfecho, em troca de sua sobrevivida, ou melhor, de mais uma noite de vida. Aqui, numa versão atualizada, Xerazarde se transformou no jornal e no autor que, através do romance-folhetim, passaram a construir teias infinitas para as suas sobrevivências: o primeiro um aumento cada vez maior, e o segundo, para a manutenção do seu próprio sustento”.<sup>4</sup>

Das infinitas maneiras de dar sentido à vida, a narrativa se configura como um instrumento que permite ao homem a capacidade de compreender a si e o mundo que o cerca e, dessa maneira, significar a realidade que o atravessa. Benjamin<sup>5</sup> afirma que o ato de narrar se apresenta como oposto ao de informar. Nesse sentido, a informação, “só tem valor no momento em que é nova”, enquanto a narrativa “não se esgota jamais e (...) depois de muito tempo ainda é capaz de desdobramentos”<sup>6</sup>. Narrar é, portanto, tecer fios de enredos que ao encontro de outros fios formam múltiplos romances de histórias. Elas são infundáveis, afinal de contas, “contar uma história sempre foi a arte de contá-las novamente”<sup>7</sup>.

Xerazarde personifica esse aspecto de forma bastante significativa. As intermináveis tramas garantiram à personagem do clássico de *As Mil e uma noites*<sup>8</sup> a sobrevivência da sentença de morte. Subsistir seria, portanto, um mecanismo que aflora mediante as ameaças que se apresentam. Assim como nossa protagonista, o instrumento de resistência utilizado, a narrativa, encontraria maneiras de perdurar mediante o risco de sucumbir frente às novas experiências que a modernidade promovera. Contraditoriamente, o referido elemento encontra ressonância no mesmo espaço em que informar passava a ter maior preponderância, o jornal. A

<sup>4</sup> NADAF, Yasmim Jamil. *Rodapé das Miscelâneas: folhetins nos jornais mato-grossenses: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2002, p.20.

<sup>5</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed, São Paulo: Brasiliense, 2012.

<sup>6</sup> BENJAMIN, 2012, p.220.

<sup>7</sup> BENJAMIN, 2012, p.221.

<sup>8</sup> *As Mil e uma noites* é considerado um clássico da literatura árabe, publicado entre os séculos XIII e XVI. O livro é composto por um conjunto de contos interligados, produtos das narrativas da personagem Xerazarde, ou Sherazard, que utiliza do ato de narrar, como estratégia da escapar da morte que a rondava, dada a fúria do rei Xeriar, rei da Pérsia. A trama ganhou notoriedade no Ocidente através de Antoine Galland, a partir do século XVIII.

narrativa passou a ocupar um espaço específico dos periódicos e não apenas isso, ela extrapola o próprio *locus* em que foi desenvolvida, revolucionando o impreso a partir de então. O referido espaço, que, em sua maioria, ocupava o rodapé do jornal, foi batizado de folhetim.

Os folhetins são produtos das novas experiências que a modernidade desenvolvera. Para Berman, esse fenômeno deve ser entendido como uma “unidade paradoxal, de desunidade, [...] de permanente desintegração e mudança de luta e contradição, ambiguidade e angústia”<sup>9</sup>, e, nesse sentido, a nova modalidade do impreso refletia essas constantes mutações, propiciando novas experiências. Dentre os vários signos atribuídos a elas, temos a representação de que os folhetins inauguram uma literatura industrial, em larga escala, cujo objetivo estava em alcançar uma parcela cada vez maior de leitores, utilizando-se do rodapé do jornal como espaço em que se consolidou. Ele não nasceu com a ficção, mas, a partir dessa modalidade, que espaço ganhou contornos e alcançou popularidade.

Sua emergência não é consensual. Inglaterra e França reivindicam o *status* como pioneiras no processo de desenvolvimento da fórmula. Na Inglaterra, encontramos a publicação de uma literatura nos impressos a partir do século do final do século XVII<sup>10</sup>. Na França, o folhetim encontra solo fértil e se ramifica, tornando-se uma vitrine para o mundo. Em 1830, com a estratégia de alavancar a venda dos jornais, Émile Girardin<sup>11</sup> e Dutacq<sup>12</sup> esboçam o periódico *La Presse*<sup>13</sup>. Entretanto, após desentendimentos, o segundo mentor do jornal rompe com Girardin e concebe outro jornal, denominado *Le Siècle*<sup>14</sup>, saindo à frente na publicação do primeiro folhetim.<sup>15</sup> O fato é que em pouco tempo todos os jornais passaram a copiar o sucesso

<sup>9</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: as aventuras da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.24.

<sup>10</sup> TRIZOTTI, Patrícia Trindade. *Ao pé da página: o espaço tipográfico na imprensa paulistana (1851-1946)*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Assis, SP: UNESP, 2016.

<sup>11</sup> Foi o criador do jornal francês *La Presse*. Girardin foi político, jornalista e um dos responsáveis pela implantação do folhetim no jornal.

<sup>12</sup> Jornalista responsável pela criação do jornal *Le Siècle*. Revolucionou a imprensa ao implantar o folhetim ao jornal, de modo a tornar as vendas do periódico atrativo a um preço atrativo.

<sup>13</sup> Surgido em 1836, o jornal em questão era considerado um jornal de variedades, ao propor discussões de caráter político, noticioso e literário. Uma das grandes marcas do periódico veio com a implantação de inovações, como o folhetim. Encerrou suas atividades em 1952.

<sup>14</sup> Jornal diário surgido na França em 1836, cujas atividades foram encerradas em 1932. Fundado por Armando Dutacq, o periódico alinhava-se aos ditames da esquerda e do anticlericalismo.

<sup>15</sup> Ver: DUMASY-QUEFFELÈC, L. Le Feuilleton. In: KALIFA, D.; RÉGNIER, P.; THÉRENTY, M. VAILLANT, A. (Orgs.). *La Civilisation du journal: une histoire de la presse française au XIX siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011, p.925-936. THÉRENTY, Marie- Éve. Escrever Folhetins e continuar brasileiro é realmente difícil? O Folhetim de Crônica Parisiense como matriz do Jornalismo Literário no século XIX. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise. (Orgs.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil / França, século XIX*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2015. Coleção História da Leitura. p. 57-72. CAPARELLI, André. O Folhetim e a Crônica na França e no Brasil: Produção e Recepção Midiática em Meados do Século XIX. In: ANDRIES, Lise. GRANJA, Lúcia. (Orgs.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil/ França, Século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015, p.107-129.

do espaço tipográfico dos dois jornais anteriores, transformando o espaço tipográfico folhetinesco um fenômeno a partir de então.

A fórmula fez tanto sucesso entre os séculos XIX até a primeira metade do século posterior que nem mesmo sua morte foi possível. Ela se metamorfoseou, adequando-se às novas formas de entretenimento. Antonio Candido afirmava que o folhetim “influenciou poderosamente o cinema um século depois”<sup>16</sup>. Meyer<sup>17</sup> encontra características dos folhetins nas rádios-novelas e no advento das próprias novelas. É fato que as características da fórmula, como a ficção fatiada, o uso do melodrama como recurso que envolve os leitores à trama desenvolveu uma relação também entre esses e autores, ao ponto de influenciar no destino dos personagens nas narrativas. Por isso, pensar os folhetins é também pensar como suas permanências ecoam na contemporaneidade. A América Latina, por exemplo, é conhecida pelos sucessos de suas telenovelas. Várias foram as novelas brasileiras, mexicanas e colombianas que percorreram o mundo com suas exibições, em razão do enorme sucesso que angariaram entre seus telespectadores.

Curiosamente, as novelas também são denominadas de folhetins. Para Pallottini<sup>18</sup>, as telenovelas encontram sua origem na referida modalidade tipográfica<sup>19</sup>. Talvez, pelo uso constante do melodrama, da ficção fatiada do clímax, recursos narrativos nos quais tanto as novelas quanto os folhetins bebiam. Esses recursos, por exemplo, fizeram o Brasil parar em frente à TV para descobrir o mistério da morte Odete Roitman, personagem interpretado pela atriz Beatriz Segall, na novela *Vale Tudo*, exibida em 1988. Isso proporcionou uma das maiores audiências televisivas da história da TV no período, sobretudo no último capítulo.<sup>20</sup> Percebemos que, dentre outros fatores, o sucesso da telenovela reside no uso do suspense como elemento que promove a ligação entre a trama e o telespectador. Não somente isso, como um mercado cujo termômetro medidor do sucesso é o telespectador. E isso é mensurado pela própria aceitação do enredo ou do personagem, recurso comum entre os personagens dos folhetins.

No Brasil, a fórmula aporta em solos tropicais após seis anos de sua emergência na França. Aqui, os folhetins apresentaram configurações singulares. Além das publicações de

---

<sup>16</sup> CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000, p.30.

<sup>17</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>18</sup> PALLOTTINI, Renata. Telenovela: os bons e os maus. *XXIII INTERCOM*, GT 21 Ficção Televisa e Seriada. Manaus: 02 a 06 de setembro de 2000.

<sup>19</sup> Segundo a autora, a constituição da telenovela encontra elementos que ajudaram a caracterizar a referida mídia de entretenimento nos folhetins, teatro e melodrama.

<sup>20</sup> SANTANA, André. *Vale tudo, uma das melhores novelas de todos os tempos*, estreava há 29 anos. Disponível: <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/historia-da-tv/2017/05/vale-tudo-uma-das-melhores-novelas-de-todos-os-tempos-estreava-ha-29-anos>>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

folhetinistas clássicos, como Paul Féval<sup>21</sup>, Posson du Turrail<sup>22</sup>, Alexandre Dumas<sup>23</sup>, temos a presença de escritores nacionais como Machado de Assis<sup>24</sup>, José de Alencar<sup>25</sup>, Joaquim Manoel de Macêdo<sup>26</sup>. Por meio deles, a crônica torna-se um gênero folhetinesco, contribuindo para que a narrativa em torno do cotidiano ganhe *status* literários. Em posse de suas penas e da possibilidade de atingir um número significativo de leitores, os folhetins passaram a ser apropriados como espaço de intervenção social. Os ávidos autores, imbuídos de levar o progresso, transformavam seus escritos em armas combativas e, nesse sentido, os folhetins eram utilizados como instrumentos de uma produção que se mostrava em vários momentos uma face de caráter pedagógico ou interventivo.

O levantamento de fontes nos periódicos teresinenses nos permitiu localizar a presença dos folhetins em 1857 no periódico o *Conciliador Piauiense*<sup>27</sup>. Intitulado *O Assobio*<sup>28</sup>, o folhetim relata o cotidiano da cidade na época. Posteriormente, encontraremos a presença da fórmula somente em 1862 e 1863, no periódico *Liga e Progresso*<sup>29</sup>. Possivelmente, havia muitos outros folhetins publicados nesse intervalo. Contudo, dadas as condições de conservação das fontes documentais no referido período, foi possível localizar apenas três folhetins da época. Para nós, historiadores, os documentos são fragmentos de um passado que, atravessando vários percalços, chegam ao presente. Para Durval Muniz, eles são raros não “apenas por serem o pouco que escapara da destruição entre tudo que pertencera”<sup>30</sup>, mas por terem sido aquilo que sobrou de uma vida. Assim, passaremos a encontrar uma produção folhetinesca com mais

<sup>21</sup> Escritor Francês considerado um grande folhetinista, que se consagrou com a obra *Os Mistérios de Londres*.

<sup>22</sup> Rompeu com a família, passando a viver de sua produção literária. Ganhou visibilidade com o folhetim *Proezas de Rocambole* que caiu nas graças dos leitores, o que inaugurou uma das modalidades que marcam os folhetins, a interatividade entre autor e público. O sucesso do personagem foi tamanho que vezes ele foi ressuscitado por exigência dos leitores.

<sup>23</sup> Romancista, dramaturgo, autor de folhetins como *Captaine Paul*, *Conde de Monte Cristo*.

<sup>24</sup> Grande Parte de suas produções literárias tiveram no espaço folhetinesco seu lugar de divulgação. Atuou como cronista na imprensa carioca. Para Chalhoub, Machado de Assis “escreveu e reescreveu a história do Brasil do século XIX” (2003, p. 17).

<sup>25</sup> Sua atuação se deu à frente da imprensa como cronista e folhetinista de *O Comércio*; e no cenário político-partidário do Império, ocupando o cargo de Senador. Das produções mais conhecidas destacamos *A Iracema*, *Senhora* e *O Guarani*, grande parte dessas produções saíram, primeiramente em folhetins.

<sup>26</sup> Conhecido pelo romance *A Moreninha*, que, a princípio, foi publicado nos jornais em formato de folhetins.

<sup>27</sup> Segundo Celso Pinheiro, o periódico *O Conciliador Piauiense* surgiu em 1857, tendo como editor Cândido Gaxa Peçanha Jr. Redação de Lívio Lopes Castelo Branco.

<sup>28</sup> FOLHETIM. *O Assobio*. *O Conciliador Piauiense*. Teresina, n.18, 21 set.1853, ano 01, p.01

<sup>29</sup> FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO. *A Liga e Progresso*. Teresina, 22 de novembro de 1862, ano 01, n.5.p.01.

FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO. *A Liga e Progresso*. Teresina, 24 de dezembro de 1862, ano 01, n.8.p.01.

FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO. *A Liga e Progresso*. Teresina, 21 de novembro de 1862, ano 01, n.5.p.01.

FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO. *A Liga e Progresso*. Teresina, 21 de janeiro de 1863, ano 02, n.11.p.01.

<sup>30</sup> ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Raros e rotos, restos, rastros e rostos: Os arquivos e documentos como condição de possibilidade do discurso historiográfico. *Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte*. 15, n. 26, jan.-jun. 2013. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, p.11.

regularidade somente no final do século, de modo mais específico, a partir de 1871 com a publicação do título *Vinte horas de Liteira*<sup>31</sup>, de Camilo Castelo Branco, no periódico *A Pátria*<sup>32</sup>, sendo este o marco inicial da produção. Nesse período, encontraremos uma profusão de folhetins nos diversos jornais teresinenses. A pesquisa se estenderá até 1903. A partir desse momento, foi possível perceber algumas mudanças pontuais do ponto de vista estrutural e da forma do folhetim, dentre as quais destacamos o fato de estarem dispostos em outras regiões dos jornais, bem como em outras páginas.

E como captar a experiência histórica dos folhetins nos periódicos teresinenses entre 1871 a 1903? O que os usos e imagens do suporte das referidas folhas noticiosas podem nos revelar? Como perceber as tensões sociais presentes nas presentes produções? Para além de compreender sua experiência histórica, é necessário também entender as mutações que a fórmula sofrera ao longo do tempo. Em fins dos oitocentos, os folhetins emergiam no espaço do rodapé dos jornais nas primeiras páginas. Nos primeiros anos do século XX, já é possível observar algumas mudanças no suporte. Eles já não figuram obrigatoriamente nas primeiras páginas dos jornais. Segundo Magalhães, “a industrialização da imprensa, bem como sua modernização no período, reduziu espaços destinados à literatura”<sup>33</sup>. Dadas as novas configurações apresentadas nos periódicos, grande parte dos folhetins perde as primeiras páginas dos jornais, sendo publicados em páginas posteriores. Desse modo, compreender a trajetória dos folhetins no espaço dos periódicos teresinenses entre 1871 a 1903, a fim de analisar sua experiência histórica e as suas representações socioculturais, é objeto de estudo da presente pesquisa.

O interesse em eleger os folhetins nos periódicos teresinenses como objeto de estudo iniciou-se ainda na Graduação em História, na Universidade Federal do Piauí. Influenciado pelo desejo de realizar uma pesquisa que contemplasse a relação entre história e literatura, procuramos fontes disponíveis no século XIX. Analisando a historiografia piauiense que toma como recorte temporal o referido período, notamos que a literatura é utilizada como subsidiária para pensar várias questões ligadas ao processo de modernização da cidade de Teresina, como aponta Teresinha Queiroz<sup>34</sup>; as ressignificações de gênero, conforme discute Pedro Vilarinho

<sup>31</sup> CASTELO BRANCO, Camilo Castelo. *Vintes horas de Liteira*. *O Piauí*, Teresina, 11 fev. 1871, p.01.

<sup>32</sup> Jornal de propriedade de Agésilau Pereira da Silva e Antônio Gentil de Sousa Mendes. Circulou entre os anos de 1870 a 1872.

<sup>33</sup> MAGALHÕES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: Horizontes de leitura & Crítica Literária*. Teresina: EDUFPI; Academia Piauiense de Letras, 2016, p.48.

<sup>34</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

Castelo Branco<sup>35</sup>; ou as lutas anticlericais nas quais se envolviam alguns literatos, segundo Áurea Paz<sup>36</sup>. Nas pesquisas citadas, a literatura não é o objeto em si. Ainda assim, as referidas produções ajudam a pensar sobre a importância das fontes hemerográficas no referido período, o que nos fez refletir sobre o valor dos periódicos na constituição da literatura. Desse modo, não podemos incorrer no erro de afirmar que o período é marcado pela ausência da publicação de livros, por mais que saibamos das dificuldades de suas publicações, sobretudo na província do Piauí, ausente de editoras, tendo como opção a publicação fora do estado ou por meio das tipografias dos jornais em Teresina<sup>37</sup>.

Para além das produções cujo recorte temporal se aproxima, é preciso destacar a pesquisa da historiadora Mara Lígia Costa. Apesar dos perigos de se apontar o pioneirismo em uma produção acadêmica, tendo em vista os infindáveis trabalhos que surgem e os quais por vezes desconhecemos, por mais que na atualidade contemos com infindáveis mecanismos de busca e pesquisa, podemos nos arriscar a afirmar que a referida produção pode ser considerada um dos primeiros trabalhos em âmbito da historiografia piauiense no que tange ao fato de tomar o folhetim como objeto de estudo, ao apresentar como proposta a análise dos romances-folhetins do literato Clodoaldo Freitas<sup>38</sup>, a fim de perceber a emergência de novas sensibilidades no início do século XX<sup>39</sup>. Metodologicamente, a referida dissertação percorre dois caminhos que se complementam, indo ao encontro dos objetivos da pesquisa. Primeiro, o de tomar os folhetins como fonte para perceber as relações de gênero a partir da produção literária de um intelectual que transitou em espaços de diferentes cidades, como a cidade de São Luís, por exemplo, publicada no espaço do rodapé dos jornais. Segundo, o de eleger como *corpus* de análise um gênero em específico que popularizou os folhetins, dando ao suporte o alcance que teve e o transformando em um fenômeno, o romance.

A publicação dos folhetins nos periódicos teresinenses comprovou que o espaço tipográfico não era lugar apenas do romance, como também das crônicas, de produções de viés político e da poesia. A análise das fontes demonstrou que a riqueza de produções que iam ao encontro do rodapé dos jornais possibilitou entendermos que o suporte apresenta múltiplos

---

<sup>35</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais a condição feminina na primeira república*. Teresina: Bagaço, 2005.

<sup>36</sup> PINHEIRO, Áurea da Paz. *As ciladas do inimigo: as tensões clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

<sup>37</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>38</sup> Clodoaldo Severo de Conrado de Freitas nasceu em Oeiras em 1855 e faleceu em Teresina em 1924. Formado pela Faculdade de Recife, atuou no poder judiciário, como advogado, professor e como um grande intelectual, desenvolvendo uma extensa obra literária e também voltada para a crítica.

<sup>39</sup> COSTA, Mara Lígia Fagundes. *A Escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. (Dissertação - Mestrado). Teresina: UFPI, Programa de Pós-graduação em História do Brasil, 2010.

significados e isso nos leva a investigar como as produções folhetinescas são analisadas academicamente. E é nessa perspectiva que se respaldou nossa pesquisa. Aqui, tomaremos o folhetim como objeto de estudo, como meio de evidenciar essa multiplicidade de gêneros que aportaram no espaço tipográfico, sua localização no jornal, que em algumas ocasiões se apresentava de forma variável, atestando sua fluidez, ao mesmo tempo em que a tomaremos como fonte, com o intuito de perceber suas significações. Nesse sentido, destacamos que a pesquisa percorreu os dois caminhos citados. Esses, por sua vez, não podem ser significados de modo apartado e se, ocasionalmente, o tentamos fazer, foi na tentativa de entendermos a complexidade do objeto.

O foco em tomar como espaço da pesquisa os folhetins dos periódicos teresinenses nos permitiu que se ampliasse o campo de análise, não tomando apenas as produções de caráter local. Incursionamos pelo suporte tendo em conta o que também chegava nesses jornais em forma de folhetim, incluindo os títulos nacionais e internacionais que circularam. Grande parte desses títulos nos chegou por meio de fragmentos, não sendo, portanto, possível percebê-los em sua plenitude. Títulos, sobretudo os referentes aos romances-folhetins, que são publicados em um maior número possível de jornais, a título de exemplo, são as fontes que mais apresentam a referida limitação. Contudo, cabe ao historiador o exercício de juntar fragmentos e entender de que maneira eles conseguem revelar como é permitido entender a experiência histórica da inserção desse espaço nos periódicos teresinenses. Tal afirmação nos remete diretamente aos ensinamentos de Marc Bloch, quando afirma que a definição de uma pesquisa em história se dá pelas perguntas que se faz a esses documentos. É necessário, portanto, ter “alguma ideia do terreno a explorar”<sup>40</sup> ou das perguntas que se devem fazer às fontes<sup>41</sup>. São as indagações a esses vestígios que delinearão os caminhos percorridos. Nesse sentido, uma característica observável no que tange à produção folhetinesca local está ligada ao fato de perceber a publicação de folhetins mais curtos. Geralmente, essas produções se encerram em dois números dos jornais. Ou, quando muito, apresentam-se apenas em um número.

Para tanto, foi extremamente relevante conhecer como o objeto de estudo é apropriado pela Academia. De logo, foi perceptível verificar que o estudo do folhetim é amparado sob a perspectiva de alguns campos de saber, como a Teoria literária, a História da leitura e suas práticas e o próprio campo da História, bem como as relações entre História e Literatura. É como se o suporte se desenvolvesse em uma encruzilhada, no sentido de permitir o diálogo

---

<sup>40</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.83.

<sup>41</sup> DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

dessas diversas matrizes. Nesse diapasão, nos apropriamos de diferentes estudos sobre a temática, sempre focando no exercício de perceber as narrativas construídas em torno do espaço tipográfico desenvolvido inicialmente no rodapé do jornal. Em nível de introdução, consideramos ser necessário e importante apresentar, sobretudo para leitores não especialistas, como tais produções discutem e dão contornos à rubrica. Ressaltamos, entretanto, que aprofundaremos as referidas discussões na tessitura do texto, no decorrer dos capítulos.

Podemos considerar a obra *Folhetim: Uma História*<sup>42</sup>, de Marlyse Meyer, uma das produções pioneiras quando se trata de tomar o folhetim como objeto. Resultado de 20 anos de pesquisas, a autora constrói a sua trajetória indo a um dos seus berços, a França, e posteriormente, tendo aportado no Brasil, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo foram objetos de sua investigação. Analisar as práticas folhetinescas, bem como suas relações sociais, torna-se um dos objetivos de Marlyse Meyer, que captura tais produções, explorando os processos sociais e a figura dos literatos, fios condutores utilizados pela autora. Em sua concepção, a figura do folhetim assemelha-se à de um poliedro, forma geométrica de várias faces, cuja principal característica é a indefinição da forma. Em virtude da complexidade e das infinitas possibilidades de se ler os folhetins, Meyer prioriza a análise dos romances-folhetins, uma das inúmeras faces desse poliedro. Nesse sentido, outras perspectivas do presente objeto se escamoteiam frente à fórmula mais conhecida do romance-folhetim.

O trabalho de Meyer influenciou outras produções<sup>43</sup>. A partir de então, teses e dissertações despontam na Academia. Dentre esses trabalhos, destacamos a pesquisa de Yasmin Nadaf, intitulada *Rodapé das Miscelâneas*<sup>44</sup>. A autora analisa os folhetins, tomando como chave de leitura a ideia de miscelânea, por entender que os folhetins mato-grossenses conjugam “várias escritas”. Para atestar a sua heterogeneidade, observamos que o próprio espaço folhetinesco é tomado como objeto de estudo. Nesse ponto, há um relativo distanciamento entre a autora e Meyer. Por mais que a segunda ateste o caráter poliédrico da fórmula, a mesma se concentra em eleger os romances-folhetins como foco de suas análises. Ambas as produções são inscritas na crítica literária. Observamos, portanto, que as referidas pesquisas estão inclinadas a produzir uma história da literatura.

---

<sup>42</sup> IDEM 32.

<sup>43</sup> PASTRO, Sandra Maria. *Os folhetins de Nelson Rodrigues: um universo de obsessões em fatias parcimoniosas*. Dissertação (Teoria Literária) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. SERRA, Tânia Rabelo Costa. *Antologia do romance-folhetim: 1839 a 1870*. Brasília: Universidade de Brasília, 1997. VILLAR Socorro de Fátima Pacífico. *O marido da adúltera*, de Lúcio Mendonça, ou as estratégias de publicação de um romance como folhetim. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, n. 9, p.73-97, ago. 2006.

<sup>44</sup> IDEM 01.

Outras produções também figuram como relevantes. Em *Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*<sup>45</sup>, Hohlfedt lança um olhar sobre as produções folhetinescas gaúchas. Vale destacar que o trabalho está inserido no campo da história da Leitura<sup>46</sup>. Encontramos mais algumas produções acadêmicas sobre o objeto, algumas delas inseridas no campo da crítica literária. Muitas delas direcionadas a analisar a produção folhetinesca de determinados literatos.<sup>47</sup>

Em *Ao Pé Da Página: o espaço tipográfico do folhetim na imprensa paulistana (1851-1946)*<sup>48</sup> Trizotti objetiva analisar a produção folhetinesca de dois jornais paulistas: *O Estado de São Paulo*<sup>49</sup> e o periódico *O Correio Paulistano*<sup>50</sup>. A tese foi realizada na UNESP, região acadêmica de longa tradição em pesquisas que tomam a relação entre campos da História e da Imprensa como objeto de estudo. Nesse sentido, a referida pesquisa norteará o presente texto de Dissertação, uma vez que a autora nos concebe o folhetim como espaço tipográfico e gênero. Tal concepção se aproxima da maneira como alguns pesquisadores franceses operacionalizam o estudo sobre o suporte<sup>51</sup>. O viés problematizado por esses estudiosos dá conta de discutir o folhetim como um espaço específico do jornal. Termos como “rubrica”, a título de exemplo, bastante recorrentes, são sintomáticos e reforçam a ideia de espaço tipográfico como uma importante chave de leitura para lançar um olhar sobre o suporte. As referidas concepções auxiliaram na forma como as produções folhetinescas nos periódicos teresinenses são significadas por possibilitarem a visualização de vários gêneros que ali aportavam. Nesse sentido, de forma recorrente, termos como “suporte”, “rubrica”, “espaço tipográfico”, “fórmula” serão utilizados na presente Dissertação, como sinônimos de folhetim.

---

<sup>45</sup> HOHLFEDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPCURS, 2003.

<sup>46</sup> Pedro Belo destaca que o campo da história da leitura integra um conjunto de disciplinas específicas, que abrangem a comunicação e todos os processos sociais, culturais e literários que atravessam os textos e impressos. Ver: BELO, Pedro. *História & Livro e Leitura*. Belo Horizonte- MG: Autêntica, 2008, p.39.

<sup>47</sup> IDEM, 18.

<sup>48</sup> TRIZOTTI, 2016.

<sup>49</sup> Jornal publicado a partir de 04 de janeiro de 1875, após o Congresso Republicano, seguindo, portanto, os ditames ideológicos do Partido Republicano. O jornal teve como mentores Américo Brasiliense e Campos Sales.

<sup>50</sup> Fundado em 26 de julho de 1854 por Joaquim Roberto Azevedo Marques. Em diferentes períodos, assumiu posicionamentos ideológicos diversos. No Império, foi considerado um jornal simpatizante do Partido Conservador. Com o advento da República, alinhou-se ao Partido Republicano Paulista.

<sup>51</sup> Ver: DUMASY-QUEFFELEÇ, L. Le Feuilleton. In: KALIFA.D.; RÉGNIER, P.; THÉRENTY, M. VAILLANT, A. (orgs.). *La Civilisation du journal: une histoire de la presse française au XIX siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011, p.925-936. THÉRENTY, Marie- Éve. Escrever Folhetins e continuar brasileiro é realmente difícil? O Folhetim de Crônica Parisiense como matriz do Jornalismo Literário no século XIX. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise. (Orgs.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil / França, século XIX*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2015. Coleção História da Leitura. p.57-72. CAPARELLI, André. O Folhetim e a Crônica na França e no Brasil: Produção e Recepção Midiática em Meados do Século XIX. In: ANDRIES, Lise. GRANJA, Lúcia. (Orgs.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil/ França, Século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015, p.107-129.

No que tange aos outros aportes teóricos, é necessário registrar que se fará necessária na presente pesquisa a ideia de *As regras das artes*<sup>52</sup>, de Pierre Bordieu. Não apenas pelo fato de o teórico entender que a emergência dos folhetins rompe com o cânone literário do século XIX, estabelecendo novas regras, mas por entender que a arte está diretamente inserida em uma estrutura, ao tempo em que os folhetins são forjados no interior de uma relação de poder. Esse último aspecto é de suma importância para entender as acepções do objeto entre seus produtores. Sobre os usos e imagens do suporte, lançaremos mão do conceito de representação proposto por Roger Chartier<sup>53</sup>. Nessa perspectiva, uma discussão conduzida pelo autor sobre essa concepção nos chama atenção “a de que elas são determinadas pelos grupos que as forjam ao tempo em que construções sociais refletem as tensões sociais no que se diz respeito às disputas de poder em torno de dessas composições”<sup>54</sup>. Nos folhetins analisados, percebemos que há o processo de disputa de poder, sendo, portanto, o suporte instrumento de visibilidade dessas tensões, o que justifica o uso das chaves explicativas acima. Lançaremos mão também de algumas categorias explicativas desenvolvidas por Antonio Candido<sup>55</sup> e Lima<sup>56</sup>, no que tange às aproximações teóricas entre História e Literatura.

Para além de todos os conceitos problematizados acima, faz-se necessário o uso do conceito de apropriação proposto por Roger Chartier. Por apropriação entendemos “compartilhamentos de práticas entre diferentes grupos sociais – sem que por isso seus usos sejam idênticos”<sup>57</sup>. Tal noção reforçará os múltiplos usos que se faziam dos folhetins. Por fim, o conceito de circulação será apropriado para compreendermos o intercâmbio entre os periódicos teresinenses e os de outros estados ou até mesmo os de caráter internacional. Atualmente, o conceito de circulação é apreendido pelas pesquisas que concebem a relação entre História e Imprensa. Para Márcia Abreu, a principal marca da categoria está na conexão que se estabelecia e como a ideia de movimento estava presente<sup>58</sup>. Conhecer os instrumentos

---

<sup>52</sup> BORDIEU, 1996.

<sup>53</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

<sup>54</sup> CHARTIER, 1990, p.17.

<sup>55</sup> As seis categorias de análise sobre a relação entre a Literatura e Sociedade, de Antonio Candido, podem ser resumidas do seguinte modo: Primeiro, relacionar o conjunto da literatura com as condições sociais. Segundo, quanto às obras representam sua sociedade. Terceiro, no que tange à relação entre a obra e o público. Quarto, quanto à função social do escritor. Quinto, quanto às funções políticas das obras e dos autores. Sexto, quanto à investigação hipotética das origens, seja da literatura em geral, ou de determinados gêneros. Ver: CANDIDO, 2000.

<sup>56</sup> LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>57</sup> CHARTIER, 2004, p.12.

<sup>58</sup> ABREU, Márcia (Org.). *Romances em Movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p.11.

que possibilitaram a chegada dessas obras será de grande importância para entendermos como o espaço dos periódicos teresinenses é percebido e produzido.

O levantamento de fontes foi realizado por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e do Projeto Memória do Jornalismo Piauiense, NUJOC, desenvolvido pelo Departamento da Comunicação Social, da Universidade Federal do Piauí, tendo à frente do projeto a professora Doutora Ana Regina Rêgo<sup>59</sup>. Dos 69 títulos encontrados, serão utilizados 55 presentes em 14 periódicos. *A Vingança do Ancião*, *Vozes do Povo*, *Fragmentos do Correr da Pena*, *Luciano Irerê*, *Notas à Parte II*, *Nem tudo que luz é ouro*, *Transumptos por Antíteses*, presentes no periódico *O Semanário*, publicado entre os de 1883 e 1884. *Contrastes*, de Anísio de Abreu e de Leônidas de Sá, *A Horla*, *O naufrágio da Bahia*, *Romance Instantâneo*, *Zás*, *A Minha Família*, *A vol d'oiseau*, *Adeus à minha noiva*, *Aves Prisioneiras*, *Fim do Mez*, *Ligeiras Considerações*, *Mimoso*, de Anísio de Abreu e de Leônidas de Sá, *Drama Honra por honra*, *A Horla*, *Reposta a um gordo*, *A Conversão*, *Ligeiras Considerações*, *Mater Dolores*, do periódico *O Telephone*, presentes nos anos de 1882, 1884, 1885, 1887, 1888 e 1889. Do Periódico *O Phiauy*, utilizaremos o título *Por Causa de uma Joanhina*, de 1870. Nos jornais *O Latiquara* e *O Abolicionista*, operaremos com os folhetins *Por Causa de uma Joanhina* e *O Engole Espada*, de 1870 e 1889, respectivamente. *Vingança Generosa*, *Uma noite pelo alto*, ambos do jornal *A Reforma*, de 1887 também figurarão como fonte. Do jornal *A Época*, teremos *Saudades de Barras*, *Ressuix*, *Dr. Higyno Cunha*, *Firminowitz*, de 1883 e 1884. *A Bela Condessa*, *O Homem Phenomeno*, *Fogos de Bengala*, *Conselho da Bixaria*, *Quem será os Mystificado?*, do periódico *A Phalange*, todos de 1889. Do Jornal *A Pátria*, o folhetim *Vinte Horas de Liteira*, de 1871. Títulos como *A Taboca*, *O Mamão*, *O Fanatismo*, *Coração de Ave*, do periódico *O Artista*, todos de 1902. Dos periódicos *O Correio* e *A Pátria*, os folhetins *Noivas pelo Coração* e *As aventuras de Nílino*, respectivamente de 1902 e 1903.<sup>60</sup>O fato de as produções folhetinescas do *corpus* documental se manifestarem de modo fragmentário encontra justificativa na própria segmentação que os periódicos apresentavam. Daí, tomamos uma quantidade significativa de jornais dada a impossibilidade de ter acesso ao volume completo.

Além do mais, metodologicamente, devemos levar em consideração que, estruturalmente, os folhetins fazem parte dos jornais, sendo, portanto, necessário utilizar

---

<sup>59</sup> Jornalista pela Universidade Federal do Piauí (1996), registro DRT-PI 1827/97. Mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998). Doutora em Processos Comunicacionais pela UMESP (2010), com estágio de doutorado na UAB/Barcelona (2009). Colunista do Jornal O Dia. Atuou como Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI, gestões 2013-2015 e 2015/2017. Coordena o NUJOC-Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação e o Projeto Memória do Jornalismo.

<sup>60</sup> Didaticamente, o levantamento documental estará disponível em um quadro no Apêndice I desta Dissertação.

categorias analíticas no que diz respeito aos cuidados que os historiadores tomam ao eleger os periódicos como objeto de estudo e fonte. Para Capelato<sup>61</sup>, o uso da imprensa, nesse sentido, “pressupõe uma avaliação crítica do documento”, levando em consideração elementos como circunstâncias históricas em que foi produzido relações de poder e como seus produtores utilizam os jornais. Nesse sentido, a autora propõe dois caminhos para se entender os impressos: quanto a sua pesquisa interna e externa. A primeira propõe uma análise que perpassa pela compreensão dos conteúdos e sua forma (diagramação, imagem, anúncios). Deve-se também levar em consideração a análise dos editoriais, bem como o teor ideológico de seus proprietários. Para além dos aspectos internos, outros elementos nos fornecem subsídios para pensar outras questões que uma análise interna não proporcionaria. Externamente, aspectos como circulação dos periódicos, data de início e término do periódico, referências relacionadas aos proprietários e compromisso político-partidário estabelecido pelos condutores do país devem ser considerados no exercício de compreender os impressos.

Assim, o uso das referidas categorias nos ajudará a pensar como os folhetins, alinhados à linha ideológica dos periódicos, contribuem para a constituição das relações de poder e como esse fundamento auxilia no processo de significação do suporte. Para Rêgo, “os debates políticos ocorrem tanto na tribuna quanto na imprensa”<sup>62</sup>. A autora ainda elenca um conjunto de nomes de intelectuais que atuavam na imprensa, o que reforça a tese de que os jornais eram instrumentos de poder dos partidos da época. Grande parte desses intelectuais era também de literatos, como afirma Teresinha Queiroz<sup>63</sup>. O que percebemos, a partir do levantamento de fontes, é que parte desses nomes figura como autores folhetinescos, como Abdias Neves<sup>64</sup>, Anísio de Abreu<sup>65</sup>, Higino Cunha<sup>66</sup>, Leônidas de Sá<sup>67</sup>. Nesse sentido, os folhetins também se configuram como instrumentos de disputas das visões de mundo e de posicionamentos políticos de seus produtores.

---

<sup>61</sup> CAPELATO, Maria Helena. A Imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: VILLAÇA, Mariana e PRADO, Lígia Coelho. *História das Américas*. São Paulo: Humanitas, CAPES, 2015. [Recurso eletrônico].

<sup>62</sup> RÊGO, 2001.p.37.

<sup>63</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>64</sup> Nasceu em Teresina em 1876, formou-se na faculdade de Direito do Recife. Atuou como juiz de Direito em Piracuruca. Foi Senador e esteve à frente da imprensa piauiense com produções como *A pátria*, *O Monitor*, *A Notícia*, *O Dia e Litericultura*.

<sup>65</sup> Sua contribuição na imprensa não se limitou apenas à imprensa teresinense, sendo colaborador dos jornais *Fiat Lux*, *Democracia* e *O Piauí*, como em impressos recifenses, colaborando como redator do *Diário de Pernambuco*, ou escrevendo artigos no *Jornal do Recife* e em *A Província*.

<sup>66</sup> Atuou como redator de periódicos entre 1880 a 1930 nos periódicos *A Imprensa*, *Democracia*, *Gazeta do Comércio*, *A República*, *O Tempo*, *O Piauí*, *Correio de Teresina*, *Habeas-Corpus*, *Imprensa*.

<sup>67</sup> Poeta e Jornalista, Leônidas de Sá colaborou nas impressas carioca e paulista, como redator de *Bruxa*, redigiu um periódico denominado *Cidade de São Simão*.

Tomando como norte as problematizações e delimitações anteriores, a pesquisa se estruturou em três capítulos interdependentes. No primeiro capítulo, intitulado **Do útil ao Fútil: O Espaço Tipográfico dos Folhetins nos periódicos teresinenses (1871-1903)**, objetivamos tomar os folhetins como objeto de estudo, no sentido de entender como o termo é significado. Dada a problemática apresentada pelo suporte no que tange à sua polissemia, é necessário entender os múltiplos usos e imagens que ele apresenta. Para tanto, utilizamos os próprios folhetins teresinenses para entender esse elemento. Utilizamos, como categoria de análise, os conceitos de representação, a fim de perceber a construção dessas imagens, como também o conceito de apropriação, ambos propostos por Roger Chartier<sup>68</sup>, para perceber em que medida os usos singulares do suporte nos periódicos teresinenses ajudavam a delinear essas representações.

Outras chaves de leitura utilizadas estão ligadas às discussões acadêmicas sobre os folhetins e, de modo mais específico, as concepções de Miscelânea, propostas por Nadaf<sup>69</sup>; e as discussões desenvolvidas por Trizotti<sup>70</sup> quanto à compreensão do folhetim como espaço tipográfico e como gênero. A noção de circulação proposta por Chartier<sup>71</sup> e Abreu<sup>72</sup> também foi utilizada. Para além do conteúdo dos folhetins, utilizaremos como vestígios os próprios anúncios em que o termo aparecia. A pesquisa nos levou a perceber que as notícias vindas do Rio de Janeiro, capital do país, ou até mesmo as internacionais, eram transcritas de folhetins dessas regiões sem, contudo, figurarem na imprensa piauiense em forma de folhetim. Outro aspecto diz respeito ao uso do espaço folhetinesco com outras denominações, apresentando, porém, características da fórmula. Além disso, pensamos a emergência do suporte por meio das conexões percebidas entre as produções locais ou que aqui circulavam no espaço.

O capítulo foi dividido em três partes. Na primeira parte, intitulada *O folhetim e suas miscelâneas: emergência, produção e circulação*, nos detivemos a perceber sua emergência na França e no Brasil e nos periódicos teresinenses, a partir dos títulos que lá circulavam. Por meio dela, discutimos o surgimento dos folhetins, suas características, a visão mercadológica suscitada por meio do seu desenvolvimento e as dinâmicas que se construíram no Brasil e, de modo mais específico, nos periódicos teresinenses. Na segunda parte, intitulada, *Caras Leitoras? Entre o Romance e as práticas de leituras*, problematizamos a relação estabelecida

---

<sup>68</sup> CHARTIER, 1990.

<sup>69</sup> NADAF, 2002.

<sup>70</sup> TRIZOTTI, 2016.

<sup>71</sup> CHARTIER, 2004.

<sup>72</sup> ABREU, Márcia (Org.). *Romances em Movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

entre o gênero romanesco publicado no espaço tipográfico e seu direcionamento ao público feminino, no sentido de perceber suas complexidades. As discussões defendidas no presente tópico demonstram o quanto devemos evitar análises de caráter generalista. Na última parte, intitulada *Entre ligeirezas e saliências fisionômicas: o encontro da crônica e de outros gêneros no rodapé do jornal*, analisamos o caráter poliédrico da rubrica, bem como seus usos e imagens construídas e como tais aspectos ajudavam a constituí-la. Nessa parte, investigamos os múltiplos usos e dinâmicas que atravessavam os folhetins dos periódicos teresinenses, de modo a desconstruir a ideia de que no referido espaço só se publicavam romances.

No segundo capítulo, intitulado ***Empunhar a penna folhetinista: entre escritas, autorias e pseudônimos***, analisaremos a escrita prescritiva das produções folhetinescas, a relação entre escrita e ideologia, autoria e pseudônimos. Entre as fontes documentais exploradas, é perceptível a presença de uma escrita instrutiva. Os produtores da fórmula a utilizavam como instrumento de intervenção social, no sentido de trazer, por meio da imprensa e da literatura folhetinesca, assuntos como instrução, concepções filosóficas correntes na época, como o positivismo, evolucionismo. O posicionamento desses escritores parece ser uma marca dos intelectuais dos fins do século XIX e início do século XX. Em *Literatura como Missão*<sup>73</sup>, Sevcenko localiza essa prática a partir de Lima Barreto e Euclides da Cunha, evidenciando a presença de uma escrita combativa. Roberto Ventura<sup>74</sup> localiza em Silvio Romero e Joaquim Nabuco prática semelhante, problematizada no primeiro momento com o tópico *Não se discute a importância literária e sim o valor moral do drama: escrita prescritiva e ideologia nas produções folhetinescas*. As discussões que nortearam os sentidos da escrita e sua relação com a ideologia partiram da noção de práticas escriturísticas, proposta por Michel de Certeau<sup>75</sup>.

Posteriormente, analisamos o lugar social de seus produtores no tópico denominado *O sonho da Mocidade: homens de letras, intelectualidade e autoria*. Nessa seção, discutimos como, a partir dessas produções, é possível problematizar a constituição da intelectualidade da época. Em sua maioria, esses homens de Letras exerciam múltiplos papéis sociais, como bacharéis, jornalistas, professores e literatos. Para iluminar essas questões, utilizamos a leitura de Sirinelli<sup>76</sup>, para entender como esse processo é construído, bem como a emergência da

---

<sup>73</sup> SEVCENKO, 1999.

<sup>74</sup> VENTURA, 1990.

<sup>75</sup> CERTEAU, 1998, p.262.

<sup>76</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.p.231-270.

autoria. E nesse ponto, nos apropriamos dos debates produzidos por Foucault<sup>77</sup> e Chartier<sup>78</sup>. Além disso, parte dos folhetins analisados se apresenta sob a forma de pseudônimo. A partir dessa constatação, é preciso averiguar em que medida os folhetinistas faziam uso desse recurso literário muito comum nas produções literárias no recorte temporal proposto na pesquisa. Analisamos esse elemento por meio do tópico intitulado *Não faltam maledicentes que se encarregam de andar pela rua dando a paternidade dessa série de folhetim: os Pseudônimos*.

Elemento muito caro à pesquisa diz respeito a analisar o público leitor dos folhetins, uma vez que não se encontraram elementos externos visíveis que dessem conta de responder a essa problemática. Contudo, a resposta parece estar nos elementos internos do suporte do periódico *O Telephone*, de 1888, e o folhetim *A Recepção*<sup>79</sup>, também de 1888, e publicado no periódico *A Imprensa*. Tais elementos revelam que é possível observar a recepção à luz dos próprios folhetins. Esse aspecto encontra justificativa pela formação de uma imprensa de cunho político-partidário, encontrada no recorte temporal eleito. Para além de atingir um público de assinantes e outros consumidores, a produção local desses folhetins tinha como propósito atacar politicamente os periódicos e grupos políticos opositores.

Desse modo, analisar as polêmicas nas quais os folhetins estavam envolvidos será de fundamental importância para perceber a sua recepção. O referido capítulo, nomeado como **O folhetim como arena de confronto: entre Polêmicas e os Usos Políticos do espaço tipográfico**, traz como objetivo perceber tensões sociais e os sentidos políticos impressos. Para tanto, utilizaremos a concepção de cultura política problematizada por Berstein<sup>80</sup> e Remond<sup>81</sup>, a fim de perceber como as ideologias demarcam as disputas de poder. Outro conceito que nos ajudará a compreender as polêmicas e suas recepções seria o de “instância de produção”, categoria que consiste em analisar os enunciados nas mídias; e a noção de “instâncias de recepção”, percebendo como tais produções são apreendidas, interpretadas e ressignificadas. Ambas as concepções são propostas por Charadeau<sup>82</sup>.

Diante disso, o capítulo, por sua vez, foi dividido em três tópicos: na primeira parte, intitulada *Entre os meios e os fins: tensões e polêmicas nos folhetins*, analisaremos como a polêmicas folhetinescas oriunda da produção *O Drama Honra por Honra*<sup>83</sup>, cuja temática gira

<sup>77</sup> FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Estética: Literatura e Pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

<sup>78</sup> CHARTIER, 2014.

<sup>79</sup> A Recepção. *A Imprensa*. Teresina. 1888. n. 1006, p. 01.

<sup>80</sup> BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean- François. (Orgs.). In: *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p.349-364.

<sup>81</sup> RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

<sup>82</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2013.

<sup>83</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.02-0

em torno do adultério, nos ajuda a entender como as ranhuras se processavam através da recepção da produção e como a partir dele como é possível perceber como os posicionamentos, valores e visões de mundo eram construídos e significados. Para além dessa questão, lançaremos um olhar sobre o caráter subversivo do romance de modo a entender o gênero por meio das relações de poder estabelecidos. Em *Ente a Pólis e a Pena: as disputas político-partidárias*, discutiremos o modo que os grupos políticos se utilizavam os jornais e, por conseguinte, os folhetins como espaço de disputas e reivindicações. E por fim, em *O riso é a vida para as almas*<sup>84</sup> : *Humor e Política nas produções folhetinescas*, investigaremos como o jocoso é utilizado como instrumento de ataque.

Concordamos com Machado de Assis, que caracteriza os folhetins como “Frutinhas de um tempo”<sup>85</sup>. Tal afirmação nos remete à clássica concepção de história cunhada por Bloch, quando este afirma que o campo é a história do homem do tempo<sup>86</sup>. Entender como as experiências de homens e mulheres em seu tempo valida todo o esforço em se pretender fazer uma leitura de caráter historiográfico em torno do objeto. Perceber como os folhetins leem seus tempos e seus contemporâneos é de fundamental importância para lermos os aspectos que ajudam a construir um período em que as interações se davam por meio da imprensa. Compartilhamos, também, das ideias de Nadaf<sup>87</sup>, ao estabelecer uma aproximação entre Xerazarde e os folhetins, uma vez que a emergência da fórmula nos jornais promoveu uma revolução, modificando as relações que mediavam a percepção sobre a ficção, a arte e os leitores. Essa literatura, que figura no rés- do- chão, encontra, nos periódicos teresinenses, autores ávidos por intervir socialmente através de seus escritos. Com o presente estudo, pretendemos também contribuir com mais um olhar sobre práticas de escrita e leitura no final do século XIX e início do século XX, em Teresina-PI.

---

<sup>84</sup> CORDEIRO, Pacífico. Cousas e Lousas. *A Imprensa*. Teresina. 1885. 4 jul. Ano XX. n. 874, p. 02.

<sup>85</sup> Apud MEYER, 1996, p.57.

<sup>86</sup> BLOCH, 2001.

<sup>87</sup> NADAF, 2002, p.20.

## 2 DO ÚTIL AO FÚTIL: O ESPAÇO TIPOGRÁFICO DOS FOLHETINS NOS PERIÓDICOS TERESINENSES (1871-1903)

“A Expressão “térreo do jornal” encontra uma nova coerência nesta proximidade com o espaço da rua que o folhetim não cessará de reivindicar durante todo século”<sup>88</sup>.

“Romance-folhetim, paraliteratura, literatura de massa, literatura industrial, literatura de apêndice, romance por entrega – as designações são variadas, conforme o autor a estudar o fenômeno, mas a realidade é uma só: entre a segunda metade do século XVIII e o início da I Grande guerra, com interinfluências geográficas, formais e de conteúdo as mais variadas, determinado tipo de produção literária alcançou enorme difusão”<sup>89</sup>.

Ao deter seu olhar sobre o “longo século XIX”, Hobsbawm<sup>90</sup> demonstra o quanto as múltiplas dinâmicas desenvolvidas no período culminaram para a construção de um mundo burguês. Do ponto de vista das artes, o autor atesta que “o tradicional terreno da cultura moderna estava minado por um inimigo mais poderoso: o fato de as artes atraírem as pessoas comuns (...) e de terem sido revolucionadas pela combinação da tecnologia com a descoberta do mercado de massas”<sup>91</sup> e, de fato, o uso das inovações tecnológicas no campo artístico propiciou uma produção em larga escala, fenômeno nunca experienciado até então. Poderíamos construir uma análise exaustiva de como o campo das artes foi afetado por essa nova ótica. A fotografia e o cinema, por exemplo, ilustram de modo claro como o mercado subverte o valor das artes que, a partir de então, torna-se produto. Nesse processo de transfigurações, a literatura não sairia ileso. A reproduzibilidade técnica<sup>92</sup> também a alcança, resultando na criação de uma fórmula onde a ficção passa a ser publicada, a ficção passa a ser fatiada no espaço do rodapé dos jornais.

A publicação no “térreo do jornal”, para além de refletir essas novas dinâmicas nas quais o século XIX estava inserido, também constrói novas práticas, modificando os fazeres escriturísticos, a concepção de autoria, bem como o consumo. Esse espaço passa a ser conhecido como folhetim e representa um fenômeno no período, tanto pela inovação trazida

<sup>88</sup> THÉRENTY, Marie-Éve. Escrever Folhetins e continuar brasileiro é realmente difícil? O Folhetim de Crônica Parisiense como matriz do Jornalismo Literário no século XIX. In: GRANJA, Lúcia. ANDRIES, Lise. (Org.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil / França, século XIX*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2015. Coleção História da Leitura, p.62.

<sup>89</sup> HOHLFEDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPCURS, 2003.

<sup>90</sup> HOBSBAWM, Eric. *A Era do Capital (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

<sup>91</sup> IDEM 03, p. 340.

<sup>92</sup> BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na época de sua reproduzibilidade técnica*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2006.

quanto pelo sucesso que alcançara. A fórmula criada na França não encontrou fronteiras físicas que a impedisse de alcançar outras paisagens. Em pouco tempo ela chega ao Brasil, repetindo o sucesso conferido ao país de origem não e se restringindo somente à corte do Império, mas ramificando em várias regiões dos trópicos.

Discutir a emergência dos folhetins na França, Brasil e, de modo específico, nos periódicos teresinenses é objetivo central do presente capítulo. Entender como as dinâmicas nos referidos espaços ajudaram no processo de constituição do suporte nos direcionou para o exercício de compreender como os vários gêneros encontravam no espaço tipográfico lugar de visibilidade, ajudando no processo de significação e apontando para o caráter miscelânico de suas produções.

À luz do levantamento documental encontrado nos periódicos teresinense, entre o final do século XIX e primeiros anos do século XX, foi possível perceber os múltiplos usos e imagens que os folhetins apresentavam, o que reforça a variedade de significados, bem como aponta para a utilização do espaço como lugar de poder. Nesse sentido, nos deteremos, em outra parte do capítulo, a problematizar a produção folhetinesca encontrada nesses jornais a fim de evidenciar o que esse espaço tipográfico pode nos revelar. Esse exercício, por sua vez, será dividido em duas partes. Primeiramente, analisaremos as imagens que orbitam em torno do romance e as práticas femininas de leitura, utilizando essa relação como fio condutor para pensar as práticas de leituras e a territorialização do espaço folhetinesco, entre o feminino, o masculino, o político e as disputas de poder que circundam a rubrica. Posteriormente, outros usos e imagens serão tomados como objeto de análise, bem como a estrutura da rubrica para entender como auxiliavam no processo de significação do suporte.

## **2.1. O folhetim e suas miscelâneas: circulação, emergência e produção**

Em 11 de Fevereiro de 1871, figurava no jornal *A Pátria* uma pequena nota anunciando a publicação do romance *Vinte Horas de Liteira*, do escritor português Camilo Castelo Branco<sup>93</sup>. Ao afirmar que o mesmo se encontra “em outra parte desta folha”<sup>94</sup>, a notícia revelava que a referida produção literária sairia através de uma modalidade de divulgação característica do século XIX, denominada folhetim. Mapeando sua trajetória no periódico, foi possível perceber que o título circulou por cerca de sete meses, de 11 de fevereiro a 13 de setembro de 1871,

<sup>93</sup> Publicado no periódico *Comércio do Porto*, em Porto, Portugal, em 1864.

<sup>94</sup> FOLHETIM. *A Pátria*, Teresina, n. 4, 11 fev. 1871, p. 04.

totalizando trinta e uma edições. Investigando o percurso do folhetim em questão nos jornais de outras províncias, foi possível encontrá-lo no periódico *Diário de Pernambuco*, em 1864<sup>95</sup>. Tal aspecto nos permitiu conjecturar sobre a possibilidade de que o folhetim publicado em *A Pátria* tenha partido do periódico pernambucano. Aqui, vale a observação ressaltada por Abreu<sup>96</sup>, quando afirma que a dinamicidade da circulação nos obriga a rever a ideia de uma produção literária cuja territorialização é algo que não podemos apreender com facilidade, como também a existência “de múltiplos centros”, que, por sua vez, “não ocupam centros fixos”<sup>97</sup>. Ou seja, diferente do que se pensa, o processo de circulação é “dinâmico”, como também reforça Chartier<sup>98</sup>, e isso nos leva à desconstrução de uma hierarquização entre centro e periferia.

É necessário realçar, também, que a circulação entre periódicos constituía uma prática do século XIX. É possível considerar que eles formavam uma rede onde notícias, literatura e até mesmo jornais das diversas regiões do Brasil dialogavam entre si através da circulação de exemplares, aspecto que pode ser evidenciado por meio do anúncio do jornal teresinense *A Pátria*, de 13 de janeiro de 1872: “Jornais – Recebemos os seguintes jornais: *República, Correio Paulistano, Correio da Bahia, País, Apreciável Telegrafo, Liberal, Tribuna Católica, Pedro II e Jornal de Caxias.*”<sup>99</sup>.

Esse diálogo estabelecido pelas folhas noticiosas também se dava através da transcrição de notícias de outras regiões, sobretudo dos jornais vindos da corte, prática bastante comum, mas não somente através dela. A literatura e, de modo mais específico, os folhetins, seria outra via que possibilitaria a visualização desse possível diálogo. A própria estrutura do folhetim revelava informações sobre o locus de onde o mesmo foi extraído. Em *Por Causa de Uma Joaninha*<sup>100</sup>, por exemplo, a informação pode ser encontrada abaixo do título, disposta entre parênteses, revelando que a produção era uma transcrição do jornal *Correio Pernambucano*. Esse elemento é observável também em outras produções folhetinescas, como em *Zás*<sup>101</sup>, transcrito do jornal *Gazeta da Tarde, As Setes Luminúrias*<sup>102</sup>, extraído do periódico *Da Tribuna Liberal, e Ressuix*<sup>103</sup>, de 1884, transcrito do jornal *O Paiz*.

<sup>95</sup> CASTELO BRANCO, Camilo. Vintes horas de Liteira. *Diário de Pernambuco*. Recife, 14 Dez.1864, p. 08.

<sup>96</sup> ABREU, Márcia (Org.). *Romances em Movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789- 1914)*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

<sup>97</sup> ABREU, 2016, p.11.

<sup>98</sup> CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 08.

<sup>99</sup> JORNAIS. *A Pátria*, Teresina, n. 88, 13 jan. 1872.

<sup>100</sup> LIMA, Plínio de. Por Causa de uma Joaninha. *O Piauí*. Teresina. 1879. n.152, p. 01.

<sup>101</sup> Zás (Transcrito do Gazeta da Tarde). *O Telephone*. Teresina. 1882. n. 3, p. 01.

<sup>102</sup> As Setes Luminúrias. *A Imprensa*. Teresina. n. 1888. n. 1007, p. 01.

<sup>103</sup> JANIN, Júlio. Ressuix (Folhetim do Paiz). Teresina. 1884. n. 314, p.01.

Toda essa malha onde trafegavam jornais, literatura e obras, foi possibilitada pelas inovações técnicas que encontraram no século XIX espaço de desenvolvimento. Ao discutir sobre a emergência do capitalismo industrial, Hobsbawm revela que o sistema produtivo em questão “tinha agora o mundo inteiro a seu dispor”<sup>104</sup>. Logo, o surgimento das redes ferroviárias, o desenvolvimento dos transportes marítimos e a utilização do telégrafo favoreciam que a circulação da cultura escrita se expandisse, alcançando os diversos espaços e países mais longínquos e de aspectos continentais, como o Brasil, ainda que de maneira desigual. No Piauí, a entrada de tais produtos foi beneficiada pelo desenvolvimento da navegação fluvial, tendo sua origem na segunda metade do século XIX e, de modo mais específico, o ano de 1858. Magalhães<sup>105</sup> ressalta que navegabilidade do Rio Parnaíba, enquanto instrumento de integração por meio do comércio, propiciava “a importação de novidades europeias, entre as quais as edições de obras recém-lançadas no Velho Mundo”<sup>106</sup>.

Ao destacar que “os jornais ocupavam um lugar de indiscutível destaque na literatura”<sup>107</sup>, Márcia Abreu reforça que a relação entre os dois elementos era algo presente entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Poderíamos nos arriscar em afirmar que a literatura também ocupava destaque na imprensa, tanto no que se diz respeito a sua utilização, como instrumento de visibilidade, a exemplo do anúncio de vendas de livros demonstrado no excerto anterior, quanto ao fato de o espaço do jornal servir como suporte de divulgação dessa literatura. Nesse processo de imbricamento, imprensa e produção literária convergem com a culminância da emergência de uma modalidade de divulgação literária bastante característica do século XIX, que é denominada de folhetim. As obras literárias não circulavam apenas através de livros, grande parte dessa literatura encontrava instrumento de visibilidade no rodapé do jornal.

---

<sup>104</sup> HOBBSWAN, Eric. *A Era do Capital* (1848 – 1875). Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Paz e Terra, 2019, p.67.

<sup>105</sup> MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: Horizontes de leitura & Crítica Literária*. Teresina: EDUFPI. Academia Piauiense de Letras, 2016.

<sup>106</sup> MAGALHÃES, 2016, p. 40.

<sup>107</sup> ABREU, 2016, p. 24.

Figura 1- Folhetim: Vinte Horas de Liteira (Camilo Castelo Branco).



Fonte: CASTELO BRANCO, Camilo Castelo. Vintes horas de Liteira. O Piauí, Teresina, 22 Abr. 1871.p.01. Disponível: Projeto Memória do Jornalismo Piauiense.

A revisão de literatura revela que a origem dos folhetins não é consensual. Reivindicam esse lugar França e Inglaterra. É preciso destacar também que a temporalidade dessa emergência é alvo de disputa. Trizotti ressalta que a “França teve um papel fundamental na disseminação dos folhetins no mundo [...], mas que não pode ser menosprezar a publicação de

romances nos jornais e revista na Grã-Bretanha desde o fim do século XVII”<sup>108</sup>. Encontramos colocação semelhante em Hohlfedt<sup>109</sup>. Ao problematizar acerca de uma genealogia do romance-folhetim gaúcho, o autor destaca que o romance inglês no século XVIII contribuiu para o processo de significação do suporte. Raymond Williams<sup>110</sup> atesta essa emergência, a partir de 1780, notadamente por meio do processo de expansão da ficção na imprensa popular inglesa. Dentre os fatores elencados que justifiquem o posicionamento do pesquisador, destaca-se o processo de pirataria de obras clássicas, movimento semelhante ao de Darnton<sup>111</sup>, ao analisar o comércio livreiro e as tipografias piratas na França no Antigo Regime, o aumento das oficinas de reimpressão, como também evidenciou a “extensão dos folhetins”<sup>112</sup>. A *serial novel*, denominação inglesa ao suporte, encontra espaço de propagação no país por meio da imprensa. Contudo, conforme aponta Trizotti<sup>113</sup>, a criação de novas taxações sobre os jornais resultou na perda do interesse em continuar com a publicação ficcional no jornal, restando as revistas como espaço de divulgação.

Se na Inglaterra o folhetim resistiu por meio das revistas, na França, a fórmula encontra nos jornais lugar de constituição e visibilidade. É por meio das produções francesas que a fórmula se populariza e se expande mundo afora, tendo sua emergência no ano de 1836. Na presente pesquisa, todos os autores utilizados, que tomam o folhetim como objeto de estudo,<sup>114</sup> são categóricos em afirmar que o suporte nasceu da ideia dos sócios Émile Girardin e Dutacq<sup>115</sup> de publicar variedades no rodapé do jornal *Le Presse*. Com o fim da sociedade, o segundo

<sup>108</sup> TRIZOTTI, Patrícia Trindade. *Ao pé da página: o espaço tipográfico na imprensa paulistana (1851-1946)*. São Paulo, UNESP, Tese, 2016, p.22.

<sup>109</sup> HOHLFEDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPCURS, 2003.

<sup>110</sup> WILLIAMS, Raymond. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p.15-20, dez. 2007.

<sup>111</sup> Ver DARTON, Robert. *Boêmia Literária e Revolução: O submundo das letras no Antigo Regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>112</sup> WILLIAMS, 2007, p.17.

<sup>113</sup> TRIZOTTI, 2016, p. 24.

<sup>114</sup> FANINE, Ângela Maria Rubel. *Os romances-folhetins de Aluizio de Azevedo: aventuras periféricas*. Dissertação (Teoria Literária) Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2003. HOHLFEDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPCURS, 2003. MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. NADAF, Yasmim Jamil. *Rodapé das Miscelâneas: folhetins nos jornais matogrossenses: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2002. PASTRO, Sandra Maria. *Os folhetins de Nelson Rodrigues: um universo de obsessões em fatias parcimoniosas*. Dissertação (Teoria Literária) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. PASTRO, Sandra Maria. *Os folhetins de Nelson Rodrigues: um universo de obsessões em fatias parcimoniosas*. Dissertação (Teoria Literária) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

<sup>115</sup> Émile Girardin (1806-1881) foi um grande jornalista e político francês do século XIX. Além de ser apontado por alguns especialistas sobre os folhetins como o criador do folhetim, era também um grande defensor da liberdade de imprensa. Dutacque (1810-1856) foi jornalista e editor de vários periódicos da era napoleônica, como *La Presse*, *Le Figaro*, *Revista Parisiense*, dentre outros.

proprietário funda outro periódico, *Le Siècle*, adotando a modalidade. A grande inovação que o *feuilleton* trazia diz respeito à implantação de uma ficção em série. O sucesso foi tamanho que proporcionou o aumento do número de assinaturas do jornal *Le Siècle*, conforme Nadaf aponta, “em 5.000 em apenas três semanas”<sup>116</sup>. Tudo isso pelo grande sucesso promovido pela publicação do romance *Le Capitain Paulo*, de Alexandre Dumas<sup>117</sup> no jornal.

Para Meyer, “Dumas descobre o essencial da técnica do folhetim: mergulhar o leitor, diálogos vivos, personagens tipificados, e tem senso do corte do capítulo”<sup>118</sup>. A fórmula criada pelo autor passa a ser replicada por outros autores e jornais e, assim, surge uma nova modalidade que modificaria a forma como a literatura seria consumida. A autora ainda reforça que a façanha de Dumas garantiu a ele “um contrato de colaboração exclusiva no jornal *Le Siècle*”<sup>119</sup>. O sucesso em se publicar gotículas de ficção cotidianamente no espaço do rodapé do jornal nos permite perceber que a literatura se metamorfoseava, tornando-se mercadoria em um cenário em que a modernidade conquistava cada vez mais espaço.

Do ponto de vista da literatura francesa especializada sobre o folhetim, é possível verificar que sua emergência não se encontra pacificada. Isso porque a bibliografia consultada<sup>120</sup> nos permitiu perceber que o marco temporal encontra lugar no final do século XVIII, o período de florescimento. Thérénty afirma que “o folhetim é inicialmente um espaço no jornal *Le Propagateur*, *Le Journal du Commerce* e em seguida *Le Journal débats* se abrem a esse espaço

<sup>116</sup> NADAF, Yasmim Jamil. *Rodapé das Miscelâneas*: folhetins nos jornais mato-grossenses: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2002, p.18.

<sup>117</sup> Nascido em 24 de julho de 1802 em Villers-Cotterêts, região próxima a Paris. Aos vinte anos, migrou para capital francesa onde desenvolveu o ofício de escrevente. Atuou no teatro, tendo criado as peças *Henrique III e sua Corte* (1829), *Antony* (1831), *Calígula* (1837), *O Conde de Hermann* (1849). Na década de 80 dos oitocentos, envolveu-se com a produção de romances produzidos sob encomenda pelos jornais. Dentre as obras literárias de maior destaque, estão *Capitão Paulo* (1838), *Os Três Mosquiteiros* (1844), *O Conde de Monte Cristo* (1845).

<sup>118</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 60.

<sup>119</sup> MEYER. 1996, p.58.

<sup>120</sup> Ver: CAPARELLI, André. O Folhetim e a Crônica Na França e no Brasil: Produção e Recepção Midiática em Meados do século XIX. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise. (Orgs.). *Literatura e escritas na imprensa: Brasil/ França, século XIX*. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2015. Coleção História da Leitura, p.107-129.

THÉRENTY, Marie-Ève. Escrever Folhetins e Continuar Brasileiro é realmente difícil? O Folhetim de Crônica Parisiense como Matriz do Jornalismo Literário no Século XIX. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise. (Orgs.). *Literatura e escritas na imprensa: Brasil/ França, século XIX*. Campinas – SP: Mercado das Letras, 2015. Coleção História da Leitura. p.57-72. DUMASY-QUEFFELÈC, L. Le Feuilleton. In: KALIFA, D.; RÉGNIER, P.; THÉRENTY, M. VAILLANT, A. (Orgs.). *La Civilisation du journal: une histoire de la presse française au XIX siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011, p.925-936.

em 1799 e em 1800”<sup>121</sup>. Queffélec<sup>122</sup> localiza, de modo específico, o último periódico como o precursor do suporte. Uma possível resposta acerca da problemática reside na pista deixada por Thérénty ao afirmar que “(o folhetim) antes de ser um gênero é inicialmente um espaço no Jornal”<sup>123</sup>. A observação realçada pela autora revela que o ponto de partida dos franceses é a ideia de espaço, da rubrica, o que difere da percepção de Meyer<sup>124</sup> que concebe devido o advento do romance-folhetim em 1836 . A materialidade do suporte é de suma importância para significar as produções folhetinescas. Chartier ressalta a necessidade de entender esse aspecto como algo inseparável do texto, uma vez que é responsável por imprimir sentido a este<sup>125</sup>. Entender como esse processo de imbricamento entre os referidos aspectos nos ajuda a compreender outras questões, como o processo de circulação e consumo.

---

<sup>121</sup> THÉRENTY, Marie- Éve. Escrever Folhetins e continuar brasileiro é realmente difícil? O Folhetim de Crônica Parisiense como matriz do Jornalismo Literário no século XIX. In: GRANJA, Lúcia; ANDRIES, Lise. (Orgs.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil / França, século XIX*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2015. Coleção História da Leitura, p. 59.

<sup>122</sup> DUMASY-QUEFFELÈC, L. Le Feuilleton. In: KALIFA.D.; RÉGNIER, P.; THÉRENTY, M. VAILLANT, A. (Orgs.). *La Civilisation du journal: une histoire de la presse française au XIX siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011, p.925-936.

<sup>123</sup> THÉRENTY. 2015. p.59.

<sup>124</sup> MEYER, 1996.

<sup>125</sup> CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p.11.

Figura 2- Le FEUILLETON

Prix pour un an, 40 fr. — Pour six mois, 20 fr. — Pour trois mois: 12 fr.

**1<sup>er</sup> JUILLET**

**1836**

Les abonnements datent des 1<sup>er</sup> et 15 de chaque mois.

**FRANCE.**  
PARIS, 30 JUIN.

« Ce journal s'est proposé un grand dessein; ce serait de réunir dans son centre de hautes intelligences éparses jusqu'ici en des lieux très divers et à des distances grandes en apparence. Ce serait d'harmoniser ces individualités puissantes par elles-mêmes, mais susceptibles de plus d'action encore, isolées, elles usent plus de forces qu'elles ne doivent; parfois elles les déposent à mal, d'autres fois elles se neutralisent réciproquement. Il n'est pas un de ces hommes admirablement doués, hommes d'ouvrante poésie, de chaud patriotisme ou de convictions ardentes, qui n'ait imprimé en nous quelques fortes secousses, développé le germe de quelques généreux sentiments, détaché quelques-unes des lois de l'ordre de choses qui se prépare, quelques faces nouvelles de la destination humaine. Voué vient qu'ils n'ont fait lever et à la que de faibles germes, éveillé que des sympathies improductives, engendré que des résolutions non faites par intervalles ciselés à demi, débris d'ouvrages achevés encore, moins précieuses, que la poussière du temps recouvrirait bientôt d'une couche épaisse, si on n'y mettait ordre et persévérance? Voué cela vient-il, si ce n'est en partie du défaut espéré de plus d'un combattant illustre perdu pour nous dans leurs tentes, vivant à part, laissant le champ libre à la foule, qu'ils émeuvent sans profit, ou qu'ils regardent faire? Honneur, il faut bien le dire, honneur à ceux qui, sortant de leur repos ou n'en prenant pas, par une ambition heureuse ou par goût, ont discipliné l'armée sociale, ont produit l'ordre, matériellement au moins; ont fait cesser l'agitation à la surface pendant que tourbillonnaient autour d'eux les vœux inquiets, les vagues desirs, les vœux et les regrets incohérents. Le terrain est déblayé, et la place nette pour construire. La hache du pouvoir constituée à tout abattu devant elle; la marche sociale peut se faire et le mouvement recommencer.

Nous disons à la poésie, nous disons à la tribune et à la presse, à tout ce qui a force et vie, à tout ce qui a une grande voix à faire entendre et de bonnes vérités à dire: le moment est venu de parler. Ne laissez pas croire aux hommes d'action qu'ils avaient seuls la pensée parce que seuls ils ont obtenu la réalisation de quelques choses. Il y avait matière à la poésie et au doute, au point de vue artiste, quand toutes les existences, tous les partis et tous les intérêts étaient en question. La grande voix du poète se mariait bien au cri de douleur qui s'échappait des âmes. Dans les états d'aspiration vers un monde social meilleur, il était permis à d'autres de s'échapper par un noble écart hors de la société réalisable. Si des paroles trop hardies, des invectives trop amères, ont été proférées par des bouches harmonieuses à entendre, nous placerons tout sous la sauvegarde des plus nobles intentions et des plus saintes croyances. Mais que toutes ces voix enfin éparses ou en désaccord n'en fassent plus qu'une: la Presse les appelle toutes à elle, toutes sans exception et sans rançunes, en prenant un nom qui ne portera d'ombrage à personne, et cher à tous.

# LA PRESSE

PARIS, RUE SAINT-GEORGES, N. 16.

No 1:  
Le prix des Annonces est fixé à 4 fr. 50 cent. la ligne.

DU 1<sup>er</sup>  
111382

**LE FEUILLETON.**

Si l'imprimerie eût été inventée il y a deux mille ans, si la presse quotidienne eût existé, si le Feuilleton eût vécu, les Romains en eussent fait un dieu. En quelques années, le dieu Feuilleton aurait eu un temple, un culte et des prêtres; le temple eût été dédié dans la Voie-Sacrae, à l'endroit précis où Horace faillit mourir de la conversation d'un homme de lettres; ou eût innomé sur l'autel des romans, des fragédies, des poèmes, des acteurs et des danseuses; Jules César se serait promené dans Rome en robe de papier blanc, précédé de deux lieutenants portant des bannières de plumes, et, en sa qualité de grand-prêtre du Feuilleton, il eût possédé le droit d'arrêter la représentation d'un vaudeville, comme le grand-prêtre de Jupiter avait le droit de suspendre l'alexandrie des comédies.

Le poète et le latiniste auraient trouvé une figure au dieu Feuilleton. Ceux-là l'auraient fait aveugle, ceux-ci lui auraient donné les yeux de lynx; les uns lui auraient prêté une langue douce comme celle des eschegs de Gloucêtre, qui louchaient les péchés de ses jardins sur l'espérance; pour en ôter la poussière; les autres lui auraient donné le triple dard qui s'agitait dans les serpens.

Mais le temps est passé de ces belles transfigurations allégoriques; et s'il ne fallait représenter le Feuilleton sous une forme palpable, tout ce que j'oserais me permettre de proposer à mes lecteurs, ce serait de se livrer au Feuilleton, sous l'aspect d'un vaste papillon. Au dos d'une plume qui simule le corps. Attachez, en guise d'ailes, les deux longues bandes de papier que vous lisez, et voilà notre papillon tout trouvé.

C'est un grand malheur que de mal arriver. En effet, mon île de papillon, qui vous semble très-séduisant, eût été charmante il y a vingt-six ans; il y a vingt-six ans, j'aurais été mon allégorie du papillon jusqu'au bout; il y a vingt-six ans j'aurais été un couplet, un feuilleton et papillon auraient rié; j'aurais fait un parabole ou papillon et feuilleton auraient couru l'un après l'autre; légers tous deux, celui-ci voltigeant de fleur en fleur, celui-là sauté de sujet en sujet; bizarres, brillants, capricieux, je les eusse faits rivaux en inconstance; et leur légèreté m'eût fourni mille traits charmants. Quand mon papillon se fût posé sur un souci, mon feuilleton eût touché à une tragédie; et si mon papillon eût choisi un pavot, j'aurais

envoyé mon feuilleton à l'Académie; enfin, je les aurais montrés effleurant tout ce qu'ils touchent: papillon et feuilleton caressant une rose et une actrice du bout de l'aile, papillon et feuilleton jetant aux yeux la poudre de leurs couleurs fragiles; papillon et feuilleton pis le matin et morte le soir, existences éphémères, qui se laissent prendre quelquefois aux filets de soie de la beauté et aux filets d'or du pouvoir.

Je ne doute pas que si l'avis prononcé cette allégorie entre un verre d'eau sucrée et une bougie du Mans (qu'on me permette de faire remarquer que *bougie du Mans* est un de ces mots de costume qui peignent toute une époque; en effet, la bougie de l'Étoile n'était pas inventée en 1830); si donc j'avais prononcé cette allégorie entre un verre d'eau sucrée et une bougie du Mans à la tribune de l'Athènes, je ne doute pas qu'on ne m'eût prodigué les plus vifs applaudissements. Peut-être un jour eût-il été retenu mon allégorie, et eût été fait de mon humble papillon un frelon insupportable, un insecte perniciosus, faisant mourir les fleurs et les lauriers de sa piqûre empoisonnée; j'aurais répondu à cette attaque sanglante, mon adversaire eût répliqué à ma réponse, et de tout cela serait né un combat d'esprit où seraient entrés allegoriquement tous les êtres de la création, y compris l'hippopotame et le rhinocéros.

Mais ce temps heureux est passé; l'allégorie est perdue, et ce qui s'en est fait de mieux à faire de mon papillon, c'est de le cloquer avec une épingle noire sur une page des œuvres de M. Jouy; un cadavre sur un mort, quelque chose qu'on met dans son grenier avec ses vieilles boîtes, et l'on a fini son papillon.

Aujourd'hui, il faut que je dise à notre époque positive ce que c'est que le Feuilleton. Disons donc bien vite que le Feuilleton est une puissance. La meilleure preuve que l'en puisse donner, c'est qu'il y en a peu qui soient plus flatteuses et plus impuissantes. L'adulation et la calomnie sacrent un pouvoir aussi bien que l'impotence de Saint-Rém; tout le monde sait cela. D'après cet aphorisme, le Feuilleton étant reconnu comme une puissance, je vais essayer de montrer d'abord ce qu'elle est, et ensuite sur quel et comment elle se met.

On n'arrive pas à l'état de puissance sans que quelque chose vous y ait conduit; on doit toujours sa position à sa naissance ou à sa fortune; on est un grand héritier ou un grand parvenu; on s'appelle Montmorency, ou Fou se nomme M. Thiers. En bien le Feuilleton, le tout puissant

Feuilleton, réunit en lui ces deux principes: il y a dans son existence du puissant héritier et du grand parvenu, du Montmorency et du Thiers. Non seulement le Feuilleton est riche du bien de ses ancêtres, mais encore de tout celui qu'il s'est attiré. Le Feuilleton, se descendant direct du *Mercurius Francicus* de 1644, dont il a recueilli tous les droits à la critique littéraire, tient en outre la place de trois ou quatre puissances obscures. Le Feuilleton a remplacé les grandes familles du seizième siècle; il a remplacé les Médicis, Louis XIV, Théobald Rambouillet et l'Académie. Le Feuilleton est plus audacieux encore; il a absorbé la technologie scientifique; et l'X mathématique n'est plus un incognito pour lui. Si on ne lui interdirait la politique, il deviendrait président du conseil, ministre des affaires étrangères.

Regardez en effet si nos peintres et nos sculpteurs s'enquiraient des opinions d'un duc de Mantoue ou d'un Jules II, d'un Fernand ou d'un Charles-Quint. Le lendemain d'une œuvre achevée se diraient-ils en tremblant vers quelque palais à colonnes de marbre, et là, mêlés parmi les officiers d'un grand seigneur, entre un chef de viènerie et un fouger, attendent-ils de l'appréciation d'un protecteur, dore la récompense de leurs travaux? Non point.

Le lendemain d'une œuvre achevée, c'est tout simplement vers un cabinet de lecture que se dirigent en tremblant les peintres et les sculpteurs; ils s'inquiètent peu que le regard d'un prince s'arrête sur eux; ils cherchent si la plume du Feuilleton ne les a pas oubliés. Cherchez en tête des ouvrages nouveaux de pompes dédiées à Monsieur de... ou à M. le Prince de... vous y trouverez tout au plus qu'un préface impertinente ou un avant-propos entortillé, dont le sens cache tout dire; Feuilleton, priez pour moi! À qui pensez-vous qu'arrivent les premiers exemplaires d'un livre impatiemment attendu? Ce n'est pas à cette belle duchesse qui lit tout, ni à ce riche bibliomane qui ne lit rien; ce n'est pas au père; au frère ni à la maîtresse de l'auteur; ce n'est pas à l'auteur lui-même; ce sont quelques-uns de ces hommes qui arrivent au Feuilleton. Le Feuilleton ne a quelques-uns avant le libraire. Que s'il y a dans une œuvre quelque passage éloquent lequel un écrivain a fondé l'espoir de son succès, n'est-ce pas l'entendre lire dans un salon, parmi les hommes du monde et les femmes d'élegance; aller le chercher à l'imprimerie du journal, où le compositeur dressé au Feuilleton les pages de l'ouvrage.

Est-il nécessaire de donner d'autres preuves de cette puissance, et la

Fonte: LE FEUILLETON. La Presse. Paris, 01. jul. 1836. ano 01, n.16. Disponible na Hemeroteca da Biblioteca Nacional da França.

### 2.1.1 *Lucros na Literatura*:<sup>126</sup> pensar a ótica mercadológica através dos folhetins

Aos olhos de críticos, como Benjamin e Berman<sup>127</sup>, os folhetins são problematizados como elementos que contribuíram para a constituição desse processo amplo, dialético e contraditório que foi a modernidade. Por meio das reconfigurações na imprensa francesa no século XIX, conforme aponta o primeiro autor, “a atividade literária cotidiana se movera em torno dos periódicos”<sup>128</sup>. A inserção da fórmula nos jornais promoveu uma expressiva revolução na imprensa. Inclusive, o desenvolvimento dos periódicos “durante esse período (...) alterou profundamente a relação da leitura e escrita, assim como a percepção do mundo e sua temporalidade”<sup>129</sup>. O crescente número de assinantes, a diminuição do preço e os romances-folhetins deram ao jornal uma nova ótica.

É possível, portanto, pensar a emergência do folhetim a partir da perspectiva de reprodutibilidade que a literatura alcançara no referido período na França. Para Benjamin, “com o desdobramento da atividade informativa, o trabalho espiritual se assenta parasitariamente sobre todo o trabalho material, assim como o capital cada vez mais submete todo o trabalho material”<sup>130</sup>. Nesse sentido, as concepções artísticas, segundo o teórico, assentam-se na concepção mercadológica onde as artes e, de modo mais específico, a literatura tornam-se um produto. A importância dos folhetins está em justamente refletir o surgimento dessas novas relações estabelecidas entre a arte e o mercado. Tal aspecto nos ajuda a entender o desenvolvimento de um intenso debate sobre a utilidade da arte no período. De um lado, grupos intelectuais defensores da arte pela arte; do outro, artistas que advogavam pela ideia da função social do campo. Não por acaso, termos como “Literatura industrial” e “Revolução Editorial” figuram como representações no processo de significação do suporte. Leia-se uma produção voltada a um mercado, cuja função de entretenimento ocultava a principal finalidade que estava ligada à intenção de garantir uma maior lucratividade na venda desses jornais.

Consequentemente, essa visão mercadológica da arte modifica a relação entre produtor e sua obra. Nela, o autor se torna um proletário em uma paisagem em que as chaminés eram dominantes nos principais centros da Europa Ocidental. Enquanto observador da modernidade, Marx ressalta que “médicos, juristas, poetas e homens da ciência se transformaram em meros

<sup>126</sup> NOTÍCIAS, Lucro da Litteratura. *A Imprensa. Teresina*, jul, 1886, p. 04.

<sup>127</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: as aventuras da modernidade*. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.

<sup>128</sup> BENJAMIM. 1989, p.23.

<sup>129</sup> GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis - antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção*. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2018.

<sup>130</sup> BENJAMIM. 1989, p. 225.

trabalhadores”<sup>131</sup>. Berman pontua que “quando descreve os intelectuais como assalariados, Marx está tentando fazer-nos ver a cultura moderna como parte da moderna indústria”<sup>132</sup>. Partindo dessas premissas, é possível perceber que o artista, antes investido de um halo, elemento que compõe a representação de anjos ou santos, o que evoca a ideia do sagrado, dessacraliza-se, perdendo sua auréola em uma rua lamacenta.

A referida alegoria é encontrada no poema *A Perda da Auréola*, na obra *Spleen de Paris*<sup>133</sup>, de Charles Baudelaire, analisada tanto em Berman<sup>134</sup> quanto em Benjamim<sup>135</sup>. Aqui, vale a afirmação do primeiro, quando este constata que “a perda do Halo vem ser uma declaração de ganho, a predestinação dos poderes do poeta a uma nova espécie de arte”<sup>136</sup>. Tais poderes possibilitam a emergência de novas configurações sociais e tal aspecto pode ser evidenciado por meio dos folhetins. Benjamin pontua que “Eugène Sue recebeu por *Os Mistérios de Paris* um sinal de 100 mil francos. Calculou-se em 5 milhões de francos os honorários de Lamartine para o período entre 1838 e 1851”<sup>137</sup>. “A consagração de alguns folhetinistas pode ser avaliada em muitos aspectos, como é o caso do ingresso de Eugène Sue na política francesa, sendo “eleito deputado com 130 mil votos do operariado de Paris”<sup>138</sup>.

Na coluna *Notícias*<sup>139</sup>, do periódico teresinense *A Imprensa*<sup>140</sup>, localizamos um artigo denominado *Lucros da Litteratura*<sup>141</sup>. Por meio do texto, é possível visualizar, de maneira mais clara, como essa visão mercadológica entre autoria e jornal se processava:

**-Lucros da Litteratura-** Em nossos dias, certos novelistas e escriptores têm elevado extraordinariamente o preço de suas obras. O *Constitutionnel* pagou 100, fr. Pelos dez volumes de *Judeu Errante*. O *Jornal des Débates* deu 160,00

<sup>131</sup> MARX, Karl e ENGELS, Frederich. *Manifesto do partido Comunista*. SP: Editora Martin Claret, 2006, p. 48.

<sup>132</sup> BERMAN.2007. p.142.

<sup>133</sup> “Olá! O senhor por aqui, meu caro? O senhor nestes maus lugares! O senhor bebedor de quintessências e comedor de ambrosia! Na verdade, tenho razão para me surpreender!” “Meu caro, você conhece meu terror de cavalos e viaturas. Agora mesmo, quando atravessava a avenida, muito apressado, saltando pelas poças de lama, no meio desse caos móvel, onde a morte chega a galope de todos os lados ao mesmo tempo, minha auréola, em um brusco movimento, escorregou de minha cabeça e caiu na lama do macadame. Não tive coragem de apanhá-la. Julguei menos desagradável perder minhas insígnias do que me arriscar a quebrar uns ossos. E depois, disse para mim mesmo, há males que vêm para o bem. Posso, agora, passear incógnito, cometer ações reprováveis e abandonar-me à crapulagem como um simples mortal, E eis-me aqui, igual a você, como você vê.” “O senhor deveria, ao menos, colocar um anúncio dessa auréola ou reclamá-la na delegacia caso alguém a achasse.” “Não! Não quero! Sinto-me bem assim. Você, só você me reconheceu. Além disso, a dignidade me entedia. E penso com alegria que algum mau poeta a apanhara e a meterá na cabeça descaradamente. Fazer alguém feliz, que alegria! e sobretudo uma pessoa feliz que me fará rir. Pense em X ou em Z. Hein? Como será engraçado.

<sup>134</sup> BERMAN.2007.

<sup>135</sup> BENJAMIM, 1989.

<sup>136</sup> BERMAN.2007, p. 192.

<sup>137</sup> BENJAMIM, 1989, p. 26.

<sup>138</sup> BENJAMIM, 1989, p. 27.

<sup>139</sup> NOTÍCIAS, Lucro da Litteratura. *A Imprensa. Teresina*, jul, 1886, p. 04.

<sup>140</sup> Periódico teresinense de cunho liberal.

<sup>141</sup> LUCRO DA LITTERATURA, 1886, p. 04.

fr. pelos *Mysterios de Parys*. Nessa época de estupendo triumphos de Eugenio Sue e Alexandre Dumas, chegou-se até dar 1 fr 25 cent. por linha, contando-se qualquer fracção de linha como se fosse linha inteira. (...) Victor Hugo, que vende hoje suas poesias quase à razão de 7 francos por cada verso, apenas pôde ganhar em 1823 com sua novela *Han d'Islândia*, a modesta somma de 300 francos.<sup>142</sup>

Não podemos ocultar que essas relações construídas eram permeadas de disputas. Muitos viam as atividades artísticas de viés mercadológico com certa desconfiança. Em uma das críticas dirigidas a Dumas, havia a que dizia “que sua obra não passava de uma butique universal de peças, de romances e de folhetins, a qual será conhecida pela posteridade, nós assim o esperamos, sob a razão comercial de Dumas e Companhia”<sup>143</sup>. Se sujeitar aos ditames de um mercado era perder a sua alma, ou seja, sua liberdade e autonomia de criação. Os autores passam a receber por linhas ou por obras, daí as estratégias criadas para aumentar o número de palavras. A prolixidade era uma constante em tais produções, o encontro de várias narrativas em uma única garantia a sobrevivência não apenas do suporte, mas de autores que faziam da arte de escrever o seu ofício.

Nadaf<sup>144</sup> afirma que o advento da indústria folhetinesca resultou em desdobramentos de práticas de corrupção. “Corria o boato que Dumas empregava em seus porões toda uma companhia de literatos pobres”<sup>145</sup>. A partir do trecho, podemos vislumbrar que a referida prática era parte das engrenagens que se desenhavam em torno da produção folhetinesca. Afinal de contas, quanto mais se produzia, maior era o rendimento. Contudo, tal observação não pode ser considerada uma regra. Em geral, ela se aplicava para os literatos consagrados como Dumas, Sue, Posson du Turrail, dentre outros autores que conseguiram alcançar reconhecimento. Para tantos outros que almejavam trilhar os passos desses literatos, competia viver, por vezes, à sombra, dos grandes nomes da literatura. Esses autores que não eram célebres não possuíam rostos, viviam à luz do anonimato num regime de colaboração ocultado pela luminosidade da fama dos grandes folhetinistas. Holhdoft<sup>146</sup>, ao analisar a produção folhetinesca do romance-folhetim gaúcho, mostra-nos, a partir de nota de rodapé, que esses escritores eram conhecidos como negros. Segundo o autor, muitos desses chegaram a assinar obras com seu próprio nome, apesar de dificilmente conseguiram alcançar o mesmo sucesso dos seus patrões.

<sup>142</sup> LUCRO DA LITTERATURA, 1886, p. 04.

<sup>143</sup> BEZERRA, Valéria Cristina. *O Romance de Alexandre Dumas no Brasil*. Disponível em: <[http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/dossie\\_valeria\\_pt.pdf](http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/dossie_valeria_pt.pdf)>. Acesso em 26 de fevereiro de 2020.

<sup>144</sup> NADAF, 2002, p. 31.

<sup>145</sup> NADAF, 2002, p. 26.

<sup>146</sup> HOHLFEDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPCURS, 2003, p. 41.

Os folhetins conseguiram grande aceitação do público. Prendiam a atenção tanto do burguês quanto do proletário. Em grande medida, tal observação desconstrói a ideia de reprodutibilidade técnica, proposta por Benjamin, no sentido da esfera de autenticidade como um elemento capaz de subtrair a ideia de áurea<sup>147</sup>. Sússekind aponta a referida refutação ao demonstrar que o imbricamento entre literatura e horizonte técnico é capaz de promover novas reações subjetivas ao público leitor.

Porque se a tendência generalizada é encarar a ligação entre literatura e imprensa desde fins do século passado aos primeiros decênios do XX como responsável por uma banalização artística, por uma decadência do gosto ou coisas do gênero, é possível tentar pensar de modo um pouco diferente a produção literária do período. Diante de um novo horizonte técnico em configuração, interferindo diretamente nas formas de percepção da população, assim como nos modos de impressão e veiculação de textos, é difícil analisar o que se cria então apenas em função de tendências “literárias” anteriores ou posteriores.<sup>148</sup>

Bourdieu ressalta que “os industriais da escrita fabricam, segundo o gosto do público, obras escritas em um estilo fluente, de aparência popular, mas sem excluir o clichê literário nem a busca de efeito”<sup>149</sup>. Por industriais da escrita devemos entender os folhetinistas, uma vez que produziam sobre demanda, utilizando a pena como instrumento para prover seu sustento. Essa indústria literária rouba a literatura dos salões e, por meio do jornal, dá ao campo um poder de alcance que anteriormente não havia. Como elemento sintomático do advento de uma ordem burguesa nas artes, ao tratar do século XIX, Bourdieu ainda destaca que “estamos longe das sociedades eruditas e dos clubes da sociedade aristocrática do século XVIII ou mesmo da Restauração”<sup>150</sup>. Os salões literários ainda eram uma realidade na França oitocentista. Entretanto, concorre com esses espaços de sociabilidades literárias e de sua própria constituição o “térreo do jornal”, que demarcava uma nova maneira de significação e constituição da literatura no século XIX. Não por acaso, ao citar que a produção de Baudelaire saía em jornais, no espaço dos folhetins, Berman significa a modalidade ficcional como uma literatura de caráter urbano. A observação do autor é bastante elucidativa de como a experiência folhetinesca reflete as transformações pelas quais a sociedade do século XIX passou. Tal afirmação encontra complemento em Mendes, quando esta afirma que:

A imprensa tem um papel fundamental na expansão do número de leitores europeus e em sua incorporação às práticas de leituras, na medida em que

<sup>147</sup> BENJAMIN, 2006, p.19.

<sup>148</sup> SÚSSEKIND, 1987, p. 86.

<sup>149</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Regra das artes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.70.

<sup>150</sup> BOURDIEU, 1996, p. 65.

oferece os romances a custo acessível, publicando-os primeiro nas revistas e depois nos rodapés dos jornais. O advento do romance-folhetim interfere na transformação de práticas de leitura, oferecendo capítulos mais curtos, escritos em uma linguagem mais ágil, que podem ser lidos e relidos, guardados, colecionados em encadernações artesanais, e, quando editados em formato de livros, comprados.<sup>151</sup>

Mensurar o papel da imprensa na formação dos leitores revela o quanto os jornais atravessavam os diversos espaços da sociedade francesa. Meyer afirma que “o jornal vai se inserir cada vez mais na vida cotidiana das populações menos disseminadas e cada vez mais ávidas por conhecer o mundo”<sup>152</sup>. No período do segundo reinado francês<sup>153</sup>, é possível perceber um movimento ligado ao processo de alfabetização. Isso nos leva a pensar que, em certa medida, a imprensa tenha sido utilizada também para essa finalidade. Aqui, cabe ressaltar que esse processo não era homogêneo. Destacamos ainda que a imprensa não possuía apenas a finalidade de informar ou entreter seus leitores, havia também a função de instruí-los.

Um segundo aspecto diz respeito às práticas de leituras. É inevitável imaginar como esses leitores consumiam os folhetins. Ler deve ser entendido como uma prática social que, quando historicizada, nos possibilita a percepção de apreender várias modalidades de leitura que atravessam tempo e espaço. Abreu<sup>154</sup> afirma que a primeira metade do século XIX é marcada pela leitura oral nos meios urbanos pelo operariado. Chartier<sup>155</sup> complementa a ideia levantada pela autora ao problematizar as práticas de leituras coletiva e individual. O historiador demonstra que, no final do século XVIII, na França, as duas práticas citadas concorriam como modo de apropriação, sendo a leitura coletiva uma prática cuja representação estava ligada aos camponeses, ao passo que a leitura individual estava ligada aos aspectos urbanos que emergiam e encontrariam nos oitocentos espaços de desenvolvimento. E, de fato, elementos como a expansão das bibliotecas e o surgimento dos gabinetes de leituras contribuíram para a disseminação dos impressos pela França, onde o jornal encontra caminho de circulação. É necessário destacar que o processo de alfabetização não é fator determinante para o acesso ao escrito. Reiteramos que a prática de leitura coletiva exerceu um importante papel nesse processo

---

<sup>151</sup> MENDES, Maria Lúcia Dias. Romance-Folhetins sem fronteiras: O caso de Alexandre Dumas. In: ABREU, Márcia(org). *Romance em Movimento: A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016, p. 224.

<sup>152</sup> MEYER. 1996, p.91

<sup>153</sup> Período compreendido entre os anos de 1833 a 1891, que esteve sob a regência de Luís Bonaparte, sobrinho de Napoleão Bonaparte. O advento dessa fase política na história francesa corresponde também à implantação de aspectos modernizadores em Paris, com as intervenções urbanísticas promovidas pelo prefeito Haussmann.

<sup>154</sup> ABREU, Márcia. *Diferentes Formas de Ler*. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências e Comunicação, Intercom. Campo Grande, MT, 2001. Disponível em <<https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>> Acesso em: 28. Fev.2020.

<sup>155</sup> IDEM 08, p. 91-129.

de difusão da imprensa e do folhetim. Tal aspecto é reforçado por Meyer ao afirmar que “se metade da população não sabe ler, certamente muito mais da metade aproveita suas leituras. O Jornal é lido, comentado, contado por muitas pessoas”<sup>156</sup>, o que evidencia o papel da prática de leitura coletiva como significativo aspecto de expansão das produções folhетinescas.

Sabemos que o folhetim conquistou diversas classes sociais da França no século XIX, ao periodizar a produção folhетinesca francesa, Meyer<sup>157</sup> destaca que na primeira fase, compreendida de 1836 a 1838, a fórmula conseguiu conquistar a popularidade do operariado. O referido feito se deu graças à produção folhетinesca de Eugène Sue<sup>158</sup>, através da obra *Os Mistérios de Paris*, publicada em 1842, no jornal *des Débats*<sup>159</sup>. Ao dedicar algumas páginas de sua obra a Sue, Meyer<sup>160</sup> atribui ao autor o signo de socialista. Isso se deve não apenas à trajetória ideológica dele, como também à própria representação que a obra já citada alcançou entre o operariado.

Considerada uma obra realista, a produção literária de Eugène se torna um fenômeno justamente por transformar as mazelas do operariado em trama literária. A recepção e o sucesso do folhetim podem ser evidenciados por meio da identificação da classe com a obra. “O operariado lhe escreve, pedindo emprego; há quem se suicida à sua porta, já que M. Sue compreende os pobres”<sup>161</sup>. O sucesso do folhetim foi tamanho que promoveu a interação entre autor e público. Era crescente o número de correspondências que Sue recebia na redação do jornal. Como teor dessas cartas, estavam presentes o retorno de personagens e as mudanças de rumo da trama. O operariado se sentia tão parte da trama que reivindicava para si o direito de ser um coautor da produção, inclusive reclamando pela continuação da obra. Não podemos deixar de registrar que a exploração da temática da pobreza lhe rendeu algumas críticas. “Poe, Marx e Engels incluem-se entre os que taxativamente o acusaram de especular sobre a miséria para vender emoções, chegando a estigmatizá-lo politicamente não como um social-democrata ingênuo, mas como um reacionário”<sup>162</sup>.

---

<sup>156</sup> CHARTIER, 2004, p. 93.

<sup>157</sup> Meyer (1996) divide as produções folhетinescas em três fases. A primeira corresponde ao surgimento do suporte, em 1836, estendendo-se até o ano de 1850. Nela, a autora afirma que as produções refletiam a emergência do romance, como também os eventos como a revolução de 1848. A segunda compreende os anos de 1851 a 1871. Já a última fase aconteceu entre 1871 e 1914.

<sup>158</sup> Francês, nascido em 1804, atuou como médico na Marinha e, posteriormente, como romancista, tornando-se um dos grandes nomes da literatura francesa ao lado, por exemplo, de Dumas e Posson Du Turrail.

<sup>159</sup> Jornal Francês publicado entre 1789 e 1944, após a primeira reunião do Estados Gerais, correspondendo a uma das fases da Revolução Francesa. Era considerado um jornal de caráter político e literário.

<sup>160</sup> MEYER, 1996, p.69.

<sup>161</sup> MEYER, 1996, p.76.

<sup>162</sup> BENJAMIN, 1989, p. 27.

As modificações de consumo promovidas pelos folhetins se desdobram em mudanças na relação de autoria. Para Foucault<sup>163</sup>, esse elemento, hoje essencial na tessitura dos textos, exerce fundamental importância no interior do discurso e ela é passível de historicização. Ainda segundo o autor, o processo de autoria emerge, no final do século XVIII, por meio do advento de uma sociedade burguesa. Chartier<sup>164</sup>, ao propor uma revisão da genealogia do autor, considera que a emergência da função do autor possui uma duração maior do que Foucault propusera. O autor de *A Ordem dos Livros*<sup>165</sup> defende que a referida genealogia não deve ser analisada somente por meio dos discursos, mas outras questões entrariam como problemática na ordem dos livros. Abreu destaca que o sucesso dos folhetins afetava os autores, uma vez que deveriam estar atentos ao interesse do leitor, seja atendendo suas solicitações ou rejeitando-as<sup>166</sup>, ressignificando a própria noção de autoria. É uma obra construída a várias mãos, em que a necessidade de agradar ao público faz com que a trama tome rumos distintos. Aqui, também cabe a observação de Meyer, ao realçar que:

Coloca-se para o autor uma certa necessidade na elaboração do romance que vai tecendo, impelindo por várias e imprevistas determinações. Agradar ao público continua sendo, evidentemente, uma delas. Mas agradar aceitando sua colaboração, segundo suas sugestões, que lhes chegam por via de cartas.<sup>167</sup>

Apesar de ser um aspecto bastante comum aos nossos olhos acostumados com a velocidade com que as informações circulam nos dias de hoje, bem como a sua recepção, uma das grandes marcas de nossa geração, tomada pela simultaneidade entre a informação recebida e o *feedback*, podemos considerar que essa interatividade entre leitor e autor se configurava como uma novidade no século XIX. Para além de Eugène Sue, com sua consagrada obra *Os Mistérios de Paris*, outro folhetinista que se destaca justamente pela projeção que seus folhetins tomaram conquistando um significativo público de leitores é Posson du Turail<sup>168</sup>. Sua grande obra de destaque foi *As Aventuras de Rocambole*. Nela, é possível perceber como um personagem que caiu nas graças do público se immortaliza no imaginário de ávidos leitores e consegue perdurar por tanto tempo no espaço folhetinesco. À princípio, a referida produção recebeu o título de *Os*

<sup>163</sup> FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Estética: Literatura e Pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

<sup>164</sup> CHARTIER, Roger. *O que é um autor? Revisão de uma Genealogia*. São Carlos: EDFSCAR, 2014.

<sup>165</sup> \_\_\_\_\_. *A Ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

<sup>166</sup> ABREU, Márcia. Problemas de História Literária e Interpretações de romances. *Todas as letras X*, São Paulo, v16, n.02. nov, 2104, p. 41.

<sup>167</sup> MEYER. 1996. p.76.

<sup>168</sup> Nascido em 1829, em Montmaur, veio a falecer em Bordéus em 1871. De família militar, Posson du Turail rompe com a tradição familiar, passando a viver por meio da literatura.

*Dramas de Paris*, sendo publicada no jornal *La Patrie*<sup>169</sup>, em 1857. Segundo Meyer<sup>170</sup>, o aludido ano inaugurou uma nova fase nas produções folhetinescas. O período foi marcado pelo renascimento do folhetim, uma vez que no final da primeira fase, a censura, proporcionada pela criação de taxações e impostos sobre a produção folhetinesca, desmotivou a publicação de outros títulos no espaço do rodapé dos jornais.

Meyer<sup>171</sup> ainda aponta que o ressurgimento dos folhetins no início da década de 60 dos oitocentos encontrou uma fórmula concorrente denominada *Fait Divers*<sup>172</sup>. Esse novo elemento presente nos jornais consistia em adicionar elementos literários às notícias do cotidiano, recursos muito parecidos com o que a crônica utiliza. Inclusive, é preciso destacar que, em grande medida, esse gênero foi bastante propagado no Brasil por meio dos folhetins denominados de crônicas–folhetinescas. “O relato desse tipo de crônica se caracteriza por sua intertemporalidade e constitui uma informação ‘ imanente ’, total, que contém em si mesmo todo seu saber”<sup>173</sup>. A análise da autora sobre o gênero concorrente do folhetim nos direciona a pensar que a modalidade em questão propicia uma visão totalizante da realidade, fato do qual discordamos categoricamente. Contudo, é inegável pensar que elas representam uma importante categoria de análise de leitura de uma dada realidade. É pertinente lembrar a forma com que Candido<sup>174</sup> chama atenção para essa possibilidade de como a crônica ajuda a entender as múltiplas representações do cotidiano, nos trazendo uma visão sobre a maneira com que as leituras sobre o real se desdobravam.

Mas voltemos a nosso personagem-autor. Dado o sucesso de *Os Dramas de Paris*, outras narrativas se desenrolam a partir do folhetim, agora com o título *As Aventuras de Rocambole*. A mudança do nome na série é sintomática de como um personagem transcende, alcançando reconhecimento e conquistando cada vez mais um maior número de leitores. A criação supera o criador, de modo que o personagem Rocambole permaneceu no espaço do rodapé dos folhetins até a morte de Posson du Terrail, em 1871.

---

<sup>169</sup> Jornal francês conservador fundado em 1841 por Augusto Lireux, possuía com pauta ideológica a defesa do regime imperial.

<sup>170</sup> MEYER, 1996, p.103.

<sup>171</sup> MEYER, 1996, p. 99.

<sup>172</sup> Expressão jornalística utilizada para caracterizar notícias publicadas de natureza pitoresca, como crimes, acidentes, tragédias.

<sup>173</sup> MERYER, 1996, p. 99.

<sup>174</sup> Ver: CANDIDO, Antônio. (Org.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e sua transformação no Brasil*. Campinas, SP: Fundação Rui Barbosa, 1992.

### 2.1.2 As múltiplas faces de um poliedro: características e concepções dos folhetins

Em se tratando de perecimento, tantos foram os que acometeram o personagem como tantas foram suas ressurreições que poderíamos afirmar que o autor foi o próprio criador dos ganchos, recursos bastante utilizados nos folhetins e ainda hoje é uma estratégia recorrente nas produções ficcionais televisivas e cinematográficas. O gancho consiste em gerar suspense no final dos episódios de modo a gerar expectativa nos espectadores, induzindo-os a esperar ansiosamente pelos próximos capítulos, no intuito de saber como a trama se desenrolaria. Por certo, o autor não foi o criador do recurso, mas é inegável que o mesmo teve maior projeção com a criação de *Rocambolesco* e seus múltiplos enredos em que esteve inserido. Das recorrentes ressurreições do personagem, adveio o adjetivo *rocambolesco*, que seria “uma formidável máquina narrativa, repleta de lugares-comuns, de hilariantes fórmulas, repetições, mas na qual explodem esplêndidos fogos de artifícios ficcionais, um delírio narrativo”<sup>175</sup>. É preciso ressaltar que o tamanho sucesso da referida série folhetinesca rendeu diversos contratos ao seu autor. Pela primeira vez, um folhetinista firmava compromisso com diversos jornais, no sentido de cumprir a responsabilidade de se publicar uma literatura fatiada.

Poderíamos afirmar que uma das grandes características dos folhetins foi a ideia do suspense deixado no final de cada fatia com o famigerado termo “continua”. Mas era preciso mais do que promover a continuidade da ficção, era necessário criar um mecanismo que, de fato, prendesse a atenção do leitor. Nadaf<sup>176</sup> aponta que o corte do capítulo e a sucessividade garantiam elementos necessários para o sucesso da fórmula do romance-folhetim, no que diz respeito aos aspectos estruturais. De fato, o desenvolvimento de uma ficção fatiada se transformou em um modelo de como se produzir literatura, na medida em que tal estratégia passou a ser adotada por vários literatos que recorriam aos jornais como meio de publicar suas obras.

A presente proposição nos leva a pensar naquilo que Pierre Bourdieu<sup>177</sup> discutia no que tange aos aspectos que tornam determinada forma de arte ou maneiras de fazer amplamente aceitas, de modo a exercer influência sobre as demais. O folhetim *Três botões de rosas*<sup>178</sup>, publicado no periódico teresinense *O Abolicionista*<sup>179</sup>, em 1884, por exemplo, reflete o quanto esse novo modo de tornar visível a literatura desconhece a noção de fronteira. A serialização

<sup>175</sup> MEYER, 1996, p.104.

<sup>176</sup> NADAF, 2002, p.20.

<sup>177</sup> BOURDIEU, 1996.

<sup>178</sup> J.F. Três Botões de Rosa. *O Abolicionista*. Teresina. 1884. n. 2/ 3/4/5/6/7, p. 01.

<sup>179</sup> Produzido na tipografia do jornal *O Telefone*, tendo como viés ideológico a causa abolicionista. Segundo Pinheiro (1997), não mencionava os jornalistas envolvidos na direção e redação. Foi desenvolvido a partir de 1884.

do romance, como a própria publicação reivindica para si a categoria de um “romanceto”, segue o proposto pelo suporte criado na França a partir de 1836. Um aspecto bastante característico presente na obra diz respeito ao cuidado com o corte ou gancho. Nadaf evidencia “que o melhor corte é aquele que rompe a ação no seu ponto crucial”<sup>180</sup>. Podemos perceber o referido aspecto no folhetim em questão, por exemplo, quando o personagem da trama, Luís, incentiva Albertina, sua irmã, a dançar com dr. Alfredo, finalizando o capítulo com a descrição da dança dos pares com o intuito de aguçar a imaginação e a expectativa do leitor para o próximo número.

- Dá ao braço ao teu par que vou fazer signal para música principiari a tocar. E desapareceu por entre os pares que passeavam pelo salão a espera dos primeiros harpejos da orchestra. D’ahi a nada vagamos em corropio, impelidos pelos compassos apressadores da Walsa alemã.<sup>181</sup>

Além da serialização da ficção e da escolha precisa do corte, outros elementos deram contornos ao folhetim. Do ponto de vista do conteúdo, essas produções abusavam de temáticas como “amores contrariados, paternidades trocadas, filhos bastardos, heranças usurpadas, todas elas seguidas de duelos, raptos, traições, assassinatos e prisões”<sup>182</sup>. É preciso ressaltar que as referidas temáticas já eram amplamente utilizadas no teatro, com a emergência de um gênero denominado melodrama. Conseqüentemente, o gênero em questão não nasce com a literatura, mas com as artes cênicas. Segundo Ludwing<sup>183</sup>, seu surgimento encontra espaço de florescimento no final do século XVIII. Em âmbito teatral, a categoria se caracteriza pelo viés popular que conseguiu alcançar devido ao uso de personagens tipificados, do fundo moral das encenações e da oposição entre bem *versus* o mal. Esses recursos foram amplamente utilizados nas produções folhetinescas e garantiram o êxito desse novo modo de consumir a literatura. A aproximação entre ambas leva, segundo Nadaf<sup>184</sup>, a considerar o folhetim “parente” do melodrama, justamente pelo fato de os folhetinistas terem tido a sensibilidade e a perspicácia de entender que o suporte possuía um clamor popular sendo, portanto, necessária a exploração de temáticas que chamassem atenção do público leitor. A autora ainda destaca que a tríade – “herói salvador, a mulher virtuosa e o vilão, no final sempre derrotado”<sup>185</sup> rendera à fórmula a consagração que obteve durante o século XIX.

---

<sup>180</sup> NADAF, 2002.

<sup>181</sup> J.F. Três Botões de Rosa. *O Abolicionista*. Teresina. 1884. n. 2/ 3/4/5/6/7, p. 01.

<sup>182</sup> NADAF, 2002, p. 21.

<sup>183</sup> LUDWING, Paula Fernanda. *O Melodrama Francês no Brasil*. Santa Maria: UFSM, Tese de Doutorado do Curso de Pós- Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2015.

<sup>184</sup> NADAF, 2002, p. 23.

<sup>185</sup> NADAF, 2002, p. 24.

Uma das características advindas dessa exitosa relação diz respeito à fixação do ambiente antes que a cena se desenrole. E o referido recurso narrativo pode ser visualizado no trecho - já explorado anteriormente - do folhetim publicado no periódico *O Abolicionista*, denominado *Três Botões de Rosa*, quando problematizamos o recurso do gancho. “E desapareceu por entre os pares que passeavam pelos salões à espera dos primeiros harpejos da orquestra”<sup>186</sup>, nos dá a dimensão de como a descrição do ambiente, no caso em questão, do salão de festa, torna-se um importante elemento para prender o leitor, no sentido de despertar sua curiosidade. Aqui, o ambiente se torna um personagem. Exercer a função de gerar expectativa torna-se necessário para promover mecanismos de ligação entre os capítulos, e a exploração do ambiente atendia a essa imposição.

Para pesquisadores como Thérenty<sup>187</sup>, duas características devem ser analisadas como essenciais com a emergência dos folhetins: a periodicidade e a serialidade. Os dois elementos em si proporcionam uma nova noção de tempo uma vez que o suporte era o espaço do “retorno regular (...) permitindo a utilização de muitos ritmos, de sobrepor à periodicidade cotidiana, um periodicidade hebdomadária, e de insistir em um sentimento de interrupção brutal, para criar uma decepção e esperança”<sup>188</sup>. A rubrica também servia como espaço onde, a partir da experimentação, construíam-se novos elementos, exemplo do uso do melodrama e dos cortes, levando o folhetim ao devido reconhecimento que obteve no século XIX.

Problematizada a emergência dos folhetins, bem como suas características necessárias, abordamos um aspecto bastante relevante no que se diz respeito aos significados que o suporte apresentara. Até aqui as discussões giraram em torno do romance-folhetim, gênero que, conforme já elucidado, “vai se transformar numa receita de cozinha reproduzida por uma centena de autores”<sup>189</sup>. De fato, é com a publicação do gênero romance no espaço no rodapé dos jornais que a fórmula ganhará visibilidade, transformando-se no grande fenômeno no século XIX, mas não podemos esconder que o folhetim se constitui enquanto espaço do vale-tudo, revelando seu caráter múltiplo. Para Queffélec,

Enfim, é preciso assinalar que o espaço do folhetim é, muitas vezes, contrariamente a uma oposição que nós seríamos tentados a fazer entre o livro e jornal, um lugar de pré-publicação e não apenas para romance; várias críticas teatrais, literárias, musicais, palestras, relatos ou anedotas publicadas são retomadas depois em volumes por seus autores [as obras críticas de Sainte-

---

<sup>186</sup>J.F. 1884, p.01.

<sup>187</sup> THÉRENTY, 2015.

<sup>188</sup>THÉRENTY, 2015, p. 61.

<sup>189</sup> MEYER, 1996, p. 63.

beuve, Guatier ou Barbey d'Aubevilly, para não citar apenas elas, vêm em sua maioria do folhetim].<sup>190</sup>

Queffélec analisa as produções folhетinescas buscando significá-las pela perspectiva de espaço tipográfico. Por meio dessa chave de leitura, a autora possibilita evidenciar de maneira clara a ideia de multiplicidade e complexidade que o suporte carrega. Apesar de direcionar suas observações ao romance-folhetim no caso francês, é possível vislumbrar uma aproximação entre Meyer e a primeira autora. Aquela, por sua vez, em uma tentativa, e aqui o referido termo é bastante apropriado dada a diversidade de acepções que o folhetim angariou ao longo de sua existência, aproxima a figura do suporte a um poliedro. De fato, o desafio em dar conta dessas infinitas faces na construção do folhetim se apresenta como um exercício um tanto impossível. Contudo, evidenciar essa problemática é essencial para descristalizarmos a ideia de que a fórmula seja exclusivamente sinônimo de romance. Conforme Meyer propõe, é preciso analisar o suporte tipográfico para além do gênero romanesco. Outras vias encontravam no espaço folhетinesco lugar de visibilidade. Críticas teatrais, literárias, musicais, receitas, palestras, apenas em nível de exemplificação, eram categorias que contribuiriam para dar essa face poliédrica ao espaço tipográfico, que encontrou no jornal um lugar de constituição.

O caráter multifacetado que os folhetins adquiriram ao longo do tempo parece convergir com outras produções que tomam o suporte como objeto de estudo. Nadaf<sup>191</sup>, até aqui bastante utilizada como parte significativa para iluminar a problemática para problematizar a emergência e as características dos folhetins, objetiva analisar sua emergência na província de Mato Grosso no final do século XIX e início do século XX. Por certo, a pesquisa pode ser considerada referência em termos de estudos sobre o espaço tipográfico no Brasil. Merece destaque a forma como a pesquisadora ilumina essa produção presente no rodapé dos jornais por meio da ideia de “Miscelânea”. O termo em questão traz como significado a ideia de variedade, multiplicidade. Nadaf aponta que “o folhetim divulgava também outras formas de escritas de autores brasileiros, entre eles a poesia, a dramaturgia, os relatos históricos e a crônica”<sup>192</sup> Uma diversidade tipológica de folhetins traria por consequência uma variedade de temáticas a serem abordados em suas produções. “Os assuntos distribuíam-se entre a política partidária e

<sup>190</sup> “Enfin, il faut signaler que l'espace du feuilton est souvent, contrairement à une opposition que l'on serait tenté de faire entre livre et journal, un lieu de prépublication, et pass seulement pour le roman: nombre de critiques théâtrales, littéraires, de causeries, de récts ou d'anedotes qui y sont publiés sont repris ensuite em volumes par leurs auteurs ( les ouvrages critiques de Saint-Beuve, Gautier ou Barbey d'Aurevilly, pour ne citer qu'eux, sont issus pour la plupart du feuilletton). DUMASY-QUEFFELÉC.2011, p. 927-928.

<sup>191</sup> NADAF, 2002.

<sup>192</sup> NADAF, 2002, p. 54.

progressista, a história, a educação, a religião, a saúde médica e sanitária, a cultura, a literatura, as efemérides, os conhecimentos gerais e o já citado tema do amor”<sup>193</sup>.

As observações de Nadaf acerca do caráter diverso em que os folhetins se constituíam remetem ao termo utilizado por Meyer<sup>194</sup> e já retratado na presente produção, ao significar os folhetins como espaço do “vale tudo”. Particularmente, acreditamos que não há termo tão apropriado quanto o utilizado pela autora. Segundo ela, “aquele espaço vale-tudo, todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza”<sup>195</sup>. Esse espaço, conforme Meyer assevera, não se dava apenas pelo ponto de vista de conteúdo, mas também pelo viés geográfico. O folhetim demarca como lugar de territorialização o espaço do rodapé do jornal. Esse termo apareceu no presente texto em demasia. Infelizmente, não podemos fugir do presente aspecto. O rés-do-chão deve ser considerado como um elemento que nos ajuda a compreender algumas das faces desse poliedro. Contudo, não podemos correr o risco de cair na armadilha de cristalizar a ideia de que o suporte se localizou apenas na parte inferior das primeiras páginas do jornal.

É preciso destacar que os folhetins são filhos de um tempo, sendo, portanto, uma construção da e na história. Partindo desse pressuposto, é necessário registrar que o suporte não pode ser percebido de modo unívoco. Logo, esse processo de descristalização em que propusemos como um dos objetivos do presente tópico não se aplica apenas ao fato de realçarmos a ideia plural que ele apresentava, demonstrando que, para além do famoso romance-folhetim, o espaço era lugar de diversos gêneros. A produção se mostrava maleável não apenas por esse ponto de vista. Essa fluidez também é um aspecto percebido do ponto de vista estrutural. O rés-do-chão em que o folhetim demarcava sua constituição não era a única forma na qual ele se materializava. No periódico teresinense *A Pátria*, de 1903, encontramos parte de um folhetim verticalizado, disposto em forma de coluna, denominado *As Aventuras do Nilimo Abencerrage*<sup>196</sup>. A curiosa descoberta reforça que o folhetim possui a multiplicidade como marca, o que impossibilita análises generalistas. Nesse sentido, é possível perceber a existência de disputas de poder entre o folhetim no interior do jornal, atestando seu viés dinâmico. Apesar de o título em questão ainda ser publicado na segunda página, ele se apresenta

---

<sup>193</sup> NADAF, 2002, p. 66.

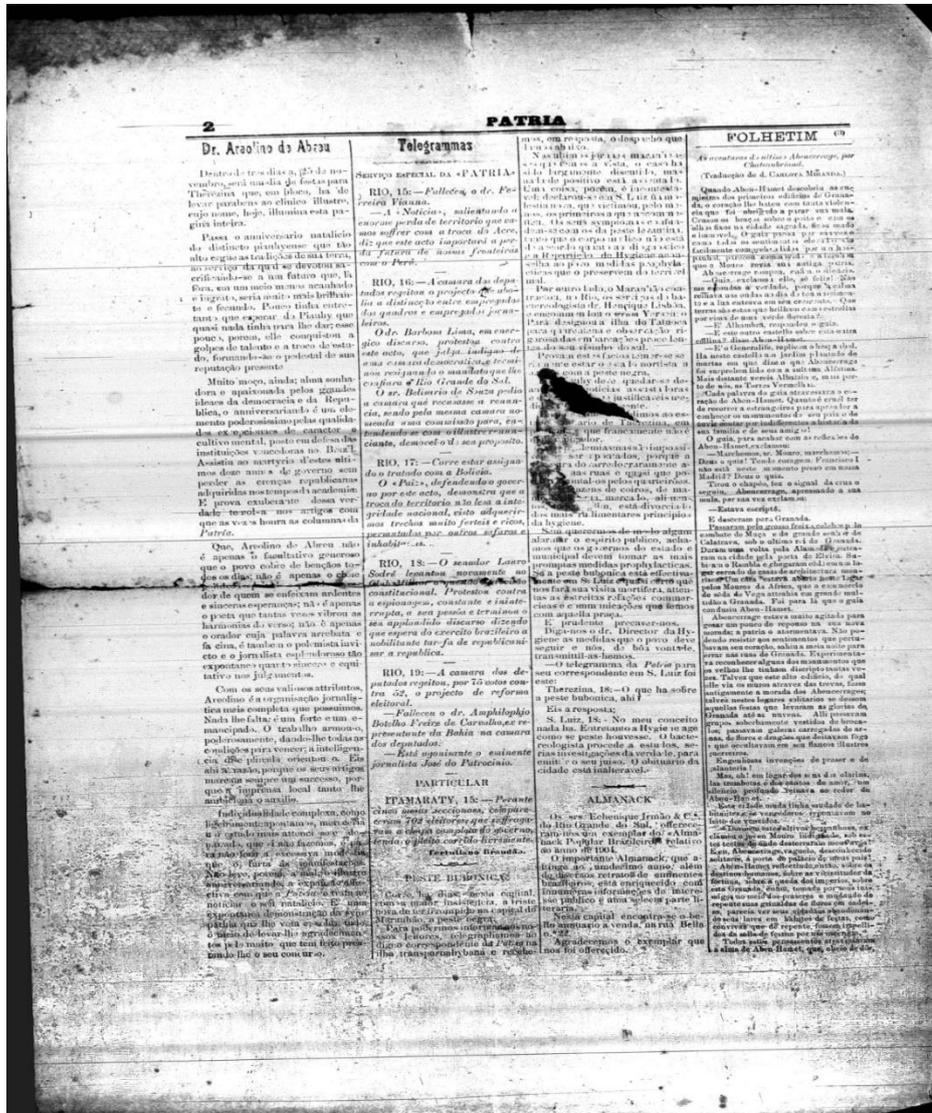
<sup>194</sup> MEYER, 1996, p. 59.

<sup>195</sup> MEYER, 1996, p. 57.

<sup>196</sup> MIRANDA, Carlota (Tradução). *As Aventuras do Nilimo Abencerrage*. *Pátria*. 1903. n. 27, p. 02

de modo diverso ao que costumeiramente encontramos, conforme se demonstra perceptível na imagem a seguir.

Figura 3- Folhetim As Aventuras do Nilimo Abencerrage



Fonte: MIRANDA, Carlota (Tradução). As Aventuras do Nilimo Abencerrage. Pátria. 1903. n. 27, p. 02. Disponível: Hemeroteca Projeto Memória do Jornalismo Piauiense.

O período em que a produção em questão foi publicada nos permitiu observar que, a partir do início do século XX, os folhetins perdem o lugar de destaque que antes possuíam. No século XIX, eles são comumente encontrados nas duas primeiras páginas dos jornais. Claro que é preciso destacar que nem sempre essa seria uma regra, conforme foi possível encontrar no folhetim *Vinte Horas de Liteira*, de Camilo Castelo Branco, encontrado no periódico

pernambucano *Diário de Pernambuco*<sup>197</sup>, em 1864, disposto na oitava página, última do periódico. Mas é preciso registrar que essas modificações ocorridas no início dos noventaos refletem um processo de reconfiguração na imprensa, momento em que é possível encontrar os folhetins após as duas primeiras páginas dos jornais. De Luca e Martins<sup>198</sup> localiza o referido processo com o advento da República no Brasil, que coincide com o final do século XIX, sendo notório que a imprensa sofria um processo de reconfiguração. Apesar de sermos levados a pensar que a literatura se tornou secundária, é necessário observar que ela foi primordial para a ocorrência dessas modificações. Sússekend afirma que o reaparelhamento dos jornais se inicia “pela adoção de gêneros então benquistos pela imprensa empresarial que se firma na virada do século, como a reportagem, as entrevistas, a crônica”<sup>199</sup>.

Adiante, a autora pontua que a própria literatura passa a estabelecer uma relação com a linguagem jornalística. Pesavento afirma que “na fronteira entre veracidade e ficcionalidade, a imprensa cidadina faz, da história, um folhetim”<sup>200</sup> ao demonstrar, a partir da história do crime da cafetina Felícia<sup>201</sup>, como a imprensa utiliza recursos folhetinescos ao noticiar o fato de modo a prender a atenção do leitor. Poderíamos arriscar que o abuso de recursos melodramáticos foi fundamental para o surgimento de uma imprensa de caráter sensacionalista, muito comum nos dias de hoje, resguardadas as proporções temporais e espaciais. O fato é que a perda de espaço dos folhetins nos jornais não resulta na diminuição de sua importância, uma vez que seus recursos passam a ser utilizados nessa nova forma de fazer imprensa.

Tal processo, realçado por Pesavento, recebe a denominação de “folhetinização da informação”. O termo foi criado por Michel Gillet e utilizado por Meyer<sup>202</sup>. Além das características já retratadas, é importante ressaltar que o referido processo também utiliza a técnica de fragmentação da notícia como um recurso que daria uma nova roupagem ao jornalismo. “A produção fragmentada de notícias é uma técnica [...] mercadológica como foi a grande matriz folhetinesca e seu imediato subproduto, o *fait divers*, folhetinizado na técnica e na subjetividade personalizada de seu conteúdo”<sup>203</sup>.

<sup>197</sup> Criado em 1825, pelo tipógrafo Antônio José de Miranda Falcão, e em circulação até hoje.

<sup>198</sup> LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. [Livro Eletrônico].

<sup>199</sup> SÚSSEKEND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.20.

<sup>200</sup> PESAVENTO, Sandra. Na contramão da vida: de onde a imprensa faz da história um folhetim. In: LUSTOSA, Isabel. *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 369.

<sup>201</sup> PESAVENTO, 2008.

<sup>202</sup> MEYER, 1996. p. 224.

<sup>203</sup> MEYER, 1996. p. 225.

Ainda sobre o caráter miscelânico dos folhetins, é válido destacar a pesquisa de Trizotti<sup>204</sup>. No momento, ficaremos restritos a discutir como a autora percebe o suporte, objetivando analisar a produção folhetinesca dos periódicos paulistanos *O Estado de São Paulo*<sup>205</sup> e *O Correio Paulistano*<sup>206</sup>. Na produção, o debate em torno do suporte é discutido sob duas perspectivas: o folhetim como romance e o suporte pelo viés do espaço tipográfico. Essa última perspectiva aponta o caráter múltiplo da produção folhetinesca, sendo esse o caminho percorrido por Trizotti. Segundo a autora, “o folhetim tornou-se sinônimo de texto em partes e o termo era utilizado em situações que iam desde seu uso como sinônimo de panfleto até boletim esportivo. (...) Assim, a palavra é polissêmica tanto hoje como no século XIX”<sup>207</sup>.

Ao evidenciar o caráter múltiplo do folhetim, ainda nos dias atuais, a autora evidencia as reverberações dos folhetins por meio do uso de seus recursos no rádio, no cinema e na TV, garantindo a ampla aceitação das rádios-novelas, dos filmes adaptados dos romances-folhetins, como *Conde de Monte de Cristo*<sup>208</sup>, de Alexandre Dumas<sup>209</sup>, a título de exemplo, e das telenovelas. No que tange a esse último aspecto, Meyer afirma que essa foi a “grande criação narrativa da América Latina”,<sup>210</sup> tendo como referência o folhetim. Não é novidade nenhuma que a região é destaque nessa forma de entretenimento. Para além da venda das riquezas naturais, acompanhadas do processo de exploração e desigualdades sociais e econômicas, as novelas são pauta de exportação, reconhecidas mundialmente pela qualidade de suas produções e de enredos que abordam os múltiplos aspectos sociais, mas com predileção por tramas nas quais mocinhas pobres, amores impossíveis, finais felizes aos mocinhos e trágicos aos vilões são constantes - nada mais melodramático que esses elementos, que garantiram por muito tempo grandes índices de audiência. Inclusive, muitas das obras folhetinescas de sucesso foram

---

<sup>204</sup> TRIZOTTI, 2016.

<sup>205</sup> Segundo Trizotti, o jornal foi publicado a partir de 04 de janeiro de 1875, após o Congresso Republicano, seguindo, portanto, os ditames ideológicos do Partido Republicano. O jornal teve como mentores Américo Brasiliense e Campos Sales. Em 1890, a folha noticiosa recebeu sua denominação atual, *O Estado de São Paulo*, considerado o jornal paulista mais antigo ainda em circulação. (TRIZOTTI, 2016, p.15).

<sup>206</sup> De acordo com Trizotti, o periódico *Correio Paulistano* foi fundado em 26 de julho de 1854 por Joaquim Roberto Azevedo Marques. O jornal assumiu, em diferentes períodos, posicionamentos ideológicos diversos. No Império foi considerado um jornal simpatizante ao Partido Conservador. Com o advento da República, alinhou-se ao Partido Republicano Paulista.

<sup>207</sup> TRIZOTTI, 2016, p. 15.

<sup>208</sup> Romance publicado no espaço tipográfico folhetinesco do *Journal Débâter*, periódico francês entre 1844 e 1846.

<sup>209</sup> Nascido em Villes-Cotterêts, na França, em 1802. Destacou-se como romancista e dramaturgo. Morreu em Puy, no mesmo país, em 1870.

<sup>210</sup> MEYER, 1996, p. 386.

adaptadas ao formato de telenovela, como *A Moreninha*<sup>211</sup>, romance de Manuel de Joaquim Macêdo<sup>212</sup>, exibida na Rede Globo em 1975<sup>213</sup>.

Importante ressaltar que o processo de transposição da obra para outros suportes, como livros, telenovela, filmes, bem como radionovelas, configurava-se como um elemento que expandia as produções folhetinescas. Ao justificar a opção por trabalhar com as edições de livros de Aluizio de Azevedo<sup>214</sup>, Fanini revela que a edição dos títulos que saíam no rodapé do jornal em livros “comprova que as obras receberam um certo tipo de canonização popular”<sup>215</sup>. A presente observação demonstra que o folhetim era uma verdadeira vitrine que media o sucesso de determinados títulos. Caso o romance conseguisse alcançar o intento, seria editado e vendido no formato de livro. *O Guarani*, escrito por José de Alencar<sup>216</sup>, publicado no jornal *Diário*, de 1857, constitui um exemplo de como um folhetim tornou-se um *best-seller*, transpondo-se no formato acima mencionado, sendo, inclusive, traduzido para outras línguas. Xavier destaca que obras que giravam em torno dos personagens Peri e Ceci, bem como o romance *Inocência*, de Visconde de Taunay, encontraram em solo alemão espaço de visibilidade. Segundo o autor, a obra de Alencar “circulou em forma de fascículos no *Roman-Magazine des Aueslandes* em 1872 e em 1876 em forma de livro. *Innocencia* teve duas traduções na mesma língua, uma em 1895 e outra em 1899”<sup>217</sup>.

A transposição do romance-folhetim para o livro era acompanhada por algumas adaptações, sendo que é possível considerar que as modificações resultavam em um novo produto. A publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, produção divulgada primeiramente na *Revista Brasileira*<sup>218</sup>, quinzenalmente, em 1880, de forma fatiada e, posteriormente, como obra pela *Typografia Nacional*, reflete esse aspecto. Granja revela que a

<sup>211</sup> Romance publicado em 1844 no periódico carioca *O Jornal do Comércio*.

<sup>212</sup> Joaquim Manoel de Macêdo (1820-1844). Apesar de formado em Medicina, não exerceu a profissão, atuando mesmo como jornalista, dramaturgo, poeta, professor, bem como romancista, totalizando cerca de 20 deles publicados, sendo a obra *A Moreninha* a mais exitosa.

<sup>213</sup> A novela em questão foi exibida entre os anos de 1975 a 1976, com 79 capítulos na faixa das 18 horas. O mesmo teve como autor da adaptação Marcos Reis e direção de Herval Rossano. Os protagonistas eram encenados por Nívea Maria, no papel de Carolina, e Mário Cardoso, no papel de Augusto.

<sup>214</sup> Maranhense nascido em São Luís no ano de 1857 e falecido em Buenos Aires em 1913. Foi Diplomata, jornalista, cronista e literato, considerado um dos grandes expoentes da filosofia naturalista no campo literário.

<sup>215</sup> FANINI, Ângela Maria Rubel. *Os romances-folhetins de Aluizio de Azevedo: aventuras periféricas*. Dissertação (Teoria Literária) Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.p.12.

<sup>216</sup> Nascido em Messejana, Ceará, em 1829, José de Alencar se destacou nos campos da política e literatura no período do Segundo Império. É considerado um dos fundadores de uma Literatura de caráter nacional, explorando temáticas indígenas em seus enredos.

<sup>217</sup> XAVIER, Wibke Röben de Alencar. Romance Brasileiro em Tradução Alemã: O Guarany e Inocência, produto nacional e Best-Seller no longo século XIX. In: ABREU, Márcia. *Romances em Movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p. 159.

<sup>218</sup> Fundada em 14 de junho de 1855, publicada quinzenalmente e ainda hoje em circulação.

passagem de um suporte para outro, no caso do romance em questão, sofreu a supressão de alguns pontos. Inclusive, Regina Zilberman é chamada ao debate para reforçar tal ideia. A autora, segundo Granja, ao se deter em uma análise comparativa entre as versões da obra na revista e no livro “apontava as mudanças no capítulo de abertura, no prólogo, na dedicatória”<sup>219</sup>. Tudo isso abre possibilidades para pensarmos como a literatura se constituía e se territorializava.

Vale ressaltar também que as adaptações não ocorriam apenas de forma unilateral, saindo em folhetim e posteriormente adaptadas para outros meios, como em livros, filmes e novelas. A simultaneidade também dava a tônica nesse processo. Trizotti<sup>220</sup> registra a existência de uma modalidade folhetinesca nos periódicos paulistas, denominados folhetins cinematográficos. Segundo a autora, o referido gênero encontra em cidades como Paris e Nova York espaços de desenvolvimento e disseminação. A principal característica nessas produções reside no fato de a obra sair conjuntamente em forma de folhetim e no cinema. A simbiose estabelecida entre as duas formas de linguagem abre possibilidade para percebermos que elas se complementam ao tempo em que ampliam a ideia de consumo. “A Imprensa seguia como o cerco, veiculando para instigar o público” (...) algo como ‘Leia aqui de manhã: veja à noite na tela’. Em contrapartida, cartazes eram fixados no rol das salas de projeção, bem como havia lembretes incitando o espectador a procurar a versão escrita”<sup>221</sup>.

Imaginamos as experiências que essas novas maneiras poderiam proporcionar ao leitor e espectador. Das hipóteses suscitadas por Trizotti, que justifiquem a aceitação do público, uma estaria ligada ao fato de que os “textos publicados nos jornais ajudariam na interpretação dos acontecimentos assistidos, facilitando assim sua compreensão”<sup>222</sup>. Auxiliar no processo de entendimento da linguagem fílmica revela as limitações da sétima arte, tendo em vista a disseminação do cinema mudo, apontando para a ideia de complemento. É preciso destacar que essas práticas encontram, entre o final do século XIX e início do século XX, lugar de desenvolvimento. Trizotti evidencia que esse gênero de folhetim, surgido na primeira década do século XX, demonstrado por meio do periódico *O Correio Paulistano*, passa a ser adotado a partir de 1917. No Brasil, o cinema aportou no final da última década dos oitocentos. A vinda de salas maiores, que permitiam um maior número de espectadores, bem como a implementação

---

<sup>219</sup>GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis – antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

<sup>220</sup> TRIZOTTI, 2016, p.183.

<sup>221</sup> TRIZOTTI, 2016, p.186.

<sup>222</sup> TRIZOTTI, 2016, p.193.

de aparelhos mais modernos, é uma marca das primeiras décadas do século XX. Sússekind registra “que a produção poética rondou o reclame, o instantâneo e a legenda da fita de cinema”<sup>223</sup>, evidenciando que a emergência do horizonte técnico é acompanhada de uma relação com a literatura, reforçando o diálogo entre ambos.

### 2.1.3 Na Travessia do Atlântico o folhetim se ramifica nos trópicos e alcança o sertão

A travessia dos folhetins sobre o Atlântico e sua fixação nos periódicos brasileiros encontra, entre as décadas de 30 e 40 dos oitocentos, momentos de aporte. Trizotti<sup>224</sup> evidencia que a primeira referência ao suporte reporta a 1836, no jornal fluminense *O Chronista*<sup>225</sup>. Nadas localiza no ano de 1839 a estreia do espaço, no *jornal do Commercio*<sup>226</sup>, com a publicação de *Edmund e sua prima*<sup>227</sup>. Meyer<sup>228</sup> destaca que entre os anos de 1839 e 1842 há uma maior recorrência de publicações cotidianas de ficção fatiada nos jornais cariocas, sobretudo no referido periódico.

Divergências no que tange ao estabelecimento de um marco preciso à emergência do suporte nos trópicos evidenciam a fluidez em que os impressos circulavam. Novamente nos deparamos com o presente aspecto. As distâncias parecem encurtar, quando percebemos a quase simultaneidade de textos, obras literárias e folhetins circulando entre Europa e o Brasil. Tal fato se evidencia com a revista *A Ilustração*<sup>229</sup>. Nos chama atenção a sua constituição, pois De Luca afirma que a natureza do impresso em questão implicava múltiplas “vinculações internacionais” sem as quais é impossível compreender seu processo de constituição. A construção em questão implicava diferentes espaços, com redação e impressão em Paris, de direção portuguesa, onde cada edição seguia, a partir dos portos franceses para Lisboa e Rio de Janeiro<sup>230</sup>.

---

<sup>223</sup> SÜSSEKIND, 1987, p.118.

<sup>224</sup> TRIZOTTI, 2016, p. 40.

<sup>225</sup> A presente informação respalda-se no que afirma Jefferson Cano no texto *Folhetim: Literatura, Imprensa e a conformação de uma esfera pública no Rio de Janeiro do século XIX*. Ao que tudo indica, a referida produção é resultado de uma comunicação apresentada, conforme foi possível encontrar no Currículo Lattes do autor. Infelizmente, não conseguimos acesso ao texto.

<sup>226</sup> Surgido na cidade do Rio de Janeiro em 1827 e criado pelo francês Pierre René Francois Plancher de La Noé, foi considerado o jornal de maior circulação da América Latina, tendo suas atividades finalizadas no ano de 2016.

<sup>227</sup> NADAF, 2002, p. 41.

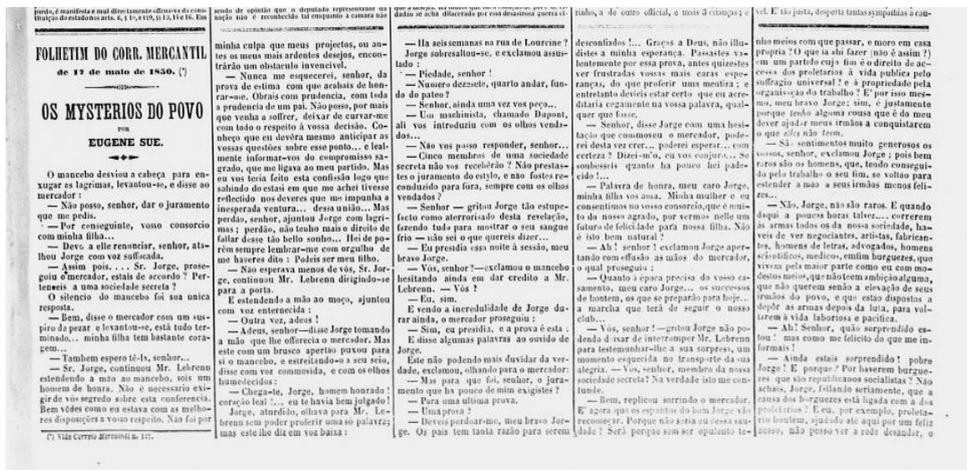
<sup>228</sup> MEYER, 1996, p. 283.

<sup>229</sup> Revista Quinzenal originada em 1884, cujo último número data de 1892, abordando temáticas literárias, culturais e históricas.

<sup>230</sup> LUCA, Tânia Regina de. *A Ilustração (1884-1892): Circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

Todo esse cenário de mobilidade, no qual os textos, os jornais e as revistas não encontravam fronteiras físicas, alcançando distintos espaços, pode ser visualizado também pelas traduções de folhetins franceses nos jornais brasileiros. “A publicação de jornais tornou a sincronia entre França e Brasil ainda mais evidente, uma vez que alguns títulos foram publicados ao mesmo tempo, chegando a haver interrupções na publicação das traduções por falta de desenvolvimento dos textos originais na Europa”<sup>231</sup>.

**Figura 4-** Tradução do jornal brasileiro *Correio Mercantil* da obra *Os Mistérios de Paris* de Eugène Sue



**Fonte:** Mistérios dos Povos. Correio Mercantil. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1850, ano 01, n 129, p.01. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

Segundo Mendes<sup>232</sup>, a emergência do folhetim no Brasil seguia uma lógica do imediatismo de tradução e impressão muitas vezes “feito no calor do momento”, tudo com o intuito de atender às demandas impostas pelo mercado tipográfico. Inclusive, o levantamento documental produzido evidenciou que o folhetim *As Aventuras do Nilimo Abencerrage*<sup>233</sup>, publicado no jornal teresinense *A Pátria*<sup>234</sup>, em 1903, foi traduzido por Carlota Miranda. Encontramos no periódico *O Monitor*<sup>235</sup>, de 1906, uma pequena nota evidenciando que a

<sup>231</sup> ABREU, Márcia (org.). *Romances em Movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789- 1914)*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p.32.

<sup>232</sup> MENDES, Maria Lúcia Dias. *Romances-Folhetins sem fronteiras: O caso de Alexandre Dumas*. In: ABREU, Márcia (org). *Romance em Movimento: A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2016, p. 223-253

<sup>233</sup> MIRANDA, Carlota (Tradução). *As Aventuras do Nilimo Abencerrage*. *Pátria*. 1903. n. 27, p. 02

<sup>234</sup> Jornal de propriedade de Abdias Neves, folha noticiosa de caráter independente e que circulou entre os anos de 1902 a 1905.

<sup>235</sup> Jornal Anticlerical de Redação de Higinio Cunha, Matias Olímpio e Bonifácio de Carvalho. Circulou entre 1905 a 1912.

tradutora era piauiense. O aludido trecho em que se noticia o comparecimento de uma festa escolar “regida pela exma. sra. d. Carlota Miranda”<sup>236</sup>.

Ao analisar o perfil de tradutoras pernambucanas, Alencar<sup>237</sup> evidencia que, em grande medida, a atuação dessas mulheres se dava por meio da imprensa e da educação. Muitas dessas mulheres, para além de contribuírem com os jornais, também atuavam como educadoras, como é o caso de nossa tradutora. Aqui, cabe muito bem aquilo que Meyer defendeu quando afirmou que “muitas foram as mulheres do século XIX que (...) aspirando um lugar ao sol aspirando às belas letras, traduzindo, criando”<sup>238</sup>. Por conseguinte, as práticas de traduções não se restringiram somente aos principais centros brasileiros e isso reflete que o referido ato inscrevia seus - e nesse caso específico, suas - praticantes em lugar de poder, uma vez que representava a detenção de erudição, civilidade e relação com aquilo que era produzido no velho mundo.

Já sabemos que a produção folhetinesca se configurou pela multiplicidade. Essa “miscelânea” que encontramos no suporte se estendia também às formas de consumo. Grande parte dos folhetins franceses consagrados era traduzida e vendida no formato de volumes. Essas produções, por sua vez, poderiam ser comercializadas de modo parcial, ou seja, com o romance ainda em desenvolvimento ou completo, quando findada a publicação no jornal. Que sensação a leitura por meio de volumes ocasionava? Possivelmente, propiciava ao leitor a oportunidade de escolher devorar a obra de maneira reunida, gerando uma outra experiência de leitura. Não por acaso se afirma que seu advento “impulsionou, entre outras coisas, o comércio livreiro local e internacional”<sup>239</sup>, modificando o mercado editorial. Mas o leitor também teria a possibilidade de colecionar os folhetins, recortando ou mesmo arquivando juntamente ao corpo do jornal, uma vez que os impressos cotidianos “não eram objetos tão efêmeros no século XIX e que (...) permaneciam para leituras e releituras durante dias”<sup>240</sup>.

Ganharam destaque na imprensa brasileira não somente os romances publicados no rodapé do jornal, como também as crônicas folhetinescas. O folhetim, naquele momento, caracteriza-se por estar “sempre sujeito ao imponderável do cotidiano, que tanto lhe fornece temas e problemas com os quais modifica e redireciona suas opções iniciais”<sup>241</sup>. São bastante

<sup>236</sup> Festa Escolar. *O Monitor*. Teresina, ano 01, n.06, p.01, 6 dez, 1906.

<sup>237</sup> ALENCAR, Maria Eduarda Santos. *Tradutoras Brasileiras dos Séculos XIX e XX*. (Dissertação – Mestrado). Florianópolis, SC. 2016.

<sup>238</sup> MEYER, 1996, p. 297.

<sup>239</sup> PAIXÃO, Alexandre Henrique. O gosto literário pelos romances no gabinete português de leitura do Rio de Janeiro. In: ABREU, Márcia (Org.). *Romances em Movimentos: A Circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p.273.

<sup>240</sup> TRIZOTTI, 2016, p. 171.

<sup>241</sup> CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza Neves; PEREIRA, Leonardo Afonso de. (Orgs.). *História em Cousas Miúdas*. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2005, p.17.

elucidativas as considerações de Candido sobre o gênero. O autor afirma que ele “não foi feito originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha”<sup>242</sup>.

A observação do autor nos revela um elemento fundamental da crônica, que seria a efemeridade. Mais à frente, Candido destaca a importância do rodapé ao gênero evidenciando que “antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”<sup>243</sup>. É válido destacar que o mesmo concebe a crônica como “um gênero menor”. A recepção da presente concepção gerou alguns posicionamentos divergentes, como o que encontramos em Ramos, quando ela destaca que o gênero “muito mais que ‘ser menor’ se revela por ser um canal de interpretação de um momento histórico específico”<sup>244</sup>. Polêmicas à parte, é necessário ressaltar a importância do suporte para a disseminação da crônica.

É notório o quanto a crônica ocupava um lugar de destaque no espaço folhetinesco. Nadaf afirma que o referido gênero folhetinesco “fez sucesso na cidade do Rio de Janeiro ao longo do segundo império, desfrutando em pé de igualdade com a ficção estrangeira que se imprimia no espaço de referência”<sup>245</sup> que seria o folhetim do jornal. Não por acaso a constituição da imprensa brasileira no século XIX se dava à custa das penas e prosas dos literatos. Isso nos direciona automaticamente ao termo “jornalista-literato”, utilizado com bastante recorrência por Granja em *Machado de Assis – antes do livro, o jornal*, para se referir ao autor de *Dom Casmurro*. Isso diz muito sobre como a imprensa e, de modo específico o jornal, ganhava corporeidade. Inclusive, a referida atribuição serve para tantos outros sujeitos e nos possibilita vislumbrar como a construção da prática intelectual nesse período se configurava transitando entre a literatura e a imprensa. Os dois fazeres, que por inúmeras vezes devem ser percebidos de modo imbricado, se refletem na produção folhetinesca. Ao tempo que esses literatos se inscreviam por meio de romances e contos, também atuavam no espaço folhetinesco por meio de assuntos cotidianos, utilizando o rodapé do jornal como instrumento de visibilidade.

O formato das crônicas folhetinescas poderia se apresentar por meio de séries como também de modo avulso. A título de ilustração, séries como *Balas de estalo*<sup>246</sup> e *Ao Correr da Pena*<sup>247</sup> nos ajudam a perceber qual era o lugar do gênero no espaço folhetinesco. A primeira

---

<sup>242</sup> CANDIDO, 1992, p. 14.

<sup>243</sup> CANDIDO, 1992, p. 15.

<sup>244</sup> RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As Máscaras de Lélío: Política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016, p.15-16.

<sup>245</sup> NADAF, 2002, p. 60.

<sup>246</sup> Nome atribuído ao conjunto de crônicas publicados no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, entre 1883 e 1886.

<sup>247</sup> Crônicas publicadas por José de Alencar no periódico *Correio Mercantil*, entre os anos de 1884 e 1885, e no *Diário do Rio* em 1855.

série surgiu em 1883, no jornal *Gazeta de Notícias*<sup>248</sup>. Ramos destaca que *Balas* apresentava como principal característica uma natureza jocosa em seus escritos. “Entre os anos de 1883 e 1886, ela comentou sistematicamente os fatos mais pilhéricos e absurdos ocorridos na Corte, tivessem eles se passado no palácio imperial, na Câmara dos Deputados ou nas ruas da cidade.”<sup>249</sup>. Tratar do cotidiano, utilizando uma linguagem jocosa para promover certa leveza, revela os usos políticos, bem como a intencionalidade de intervir por meio dos múltiplos assuntos impressos no rodapé do jornal, ou seja, o conteúdo poderia ser de confeito ou de artilharia, o que possibilita entendermos a dinamicidade das crônicas. É necessário destacar também que a série foi construída a várias mãos. Participaram figuras como Ferreira de Araújo<sup>250</sup>, Valentim Magalhães<sup>251</sup>, Henrique Chaves<sup>252</sup>, Capistrano de Abreu<sup>253</sup> e Machado de Assis<sup>254</sup>.

A constituição do *Balas* perpassava pela utilização de pseudônimos, recurso bastante recorrente entre os folhetinistas na época. A adoção de pseudônimos não pode ser encarada apenas como uma estratégia de esconder a identidade do autor mediante um espaço que, por vezes, podia ser significado como “algo menor”. O artifício deve também ser visualizado como parte de uma prática literária de uma época, representando, portanto, um estilo. Ramos afirma que “o uso de pseudônimos se mostrou fundamental para a compreensão das características essenciais da crônica”<sup>255</sup>. Atributos como liberdade na escrita e o trato em relação às múltiplas questões que compunham o cotidiano nos levam a crer que o pseudônimo “blindava” os autores de possíveis críticas, ao tempo em que possivelmente aguçava no leitor a curiosidade de revelar quem estaria por trás daquela identidade. Foucault nos lembra que “o anonimato não é suportável para nós; só o aceitamos na qualidade de enigma”<sup>256</sup>. Além disso, as palavras, por mais que não se equiparem às coisas, ainda reivindicam uma verdade na medida em que ajudam a construir novas visões de mundo<sup>257</sup>. Tais atributos que giravam em torno dos pseudônimos levaram a autora a perscrutar sobre essas possíveis faces, revelando que um literato poderia

---

<sup>248</sup> Jornal carioca que circulou entre os anos de 1875 e 1942, fundado por Manuel Carneiro, José Ferreira Araújo e Elísio Mendes.

<sup>249</sup> RAMOS, Ana Flávia Cernic. *Política e Humor nos últimos anos da monarquia: a série “Balas de Estalos” (1883-1884)*. (Dissertação-Mestrado/ Unicamp). Campinas, SP, 2005, p. 10.

<sup>250</sup> Jornalista que atuou à frente de periódicos como *O Mosquito*, *O Guarany*, sendo redator chefe do *Gazeta de Notícias*.

<sup>251</sup> Jornalista, cronista, romancista e poeta. Esteve envolvido na criação da Academia Brasileira de Letras.

<sup>252</sup> Jornalista, tradutor e teatrólogo.

<sup>253</sup> Jornalista e Historiador

<sup>254</sup> Jornalista, Literato e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

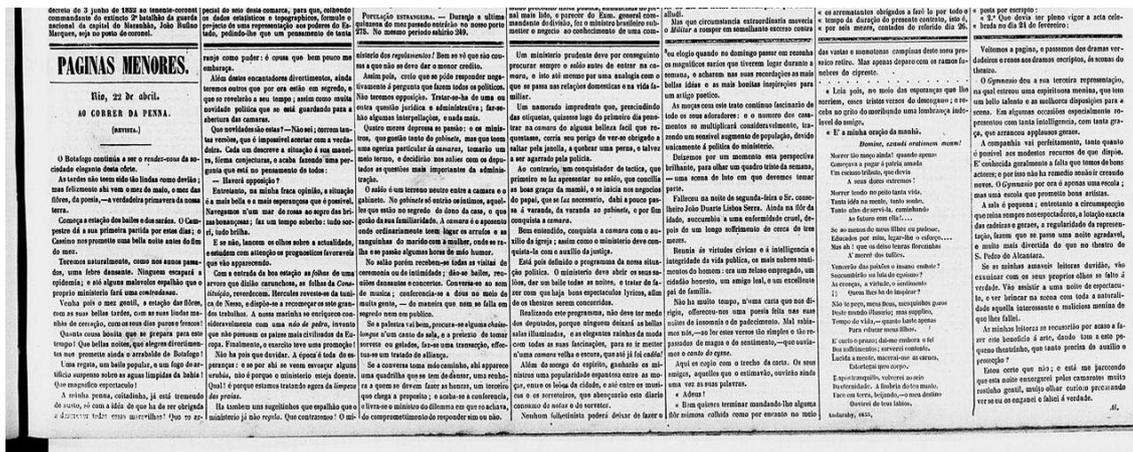
<sup>255</sup> RAMOS, 2016, p.29.

<sup>256</sup> FOCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Estética: Literatura e Pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 276.

<sup>257</sup> \_\_\_\_\_. *As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

apresentar múltiplos heterônimos, como o caso de Henrique Chaves, que se apresentava como Zig-Zag, João Tespurinha e João Bigode<sup>258</sup>; ou apenas por meio de um único pseudônimo, a exemplo de Machado de Assis, que assinava os textos como Lélío<sup>259</sup>.

Figura 5- Folhetim Ao Correr da Pena



Fonte: Ao Correr da Pena. Correio Mercantil. Rio de Janeiro. 29. abr. 1854. Ano XII, p. 01. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

Ao Correr da Pena também se constitui como um exemplo bastante elucidativo da importância e do alcance que as crônicas possuíam no jornal. Diferentemente de Balas, que trazia como marca a proposta ser uma série constituída de forma coletiva, com diferentes colaboradores, a crônica folhinesca criada em 1854 no jornal O Correio Mercantil<sup>260</sup> teve como mentor e desbravador dessa empresa José de Alencar. O título é bastante esclarecedor quanto à função da série, “uma mistura de temas escritos ‘ao correr da pena’, oferecidos para serem lidos ‘ao correr dos olhos’<sup>261</sup>. A utilização da pena demonstrava a intencionalidade não apenas de promover o entretenimento dos leitores, levando-os a momentos de descontração. Ela representava uma tentativa de intervenção social. Desse modo, “Alencar, como muitos outros intelectuais da época, dirigiu-se a estas ‘frutinhas do seu tempo’, não apenas por amor à literatura, mas tendo em vista ocupar a tribuna privilegiada, para debater questões do dia, acabando por deixar nesses textos sua visão de um tempo vivido<sup>262</sup>. Nesse sentido, as referidas

<sup>258</sup> RAMOS, 2005, p. 45.

<sup>259</sup> RAMOS, 2005, p. 75.

<sup>260</sup> Jornal carioca publicado entre os anos de 1848 e 1868, tendo como proprietário Francisco José dos Santos Rodrigues e como um dos redatores Machado de Assis.

<sup>261</sup> SOUZA, Cristina Martins de. Ao Correr da Pena: Uma Leitura dos Folhetins de José de Alencar. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). A História Contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p.125.

<sup>262</sup> SOUZA, 1998, p.124.

produções se revestiam de um caráter pedagógico, ao proporem a construção de uma dada realidade que se revelava através da tentativa de moralizar a sociedade, revestindo a pena em uma arma de combate.

Mas não nos enganemos. A produção folhetinesca no Brasil não se limitou apenas à crônica ou ao romance, apesar de que essas duas modalidades tenham sido preponderantes. As próprias crônicas apresentavam uma vertente voltada à crítica, seja ela literária ou teatral. Inúmeros literatos, e cronistas - e aqui devemos perceber que esses papéis se imbricavam de modo a se perceber uma certa dificuldade em distinguir tais funções - utilizavam o rodapé do jornal para tecer suas visões sobre o que ocorria no mundo das artes. Cano, ao lançar algumas considerações sobre a produção do cronista Justiniano José da Rocha<sup>263</sup>, evidencia sua atuação como crítico teatral. O autor afirma a descoberta sobre duas críticas teatrais: uma referente a *O rei se diverte*, de Victor Hugo, que causara indignação dos cronistas pela “depredação das peças da escola romântica”<sup>264</sup> e a outra referente à peça *O Cioso de si mesmo*, a qual Justiniano concebia como algo de fundamental importância para a construção do teatro no Brasil<sup>265</sup>.

Além disso, a poesia também encontrava na rubrica lugar de visibilidade, assim como outros gêneros. No rodapé do jornal teresinense *O Telefone*<sup>266</sup>, de outubro de 1889, tivemos a feliz oportunidade de encontrar uma poesia denominada *Adeus*:

Adeus!  
 Adeus, lírio de amor! – eu vou partir e ao ver o sol  
 Que o sol já vem rompendo alumbra alvorada.  
 Eu sinto que os soluços [...] confundem a nota agonizante de  
 Minha alma magoada.  
 É grande a minha dor, e enorme o meu martírio  
 Neste momento tétrico [...] da existência!  
 Ai! Deus, E quanta agonia ao ver banhada em pranto  
 A meiga sensitiva – a rosa da inocência!  
 Que triste sorte a minha santa, e que desgraça  
 Ao deixar estes angélicos, suaves  
 Inundados de amor, e a soluçar sentidos  
 As cópias langorosas de gemebundas aves!  
 Ao deixar os bem tristes, e enquanto a natureza,  
 E tudo que me cerca tão calmo e tão sereno  
 Ri-se da dor imensa que me lacera o peito  
 Mais triste que a tristeza mãe do Nazareno!<sup>267</sup>

<sup>263</sup> Nascido no Rio de Janeiro, atuou como jornalista e literato na corte.

<sup>264</sup> CANO, Jefferson. Justiniano da Rocha, o Cronista do Desengano. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza Neves; PEREIRA, Leonardo Afonso de. (Orgs.). *História em Cousas Miúdas*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005, p. 45. *apud* Folha Dramática, *O Chronista*, 19, nov, 1836, p. 61.

<sup>265</sup> CANO, 2005, p.45.

<sup>266</sup> De propriedade de Antônio Joaquim Dinis. Circulou entre os anos de 1883 e 1889. No período do golpe militar impetrado pelo advento da República, o jornal passou a ser considerado órgão oficial republicano.

<sup>267</sup> RUBIM, Benjamim. Adeus. *O Telefone*, Teresina, ano 7, n. 320, 9 out. 1889.

O poema em questão traz como temática a despedida de um grande amor. Trechos como “É grande a minha e enorme o meu martírio, neste momento tétrico da existência”; “Que triste a minha sorte santa, e que desgraça a deixar os meus angélicos, suaves inundados de amor”, evidenciam que a musa, objeto da construção poética, tenha partido em regresso aos planos espirituais, sendo a morte temática central.

A citação também abre possibilidade para pensarmos que as produções folhetinescas não se restringiram somente à corte imperial. O itinerário proposto por Trizotti<sup>268</sup>, em sua tese, ao promover o levantamento bibliográfico de algumas regiões do Brasil sobre os folhetins. Nadaf<sup>269</sup> toma como objeto de estudo os folhetins da imprensa mato-grossense entre o final do século XIX e início do XX. A autora revela que os primeiros folhetins localizados datam do ano 1859<sup>270</sup>, tendo como gênero de maior publicação a crônica.

Já na imprensa gaúcha e, de modo mais específico, nos jornais porto-alegrenses, Hohdolt<sup>271</sup> localiza no ano de 1869 a data em que os folhetins emergem em terras gaúchas, atingindo seu período de maior produção na década de 80 dos oitocentos. Devemos destacar que o autor elege como corpus documental somente os romances-folhetins que, para ele, promoveram uma certa “popularização do gênero”<sup>272</sup>. O pesquisador ainda destaca que as traduções através de volumes precederam a implantações dos folhetins nos jornais.

É perceptível também que o suporte aportara no Maranhão. Souza afirma que os primeiros folhetins emergiram na cidade de São Luís por meio do *Jornal Maranhense*<sup>273</sup>, encontrando seu lugar de implantação no ano de 1841. A autora ainda afirma que no referido espaço folhetinesco desse periódico “circulavam também poesias”<sup>274</sup>, evidenciando, portanto, a versatilidade da rubrica. É notório destacar que o recorte espacial que a pesquisadora utiliza não se restringe somente à imprensa ludovicense. A imprensa Caxiense, cidade de relativa proximidade com Teresina, também é objeto de estudo. Tendo as duas regiões como espaço, a autora se debruça em analisar a prosa em ficção na imprensa sendo os folhetins, a seção de variedades e o romance no jornal, portanto, as fontes utilizadas para problematizar a relação entre literatura e o jornal. Retornando à produção folhetinesca Caxiense, a mesma evidencia

---

<sup>268</sup> TRIZOTTI, 2016.

<sup>269</sup> NADAF, 2002.

<sup>270</sup> NADAF, 2002, p. 65.

<sup>271</sup> HOHDOLFT, 2003.

<sup>272</sup> HOHDOLFT, 2003, p. 33.

<sup>273</sup> Circulou entre os anos de 1841 e 1842. Segundo Souza (2017), foi impresso na Tipografia de Ignácio José Ferreira.

<sup>274</sup> SOUZA, Antonia Pereira de. *A prosa de ficção nos jornais do Maranhão Oitocentista*. (Doutorado-Tese) UFPB, João Pessoa, PB, 2017, p. 39.

que a fórmula alcançou os jornais da região em 1845, através do periódico *O Brado*<sup>275</sup>. Souza ainda destaca que as transcrições e traduções eram aspectos constantes na imprensa maranhense.

Voltando à região sudeste do Brasil, não poderíamos deixar de abordar a pesquisa de Trizzotti<sup>276</sup>. Até aqui muito nos embasamos na referida pesquisa para problematizar o conceito sobre folhetins, bem como para evidenciar aspectos como a versatilidade da rubrica ao perceber a circulação de um gênero peculiar do suporte, denominado folhetins cinematográficos. A investigação da autora se concentra nos jornais paulistanos *O Estado de São Paulo* e *Correio Paulistano*<sup>277</sup>. A autora destaca a dificuldade em se estabelecer um marco sobre a implantação dos primeiros folhetins na imprensa paulista. Contudo, ela afirma que “um mês após a implantação do jornal *Correio Paulistano*”, é notória a publicação dos primeiros folhetins no jornal em questão<sup>278</sup>. Já o *Diário de S. Paulo* teve em 1865 o ano de sua implantação<sup>279</sup>. A autora ainda observa que no século XIX o romance ainda não constituía “o carro-chefe” da imprensa paulistana, tendo o gênero tomado maior visibilidade a partir do século XX.

O relato de Trizzotti quanto à impossibilidade de estabelecer um marco sobre os folhetins, devido a problemas ligados à conservação, constitui-se também em um empecilho para responder à questão sobre a presença do suporte na imprensa piauiense. A princípio, o levantamento documental nos levou a crer que os primeiros folhetins publicados nos jornais datavam da década de 60 dos oitocentos e, de modo mais específico, do ano de 1862, por meio do periódico teresinense *Liga e Progresso*<sup>280</sup>, quando foi possível localizar o folhetim *Folhetim do Liga e Progresso- revista da semana*<sup>281</sup>. Dos exemplares aos quais tivemos acesso,<sup>282</sup> foi possível perceber que esse consistia em uma série de crônicas folhetinescas, em que se discutia o cotidiano da capital teresinense. Na medida em que fomos aprofundando o levantamento de fontes, foi possível encontrar a presença do suporte em publicações anteriores a essa data. No

<sup>275</sup> Circulou entre os anos de 1845 e 1846 tendo como editor e redator Antônio Gonçalves Dias, Cândido Mendes, Frederico José Correia e Fernando de Vilhena.

<sup>276</sup> TRIZZOTTI, 2016.

<sup>277</sup> IDEM, 200, 201.

<sup>278</sup> TRIZZOTTI, 2016, p. 57.

<sup>279</sup> TRIZZOTTI, 2016, p. 62.

<sup>280</sup> Periódico de caráter político alinhado ao Partido Liberal, tendo como redatores Deolindo Mendes da Silva e Davi Caldas. O jornal Circulou entre os anos de 1862 e 1864.

<sup>281</sup> FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO, Revista da Semana. *A Liga e Progresso*. Teresina, 22 de outubro de 1862, ano 01, n.02.

<sup>282</sup> FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO. *A Liga e Progresso*. Teresina, 22 de novembro de 1862, ano 01, n.5. FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO, Revista da Semana. *A Liga e Progresso*. Teresina, 22 de outubro de 1862, ano 01, n.02.

FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO. *A Liga e Progresso*. Teresina, 24 de dezembro de 1862, ano 01, n.8.

FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO. *A Liga e Progresso*. Teresina, 21 de novembro de 1862, ano 01, n.5.

FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO. *A Liga e Progresso*. Teresina, 21 de janeiro de 1863, ano 02, n.11.

Jornal *O Conciliador Piauiense*<sup>283</sup>, jornal teresinense publicado semanalmente, encontramos o folhetim denominado *O assobio*<sup>284</sup>, datado no ano de 1857. Essa produção se assemelha ao título encontrado em *Liga e Progresso*, no sentido de também ser uma crônica.

Foi possível localizar indícios do folhetim na imprensa da cidade de Oeiras, primeira capital do Piauí. De modo mais específico, encontramos dois exemplares do romance-folhetim intitulado *Fiama* no jornal *O Escholastico*<sup>285286</sup>. O que nos chama atenção sobre a referida produção diz respeito à disposição dela no jornal. Convencionalmente, o espaço se territorializava no rodapé do jornal, nas primeiras páginas, configurando uma espécie de padrão com o qual que ele se popularizou. Contudo, essa regularidade parece não se aplicar ao citado romance-folhetim, uma vez que ele aparece disposto de modo vertical e entre a terceira e quarta página.

---

<sup>283</sup>Jornal Publicado Semanalmente publicado pela Tipografia Independente, impresso Por Cândido Gaxa Peçanha Jr e redação de Lívio Lopes Castelo Branco. De acordo com Pinheiro (1997), o periódico circulou apenas no ano de 1857.

<sup>284</sup> FOLHETIM. O Assobio. *O Conciliador Piauiense*. Teresina, n.18, 21 set.1853. ano 01, p.01

<sup>285</sup> No corpo jornal, havia algumas informações, como a indicação de que a publicação se dava três vezes no mês, e o fato de reivindicarem que o jornal se configurava como um instrumento “crítico, moral e instrutivo”. Segundo Celso Pinheiro (1997), o jornal era produzido pela Tipografia Provincial, tendo circulado entre os anos de 1849-1850.

<sup>286</sup> FOLHETIM. *Fiama. O Escholástico*. Oeiras. 06 de abril de 1850. n 14, p. 03.

Figura 6-Folhetim *Fiama*, O escolástico.



Fonte: FOLHETIM. *Fiama*. O Escolástico. Oeiras. 06 de abril de 1850.n 14. p.03.Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil

O folhetim *O Assobio*<sup>287</sup> também apresenta a peculiaridade do ponto de vista da extensão. A crônica ocupa todas as páginas do rodapé do jornal. Geralmente, as crônicas folhetinescas ocupavam as duas primeiras páginas dos jornais, assim como o próprio romance-folhetim, que geralmente se apresentava também dessa maneira. Tais singularidades reafirmam a marca dinâmica da rubrica, ao percebermos os múltiplos usos e significados que seus atores faziam, baseados em seus interesses, bem aos moldes do que Chartier discute quando conceitua a ideia de apropriação<sup>288</sup>.

Refletir sobre as produções folhetinescas na imprensa teresinense durante o recorte proposto, de 1871 a 1903, é também discutir as condições sociais nas quais elas estavam inseridas. Para mostrar a relevância do folhetim, é necessário percebê-lo como uma construção social carregada de uma complexidade que ultrapassa o próprio suporte. Uma das formas de possibilitar essa discussão perpassa pelas dificuldades na produção de obras na capital piauiense do período. Queiroz<sup>289</sup> aponta dois caminhos para o seu fabrico: primeiro, ou se produzia nas tímidas tipografias dos jornais da cidade ou se contaria com as editoras de outras províncias

<sup>287</sup> IDEM, 275.

<sup>288</sup> O autor entende apropriação como os “compartilhamentos de práticas entre diferentes grupos sociais – sem que por isso seus usos sejam idênticos”. CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004, p.12.

<sup>289</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

para a publicação dessas produções. Inclusive, essa era uma prática recorrente no século XIX. Barbosa, ao tratar sobre os intermediários da leitura na Paraíba Oitocentista, afirma “em certo sentido, esse tipógrafos tinham o compromisso com a “ilustração” dos leitores, tanto que era raro era o jornal paraibano que não se dedicava também às variedades, à literatura e ao conhecimento, o que incluía a impressão e venda de livros didáticos e a publicação de livros de literatura local”<sup>290</sup>. Inclusive, Queiroz<sup>291</sup> ressalta que “a má qualidade material nas edições feitas no Piauí desanimava os poucos felizardos que conseguiam recursos para publicação de suas obras e era considerada um fator negativo na difusão do livro”<sup>292</sup>. O segundo trajeto representava um caminho mais oneroso. A produção de obras em editoras de outras províncias representava uma possibilidade de tornar o desejo de publicação de livros de autoria piauiense uma realidade, sobretudo se fosse de alguma editora do Rio de Janeiro, o que representava certo prestígio a quem conseguisse tal feito.

No que tange à circulação e venda de obras, destacamos a importância do jornal como vitrine nos anúncios dos jornais da imprensa periódica teresinense. É prática recorrente a divulgação de vendas de livros de múltiplos segmentos, sejam eles jurídicos, religiosos ou literários. No periódico *Semanário*<sup>293</sup>, de 1883, é possível captar essa prática:

#### Livros

O Leão previne ao respeitável público que no seu estabelecimento terá o seguinte:

*Metade Facidismi*, Catecismo, 4º, 2º, 3º. Livros de leitura [...] *Compêndios da Gramática* por P. Nunes Leal, *Gramática Geral* por Sotero dos Reis, *Os Lusíadas* de Camões e *Fastos da Igreja*, também tem o *Livro dos Vereadores*, por F. Freitas, contendo a lei 1º de outubro de 1828, a lei n. 3029 de 9 de janeiro de 1881 e o Regim. n. 8213 de 13 de agosto de mesmo ano.<sup>294</sup>

Rocha<sup>295</sup>, ao problematizar a atuação de Miguel Borges<sup>296</sup>, evidencia que o espaço em que se comercializavam livros não constituía um lugar exclusivamente para tal, concorrendo “uma grande variedade de produtos”, fato atestado por Morel, ao analisar a imprensa periódica

<sup>290</sup> BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Os intermediários da leitura na Paraíba do Oitocentos: Livreiros e Tipógrafos. In: ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (Orgs.). *Impressos no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

<sup>291</sup> QUEIROZ, 2011.

<sup>292</sup> QUEIROZ, 2011, p.170.

<sup>293</sup> Jornal de Notícias produzido na Tipografia de David Caldas e impresso por Domingos da Silva Leite. Circulou entre os anos de 1875 e 1885. Segundo Pinheiro (1997), em 1882 o jornal passou a ter Higinio Cunha como colaborador.

<sup>294</sup> LIVROS. *O Semanário*, Teresina, ano 8, n. 308, 16 jan. 1883.

<sup>295</sup> ROCHA, Amanda. *Miguel Borges: A atuação de um homem de letras no Piauí*. (Dissertação-Mestrado). UFPI. Teresina: 2015.

<sup>296</sup> Conhecido por desenvolver múltiplos papéis sociais, jornalista, político, historiador e educador, Miguel Borges reflete a trajetória percorrida pelos intelectuais na tentativa de contribuir para a instauração de um processo modernizador na cidade de Teresina, a partir de seus lugares sociais.

do século XIX e afirmar que tanto as tipografias como as livrarias compunham um comércio em um sentido amplo, no qual se vendiam produtos como roupas, louças, bijuterias, perfumes, papelaria, mármore e remédios<sup>297</sup>.

Diante de todas as dificuldades retratadas acima, no que diz respeito à produção, venda e circulação de livros, evidenciamos a importância dos periódicos para a construção e disseminação da literatura. Inclusive, tais formas de publicação constituíam uma estratégia de tornar os artefatos literários uma “vitrine nos jornais”. O presente aspecto pode ser visualizado por Schwartz, ao justificar a produção folhetinesca de Lima Barreto:

Já a possibilidade de lançar um livro sem fazer parte desse círculo seletivo era toda restrita, uma vez que as poucas editoras que havia se concentravam usualmente em torno de nomes consagrados. Logo, a maneira mais fácil de apresentar uma obra e ganhar evidência era por meio dos jornais, que publicavam romances em capítulos e na forma de folhetins<sup>298</sup>.

A justificativa de Schwartz pode ser amplamente utilizada como ideia-chave para esmiuçarmos a produção folhetinesca nos periódicos teresinenses, do recorte temporal proposto, uma vez que uma saída para contornar tal empecilho estaria na publicação dos impressos periódicos, sendo os folhetins um espaço de visibilidade e um lugar de poder. Mas o que o levantamento documental acerca dos folhetins nos periódicos teresinenses nos revelou? No próximo tópico, escavaremos esses monturos documentais com o intuito de perceber como essa produção folhetinesca se caracterizava, ao tempo em que ajudava a dar distintas formas ao suporte.

## **2.2 Caras Leitoras? Entre o Romance e as práticas de leituras**

No tópico anterior, tivemos a oportunidade de discutir a emergência e os desdobramentos das produções folhetinescas na França e no Brasil, além de termos feito uma pequena introdução sobre as dinâmicas folhetinescas na imprensa periódica piauiense, realçando as produções nos periódicos de Teresina, o objeto de estudo da presente produção. A partir delas, pudemos perceber que o caráter miscelânico, utilizando o termo empregado por

---

<sup>297</sup> MOREL, Marco. Os Primeiros Passos da Palavra Impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 38.

<sup>298</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *Lima Barreto: Triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 189.

Nadaf<sup>299</sup>, atravessava tais produções, evidenciando ser o espaço tipográfico o lugar no qual convergiam a publicação de vários gêneros. Esse fato também é destacado por Queffélec<sup>300</sup>, ao significar como rubrica essas produções, que geralmente encontraram no “térreo do jornal” o *locus* de florescimento.

Ainda que o caráter múltiplo das produções folhetinescas encontre espaço de discussão entre as pesquisas sobre o folhetim, o gênero romance desponta como representação majoritária, tornando-se por muito tempo sinônimo do suporte. É como se a fórmula tivesse nascido por meio do gênero, afirmação que requer cautela. Entretanto, não podemos escapar da constatação de que, em grande medida, o suporte se tornou um fenômeno graças à publicação dos romances nessa parte específica do jornal. Meyer<sup>301</sup> afirma que no início da década de 1840 “a receita está no ponto e é o filé mignon do jornal, grande isca para atrair e segurar os indispensáveis assinantes”, fazendo uma clara referência à consolidação do romance nos folhetins, que passou a ser denominado romance-folhetim, e que trouxe para o espaço tipográfico uma série de novas dinâmicas, como a publicação de uma ficção seriada e a formação de novas práticas de leitura e de uma nova relação entre autor e leitor.

Nos periódicos teresinenses, publicações como *Três Botões de Rosa*<sup>302</sup>, do jornal, *A Bela Condessa*, *Vintes Horas de Liteira*<sup>303</sup>, *Romance Instantâneo*<sup>304</sup>, *O fanatismo*<sup>305</sup>, *Noivas pelo Coração*<sup>306</sup> são exemplos de como o gênero romance-folhetim ocupava espaço entre as produções folhetinescas nos jornais da capital da província piauiense. Entre as notícias e anúncios em que o termo folhetim figura, encontramos na última página do periódico *A Pátria*<sup>307</sup> uma pequena nota anunciando a publicação do romance-folhetim *Vinte Horas de Liteira*, de Camilo Castelo Branco:

FOLHETIM - Em outra parte desta folha principiamos hoje a publicar para o recreio das nossas amáveis leitoras uma linda coleção de conto de Camilo Castelo Branco – intitulado *Vinte horas de liteira*. Reconhecido o direito que têm elas a algumas colunas desta folha, apressamos em hoje a satisfazê-la, pedindo humildemente desculpa de não tê-lo feito há mais tempo<sup>308</sup>.

<sup>299</sup> NADAF, Yasmim Jamil. *Rodapé das Miscelâneas: folhetins nos jornais mato-grossenses: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2002.

<sup>300</sup> DUMASY-QUEFFÉLÈC, L. Le Feuilleton. In: KALIFA.D.; RÉGNIER, P.; THÉRENTY, M. VAILLANT, A. (Orgs.). *La Civilisation du journal: une histoire de la presse française au XIX siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011, p.925-936.

<sup>301</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 59.

<sup>302</sup> J.F. Três Botões de Rosa. *O Abolicionista*. Teresina. 1884. n. 2/ 3/4/5/6/7. p. 01.

<sup>303</sup> MOREAL, Charles. *A Bela Condessa. A Phalange*. Teresina. 1889. n. 31 a 64, p. 01.

<sup>304</sup> Romance Instantâneo (Transcrito do *Gazeta da Tarde*). *O Telephone*. Teresina. 1882. n. 3. p. 01.

<sup>305</sup> FOLHETIM. O Fanatismo. *O Artista*. Teresina, 01, jun, 1902, ano 01, n 15, p. 03.

<sup>306</sup> RUBIM, Benjamim. Adeus à minha noiva. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 32? p. 01.

<sup>307</sup> Periódico de propriedade de Agésilau Pereira da Silva. Circulou entre os anos de 1870 e 1872.

<sup>308</sup> FOLHETIM. *A Pátria*, Teresina, n. 4, 11 fev. 1871. p.04.

A nota em questão nos ajuda a vislumbrar o direcionamento do consumo do referido folhetim ao público feminino, evidenciado quando o autor afirma “para o recreio das nossas amáveis leitoras”. Sua importância reside no fato de percebermos como, a partir do anúncio, é possível captar uma das representações acerca dos folhetins. Charaudeau reforça que essa chave de leitura estabelece uma relação entre significação, realidade e imagem<sup>309</sup>. Por sua vez, Chartier<sup>310</sup> ressalta que as representações auxiliam num processo da construção de uma visão de mundo. Esse último aspecto se edifica nas engrenagens discursivas, resultando na construção de imagens que reivindicam uma legitimidade. Ao nos determos no trecho, alguns enunciados nos direcionam para pelo menos dois problemas que evidenciaremos nesse texto: primeiro, o quanto as produções folhetinescas poderiam ser, de fato, algo eminentemente direcionado a um grupo específico, nesse caso, o público feminino. Segundo, quando o texto aponta a função da leitura, voltada ao recreio, ou seja, para fins de entretenimento, nos faz refletir sobre as funções que a rubrica possa apresentar.

Quanto ao primeiro aspecto, é necessário afirmar que a referida construção parece ter sofrido um processo de naturalização, procedimento semelhante ao ocorrido com o romance-folhetim, que virou sinônimo do suporte. Ao problematizar sobre o perfil de um possível leitor, esse que, nas palavras da autora, muitas vezes se apresenta de maneira abstrata, Meyer localiza, dentre essas possíveis representações, a relação entre a figura feminina e as práticas de leitura<sup>311</sup>. A pesquisadora apresenta como caminho para pensar esse vínculo o próprio gênero romanesco. Segundo a autora, “a mulher, ‘gentil leitora’ é o destinatário natural do romance”<sup>312</sup>. Um dos caminhos apontados para compreender a presente questão estaria na utilização das iconografias, bastante utilizadas como fontes para perceber tais imagens. Danrton<sup>313</sup>, ao problematizar a importância de se analisar os locais de leitura, mostra o quanto as pinturas podem fornecer subsídios para se pensar sobre os ambientes da referida prática. Chartier<sup>314</sup> também demonstra a importância das pinturas como possibilidade de representação das práticas de leitura. Em grande medida, nessas pinturas, a figura feminina foi bastante utilizada como uma maneira de

<sup>309</sup> CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2020, p. 431.

<sup>310</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

<sup>311</sup> MEYER. 1996. p. 379.

<sup>312</sup> MEYER. 1996. p.379.

<sup>313</sup> DARTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p.203-242.

<sup>314</sup> \_\_\_\_\_. Do livro à leitura. CHARTIER, Roger. PAIRE, Alain. (Orgs.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p.77-105.

evidenciar o ato de ler, o que possivelmente tenha auxiliado no processo de construção de um imaginário que ajudava a reforçar a presente questão.

A historicidade do romance também pode apresentar um caminho para iluminar essa relação entre as mulheres e as práticas de leitura. Hobsbawm<sup>315</sup>, ao analisar as produções artísticas ao longo do século XIX, afirma que “a literatura floresceu (...) por meio do romance”<sup>316</sup> e, de fato, podemos considerar que se não ocorreu a emergência do gênero no período, foi através dele que sua visibilidade e expansão se tornaram evidentes. Marthe Robert afirma que “o romance não tem regras ou freios”<sup>317</sup>, aspecto que se aproxima da concepção de Lima<sup>318</sup>, uma vez que ele identifica na literatura esse elemento plástico, impreciso. Ainda sobre a discussão entre a relação História e Literatura, o autor afirma que “o privilégio que alcança é o de uma matéria-prima antes não privilegiada: a matéria da vida individual”<sup>319</sup>. O excerto, para além de problematizar a relação entre real e ficcional, demonstra o quanto esses dois elementos estão amparados por uma tenuidade. Mas o que chama atenção na afirmação do autor diz respeito ao fato de abrir possibilidade para refletir o quanto o romance moderno, constituído no século XIX, é reflexo dos anseios de uma sociedade burguesa que se constituiu no período em questão.

Retornando à problemática proposta por Meyer sobre a relação entre as práticas de leitura, o romance e as mulheres, e utilizando as proposições de Robert<sup>320</sup> e Lima<sup>321</sup>, significando o romance como um espaço atravessado pela plasticidade, é necessário ressaltar que o gênero em questão possuía suas próprias representações e uma delas poderia ser significada como algo eminentemente feminino, conforme é possível apreender do anúncio de publicação da série de Camilo Castelo Branco, no jornal *A Pátria*<sup>322</sup>, como também poderia ser significada como um lugar de perigo, subversão. O artigo intitulado *A Educação da Mulher*<sup>323</sup>, disposto na seção intitulada *Transcrição*, cuja autoria é atribuída a Dias da Silva Júnior, objetiva fazer uma reflexão sobre o papel feminino. Segundo o autor, “se é filha de pessoas ricas, o grande lustro da educação está em saber algumas línguas estrangeiras, um pouco de bordados e crochês,

---

<sup>315</sup> HOBBSAWM.2019.

<sup>316</sup> HOBBSAWM.2019. p. 420.

<sup>317</sup> ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac Nayf, 2007, p.14.

<sup>318</sup> LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>319</sup> LIMA, 2006, p. 325.

<sup>320</sup> ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac Nayf, 2007.

<sup>321</sup> LIMA. 2006.

<sup>322</sup> IDEM 297.

<sup>323</sup> A Educação da mulher. *A Imprensa*. 25 de maio de 1884. num.822, ano XIX, p. 03.

vestir-se com fazenda de alto preço, joias de valor e **ler romances**<sup>324</sup>. O excerto apenas reforça o quanto a constituição dessa relação reverberou, transmutando-se em práticas sociais.

O romance *A Senhora*<sup>325</sup>, publicado em 1875, nos fornece uma representação de como a relação entre a leitura de histórias ficcionais do gênero entre as mulheres é reforçado. Em dado momento da trama, Firmina, se põe a ler romances-folhetins no cômodo da sala: “A viúva sentara-se à mesa do centro para devorar os folhetins dos jornais, e teve discrição de voltar as costas para o sofá onde se tinham acomodado os noivos”<sup>326</sup>. Em outra parte, o diálogo estabelecido entre Aurélia e Seixas, protagonistas do romance, realça essa relação, fortalecendo a premissa de mulheres leitoras de romances-folhetim. Ao indagar sobre o que teria de interessante no jornal, Aurélia recebe de Seixas a assertiva de que a parte que mais lhe interessaria “naturalmente seria a parte noticiosa e o folhetim”<sup>327</sup>.

Zilberman e Lajolo<sup>328</sup> afirmam que tais representações ou “alusões a práticas de leituras” eram frequentes no romance romântico<sup>329</sup>. O surgimento da figura da leitora é impulsionado pelo desenvolvimento da imprensa e pelo sistema educacional. Os dois elementos suscitariam na literatura mudanças sensíveis, no sentido de que o público feminino passou a ser favorecido:

A literatura, já beneficiada com as modificações impostas ao sistema educacional, sofre alterações também em virtude da emergência simultânea do público feminino, representado pelo contingente de leitoras, obrigado a ficar em casa, pois era-lhe vedada a atividade pública. Aumenta com isso o número de obras em prosa, de consumo mais fácil que os textos em verso, sobretudo os de tendência épica, como eram expressões nobres na Renascença; aparecem gêneros originais, de trama prolongada e atraente como o romance e o folhetim; priorizam-se enredos romanescos e de aventuras, herdeiros do *roman courtois*, mas dissociados da religião; enfatiza-se a apreensão do comportamento a partir de um ângulo interno, gerando a narrativa psicológica; e valoriza-se a personagem feminina como protagonista de grandes amores.<sup>330</sup>

Tais ganchos psicológicos, retratados no trecho acima, configuram-se como uma estratégia dos jornais em ampliar cada vez mais o público leitor. Marialva Barbosa afirma que “o jornal é, para ela, a possibilidade de se inserir num mundo distante, de recuperar um tempo passado que se torna presente na identificação de personagens conhecidos nas descrições ou

---

<sup>324</sup> IDEM 313. (grifos nossos)

<sup>325</sup> ALENCAR, José. *Senhora*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. Versão E-book.

<sup>326</sup> ALENCAR, 2019, s/p.

<sup>327</sup> ALENCAR, 2019, s/p.

<sup>328</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2019

<sup>329</sup> LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p.318.

<sup>330</sup> LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p.319.

nas indicações fornecidas pelo periódico”<sup>331</sup>. Nesse sentido, tanto os folhetins quanto as notícias sociais eram, segundo a autora, espaços de usos femininos nos jornais, bem como as colunas de moda e concurso feminino<sup>332</sup>. Contudo, é preciso destacar o alto índice de analfabetismo que assolava o Brasil em fins do século XIX. Mesmo assim, considera-se que se nem sempre o texto possa ser lido ao menos podia ser ouvido<sup>333</sup>, o que reforça as práticas de leitura coletiva.

Por outro lado, o periódico *O Semanário*<sup>334</sup>, de 1884, publica uma notícia um tanto curiosa no que diz respeito à aprovação da proibição da leitura de romances em Nova York, Estados Unidos. Na nota, afirma-se que “todo aquele que der romances a um rapaz de dezesseis anos para baixo, sem permissão dos seus pais ou tutores será posto em cadeia e multa, a qual pode atingir a quantia de 40:000”<sup>335</sup>. Aqui, o gênero pode ser significado como um instrumento perigoso que demandava controle. Outro ponto a ser destacado diz respeito ao fato de que a proibição do consumo dos romances recaía somente ao público masculino, o que possivelmente encontra justificativa na própria concepção de masculinidade, que provavelmente se constituía em oposição do ser feminino.

Ao perceber que o jornal se configura como um espaço de poder, é possível afirmar que a intencionalidade na publicação da nota não possuía apenas a pretensão de demonstrar que o jornal estava conectado ao que acontecia ao redor do mundo, como também é perceptível que havia uma intenção implícita de reivindicar o controle sobre os leitores. Aqui cabe uma aproximação entre as noções de estratégia e poder disciplinar, construídas por Certeau<sup>336</sup> e Foucault<sup>337</sup>, como Brochetti<sup>338</sup> aponta. Para o autor, há uma correlação entre os dois teóricos, no sentido de perceber o desafio de se problematizar a constituição dos sujeitos que, em grande medida, perpassa pelas estratégias em que se constitui o poder disciplinar. Assim, o jornal deve ser entendido como instrumento de operacionalização e forja desse controle ou ao menos uma reivindicação de controle sobre a realidade. Sobre esse aspecto, Charaudeau destaca que as mídias, apesar de pleitearem esse lugar de construção e legitimidade, apresentam-se apenas como mais um dos muitos campos nessa tarefa de significação do real<sup>339</sup>.

<sup>331</sup> BARBOSA, 2010, p.208.

<sup>332</sup> BARBOSA, 2010, p.209.

<sup>333</sup> BARBOSA, 2010, p.211.

<sup>334</sup> Jornal noticioso, produzido na Tipografia de Davi Caldas, de propriedade do cônego Tomás de Moraes. Em 1882, passou para a direção de Antônio Raimundo Barbosa, com colaboração de Hígino Cunha. Circulou entre os anos de 1875 e 1885.

<sup>335</sup> *O Semanário*, 1884, num 339, p.03.

<sup>336</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. v.1.

<sup>337</sup> FOUCAULT, Michel de. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis, RJ. 2014.

<sup>338</sup> BROCCETTI, André. Entre golpes e dispositivos: Foucault, Certeau e a constituição dos sujeitos. *História da Historiografia*. n. 18. agosto. 2015.p.43-56. Ouro Preto- MG: Universidade Federal de Ouro Preto

<sup>339</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2013.

Nesse exercício, entram jogos de interesses e disputas de poder, o que nos leva a perceber que esse controle não pode ser visto como algo homogêneo. Esse aspecto pode ser ilustrado por meio de uma nota publicada no periódico *A Imprensa*<sup>340</sup>, que justificava a interrupção da publicação do folhetim que residia no rodapé do jornal.

#### FOLHETIM

Por ter sido retirado pelo autor, deixamos de inserir o folhetim de que tratamos na nossa edição anterior. Não esperando isso, havíamos renunciado ao propósito de protestar as perniciosas doutrinas que com resenhas de realismo foram publicadas no rodapé do penúltimo número do *Telefone*. Uma vez, porém, que escapamos o trabalho feito pelos nossos folhetinistas, cujas ideias idênticas as nossas, viemos protestar e protestar com energia contra o desastrado escritor que, santificando ao adultério, lançou no seio da nossa sociedade o gérmen da imoralidade abalando por essa forma a nossa constituição doméstica. Nem mesmo C.L deu-nos uma página áspera e viva de Zola, saturado de sensacionalismo e ausente de exemplos e sentimentos próprios. A sensação que causou o seu folhetim foi desoladora e grande a indignação com que foi recebido. Tanta lista para mobilizar os piauienses.<sup>341</sup>

Para além de o trecho possibilitar a visualização das polêmicas e do estilo de escrita, voltado pra uma construção denunciativa, é possível vislumbrar que o controle é mais complexo do que podemos supor, uma vez que ele escapa às intencionalidades, e esse aspecto pode ser evidenciado de duas maneiras. Primeiro, pela motivação que explica a retirada do folhetim do qual o anúncio trata, atribuída essa supressão pelo próprio autor do folhetim. Por certo, se não há a mão do autor, parafraseando Chartier<sup>342</sup>, o controle exercido pelos editores não pode ser exercido, tendo em vista que a produção dos impressos deve ser entendida como “um processo de múltiplas operações que supõem uma ampla variedade de decisões, técnicas e habilidades”<sup>343</sup>. Isso nos leva a entender a importância dos agentes, autores, editores, tipografias e jornais, no desenvolvimento e circulação do impresso.

Mas a nota não teria apenas a finalidade de anunciar a interrupção do folhetim. Ela também revela as tentativas de controle sobre o que seria lido, e esse seria o segundo ponto a ser analisado, revelado a partir do trecho: “viemos protestar e protestar com energia contra o desastroso escritor que, santificando o adultério, lançou no seio da nossa sociedade o gérmen da imoralidade abalando por essa forma a nossa constituição doméstica”<sup>344</sup>. Podemos interpretar

<sup>340</sup> FOLHETIM. *A Imprensa*, Teresina, n. 859, 1889, p. 04.

<sup>341</sup> FOLHETIM. *A Imprensa*, Teresina, n. 859, 1889, p. 04.

<sup>342</sup> CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

<sup>343</sup> CHARTIER, 2014. p. 38.

<sup>344</sup> FOLHETIM. *A Imprensa*, Teresina, n. 859, 1889, p. 04..

o termo “constituição doméstica” como um elemento referencial a mulher. Chartier<sup>345</sup> atesta que havia um controle sobre a leitura feita pelas mulheres “que justificava a mediação necessária do clero, por temor das interpretações selvagens”<sup>346</sup>. Essa censura, ou tentativa de controle, também se daria por meio de outros agentes e instituições, como o jornal. Ainda sobre o trecho, é possível entrever que a intencionalidade em se criticar a publicação do folheto, considerada de temática sensível à sociedade da época, revela que nem sempre o controle é exercido eficazmente, uma vez que certos conteúdos considerados sensíveis poderiam ter visibilidade e alcance.

É plausível também refletir a construção da representação das leitoras por meio da série de transformações pelas quais passara o século XIX. Tais transformações não se deram somente do ponto de vista estrutural, a exemplo das ferrovias e do telégrafo, mas se estenderam também às relações familiares, que passaram a ganhar novas configurações, refletindo nas mudanças identitárias do ser homem ou mulher. Eric Hobsbawm aponta que a “nova função da esposa burguesa seria a de ostentar a capacidade do marido burguês de mantê-la em paz e conforto”<sup>347</sup>. É preciso ressaltar que essa dominação era acompanhada de um processo de letramento feminino, conforme evidenciado no artigo *A educação da mulher*, quando o autor elenca a função do gênero.

A transição de uma sociedade patriarcal para uma sociedade burguesa também se fez presente no Brasil. Ao problematizar o referido processo entre o final do século XIX e início do século XX, em Teresina, Castelo Branco destaca que “a mulher do início do século XX, em Teresina, encontrava-se dividida entre ocupar novos espaços, lutando pela sua emancipação ou aceitar sem grandes questionamentos o papel de mãe, esposa e filha que a sociedade tentava lhe impor”<sup>348</sup>. É preciso lembrar que o final do século XIX foi marcado pelas reconfigurações dos espaços público e privado. Essas redefinições ajudaram a demarcar as funções sociais que também emergiam naquele momento.

Nessa nova dinâmica, caberia à mulher ocupar o espaço doméstico, assumindo os papéis de mãe, esposa e boa filha, enquanto que o espaço público, político e o papel de provedor era significado como um local essencialmente masculino. Rocha observa que no período é possível perceber a inserção das mulheres no espaço da escrita, que se deve à extensão da instrução dada

---

<sup>345</sup> CHARTIER, Roger. LEBRUN, Jean. *A aventura do livro: do livro ao navegador- conversações com Jean Lebrun / Roger Chartier*. 1ª reimpressão. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

<sup>346</sup> CHARTIER, 1998, p.109.

<sup>347</sup> HOBBSAWM, 2019, p. 360.

<sup>348</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais: a condição feminina na primeira república*. Teresina: Bagaço, 2005, p. 126.

a elas, o que sugere que elas passavam a adquirir certa liberdade, mesmo que restrita, em que era possível o desenvolvimento de práticas antes não permitidas. Como consequência desse processo instrutivo, Rocha evidencia o ingresso das mulheres “como ouvintes das conferências literárias, leitoras e colaboradoras na organização de eventos literários e de publicações”<sup>349</sup>. Tal processo também resultou na emergência de jornais destinados a esse público, como o periódico *Borboleta*<sup>350</sup>.

Mas, se caberia à mulher o espaço privado, mesmo possuindo uma relativa liberdade, ainda que restrita e vigiada, qual a função da instrução feminina? Uma possível resposta para essa questão estaria nas leituras de seus contemporâneos sobre a referida questão. No folhetim *Luciano Irerê*, de Higinio Cunha<sup>351</sup>, publicado no periódico *O Semanário*<sup>352</sup>, há a defesa da instrução feminina em Parnaíba, cidade localizada no litoral piauiense. Em determinado momento do folhetim, o autor expressa seu posicionamento ao afirmar que “quero a mulher instruída, a mulher no caso de compreender o seu sublime papel na família, na pátria, na humanidade”<sup>353</sup>. A partir do trecho em questão, é possível perceber que a instrução serviria ao propósito de reforçar o papel da mulher na família. A inserção das mulheres no mercado de trabalho deveria ser uma extensão das funções exercidas no núcleo familiar, como o magistério. Castelo Branco retrata que essa função, por sua vez, era percebida como um sacerdócio, pois as mulheres teriam maior ligação com as crianças, sendo a arte de educar nessa etapa de ensino uma extensão da maternidade.

Ainda sobre a relação entre as práticas de leitura e o público feminino, cabe ressaltar a concepção de Magalhães<sup>354</sup>. A autora afirma que “constitui exemplo desses estímulos para incrementar a prática de leituras entre o público feminino a vinculação dos romances em capítulos, os famosos romances-folhetins”<sup>355</sup>. O que nos chama atenção no excerto diz respeito à percepção de como o consumo de romances-folhetins é significado como um incentivo às práticas de leitura que, por sua vez, devem ser percebidas dentro de um processo social mais amplo, como o advento da sociedade burguesa e suas reconfigurações que se fizeram presentes

<sup>349</sup>ROCHA, Olívia Candeia Lima. *Mulheres, Escrita e Feminismo no Piauí (1875 -1950)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves. 2011, p. 40.

<sup>350</sup> Jornal de viés literário, sendo, segundo Pinheiro (1997), o primeiro com redação exclusivamente feminina.

<sup>351</sup> Foi poeta, político, orador, professor, jornalista, e um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras, em 1917.

<sup>352</sup> Segundo Pinheiro (1997), o periódico é considerado um Jornal de Notícias, impresso pela tipografia de Davi Caldas, cujo proprietário era Tomás de Moraes, e a redação pertenceu a A.J. do Amaral Sobreira. Em 1882, passou a ser dirigido por Antônio Raimundo e contou com a colaboração de Higinio Cunha.

<sup>353</sup>CUNHA, Higinio. Luciano Irerê. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 283, p.01.

<sup>354</sup>MAGALHÕES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: Horizontes de leitura & Crítica Literária*. Teresina: EDUFPI. Academia Piauiense de Letras, 2016.

<sup>355</sup> MAGALHÃES, 2016, p. 56.

nas relações sociais, que ora estamos problematizando. Um ponto que se deve levar em consideração, e que o artigo *A Educação da mulher* muito bem evidencia, estaria no fato de vislumbrar que, em grande medida, tais modificações recaíam sobre as mulheres de elite. Isso porque caberia à parcela pobre desse grupo o oposto, a busca por prover a si e seus familiares e, em decorrência disso, a busca por ocupar espaços como operárias industriais, popularmente conhecidas como *Pipiras*, ou como criadas. Isso nos remete diretamente à reflexão de Hobsbawm<sup>356</sup>, quando afirma que a família não poderia ser vista apenas como uma unidade social básica, mas, também, como um sistema de propriedade onde o sistema de dominação apresentava como elemento preponderante.

Ainda sobre a nota referente à publicação do folhetim *Vinte dias de Liteira*, de Camilo Castelo Branco, no jornal *A Pátria*, temos uma questão suscitada pela notícia acerca da função dos folhetins, sendo esse é o segundo ponto a ser problematizado. O trecho em tese nos direciona à ideia do consumo do folhetim como um instrumento que visava o entretenimento, o lazer. A premissa construída por Roger Chartier<sup>357</sup>, ao nos alertar para o cuidado em se perceber os discursos para além do que eles demonstram, nos faz perceber que analisar a produção folhetinesca apenas por esse direcionamento, ou seja significando o suporte como algo essencialmente feminino, cuja função estaria ligada ao “recreio” é insuficiente. Isso porque a referida problematização não daria conta de explicar os diferentes usos e significados encontrados através do levantamento documental, tão menos de dar conta de evidenciar os perfis de leituras.

### **2.3 Entre ligeirezas e saliências fisionômicas: o encontro da crônica e de outros gêneros no rodapé do jornal**

“Um Folhetim é uma coisa ligeira, vaporosa, saltitante”.<sup>358</sup>  
 “O Folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta última afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação”.<sup>359</sup>

Os referidos trechos acima apresentam uma amostra de como os folhetins poderiam ser significados. O primeiro foi extraído do folhetim *Notas a êsmo*, do periódico *A Reforma*<sup>360</sup>.

<sup>356</sup> HOBBSAWM, 2019.

<sup>357</sup> HOBBSAWM, 2019.

<sup>358</sup> SINCLAIR, Raul de. Nota o êsmo. *A Reforma*. Teresina, 21. Out.1887, p. 02.

<sup>359</sup> ASSIS, Machado de; GLEDSON, Jhon (Orgs.). *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Peguin Clássicos, Companhia das letras, 2013.

<sup>360</sup> Periódico surgido em 1865 e encerrado em 1889. De caráter político, uma vez que reivindicava ser órgão do Partido Liberal. Entre proprietários e redatores, destacam-se Deolindo Mendes da Silva Moura, Davi Caldas,

Dadas as condições de conservação em que ele se encontra, marcado pelo elevado grau de deterioração, algumas questões, como autoria, por exemplo, não puderam ser reveladas. Ginzburg sinaliza à possibilidade de perceber como o conhecimento histórico pode ser indireto, circunscrito por meio de indícios e conjecturas que permitem a análise do que não é visível de modo aparente<sup>361</sup>. Nesse sentido, ao analisar os trechos que foram possíveis, poderíamos arriscar a afirmar que o título em questão se trata de uma crônica folhetinesca.

O primeiro parágrafo do texto<sup>362</sup> revela seu objetivo: tratar do regresso de uma figura denominada Dr. Licínio à cidade de Campo Maior, localizada no norte do Piauí e situada a 85 quilômetros da capital Teresina. Utilizar o espaço folhetinesco para narrar fatos relacionados ao cotidiano era algo bastante recorrente na imprensa periódica brasileira. Caparelli aponta que “tanto no Brasil como na França, o folhetinista aproveita a matéria jornalística para construir seu folhetim”<sup>363</sup>. De fato, o cotidiano apresenta-se como matéria-prima que se estende à rubrica, dando realces literários para os mais diversos fatos e camadas de realidades que passavam a ser construídos por intermédio dos jornais e dos folhetins.

Mais à frente, na trama construída em *Notas a êsmo*<sup>364</sup>, o autor nos presenteia com sua concepção de folhetim, “(...) uma cousa ligeira e vaporosa, saltitante, que atraia a curiosidade e o faça girar a gente muito boa”<sup>365</sup>. O excerto evidencia um aspecto que foi marca da rubrica no seu processo de constituição, sua plasticidade. Esse também é um elemento presente nas considerações de Machado de Assis sobre o suporte, em *O Folhetinista*, publicado em *O Espelho*, que, segundo Gledson<sup>366</sup>, era um periódico semanal com publicações folhetinescas aos domingos. Por meio do título, o literato se destina a tecer uma série de considerações sobre a construção do folhetinista, que, segundo ele, seria a “fusão admirável entre o útil e o fútil, o parto curioso do sério, consorciado com o frívolo”<sup>367</sup>. Para além de refletir sobre essa “improvável” mistura de elementos aparentemente antagônicos, o autor de *Dom Casmurro*

---

Manoel Idelfonso de Sousa Lima, Jesuíno José de Freitas, Miguel de Sousa Borges Castelo Branco, Clodoaldo Freitas e Hígino Cunha.

<sup>361</sup> GINZBURG, Carlo. *Moto, emblemas e sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>362</sup> Eu estava colérico, encalistrado mesmo, sem saber por onde começar esse folhetim, quando lembrei-me que o (?) havia feito a sua entrada triumphal, de volta de Campo-maior, debaixo do foguetório e vivas da meninas da luzida e (?) : que Dr. Licinio desembarcara, na manhã de 13, a paz e salvamento, e à tarde a banda policial, uns dizem que a mandado do Zuza, outros que por encomenda do Nahor, executava com todos os (?) – do estylo a primorosa walsa offerecida ao beijo da thesouraria da fazenda.

<sup>363</sup> CAPARELLI, André. O Folhetim e a Crônica na França e no Brasil: Produção e Recepção Midiática em Meados do Século XIX. In: ANDRIES, Lise; GRANJA, Lúcia. (Orgs.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil/ França, Século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015, p.126.

<sup>364</sup> SINCLAIR, Raul de. Nota a êsmo. *A Reforma*. Teresina. 21 Out. 1887, p. 02.

<sup>365</sup> SINCLAIR, Raul de. Nota o êsmo. *A Imprensa*. Teresina. 21 Out. 1887, p. 02.

<sup>366</sup> ASSIS, Machado de; GLEDSON, Jhon (Orgs.). *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Penguin Clássicos, Companhia das Letras, 2013.

<sup>367</sup> ASSIS, 2013, p. 44.

declara que a emergência do folhetim se deu com o jornal e a do folhetinista com o jornalista. O mais interessante dessas impressões é percebermos como o autor significa o espaço do rodapé por meio de uma suposta indefinição ou, conforme é dito por Assis, é “pelas saliências fisionômicas” que o suporte se configurava.

Os dois folhetins analisados, constituídos e publicados em espaços distintos, um nas tipografias teresinenses e o outro produzido no Rio de Janeiro, aproximam-se bastante quando evidenciam o caráter múltiplo dos folhetins. Isso nos remete automaticamente ao prólogo de Meyer<sup>368</sup>, ao defini-lo como um fenômeno poliédrico, de infinitas formas. Seguindo o itinerário proposto pela discussão produzida no tópico anterior, ao evidenciar essa perspectiva de variedades que não se restringiam somente ao romance que o suporte carrega, é que vamos analisar a produção folhetinesca encontrada nos periódicos teresinenses entre 1871 a 1903. Para isso, serão úteis as proposituras de Meyer<sup>369</sup>, que concebe o suporte como um espaço do “vale tudo” - ainda que a autora direcione suas análises sobre os romances- folhetins – e o caráter miscelânico, proposto por Nadaf<sup>370</sup>, de grande valia para a presente produção não somente por discutir uma produção nacional, concentrando-se nos folhetins mato-grossenses, mas também por evidenciar o caráter de variedade do espaço da rubrica.

As discussões desenvolvidas pelos franceses sobre os folhetins corroboram com as análises anteriores. Queffélec<sup>371</sup> afirma que “é na fronteira da informação e o divertimento em que se situam toda uma série de textos que se desenvolvem sobre uma variedade maior da informação ao fictício: resenhas de livros de história, estudos históricos, memórias contemporâneas”<sup>372</sup>. De modo bastante claro, é possível perceber, através do fragmento, o quanto o folhetim poderia ser o espaço múltiplo. É como se tudo coubesse no suporte; de resenhas de livros às memórias, como a autora afirma. E essa perspectiva não seria uma leitura exclusiva dela. Outros autores franceses parecem conduzir suas leituras sobre os folhetins também por esse viés. Thérenty<sup>373</sup> evidencia que o folhetim “ao mesmo tempo um espaço da ‘convivência’ (grifos do autor), um espaço do ‘contrapoder’, uma espécie da ‘série’ e um espaço da ‘criação genérica’<sup>374</sup>. Caperalli, por sua vez, evidencia “que se deve mais ao seu suporte do

---

<sup>368</sup> MEYER, 1996, p. 411.

<sup>369</sup> MEYER, 1996.

<sup>370</sup> NADAF, 2002, p. 65.

<sup>371</sup> DUMASY-QUEFFELÈC, 2011, p. 32.

<sup>372</sup> C’est à la fronteira entre la fonction d’infomation et celle du divertissement que se situent toute une série de textes qui se déploient sur l’éventail le plus large de l’infomatif au fictif : competes rendus de livres d’histoire, étudew historiques, mémoires contemporains. DUMASY-QUEFFELÈC.2011. p.929.

<sup>373</sup> THÉRENTY, 2015.

<sup>374</sup> THÉRENTY, 2015, p. 59. (grifos do autor).

que à simples influência da literatura”<sup>375</sup>. Por certo, é necessário compreender as dinâmicas que atravessaram a construção do suporte e, com isso, evidenciar a possibilidade de entender o caráter disforme que os folhetins apresentam.

Thérenty concebe a noção de contrapoder, presente no espaço folhetinesco enquanto um lugar de resistência<sup>376</sup>. Nesse sentido, os folhetins podem ser analisados como um meio de escapar ao controle da censura sofrida pelos periódicos franceses. A utilização de uma linguagem literária, mesmo que nem sempre retratando uma ficção, auxiliava nesse processo de fuga. Isso nos remete diretamente à ideia de tática proposta por Certeau<sup>377</sup>, em que o conceito “tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ocasião”<sup>378</sup>, em outros termos, serve para subverter os espaços no sentido de dar um uso diverso ao que o poder institucional estabelece.

Aliás, do ponto de vista das leituras e problematizações construídas pelos especialistas franceses, é possível observar que seu o foco de análise sobre o objeto se concentra em entender o folhetim como espaço. Assim, o termo “rubrica” é muito recorrente entre esses pesquisadores, o que amplia nosso olhar sobre os folhetins. Compreender a chave de leitura espaço/rubrica/suporte possibilita a percepção sobre como os vários gêneros aportaram no jornal no século XIX. Inclusive, é preciso reafirmar que esse foi o itinerário traçado por Trizotti<sup>379</sup> no exercício de perceber a produção folhetinesca dos periódicos *Estado de São Paulo* e *O Comércio*<sup>380</sup>, conforme discutido no tópico anterior. Tal abordagem será de grande relevância para alcançar os objetivos da presente seção, uma vez que o levantamento documental referente à produção folhetinesca nos periódicos teresinenses também se direciona pelo viés de o folhetim ser uma vitrine que não se restringe somente ao romance, seu carro-chefe. Para além do gênero romanesco, foi possível encontrar outras tipologias, como as crônicas -tanto as de natureza política quanto as que versassem sobre o cotidiano da cidade -, as poesias, os monólogos teatrais. Há uma infinidade de escritos, estilos literários e intencionalidades que compõem a rubrica. Ir em busca deles se constitui como um dos objetivos da presente produção.

---

<sup>375</sup> CAPARELLI, André. O Folhetim e a Crônica na França e no Brasil: Produção e Recepção Midiática em Meados do Século XIX. In: ANDRIES, Lise; GRANJA, Lúcia. (Orgs.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil/ França, Século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015, p.118.

<sup>376</sup> THÉRENTY, 2015. p. 60.

<sup>377</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998. v.1.

<sup>378</sup> CERTEAU, 1998, p. 47.

<sup>379</sup> TRIZOTTI, 2015.

<sup>380</sup> IDEM 200; 201

Pensar nas dinâmicas que os folhetins apresentavam por meio dos jornais teresinenses entre 1871 a 1903 nos levou ao caminho de entender seus usos, suas imagens e representações, uma vez que tais categorias de análise nos direcionam a perceber que elas são carregadas de intencionalidades, sendo, portanto, analisadas como um instrumento de disputa de poder, conforme evidencia Chartier<sup>381</sup>, ao mesmo tempo em que corrobora o caráter miscelânico do suporte. Para o referido autor, “as representações supõem-nas como estando sempre colocadas em um campo de concorrência e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação”<sup>382</sup>. Perceber, através do presente objeto, como é possível captar as leituras de mundo de seus personagens, bem como uma dada “realidade é construída”, torna-se necessário nesse exercício a que nos propusemos. Juntamente a esse propósito, também é necessário levar em consideração o suporte como parte fundante nessas construções, tendo em vista que o folhetim é fruto das interações que o século XIX possibilitou.

### **2.3.1. Diferentes narrativas e outras miscelâneas: entre o relato, a notícia, a ficção, a biografia**

No jornal *A Época*, publicado em 18 de setembro de 1880, encontramos um artigo denominado *O Banquete dos Martins*<sup>383</sup>, transcrito do periódico carioca *Gazeta da Tarde*<sup>384</sup>. A análise evidenciou que o texto tratava das polêmicas políticas envolvidas em torno do jantar de Martinhos Campos<sup>385</sup>. O que nos chama atenção é a utilização do termo folhetim no escrito, quando o autor afirma que levou o folhetim do jornal “a festa”<sup>386</sup>. Podemos ler a referida frase, que foi utilizada no final do texto, possivelmente em tom de ironia, de modo a significar a rubrica como sinônimo de notícia, uma das representações que o suporte apresentaria. E, de fato, o folhetim era utilizado como espaço onde as notícias poderiam ser publicadas.

Recuando em nosso recorte temporal ao ano de 1862, encontramos uma definição que aproxima o folhetim à prática jornalística. No folhetim *Revista da Semana*, uma espécie de crônica folhetinesca, publicada no Jornal *Liga e Progresso*, do referido ano, o cronista revela

---

<sup>381</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

<sup>382</sup> CHARTIER, 1990, p.17.

<sup>383</sup> O Banquete do Martins. *Época*. 18 de setembro de 1880. num, 126. Ano II.

<sup>384</sup> Jornal carioca criado por Ferreira de Menezes. Circulou entre os anos de 1880 e 1901.

<sup>385</sup> Martinho Campos foi presidente da Câmara do Deputado em 1882, sendo convidado a assumir a presidência do Conselho de Ministros, em que ocupou o cargo de Secretário de Estados dos Negócios da Fazenda. Foi também presidente da província do Rio de Janeiro de 1881 a 1882. Informações Disponíveis no site da Câmara dos Deputados. *A História da Câmara dos Deputados*. Disponível em: <[https://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/presidentes/martinho\\_campos.html](https://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/presidentes/martinho_campos.html)>. Acesso em 03 de dezembro de 2019.

<sup>386</sup> O Banquete do Martins. *Época*. 18 de setembro de 1880. num, 126. Ano II.

que “o folhetim é a alma do jornalismo”, ao revelar que questões graves e informação poderiam encontrar no espaço folhetinesco lugar de visibilidade. Encontramos concepção semelhante em um anúncio encontrado em 1926, na última página do periódico *A Imprensa*, onde é anunciada a passagem da Coluna Prestes pelo interior brasileiro. Na ocasião, a nota afirma “inseriremos em folhetim uma completa reportagem, devida ao escritor e jornalista Viriato Correio, adquirida com exclusividade”<sup>387</sup>.

Além de atestarem a relação entre notícia, acontecimento e folhetim, os trechos acima também abrem possibilidade para refletirmos sobre o fato de que o espaço pode se alimentar do atual. Essa atualidade é um recurso apontado por alguns estudiosos que se debruçam sobre as produções folhetinescas, ao demonstrarem que a notícia poderia ser objeto dos folhetins tanto do ponto de vista de transcorrer sobre os fatos cotidianos quanto para servir como matéria-prima para as produções ficcionais. Caparelli aponta que “desde sua invenção em 1800, a rubrica do folhetim tornou-se tributária da atualidade”<sup>388</sup>, uma vez que impulsionava os escritores a recorrerem a uma narrativa. Possivelmente, isso justifique o fato de Machado de Assis<sup>389</sup> aproximar o folhetinista à figura do jornalista, uma vez que o autor afirma que a constituição do primeiro elemento é consequência do último aspecto.

Na imprensa teresinense, no que tange a esse caráter descritivo apontado por Caparelli, foi possível localizar duas fontes documentais que respaldassem essa problemática por meio de relatos de viagens publicados no espaço. Queffélec afirma que os relatos de viagens são como “outro domínio temático que se desenvolve ao longo do século (XIX)”<sup>390</sup>, sendo ainda, segundo a pesquisadora francesa, um gênero que atraía os leitores e que se firmava em jornais e revistas desse período<sup>391</sup>. No periódico *Oitenta e Nove*<sup>392</sup>, de 1874, por intermédio de uma transcrição do periódico baiano *Diário da Bahia*, noticia-se o leilão do Cruzeiro do Sul, vapor nacional. A notícia ainda revela o fato de o redator do referido periódico ter viajado duas vezes a bordo do vapor e que publicara um relato sobre a viagem no ano anterior ao da notícia<sup>393</sup>. Infelizmente, não foi possível localizar a produção indicada em nota no jornal.

<sup>387</sup> A Coluna Prestes através do Brasil. *A Imprensa*. 08 de julho de 1926. Ed. 109.

<sup>388</sup> CAPARELLI, 2015, p.123.

<sup>389</sup> ASSIS. 2013.

<sup>390</sup> Avec le récit ou les mémoires historiques, le récit de Voyage est un genre qui attire le lectorat et se déploie dans journaux et revues d’un bout à l’autre du siècle. IDEM32, p.929.

<sup>391</sup> Um autre domaine thématique se développe dans le feuilleton au long du siècle (...), le récit de voyage est un genre qui attire le lectorat et se déploie dans journaux et revues d’un bout à l’autre du siècle. IDEM 32, p.929.

<sup>392</sup> Jornal de propriedade de David Caldas. Militava em torno do movimento republicano.

<sup>393</sup> Leilão do Cruzeiro do Sul, Periódico *Oitenta e Nove*, 1874, Ed 31, p.3

Entretanto, a decepção cedeu à grata descoberta de termos encontrado uma produção do gênero no Jornal *A Opinião Conservadora*<sup>394</sup>, de 1874, intitulado *Viagem à colônia de S. Pedro Alcântara*<sup>395</sup>. O folhetim é resultado de uma série publicada em 40 partes, das quais só tivemos acesso ao último número. As impressões do autor vão ao encontro de uma análise descritiva, no que se diz respeito à população local e paisagem que permeia as regiões vizinhas da colônia. Em relação a esse último aspecto, o autor diz:

A'vão de pássaro, é um quadrilátero, cujo lado direito é formado pelo (rio) Canindé, o esquerdo pelo (rio) Molato, o anterior pelo (rio) Parnahyba, e o posterior pelo ápice da emenencia.  
A sua frente, do lado do Maranhão, está a próspera e commerciante villa de S. Francisco. Como se vê, Amarante se acaba comprimida como botão de uma roza, por aquellas liquidas sépalas<sup>396</sup>.

A narrativa em torno da chegada à colônia de São Pedro nos revela também as impressões do povo que ali habitava. A análise em torno do presente elemento evidencia uma leitura daquela população, permeado de um posicionamento que reflete os debates da intelectualidade da época, que giravam em torno de aspectos como civilidade, ordenamento e discursos de caráter higienista, utilizando esses elementos para reforçar a ideia de estranhamento para com os povos encontrados, contribuindo, portanto, na construção e no enquadramento de um imaginário. Ou seja, é por meio da linguagem e das representações que se opera a referida categoria de análise<sup>397</sup>, uma vez que é apontada como “um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo coesão ou o conflito”<sup>398</sup>. Isso é evidente quando o cronista faz uso de adjetivos, como o termo *bizarro*, ou quando propõe um legado semisselvagem” ao se referir às danças locais.

O bojo da serpente parnaibana tinha desaparecido. Navegamos em sua cauda desmesurada e gigante. Se perdeu ele em largura, ganhou em profundidade, porque daí em diante suas margens conservarão a forma de taludes naturais. A navegação era livre. Nossa viagem foi rápida, por que as 11 horas desse mesmo dia aportamos na colônia de São Pedro de Alcântara. Multidão de ribeiros e vaqueiros das fazendas vizinhas estavam estupefatos nas ribanceiras dos rios admirando aquele monstro fumegante a sulcar as águas correntes. Soltamos em terra. Foi-nos servido em profundo almoço liberalmente administrado. À noite apreciamos um espetáculo interessante e singular – O

<sup>394</sup> Jornal do Órgão do Partido Conservador, tendo circulado entre os anos de 1874 e 1876.

<sup>395</sup> FOLHETIM. Viagem à colônia de São Pedro. *A Opinião Conservadora*. Teresina. 11 de setembro de 1874. n. 41, p.01

<sup>396</sup> FOLHETIM. Viagem à colônia de São Pedro. *A Opinião Conservadora*. Teresina. 11 de setembro de 1874. n. 41, p.01.

<sup>397</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, n. 29, 1995, p.15.

<sup>398</sup> \_\_\_\_\_. *História & História Cultural*. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012. Coleção História & Reflexões.

banquete dos libertos. Danças bizarras e esquisitoriais ao som de uma compassiva viola – essa harpa dos nossos sertões. Ellas consistem no deslocamento dos membros, e trejeitos no corpo, posições significativas, sapateados infernais. É uma dança curiosa pelo seu cunho de antiguidade. Legação semisselvagem dos nossos primeiros colonos.<sup>399</sup>

O caráter descritivo retratado no relato de viagem aponta também para a temática do cotidiano. Essa matéria-prima, bastante utilizada pelos autores, nos direciona para a construção das crônicas, que encontravam no espaço tipográfico lugar de visibilidade. A crônica que nasce em Paris aporta no Brasil e, assim como na França, “herda esse espaço e suas potencialidades”<sup>400</sup>. O gênero passa a reivindicar um lugar de avaliação dos lugares, fatos e narrativas, ou seja, das múltiplas camadas que compõem o real e ajudam a construir uma realidade. Talvez isso justifique a afirmativa de Candido em atrelar seu surgimento ao suporte<sup>401</sup>. Publicado em 1886, o folhetim *Atravez do mês Mariano*<sup>402</sup>, do periódico a *Imprensa*<sup>403</sup>, nos oferece a oportunidade de perceber como Teresina era significada à luz da crônica. O título retrata uma festa religiosa, os festejos de Nossa Senhora do Amparo. Castor e Polux, autores do referido folhetim, possivelmente pseudônimos, utilizam as lentes da modernização para enquadrar a cidade, ao destacarem a sua precariedade infraestrutural. Ramos aponta que, no “final do século XIX, alguns literatos pretendiam assumir a função de grandes transformadores da sociedade. Portanto, a crônica, muito mais que um gênero ‘menor’, se revela como um canal de interpretação de um momento histórico específico”<sup>404</sup>, aspecto que podemos perceber a partir do trecho abaixo:

Abril foi chuvarento, [...] quase insuportável. Em casa a humildade peculiar aos *rés-de-chaussé*, incomoda e é muitas vezes doentia; nas ruas – a lama, as poças d’águas e como complemento de tudo isto, uma surdina de gotas de chuva açoabando os telhados e vidraças, apenas interrompida, de quando em quando por alguns aguadíssimos de origem elétrica. Depois a grande orquestra que enfrenta no século dezenove o mesmo que executava em que teve o cristianismo seu berço.<sup>405</sup>

Retratar o cotidiano a partir de uma narrativa literária se apresenta como elemento constituinte da crônica que, em grande medida, ia ao encontro do rodapé dos jornais. Utilizar a

<sup>399</sup> FOLHETIM. Viagem à colônia de São Pedro. *A Opinião Conservadora*. Teresina. 11 de setembro de 1874. n. 41, p.01.

<sup>400</sup> CAPARELLI, 2015, p.108.

<sup>401</sup> CANDIDO, 1992, p.15.

<sup>402</sup> *Atravez do mês mariano*. *A Imprensa*, Teresina, ano 21, n. 917, 15 maio 1886.

<sup>403</sup> Jornal de caráter político, alinhado aos ditames ideológicos do Partido Liberal. Teve como proprietário e redator Deolindo Mendes de Moura. Circulou entre os anos de 1865 e 1889.

<sup>404</sup> RAMOS, 2016, p.15-16.

<sup>405</sup> *Atravez do mês mariano*. *A Imprensa*, Teresina, ano 21, n. 917, 15 maio 1886.

rubrica como meio de visibilidade revela que “o folhetim tem um papel curioso na economia do jornal”<sup>406</sup> e isso indica que havia um processo de reconhecimento do espaço como um lugar de grande potencialidade. Esse *locus*, permeado por infinitas possibilidades e combinações, revela os múltiplos usos, ora apresentando conveniência ao jornal, ora se contrapondo a ele, dando às crônicas folhetinescas a oportunidade de retratar o acontecimento e de explorando elementos que geralmente poderiam ser ignorados em outros espaços dos periódicos.

Mas a miscelânea parece não ter finitude e nada mais apropriado como o termo utilizado por Meyer<sup>407</sup>, ao significar o suporte como um fenômeno poliédrico, por apresentar múltiplas formas, como a biografia, a crítica e a transcrição de monólogos.

Quando pensávamos que o caminho tinha sido trilhado, novos emergiam e com eles novos usos e significados. Em *Apontamento para uma nova ciência*<sup>408</sup>, publicado no jornal *Oitenta e Nove*<sup>409</sup>, encontramos uma escrita de cunho científico e filosófico, uma vez que o autor centra suas argumentações em torno da defesa de uma visão racionalista de mundo, em que Deus é significado como um ente metódico e as leis universais regidas pelas leis mecânicas<sup>410</sup>. Esse estilo de escrita era muito recorrente no século XIX e refletia um amplo debate que se desenvolvia no período, conforme aponta Queiroz, que percebe tais discussões como reflexos da tentativa de “compreender e responder acerca da origem e da finalidade do mundo, dentro de um fogo cruzado de teorias”<sup>411</sup>. Ao que tudo indica, todas as discussões levantadas no número ao qual tivemos acesso se apresentavam como uma pequena introdução ao objetivo que se desenvolveria nos números seguintes, consistindo em abordar a trajetória de Antônio Gonçalves<sup>412</sup>, Deolindo Mendes da Silva Moura<sup>413</sup> e Davi Moreira Caldas<sup>414</sup>.

Parece-nos ter, pois, acabado de descobrir a articulação miraculosa do fio invisível e magnético da existência de três indivíduos de nosso perfeito conhecimento, os quaes vamos apresentar aos leitores, a quem convidamos para virem conosco apalpar os pontos de intersecção em que essas almas se encontram como argolas de ferro fundido artisticamente travadas ou engrazadas.<sup>415</sup>

---

<sup>406</sup> CAPARELLI, 2015.

<sup>407</sup> MEYER, 1996.

<sup>408</sup> FOLHETIM. Apontamento para a nova ciência. Teresina. nov, 1874, ano II, num.31. p .01-02.

<sup>409</sup> Jornal surgido em 1873 e encerrado em 1874, de propriedade e redação de Davi Caldas.

<sup>410</sup> FOLHETIM. Apontamento para a nova ciência. Teresina. nov, 1874, ano II, num.31. p .01-02.

<sup>411</sup> QUEIROZ, 2011, p.149.

<sup>412</sup> Não encontramos informações acerca do personagem.

<sup>413</sup> Formado em Olinda em 1857, teve grande atuação na imprensa periódica como redator ou proprietário dos jornais *O Propagador*, *Liga e Progresso*, contribuindo pelo surgimento do jornal *A Imprensa*.

<sup>414</sup> Nascido em 1836, na cidade de Barras, localizada no estado do Piauí, atuou como promotor na cidade de Campo Maior. Iniciou sua carreira na imprensa periódica em 1859 no jornal *O Arrebol*, sendo, posteriormente, em 1863, corredor do *Liga e Progresso*, fundando os jornais *O Amigo do Povo* e *Oitenta e Nove*.

<sup>415</sup>FOLHETIM. Apontamento para a nova ciência. Teresina. nov, 1874, ano II, num.31, p .01-02.

A partir do trecho, fica evidente que, dentre os vários usos e imagens que os folhetins apresentavam, destaca-se sua utilização no relato biográfico. É preciso destacar que em nenhuma outra pesquisa utilizada como aporte para a presente produção, encontramos processos semelhantes, o que não significa dizer que não houvesse aplicação equivalente. Com exceção de Queffélec<sup>416</sup>, que aponta a presença de vestígios sobre esse tipo de relato ao registrar a presença das memórias contemporâneas no espaço folhetinesco.

As críticas também eram encontradas no espaço folhetinesco. O Folhetim *A Família*, publicado no periódico *A Imprensa*<sup>417</sup> constitui um exemplo de crítica literária presente nas camadas documentais que pesquisamos. O título em questão objetiva, segundo o autor, apresentar “ao público piauiense um dos vultos mais agigantados da literatura portugueza”<sup>418</sup>. Adjetivos à parte, o grande nome da literatura lusa a que o texto se refere é Teixeira de Bastos, poeta, jornalista e ensaísta português, que ganhara destaque entre os meios intelectuais no século XIX. O objetivo do folhetim é discutir uma de suas obras, intitulada *A Família*, que, segundo as informações contidas no corpo do suporte, seria uma obra de natureza sociológica. Através do título, o autor é apresentado como possuidor de “talentoso selecto de pensador e poeta, o cérebro vigoroso de philosopho moderno, que encara o mundo de acordo com as leis mecânicas”<sup>419</sup>, pois é visto como um entusiasta da ideologia positivista, que ganhava adeptos pelo mundo afora. Porém, a análise construída observa que a obra ainda não havia alcançado os preceitos apregoados pelo idealizador da corrente filosófica, Augusto Comte.

Na Família ainda se nota que o presente autor não está de todo emancipado dos princípios comteanos, mas não estou longe de crer que esses laivos, mesmo amortecidos que lhe restam da filosofia positivista vão se apagando e (...) não está longe o dia de vermos Teixeira Bastos abandonar inteiramente esses ressaibos de positivismo, e lançando suas vistas para lições de Haeckel(...) <sup>420</sup>.

O trecho abre possibilidade para refletirmos sobre dois aspectos. Primeiro, sobre a escrita como um instrumento de temporalidade, em que as discussões de cunho científico e filosófico estavam em voga. O outro ponto é que, a partir das críticas, vislumbra-se uma possível recepção, permitindo que se consiga perceber um iminente leitor.

Quanto à crítica teatral, elemento bastante comum no espaço do rodapé dos jornais, não foi possível que encontrássemos produções dessa natureza no levantamento documental.

<sup>416</sup> DUMASY-QUEFFELÉC, 2011.

<sup>417</sup> IDEM 454.

<sup>418</sup> BASTOS, Teixeira. *A Família. A Imprensa*. Teresina: jul.1885, n.877, p. 01.

<sup>419</sup> BASTOS, Teixeira. *A Família. A Imprensa*. Teresina: jul.1885, n.877, p. 01.

<sup>420</sup> BASTOS, Teixeira. *A Família. A Imprensa*. Teresina: jul.1885, n.877, p. 01.

Souza<sup>421</sup> aponta que o surgimento de uma crítica do gênero foi possível com os desenvolvimentos de espetáculos da corte, tendo no folhetim o espaço onde as diversas leituras e avaliações sobre os espetáculos eram viabilizadas. Apesar da lacuna apresentada, o folhetim *A Minha Família*, publicado no periódico *O Telephone*<sup>422</sup>, evidencia que as atividades teatrais não passavam despercebidas pela produção folhetinesca da imprensa teresinense. Isso porque o título revela se tratar de um monólogo declamado pelo ator português Pedro Cabral. A danificação parcial da fonte não possibilita uma análise mais cuidadosa. Retrataremos, pois, alguns trechos para que possamos visualizar o monólogo e analisá-lo:

Toda família tem falha/Mas sem causar prejuízo! /Lá em casa, com juízo, /Sou só eu...e a gata velha! /Quanto ao resto... e d'assabe/Cada um tem seu feito/Toda Família tem telha. /Quem de doido prova/ é papa! /Mais cabeça d'avellã /meu irmão! /E quem é mais leviana/ é a mana!<sup>423</sup>

O monólogo parece direcionar a uma crítica pelo tom irônico em que se apresenta. Entretanto, como nosso objetivo com relação à fonte é o de demonstrar a circulação de uma produção na área teatral por meio do folhetim, não direcionaremos nossa análise ao conteúdo.

### **2.3.2 A materialidade do suporte também ajuda a significá-lo: poesia e outras rubricas**

O folhetim não se configurava apenas como o espaço do romance e da crônica, já retratados na presente produção. Também foi possível encontrar poemas. Do levantamento produzido, localizamos alguns desses gêneros textuais, como *O Naufrágio da Bahia*<sup>424</sup>, *O Naufrágio do Rio Apa*<sup>425</sup>, *Ave Prisioneira*<sup>426</sup>, *Adeus à minha noiva*<sup>427</sup>, *Mater Dolors*<sup>428</sup>, *Mimoso*<sup>429</sup> e *Zás*<sup>430</sup>, todos do jornal *O Telephone*, *A Vingança do Ancião*<sup>431</sup>, do *O Semanário*, de 1883. Do ponto de vista temático, os poemas podem ser analisados a partir de duas perspectivas, o amor, elemento bastante recorrente nas narrativas folhetinescas de caráter

<sup>421</sup> SOUZA, Silvia Cristina Martins de. *As noites do Ginásio: Teatro e tensões na Corte (1832-1868)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2002.

<sup>422</sup> Periódico de propriedade de Antônio Joaquim Dinis. Circulou entre os anos de 1883-1889.

<sup>423</sup> MACAHADO, Batista. *Minha Família*. *Telephone*. Teresina: nov.188? Ano VII.num.351, p.01

<sup>424</sup> SEGUNDO, Wanderley. O naufrágio da Bahia. *O Telephone*. Teresina. 1887. n. 233, p. 01.

<sup>425</sup> TEIXEIRA, Mucio. O Naufrágio do Rio Apa. *O Telephone*. Teresina. 1887. n. 234, p. 01.

<sup>426</sup> DAVI, Jame. Ave Prisioneiras. *O Telephone*. Teresina. 1887. n. 224, p. 01.

<sup>427</sup> RUBIM, Benjamim. Adeus à minha noiva. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 32? p. 01.

<sup>428</sup> GUIMARÃES, Luiz Júnior. Literatura: Mater Dolors. *O Telephone*. Teresina. 1882. n. 10, p. 01.

<sup>429</sup> SÁ, Leônidas de. Mimoso. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 293, p. 01.

<sup>430</sup> Zás (Transcrito do Gazeta da Tarde). *O Telephone*. Teresina. 1882. n. 3, p. 01.

<sup>431</sup> CUNHA, Higino. A Vingança do Ancião. *O Semanário*. Teresina, 1874. n.284, p.01.

poético, e a prosa poética, que apresenta aspectos do referido gênero, sem, contudo, obedecer a regras como rima, métrica. Segundo Lima, essa ampliação do espaço poético, englobando aspectos da prosa, é produto das configurações desenvolvidas a partir da modernidade. “O conceito moderno de poesia tem como seu complemento necessário a literatura”<sup>432</sup>. A aproximação entre poesia e literatura abre possibilidade para pensarmos como essa abrangência é identificada nos folhetins.

A temática do amor é o cerne das produções de Anízio de Abreu no presente poema. O sentimento é retratado pela perspectiva de uma musa, que seria o objeto de desejo e inspiração dos referidos poetas. O recurso é explorado de modo implícito, aspectos como enaltecimento e a aproximação do afeto à noção de sublime são visíveis nos poemas. A ideia do encantamento pode ser evidenciada através do seguinte trecho:

Dos fluídos dos teus olhares /Q´despreendem-sem em desmaios/ Como de um astro velado/ Os terníssimos raios/Hotem a noite, se acaso, /Amorosa m´os fitavas, /Quanta meiguice e carinho /No meu peito derramavas!<sup>433</sup>.

Um problema que deve ser levado em consideração, e que ajuda na construção das imagens em torno do folhetim, diz respeito a outras denominações atribuídas a ele e isso nos levou a questionar se, de fato, poderíamos enquadrá-lo como tal. Nadaf evidencia esse aspecto ao afirmar que, entre o levantamento documental produzido, foi possível encontrar a supressão do termo, que por vezes, vinha ora grafado como folhetim, rodapé ou roda-pé<sup>434</sup>. Contudo, tal posicionamento parece não encontrar consenso entre os pesquisadores que tomam o suporte como objeto de estudo. Um exemplo dessa dissonância é encontrado em Trizotti, quando a autora afirma que outras rubricas ocupavam o espaço folhetinesco sem, entretanto, serem classificadas como esse tipo de produção, levando muitos especialistas a perceberem esses elementos como folhetim, o que, segundo a autora, seria um equívoco<sup>435</sup>.

Em que pese a supressão do termo folhetim, apontado por Nadaf, e a utilização de rubricas de outros gêneros, conforme discute Trizotti, foi possível perceber que essas problematizações iam ao encontro de algumas fontes coletadas, demonstrando que a linha que separa o suporte de outras produções era tênue. Localizamos, por exemplo, a utilização do rodapé do jornal com a denominação *Literatura* em substituição ao termo *folhetim*, em

---

<sup>432</sup> IDEM 196.

<sup>433</sup> MIMOSO. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 289, p.02.

<sup>434</sup> NADAF, 2002. p. 66.

<sup>435</sup> TRIZOTTI, 2016, p.71.

periódicos como *A Imprensa*, *Dionísia*<sup>436</sup>, publicado em 1885, *Contos de Luidi*<sup>437</sup>, e no jornal *O Telephone*, com *Mater Dolores*<sup>438</sup>, publicado em 1882. Nesse caso em específico, não encontramos uma distinção que de fato leve a crer que tais produções não possam ser caracterizadas como produções folhetinescas e esse fato se justifica por elas ocuparem o rodapé do jornal e estarem dispostas como tal, divididas em colunas, apresentando, conforme evidencia *Dionísia*, o processo de serialização, uma das marcas do suporte. Outra observação ainda diz respeito à significação do termo folhetim como sinônimo de literatura, uma vez que a fórmula ganha notoriedade com a inserção do campo ao suporte.

E isso nos leva a perceber, que por mais que apresente outra denominação, o espaço ainda guarda uma íntima relação com os folhetins. A presente discussão se torna mais clara ao nos depararmos com a série intitulada *Bloco*, publicada no periódico *O Artista*<sup>439</sup>, em 1902, e assinada por Abdias Neves<sup>440</sup>. Sua disposição ainda encontra o rodapé do jornal como espaço de publicação e visibilidade, com estruturação distinta: era publicada na segunda página, ocupando apenas as duas últimas partes do rodapé do periódico, dividia-se em duas colunas, tendo continuidade na página seguinte. Nessa outra página, assumia todo o rés-do-chão da folha, sendo dividida entre quatro colunas. Uma exceção a esse padrão foi o título da série, denominado *Coração de Ave*<sup>441</sup>, que ocupava totalmente o rodapé da folha na terceira página e se dividia em quatro partes.

Identificamos dois títulos, *O Mamão*<sup>442</sup> e *A Taboca*<sup>443</sup>, que refletiam a demarcação de um autor em se distanciar do termo folhetim, apesar de apresentarem características e propostas semelhantes, uma vez que, em outros números do jornal, encontramos a publicação nesse espaço do rodapé com a denominação de folhetim<sup>444</sup>.

<sup>436</sup> LITERATURA. *Dionísia*. *A Imprensa*. Teresina: Mai, 1885, num 859, ano 20, p. 01.

<sup>437</sup> BRITO, Theodora (Tradutora). *Contos de Luidi*. Teresina: Jul, 1885, n 876, ano 20.

<sup>438</sup> GUIMARÃES, Luiz Júnior. *Literatura: Mater Dolores*. *O Telephone*. Teresina. 1882. n. 10, p. 01.

<sup>439</sup> Fundado por Manoel Borges, foi considerado um jornal de caráter mais comercial. Segundo Pinheiro (1997), foi o primeiro periódico a ter jornaleiros vendendo na rua.

<sup>440</sup> Literato com grande atuação na imprensa periódica, tendo publicado a obra *O Manicaca*, que é considerado o primeiro romance de costume do Piauí.

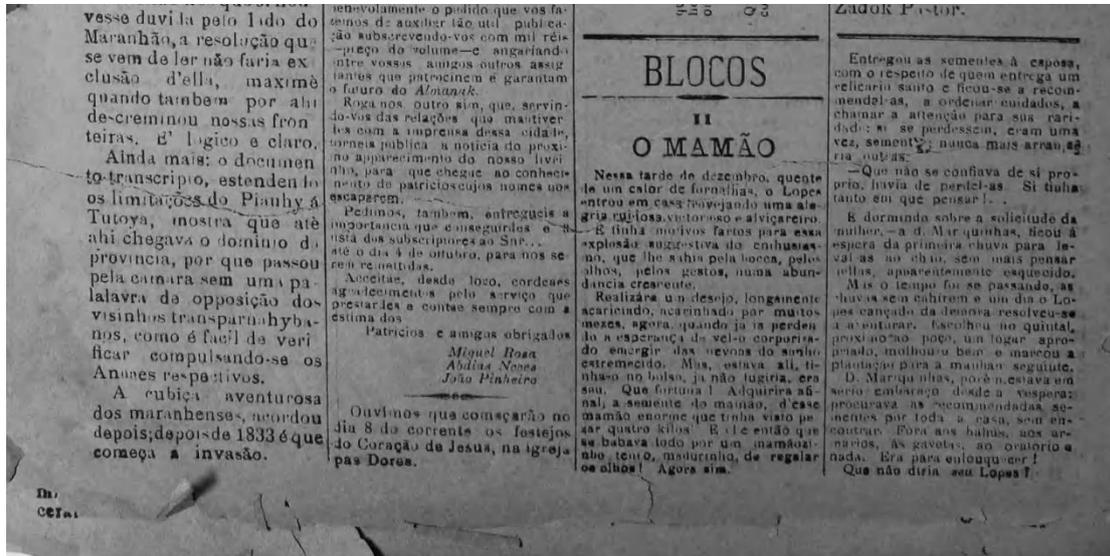
<sup>441</sup> NEVES, Abdias. *Coração de Ave*. *O Artista*. Teresina. 1902. n. 22, p. 01.

<sup>442</sup> NEVES, Abdias. *O Mamão*. *O Artista*. Teresina. 1902. n.19, p. 01.

<sup>443</sup> NEVES, Abdias. *A Taboca*. *O Artista*. Teresina. 1902. n. 20, p. 01.

<sup>444</sup> Um exemplo seria o folhetim intitulado *O Fanatismo*, encontrado nas edições números 15 e 16 do periódico publicado no mesmo ano que a série discutida.

**Figura 7-** Rubrica Blocos - Jornal O Artista (1902), ocupando as duas últimas colunas no espaço do rodapé do jornal



**Fonte:** NEVES, Abdias. O Mamão. O Artista. Teresina. 1902. n.19. p. 01. Disponível na Hemeroteca do Projeto Memória do Jornalismo Piauiense.

Podemos ler esse aspecto como uma tentativa de ressignificação das produções folhetinescas. Não queremos, entretanto, afirmar que no espaço folhetinesco não coubessem as querelas e os embates políticos – conforme já problematizado no presente trabalho quando evidenciamos que dentre os vários usos dos folhetins estaria o caráter panfletário – mas conjecturamos, no caso específico, que a tentativa de supressão do termo folhetim tenha a intencionalidade de demonstrar que o político não caberia à rubrica e que essa deveria ser tratada no mesmo lugar, mas com outra designação. Isso nos permite ainda pressupor que a significação em torno do folhetim, nesse caso, esteja calcada na concepção do suporte como espaço de entretenimento ou revela uma pretensa representação marginal do espaço tipográfico que, por vezes, podia ser “malvisto pelos letrados, mas apreciado pelos públicos amplos”<sup>445</sup>.

<sup>445</sup> ABREU, Márcia. Problemas de História Literária e Interpretações de romances. *Todas as letras* X, São Paulo, v16, n.02. nov, 2104, p. 42.



intencionalidades de seus autores, que por vezes se apresentavam em forma de pseudônimos, reivindicavam demarcar lugar de poder, evidenciando os embates de um período.

Semelhante às tramas folhetinescas, outras nuances foram se apresentando conforme o avançar da pesquisa. Ao nos depararmos com tais descobertas, ficávamos tentados a utilizar o termo *continua*, recurso narrativo criado pelos folhetinistas de modo a atrair a atenção do leitor, garantindo a leitura do enredo até a próxima edição. Outros desdobramentos despontarão no próximo capítulo. Podemos adiantar uma informação: assim como os enredos publicados no rodapé do jornal, o estudo sobre os folhetins não para de nos surpreender e apresentar outras possibilidades de análise.

### 3 *EMPUNHAR A PENNA FOLHETINISTA*:<sup>449</sup> ENTRE ESCRITAS, AUTORIAS E PSEUDÔNIMOS

“Enquanto espaço cultural, o folhetim é revelador de tendências e expectativas culturais do público visado pelo jornal, ele mostra o que faz parte da cultura em um dado momento e para um determinado público”.<sup>450</sup>

“Escrever é ato, que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar (...)”<sup>451</sup>

Historicizar as produções folhetinescas permitiram, no capítulo anterior, que focássemos em seu caráter múltiplo. Ao explorarmos a rubrica nos jornais teresinenses, foi possível perceber que ela constituía apenas uma das várias possibilidades de análise acerca do objeto de estudo. Outros caminhos se enunciavam nas entrelinhas de cada palavra, frase e ideia, todos extraídos dos diversos títulos encontrados no espaço tipográfico. Por trás de cada elemento textual que auxiliava nas construções desses escritos materializados por meio do impresso e dispostos no espaço folhetinesco, foi possível vislumbrar as intencionalidades em que se desdobravam.

Será útil, portanto, entender a concepção de lugar de onde o folhetim despontou não apenas pela perspectiva tipográfica, concentrando a análise sobre os diversos gêneros que agregaram essa produção, mas também do ponto de vista dos aspectos estruturais que ajudaram a significá-lo. Percebemos que a construção do espaço em questão assume um sentido cultural e isso abre possibilidade para concebermos essa produção como filha de um dado tempo, sendo possível analisar como os diversos sujeitos davam sentido aos seus escritos e de que maneira eram concebidos os projetos, as tensões e os sonhos que se projetavam e, por extensão, compreender as ideologias e discussões que ajudaram a retratar o recorte temporal do presente estudo<sup>452</sup>.

<sup>449</sup> O título que nomeia o capítulo foi extraído do folhetim intitulado *Vingança* Generosa, publicado no periódico *A Reforma*, de 1887, em que o autor inicia a produção com a seguinte frase: “Ei-nos empunhando novamente a pena folhetinista e assim fazendo principiamos pelo coração dos moços, legítimos representantes das grandes ideias, das grandes aspirações”. Utilizamos o verbo modificando sua forma nominal, do gerúndio para o infinitivo, por acreditar que este reflete como a escrita era significada entre o final do século XIX e início do século XX, como um instrumento combativo, conforme analisaremos no decorrer dessa parte da dissertação. Ver: DUBLEÁ. *Vingança Generosa. A Reforma*. Teresina. Out.1887. n.31. ano 01, p.02-03.

<sup>450</sup> Em tant qu’espace culturel, le feuilletton est révélateur des tendances et preattentes culturelles du public visé par le journal, il montre ce qui fait partie de la culture à un moment et pour un public donnés. In: DUMASY-QUEFFELÈC, L. *Le Feuilletton*. In: KALIFA.D.; RÉGNIER, P.; THÉRENTY, M. VAILLANT, A. (Orgs.). *La Civilisation du journal: une histoire de la presse française au XIX siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011, p.925.

<sup>451</sup> RANCIERE, Jacques. *Políticas da escrita*. Tradução de Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995, p.07.

<sup>452</sup> DUMASY-QUEFFELÈC, 2011, p.925.

Certeau<sup>453</sup> destaca que o ato de escrever deve ser entendido como uma prática que compõe uma rede de jogos. Nessa tessitura de estratégias e intencionalidades, dar sentido não significa apenas preencher um vazio ou iluminar um conjunto de discursos. Analisar as práticas escriturísticas nos revela que a construção de sentidos perpassa pela finalidade de interferir na realidade “em vista de mudá-la”<sup>454</sup>. E essa pretensão encontra ressonância, por exemplo, entre os escritos oitocentistas, constituindo uma práxis bastante recorrente nos folhetins analisados.

A expressão “empunhar a pena folhetinista”<sup>455</sup> não deve ser entendida somente como um recurso linguístico que compõe a engrenagem de um texto. O termo “empunhar” revela uma escrita de caráter militante, cujo intuito era promover mudanças sociais nos espaços que esses textos alcançassem. Por consequência, a pena não pode ser vista apenas como um instrumento que propiciava a materialização de ideias, ela assumia a missão de representar uma arma, ora denunciando, ora estabelecendo instruções. Pautas como “a modernização da nação e a elevação do nível cultural e material da população”<sup>456</sup> constituíam mais que um simples exercício intelectual dos homens de letras da corte, podendo ser localizada na província piauiense.

É por meio do fazer escriturístico que “os literatos procuravam, com seus trabalhos escritos, assumir uma posição de sujeito. Procuravam elaborar, dar significados, instaurar uma racionalidade no viver cotidiano”<sup>457</sup>. Magalhães destaca que um dos caminhos percorridos, e que demonstra tais intencionalidades, estaria na atuação da imprensa frente ao incentivo de instruir e educar o público<sup>458</sup>. A literatura também era concebida como instrumento de transformação. Queiroz ressalta que a atuação dos homens de letras “voltou-se para uma difusa luta pela regeneração e modificação dos costumes, modificação que eles elegem como o *locus* do desempenho do seu papel”<sup>459</sup>. Discutir as produções folhetinescas como reflexo da sua temporalidade se apresenta como esforço central no presente capítulo. Analisar o caráter normativo presente nas produções folhetinescas eleitas levou à reflexão sobre o quanto o processo escrito é uma construção histórica, sendo necessário significá-lo à luz de sua própria lógica, a fim de evitar armadilhas como uma leitura anacrônica<sup>460</sup>.

<sup>453</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998. v.1.

<sup>454</sup> CERTEAU, 1998, p. 226.

<sup>455</sup> DUBLEÁ. Vingança Generosa. *A Reforma*. Teresina. Out.1887. n.31. ano 01, p.02-03.

<sup>456</sup> \_\_\_\_\_. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1999.p.79.

<sup>457</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e Masculinidades: a prática escriturísticas dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008, p.50.

<sup>458</sup> MAGALHÃES, 2016, p.59.

<sup>459</sup> QUEIROZ, 2011, p.172.

<sup>460</sup> ABREU, Márcia. Problemas de História Literária e Interpretações de Romances. *Todas as letras X*, São Paulo, v16, n.02.nov, 2104, p.42.

Nesse sentido, dedicaremos a primeira parte do presente capítulo em problematizar os folhetins do ponto de vista de conteúdo, cuja grande marca seria a de moralizar e instruir a sociedade. Em seguida, constituindo o segundo momento do texto, discutiremos o papel dos homens de letras e sua relação com a escrita, com o escopo de analisar o lugar social destes grupos e como, a partir dessa inter-relação, é possível analisar as ideias de autoria. Por fim, investigaremos os usos dos pseudônimos, no intuito de perceber a utilização desse recurso e as tensões sociais que, por meio dele, são possíveis de problematização e compreensão.

### **3.1 Não se discute a importância literária e sim o valor moral do drama<sup>461</sup>: escrita prescritiva e ideologia nas produções folhetinescas**

“O que vale um romance”?<sup>462</sup> A referida questão, que permeia as investigações sobre a comunidade letrada pela perspectiva transnacional, proposta por Márcia Abreu<sup>463</sup>, nos chamou atenção pela possibilidade de discussão acerca da finalidade da escrita no século XIX. Dentre os elementos destacados para avaliação do romanesco, segundo a autora, estaria a análise da moralidade disposta nas entrelinhas de cada enredo ficcional publicado, uma vez que “acreditavam que a leitura provocava, necessariamente, efeitos sobre o leitor”<sup>464</sup>, ou em outros termos, era necessário, “moralizar e instruir, ao mesmo tempo em que deleitassem os leitores”<sup>465</sup>. Marthe Robert nos lembra de que o gênero mencionado utiliza a experiência humana como inspiração, “ora interpretando-a à maneira do moralista, historiador, teólogo e, até mesmo, do filósofo e cientista”<sup>466</sup>.

Destacamos que a concepção levantada por Jean Marie Goulemot, que visualiza o processo de leitura como uma prática que consiste “em dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos sentidos produzidos”<sup>467</sup> no texto. Há, portanto, um conjunto de intencionalidades que se processam não apenas em âmbito de quem produz, mas nos

---

<sup>461</sup> O trecho foi extraído do folhetim *Drama por Drama*, publicado pelo jornal *O Telephone* em 10 de maio de 1884. O objetivo central do conto literário consistia em utilizar a ficção de forma pedagógica, no intuito de moralizar os leitores ao retratar a temática do adultério. A intencionalidade da produção é apresentada nas primeiras linhas, quando o autor destaca que a importância da obra estaria nos valores que se pretendia transmitir em detrimento de sua estética, concebida por ele como um “enredo simples, sem atrativos e sem originalidade”. Ver: W. O Drama – Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina. 1884. Ano II. N. 66, p. 01-02.

<sup>462</sup> ABREU, 2014, s.p.

<sup>463</sup> ABREU, Márcia. Uma comunidade Letrada Transnacional. In: ABREU, Márcia; MIDORI, Deacto (Orgs.). *A Circulação transatlântica dos impérios: conexões*. Campinas, SP: Publiel, 2014, p.95.

<sup>464</sup> ABREU, 2014, p. 97.

<sup>465</sup> ABREU, 2014, p. 42.

<sup>466</sup> ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac Nayf, 2007, p.13.

<sup>467</sup> GOULEMOT, Jean Marie. Da Leitura como produções de sentidos. CHARTIER, Roger. PAIRE, Alain. (orgs.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p 108.

significados de quem consome. Em outros termos, a problematização apresentada pela autora revela que tanto os processos de escrita quanto de leitura devem ser percebidos de modo ambivalente. Como prática social, os elementos evidenciados se inserem no interior das relações sociais, ao mesmo tempo em que refletem e ajudam a constituir os projetos de cada época.

A crença no poder de alcance das leituras e em sua capacidade de influência resultou no desenvolvimento de uma escrita que pudesse contribuir para o processo da formação moral e instrutiva do leitor, o que revela a intencionalidade de utilização da pena como um instrumento de intervenção social. Essa prática constituía uma forma de prescrição e deve ser encarada como uma tentativa de impor novas configurações sociais, uma vez que seus autores assumiam “a condição de críticos e reformadores da sociedade”<sup>468</sup>. Entre as temáticas que ajudavam a desenhar esse fazer escriturístico, estava a inserção de ideologias de caráter científico e de produções de vieses modernizadores, manifestadas por meio de uma escrita denunciativa, que se processava por intermédio do romance e de outras variedades.

Nicolau Sevcenko destaca que “os intelectuais brasileiros se voltaram para o fluxo cultural europeu como a verdadeira, única e definitiva tábua de salvação, capaz de selar de uma vez a sorte de um passado obscuro e vazio de possibilidades (...)”<sup>469</sup>. Em partes, a presente afirmação justifica o desenvolvimento dessa prática escriturística e o fluxo de ideias em franco desenvolvimento no Velho Mundo, que se expandira para além do Atlântico, chegando no Brasil. O século XIX demarca, no país, um grande influxo de ideias e costumes franceses. Literatura, filosofia, moda e culinária estão entre os vários campos que sofriam essa influência<sup>470</sup>.

De forma específica, os dois primeiros elementos anteriores são muito presentes na escrita dos homens de letras entre o final do século XIX e início do século XX. Ana Regina Rêgo, ao tecer algumas considerações sobre a imprensa piauiense no referido recorte temporal, observa que, no estilo jornalístico do período, eram constantes “construções (escritas) muito bem elaboradas, com riqueza de vocabulário, demonstrando não apenas alto conhecimento gramatical, como das ciências e filosofia que preponderaram no referido século”<sup>471</sup>. A utilização

<sup>468</sup> AVELINO, Jarbas Gomes Machado. *As Escritas dos Bacharéis: a ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana*. (Dissertação- Mestrado). Teresina: UFPI, 2010, p. 64.

<sup>469</sup> SEVCENKO, 1999, p.78.

<sup>470</sup> PASSOS, Gilberto Pinheiro. *A França em Nosso Caminho Cultural*. In: ANDRIES, Lise. GRANJA, Lúcia. (Orgs.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil/ França, Século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.p. 25-35.

<sup>471</sup> RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa Piauiense: Atuação Política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chave, 2001, p.78.

desse recurso se configurava como um modo de constituição da imprensa da época e também como um exercício de erudição de constituição da intelectualidade da época.

Nas produções folhetinescas analisadas se observa certa prolixidade no desenvolvimento de ideias. Discussões de cunho filosófico, alusões a histórias mitológicas, sobretudo de caráter greco-romano, domínio sobre os debates e produções literárias, referenciando literatos europeus, e em especial franceses, como Alexandre<sup>472</sup> Dumas, demonstram que essa prática servia como instrumento que auxiliava na construção da concepção do que era erudição no período. Nem sempre esses debates constituíam o objeto central dos folhetins. Em sua maioria, tais elementos estavam diluídos ao longo das reflexões ou em espécies de epílogos, que se apresentavam como lugares de desenvolvimento das discussões.

Um exemplo dessa forma de eloquência está presente no folhetim *Apontamentos para uma nova sciencia*<sup>473</sup>, publicado no jornal *Oitenta e Nove*<sup>474</sup>. A produção foi utilizada no capítulo anterior por apresentar indícios de como o espaço tipográfico também era utilizado para publicação de trajetórias de vida. A curiosidade sobre a produção diz respeito ao fato de esse objetivo se apresentar somente na parte final da edição a que tivemos acesso. Todo o folhetim se concentrou em discorrer sobre os aspectos científicos que atravessam os oitocentos, ilustrados a partir do seguinte excerto:

O mundo moral teve Lavater o seu Daguerre, em Moscou o seu Newton e talvez o seu Morse; mas ainda não encontrou um Keppler que estudasse-lhe profundamente as diversas leis mecânicas que também presidem a admirável ordem universal... (...) Por “leis mecânicas” do mundo moral devemos entender esse interessante cruzamento de fatos, vulgarmente chamado de – coincidências. O acaso seria incapaz e formar uma longa e bela cadeia de fenômenos; quer no mundo físico, quer no mundo moral. O acaso, se acertasse duas ou três disparataria afinal, numa dezena ou numa centena de vezes, e assim faria o universo retrogradar até o caos, frequentemente mostrando-se inconsequente consigo mesmo. Haveria necessariamente confusão de elementos e falta quase absoluta de conexão de ideias. Deus, porém, é admiravelmente metódico: são assaz surpreendentes as consequências de sua lógica infinita.<sup>475</sup>

Por meio do trecho, é perceptível que a discussão se debruça sobre a influência das teorias de cunho materialista. Tal fato se evidencia na construção argumentativa que se estrutura

<sup>472</sup> Alexandre Dumas (1802-1870) foi dramaturgo e escritor. É considerado um dos grandes folhetinistas da França do Século XIX. No que tange a suas produções literárias, destacamos *Os três Mosquiteiros*, *A Rainha Margot* e *O Conde de Monte Cristo*.

<sup>473</sup> FOLHETIM. Apontamento para a nova ciência. Teresina. nov, 1874, ano II, num.31. p, 01-p. 02.

<sup>474</sup> Jornal de caráter republicano, criado e dirigido por Davi Caldas.

<sup>475</sup> APONTAMENTO PARA NOVA CIÊNCIA, 1874, p.01.

na passagem. A ênfase dada às leis mecânicas como instrumento de análise e fio condutor de fundamentação e apreensão do mundo moral reflete o direcionamento sobre como a ideologia ganha dimensão. Outros elementos presentes na citação também estruturam essa perspectiva. A concepção do divino através de uma percepção metódica e a negação sobre a visão de existência do acaso denotam o enquadramento de vislumbrar a realidade por meio da investigação do mundo por leis universais, que seguiam o campo da lógica.

Shwarcz<sup>476</sup> localiza a entrada de tais ideologias no Brasil no final do século XIX. De modo mais específico, a década de 70 dos oitocentos constitui, segundo a autora, um marco na propagação de um novo ideário positivo-evolucionista<sup>477</sup>. Outros pesquisadores parecem corroborar a presente referência. Com a introdução do cientificismo e do naturalismo, Ventura reconhece, no período em questão, um momento de guinada no ponto de vista ideológico para além do evolucionismo<sup>478</sup>. Sevcenko complementa a referida tese, ressaltando o desenvolvimento de uma vanguarda científica que orbitava em torno das descobertas do campo das ciências naturais e que também se apresentava por meio do ingresso do Darwinismo<sup>479</sup>. Tais teorias ganharam ampla legitimação entre as elites intelectuais e políticas, uma vez que traziam a “sensação de proximidade como o mundo europeu e de confiança na inevitabilidade do progresso e civilização”<sup>480</sup>. Segundo Ventura:

A “geração de 1870” introduziu no Brasil a cultura histórica moderna, ao romper as amarras do pensamento religioso em prol de uma visão laica do mundo. Na faculdade de Direito do Recife, Tobias Barreto e Sílvio Romero contestaram a teoria do direito natural, em que a ordem cósmica e social era concebida como sagrada e imutável. Na concepção histórica e evolutiva de Barreto e Romero, o direito deveria se adaptar à evolução social, o que tornava possível a crítica ao *status quo*, amparado na monarquia e na escravidão. Como episódio representativo da secularização do saber, tomei a defesa de tese de Romero na faculdade de Direito do Recife, em 1875, com sua violenta discussão com a banca examinadora sobre “a morte da metafísica”, e o concurso de Tobias Barreto para ingresso no corpo docente da faculdade em 1882.<sup>481</sup>

A inserção desses conjuntos de preceitos revela a disputa entre as visões de mundo vigentes anteriormente. Queiroz destaca que os posicionamentos de cunho materialista-

<sup>476</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>477</sup> SCHWARCZ, 1993, p.14.

<sup>478</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil: 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.11.

<sup>479</sup> SEVCENKO, 1999, p.81.

<sup>480</sup> SCHWARCZ, 1993, p.34.

<sup>481</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil: 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 12.

científico enunciavam a morte da metafísica, idealismo, subjetivação da poesia e da religião<sup>482</sup>. Entrava em jogo o seguinte embate: a construção social de um mundo significado como produto histórico e cultural *versus* uma perspectiva marcada pela ideia da regulação do mundo como produto de leis preestabelecidas. Nesse sentido, o prólogo do folhetim em análise configura uma possibilidade de percebermos como as novas ideias adentram em nossa sociedade por meio da imprensa e, particularmente, da literatura folhetinesca, como espaço de visibilidade e composição.

Avançando na leitura e análise do capítulo do folhetim, é possível perceber que ele se constituía no esforço de construção de uma nova ciência, nos levando à reflexão sobre a recepção dessas ideias. A produção demonstra que o alcance desses dogmas não se dava através de uma absorção passiva, ocorrida através de um processo meramente reprodutivo. O contato dos intelectuais com esses princípios, vivenciados como uma verdadeira revolução humana, manifestava-se também pelo processo de ressignificação. Apropriar-se dessas ideologias, dando novos usos e significados<sup>483</sup>, representava a maneira como esses homens se relacionavam com as ciências e se construía como intelectuais.

Figura 9- Folhetim- Apontamento para uma nova ciência.

ANEXO A. A. DO PROJ. DE LEI N.º 100, DE 27 DE AGOSTO DE 1904. (ECHO DO SUL N.º 194, DE 27 DE AGOSTO ÚLTIMO.)

**FOLHETIM.**

**Apontamentos para uma nova ciência.**

O mundo moral teve em Lavater o seu Daguerre, em Mesmer o seu Newton e talvez o seu Morse; mas não encontrou ainda um Kepler que estudasse-lhe profundamente as diversas leis mecânicas que presidem também a admirável ordem universal. . . .

Por «leis mecânicas» do mundo moral devemos entender esse interessante cruzamento de factos, vulgarmente chaamado —COINCIDÊNCIAS.

O acaso seria incapaz de formar uma longa e bella cadeia de phenomenos; quer no mundo physico, quer no mundo moral. O acaso, si accedesse dans ou tresdisparataria afinal, n'uma dezena ou n'uma centena de vezes, e assim faria o universo retrogradar até ao cahos, frequentemente mostrando-se inconsequente consigo mesmo. Haveria necessariamente confusão de elementos, e falta quasi absoluta de conexão nas idéas.

Deus, porém, e admiravelmente methodico; são assaz sorprendentes as consequencias de sua logica infinita!

As paixões são a gravitação do mundo moral, imprimindo-lhe rotações e revoluções constantes. Em quanto a sympathia atrahê; a antipathia denota uma força centrífuga assaz poderosa para restabelecer o equilibrio indispensavel ao movimento.

E' de crêr que os orgãos da sensibilidade sejam uma especie de —*christallisation* magnetica animalisada; tudo a propriedade de fazer circular o ferro liquefacto, igualmente *animado*.

O homem é sangue e nervos, por via de regra: ao fôco d'esse singular microcosmo corresponde exactamente o coraço, — ponto convergente e divergente de toda corrente de vitalidade!

Ha almas que formão uma especie de «asterismo»; como que um systema perfeito, parecido com o do sol e seus planetas.

Certas affinidades desconhecidas as approximão e as fazem cruzar suas respectivas orbitas, sem se chocarem todavia!

Ha por sem duvida no mundo moral—tantos phenomenos a estudar, quantos no mundo physico; sinão mais!

seguiu.

A mulher e a moça, feridas á bala, foram mor-

II

Esta ordem de considerações, bem ou mal desenvolvidas aqui, forão-nos suggeridas depois que desobrigos uma longa serie de *coincidences*; nas quaes ainda tambem o nosso humilde nome, de envolta com o de um poeta de primeira ordem e o de um *escriptor* politico de grande nomeada na provincia do Piahy—ambos infelizmente ja fallecidos.

Que não merecemos a distincção que a Divina Providencia approuvadar-nos associando a nossa pobre e obscura pessoa aquella grande e fulgurante dualidade,—nos lem o sentimo no fundo da nossa consciencia; entretanto o facto ali está, inflexivelmente, por uma mysteriosa lei do Eterno, á qual não nos é dado com tudo penetrar completamente.

Que interrogou a luz, perguntando a razão por que ella accompanha constantemente a terra, como esta faz parte do cortejo do sol!

Designos do Altissimo; cuja infinita sabedoria tudo prevê e tudo dispõe com a mais admiravel precisão mathematica!

Nada falta e nada sobra no Universo; no turbilhão dos mundos o insignificante arguivo tambem representa o seu papel cosmico, embora pequenissima, inconstante e desapparecido. . .

O porque vienos a fazer parte de uma brilhante constellação, não o sabemos nós philosophicamente; como crentes, pensamos porém que foi tam somente porque—*assim Deus o quiz!*

Ora, si isso não for considerado como logico, n'esse caso diremos que leve o demão á impia metaphysica do sabio escarninho, e está tudo acabado.

Outra razão não a daremos.

III.

Temos uma *trindade* humana, imagem imperfeita e microscopica do seu divino Creator: são tres pessoas,—tres almas distintas—e um só destino completando-se nutta ou reciprocamente. Que nos perdoe a theologia, se por ventura estamos aqui a dizer alguma blasphemia.

Em todo caso, porém, não temos a louca pretensão de que-rer *brahmanisar* a pobre humanidade; nem tampouco nos reservamos o logar phantastico de uma das encarnações devidas á superstição gentilica.

Entretanto, reptimos, aqui temos uma *trindade* fôr o sentido mystico d'esta palavra. Uma trindade humana nada mais

de agosto.)

pode ser do que um grupo de tres almas, ligadas desde o berço umas as outras, semelhantes aos rios de uma corrente que se est-m-la para um fim—tam somente sabido, com exactão, por Aquelle aquien ella pertence.

O Christo e certamente o elo mais perfeito e mais elevado d'essa mysteriosa cadeia, que ha 19 seculos prendeu-se tenazmente ao céo—communicando desde então directamente a humanidade com o seu divino Creator.

Sympomos que cada ente está ligado *por dois lados* á cadeia interminavel dos seres da sua especie; sentimo mesmo que ha um destructivel nexo moral que une todos os espiritos.

D'est arte, comprehendemos, ainda que vagamente, o que seja a nossa sorte ou o nosso destino: consequente concatenação de existencias,—mas grado seu: reciprocamente, adheridas; cada elo sempre *dependente de outros dois*, dos quaes parece ser uma prolongação engenhosa, tanto para a direita como para a esquerda: isto pouco mais ou menos:



Parcece-nos ter, pois, acabado de descobrir a articulação mirabolosa do fio invisivel e magnetico da existencia de tres individuos do nosso perfeito conhecimento, os quaes vamos apresentar aos leitores, a quem convidamos para virem conosco apalpar os pontos de *intersecção* em que essas almas se encontram como arpoas de ferro fundido artisticamente travadas ou engraxadas. Eis aqui os nomes de cada um:

ASTORIO GONCALVES DIAS,  
DEOLDO MACHES DA SILVA MOURA,  
DAVID MOREIRA CALDAS.

IV.

Os tres supra mencionados individuos tem *collectivamente* 64 letras—formando os seus nomes, sobre-nomes e appellidos; vixte pertencentes ao primeiro (o mais velho)—26 ao segundo—e dezoito ao ultimo, que é o mais moço dos tres e o unico sobrevivente.

Si cada um dos quinze caracteres, d'essas 64 letras, dermos um determinado valor fixo,—correspondente á quantidade de letras da mesma especie ou do mesmo caracter; obteremos os seguintes symbols:

Fonte: FOLHETIM. Apontamento para a nova ciência. Teresina. nov, 1874, ano II, num.31. p.01. Disponível: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil. Disponível: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

<sup>482</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3.ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 219.

<sup>483</sup> CHARTIER, 2004.

O próprio título do texto, denominado *Apontamento para uma nova ciência*<sup>484</sup>, é sintomático quanto à intenção da produção. A análise da trajetória dos três indivíduos<sup>485</sup> se daria à luz de uma própria dinâmica estabelecida pela construção de uma lógica, o que justifica o elo estabelecido entre esses indivíduos, resultando na fabricação do folhetim.

Os três supramencionados indivíduos têm coletivamente 64 letras – formando os seus nomes, sobrenomes e apelidos; vinte pertencentes ao primeiro (o mais velho) – 26 ao segundo, - e dezoito ao último, que é mais moço dos três e único sobrevivente. Se cada um dos quinze caracteres dessas 64 letras, dermos um determinado valor fixo, - corresponde à quantidade de letras da mesma espécie ou do mesmo caractere, obteremos os seguintes símbolos [...]<sup>486</sup>.

A construção dos símbolos citados no trecho é resultado da combinação do sistema numérico ao alfabeto, em que cada letra corresponde a um algarismo. Esse novo campo de conhecimento é denominado de *coincideologia*<sup>487</sup>. No folhetim, a expressão utilizada é *operações coincideológicas*. A expressão anterior foi encontrada na coluna denominada *Notícias*. A nota anuncia a publicação da produção, ao mesmo tempo em que justifica a demora do lançamento, apresentando o campo epistemológico como “uma ciência nova”<sup>488</sup>, além de significar a construção do referido campo como algo grandioso, assim como as descobertas das leis físicas de Bode<sup>489</sup> e Keppler.<sup>490</sup>

---

<sup>484</sup> APONTAMENTO PARA NOVA SCIÊNCIA, 1874, p. 01.

<sup>485</sup> Os indivíduos, objetos do enquadramento, são Davi Moreira Caldas, Antônio Gonçalves e Deolindo Mendes da Silva Moura.

<sup>486</sup> APONTAMENTO PARA NOVA SCIÊNCIA, *Oitenta e Nove*, 1874, p. 01.

<sup>487</sup> NOTÍCIAS. *Oitenta e Nove*. nov, 1874, ano II, num.31, p. 02.

<sup>488</sup> NOTÍCIAS. *Oitenta e Nove*. nov, 1874, ano II, num.31, p. 02

<sup>489</sup> Johann Elert Bode foi responsável pela criação de uma lei matemática, que consistia em medir a distância entre os planetas do sistema solar, aproximando o campo matemático da Astronomia.

<sup>490</sup> O Alemão Johannes Kepler foi um astrônomo, matemático e astrólogo, responsável por criar um modelo, que analisava o movimento do sistema solar por meio de modelos heliocêntricos.

**Figura 10 - Folhetim Apontamento para uma nova sciência, presente na segunda página do jornal, ocupando grande parte do rodapé do jornal, dividido em duas colunas, em que é possível visualizar a operacionalização da teoria proposta.**

COIN e a coincidência da cauda.		se compõem os nomes dos tres!	
A—representando	10	Prefazem—bezorro, que é a quantidade de letras que tem	quês Joanna d'Arc, Mme. Roland, etc.
C	2	as palavras—DAVID MOREIRA CALDAS.	A Sr. <sup>a</sup> D. Narciza Amalia respondeu commoeda com um
D	8	Prefazem—bezorro, que é a quantidade de letras que tem	discurso em que lirlhau os seus elevados doles intellectuaes.
E	5	C, O, ou 2, 7—sendo somadas, importão em NOVE (cujo	Seguiu-se a isto uma festa de familia, digna de tão illustre
G	1	quadrado vem a ser 81). Estas mesmas letras C, O (27) ao	hospede.
I	6	lado umas das outras, ou emparelhadas tomão o valor de VINTE	O <i>Reverendo</i> digna-se trocar tamlem com o <i>Oitavo</i> e nove:
L	4	E SETE: ao contrario, se as multiplicarmos (2x7) não obtere-	de seu numero 39, de 27 de setembro, extralhimos o discurso
M	3	mos senão 14 (2x7).	seguinte,—do Ex. <sup>o</sup> sr. conselheiro Saudanha Marinho,—e
N	5	I, N, ou 6, 5 somão OXTE, ou representão SEXTENTA e CINCO.	depois a resposta da distinctissima poetica.
O	7	C, I, ou 2, 6 importão em otto sendo adicionadas, ou leem-	Em. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> D. Narciza Amalia.
R	3	se—VINTE e SEIS, se as compozermos.	Recebi da esperansa mocidade academica do Rio de Ja-
S	5	D, ou 8, vem a ser a <i>raiz quadrada</i> de SEXTENTA e QUATRO:	neiro o gratissimo encargo de depar nas mãos de v. exa. a
T	4	é por sem duvida a <i>letra principal</i> da BOSSA CAUDA COINCIDEN-	pena de outro, que ora tenho a honra de lhe entregar.
U	1	CIOLÓGICA.—como demonstraremos n'outra parte.	Este mimo na sua mais elevada significação moral, exprime
V	3	EX ou 33—lêem-se trinta e cinco e somão dez.	da parte dos generosos manueles que hão de ser um dia glori-
		CI ou 26—lêem-se VINTE e SEIS, ou somão otto.	as da nossa querida patria, o testemunho da admiração e res-
		A—vale 10.	peito que elles votam aos laureados talentos da distinctissima
		Estas sete proposições parciais formão o todo que abaixo se	auctora das <i>Nébulas</i> , aquellos altos egões do mar da im-
		vê, como um edificio formoso:	mensidade.
		C O I N C I D E N C I A.	Quiz ainda dest'arte mostrar a mocidade academica das Es-
		2 7 6 5 2 6 8 5 3 2 6 10.	colas de Medicina e Central que, applaudindo e saudando o
		Cada uma das <i>doze</i> letras, da palavra supra, corresponde	fermoso engenho poetico com que a Providencia tão liberal-
		a um signo do ZODIACO,—equivalente a um mez do anno; vamos	mente dotou v. exa., era fiél ás tradições com que em todas
		com ellas formar pois a seguinte <i>taboa</i> , que nos ha de servir	os tempos a mocidade culta se associou, compartilhou e fecun-
		para curiosas investigações sobre o passado, e quem sabe mes-	dou todas as nobres ideas do progresso.
		mo se para alguma coisa MAIS TRANSCENDENTE AINDA!	Escolhendo-me para desempenhar a mais assignalada com-
		C . . . . . 2 . . . . . Janeiro.	missão que me ha sido commettida em minha vida, os dignos
		O . . . . . 7 . . . . . FEVEREIRO.	offeriantes de certo se esqueceram da minha obscuridade, para
		I . . . . . 6 . . . . . MARÇO.	unicamente se lembrarem de que entre os admiradores de v.
		N . . . . . 5 . . . . . ABRIL.	exa. nenhum me excede em sinceridade e enthusiasmo.
		C . . . . . 2 . . . . . MAIO.	Digne-se, pois, v. exa. aceitar as minhas mais cordiaes sau-
		I . . . . . 8 . . . . . JUNHO.	dações e permitir que lhe beije a mão.
		D . . . . . 5 . . . . . JULHO.	PRECLARO CIDADÃO.
		E . . . . . 5 . . . . . AGOSTO.	Vós que sois o interprete dos sentimentos da briosa mocidade
		N . . . . . 5 . . . . . SETEMBRO.	academica, vós que vindes fallar-me em seu nome e offer-
		C . . . . . 2 . . . . . OUTUBRO.	recer-me este simbolo da forza, esta alavanca do pensamento,
		I . . . . . 6 . . . . . NOVEMBRO.	este gladio triante das ideas, dignae-vos aceitar, n'estas desali-
		A . . . . . 10 . . . . . DEZEMBRO.	gnadas palavras, o protesto mais vehemente do meu reconhe-
		Todal dos numeros=64: tantas são as letras dos tres no-	cimento para transmittir-o a elles—que são a mais lisonjeira,
		mes das <i>personas</i> cujos destinos tercosmos iremos perseguir nos	esperança da patria.
		seguintes artigos.	Não foi o merito do meu livro nem as ideas individuais por
			elle espargas, que arrebataram n'esses orações generosas esta
			brado eloquente de fraternisação litteraria; não, devo-o apenas

**Fonte:** FOLHETIM. Apontamento para a nova sciência. Teresina. nov, 1874, ano II, num.31. p.02. **Disponível:** Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil. **Disponível:** Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

Outras produções folhetinescas encontradas na imprensa teresinense do período abrem possibilidade para refletirmos sobre o desenvolvimento dessas discussões de caráter científico, ampliando nosso olhar sobre esses debates. O Folhetim intitulado *Ligeiras Considerações*<sup>491</sup>, publicado no periódico *O Telephone*<sup>492</sup>, é bastante elucidativo de como essas teorias eram serviam de instrumento argumentativo de apreensão da realidade. O levantamento realizado permitiu o acesso a dois números do título, o que nos leva a crer que a produção se estruturava por meio de uma série. Tais números, por sua vez, centram-se em discorrer sobre as referidas ideologias de cunho racionalista. O autor, denominado Spencer<sup>493</sup>, um pseudônimo, em clara

<sup>491</sup> SPENCER. *Ligeiras Considerações*. *O Telephone*. Teresina: 13 de Jan .1889. Ano VII, num. 291, p. 01.

<sup>492</sup> Periódico de propriedade de Antônio Joaquim Dinis. Segundo Pinheiro (1997), em 1889 o jornal foi transformado em *n' O Estado do Piauí*, demarcando-se politicamente como órgão do partido republicano.

<sup>493</sup> Herbert Spencer nasceu em 1820, na cidade de Derby, e faleceu em 1903, em Brighton, na Inglaterra. Atuou nos campos da Filosofia, Sociologia e Naturalista. Influenciado pelo Darwinismo, que apresenta como ideia central a concepção de que as espécies animais constantemente evoluem para se adaptarem às mudanças do meio em que vivem, applicou a referida problemática à perspectiva social, advogando que as mudanças seriam também applicadas à sociedade e que elas conduziriam os homens ao progresso, em que os mais fortes passariam a constituir o grupo dominador, conduzindo os demais às tais transformações. A presente teoria ficou conhecida como Evolucionismo ou Darwinismo Social. Dentre as obras do pensador, destacamos: *Social Static Economist* (1851), que trabalhava com a ideia de que a sociedade se adaptaria em viver sem um estado; *Princípios da Psicologia* (1855), na qual defendia a ideia de que a mente humana poderia ser explicada e governada por leis naturais; e *System of Synthetic*

referência ao teórico responsável por produzir uma leitura social sobre a teoria evolucionista, denominada Darwinismo Social<sup>494</sup>, apresenta a importância, revelando o encantamento com a entrada das ciências naturais:

As ciências naturais têm se avantajado nessa ontogênese do esforço intelectual da humanidade e ganhou fervorosos adeptos que dia a dia vão pondo as sociedades interiores dos seres atrasados a conhecimento de todos, a ordem prima da observação. Na série animal, a anatomia não se ocupa só do reino hominal ou *Regnum Humanum* de Saint-Hilaire, mas, analisa os seres inferiores desde a família simiana, essa elevação dos seres irracionais até a esses milhões de espécies que formigam no fundo dos mares e no vácuo inadmitido nas correntes dos fluídos atmosféricos<sup>495</sup>.

A citação evidencia a influência das ideias evolucionistas<sup>496</sup> como pilares argumentativos que estruturam a produção. Em várias partes dos folhetins em questão, atestar a superioridade humana aparece como recurso retórico para compreender o lugar de outras espécies nesse cenário evolutivo. –Também sugerem que é necessário olhar para o passado, a fim de perceber essa escalada linear de transformações que suscitaram o surgimento do progresso na sociedade oitocentista. Vários foram os avanços ocorridos, segundo o autor. Os aquedutos, as estradas de ferro, o telégrafo, o telefone e o fotógrafo são apresentados como elementos que ajudam a dar forma ao referido processo<sup>497</sup>. Para que essas conquistas materiais pudessem ser realizadas, “foi preciso que os Fenícios, navegadores ousados, os Egípcios antigos dos tempos dos Ptolomeus, os gregos dos tempos de Licurgo e Solon, os romanos dos tempos de Anibal desaparecessem como meteoros rábidos”<sup>498</sup>. Nesse sentido, as noções de civilização e progresso não devem ser entendidas como conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelo universal<sup>499</sup>.

A dúvida, pontapé inicial e força motriz da investigação científica, é evocada como parâmetro de medida dos avanços. Utilizar o tempo como categoria explicativa do progresso parece ser eficaz para ilustrar a inexorável marcha evolutiva humana, uma vez que é perceptível sua recorrência ao longo das fontes em análise. Nesse ponto, é preciso destacar que os usos do

---

*Philosophy*, que demonstrava os princípios evolucionistas aplicados aos campos da filosofia, sociologia e psicologia.

<sup>494</sup> A teoria apresenta como premissa a hierarquização social como instrumento de evolução. No seu interior, estão inculcadas as ideias de raça, atestando a ideia de superioridade de certos grupos em detrimento de outros.

<sup>495</sup> SPENCER. Ligeiras Considerações. *O Telephone*. Teresina: 13 de Jan.1889. Ano VII, num. 291, p.01.

<sup>496</sup> Teoria desenvolvida pelo naturalista Charles Darwin (1809-1882), conhecida por Evolução e estruturada na tese de que as espécies sofrem constantes transformações, desenvolvendo-se a partir de ancestrais comuns. A tese foi criada como contraponto às ideias de explicação da origem do mundo com viés religioso, que advogavam que a concepção das espécies eram oriundas de uma intervenção transcendental.

<sup>497</sup> SPENCER, 1889, n.291, p.01.

<sup>498</sup> SPENCER, 1889, n.291, p.01.

<sup>499</sup> SCHWARCZ, 1993, p. 57.

paradigma da modernidade, como instrumento de mediação temporal, apresenta como uma possibilidade de perceber de que maneira a noção de modernidade enquanto fio condutor passa a balizar as experiências humanas e, conseqüentemente, como ela compõe as múltiplas camadas de temporalidades que são constituídas em cada período<sup>500</sup>.

Elias corrobora a ideia anterior ao demonstrar que o tempo se constitui por múltiplos processos que se estabelecidos pela interação de diferentes grupos sociais, que passam a produzir elementos referenciais mediadores do tempo<sup>501</sup>. Nesse processo de imbricamentos, a narrativa se apresenta como aspecto essencial à estruturação do tempo, tanto na história quanto na ficção. O autor destaca que no processo de “historicização da narrativa de ficção e ficcionalização da narrativa histórica, nasce o que chamamos de tempo humano”<sup>502</sup>. Em outros termos, a narrativa surge como responsável pela constituição de um terceiro tempo, que, por sua vez, é recriado e enquadrado por meio da ficção e da História. As referidas problematizações vão ao encontro do que foi analisado no folhetim em questão. Há uma leitura modernizadora, advinda de um período em que as experiências relacionadas ao progresso material se desenvolviam, sobretudo, na Europa Ocidental. Essas vivências passariam a estabelecer uma nova maneira de construir a realidade, se configurando como referencial. Na parte inicial de um dos textos da série<sup>503</sup>, é ressaltada a insuficiência de recursos que levariam o homem a alcançar o grau de conhecimento conseguido até então em outros períodos da história. O sentido expresso no texto é direcionado de modo a demonstrar a impossibilidade de se imaginar uma sociedade sem essas melhorias.

Parece-nos impossível, a nós, que ontem na idade de pedra pouco mais do alimento físico conhecíamos, que não podíamos formar uma ideia da retorta, da régua, do compasso, do telescópio, do barômetro, do termômetro, do bisturi, do microscópio e de todo esse arsenal artístico por meio do qual nossa retina rasga as camadas atmosféricas no espaço, o veio das carnes dos seres organizados, e desce a análise minuciosa dos infusórios, vendo a formação das moléculas desde a junção do espermatozoide com óvulo.<sup>504</sup>

Contudo, todas essas discussões acerca das teorias de Charles Darwin e Spencer constituem pano de fundo para o objetivo central dos referidos folhetins, que se configurava em tecer algumas considerações sobre a espécie animal. De modo mais específico, a linhagem canina ocupa espaço de reflexão. No que tange a essa análise, é possível observar uma

<sup>500</sup> HARTOG, François. *Regimes de Historicidades: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 38.

<sup>501</sup> ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 40.

<sup>502</sup> RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa – Tomo III*. Campinas, SP: Papyrus. 1997, p.177.

<sup>503</sup> SPENCER, 1889, n.291, p.01.

<sup>504</sup> SPENCER, 1889, n.291, p.01.

construção narrativa no sentido de explicitar as qualidades da raça. Aspectos como coragem, docilidade e obediência estão entre os atributos retratados. A inspiração também figura como traço, utilizada como instrumento de criação na literatura, segundo o autor. Tais traços argumentativos demonstram a importância e a necessidade de promover investigações sobre os animais.

É um animal doméstico capaz de enfrentar aos mais bravios e mais perigosos animais, como entre nós a onça, o tamanduá, o caititu; dá caça aos mais ágeis em corridas como o veado. E além de tudo uma obediência e docilidade admiráveis e que decerto fez inspirar a Roberty, o escritor francês, aquela tão conhecida história do cão reconhecido; a Guerra Junqueiro, os mimosos versos de Fiel; a Guimarães Júnior, o seu mimoso Veludo e História do Homem e o Cão; ao povo a legenda que corre o mundo de S. Lázaro o morfético e a matilha de cães hidrófobos que o traziam ossos ruídos para se alimentar<sup>505</sup>.

É importante observar que o interesse em lançar considerações sobre o mundo animal revela a criação de novas sensibilidades, ao sugerir outras atitudes em relação às espécies domésticas e selvagens<sup>506</sup>. Ao citar Lavater<sup>507</sup>, em clara defesa da ideia de conexão entre os seres<sup>508</sup>, o autor questiona: “e o cão não estará nesta ordem?”<sup>509</sup>. Apartar o referido animal dessa lógica configuraria “uma calúnia à sociedade irracional”<sup>510</sup>. Posicionamentos como esses eram significados como preconceituosos, por revelarem uma visão arcaica da sociedade<sup>511</sup>. De modo inverso, as visões que pautam a defesa dos animais se estruturam não somente numa concepção de cunho naturalista. Reivindicar proteção a eles integraria um processo de ordenamento social que se pretendia implantar, devendo ser entendido no interior de um projeto de modernização. Esse elemento é evidenciado pela crítica referente aos castigos impostos aos cães. O autor prescreve:

[...]se o dono não for culpado e chegar-se à conclusão de que o cão é de índole, não submetam-no a celeiro por cinco dias, na reincidência quinze, a desterro periódico e assim sucessivamente na escala cronológica dos castigos, como a fome, a sede, a perda da liberdade absoluta, a morte, contando que o evento moralize a espécie e a sociedade hominal fique de honra desagregada<sup>512</sup>.

<sup>505</sup> SPENCER, 1889, n.291, p.01.

<sup>506</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *História, Literatura, Sociabilidades*. Teresina: EDUFPI, Academia Piauiense de Letras, 2015, p.31.

<sup>507</sup> Johann Kaspar Lavater (1741-1801), suíço, poeta, e fundador do campo da Fisiognomia, que consiste em estudar os traços da personalidade a partir dos traços fisionômicos.

<sup>508</sup> “Cada grão de areia é uma imensidade; cada olho um mundo; cada inseto uma união de afetos incompreensíveis”. (SPENCER, 1889, n.291, p.01).

<sup>509</sup> SPENCER, 1889, n.291, p.01.

<sup>510</sup> SPENCER, 1889, n.291, p.01.

<sup>511</sup> QUEIROZ, 2015, p.36.

<sup>512</sup> SPENCER, 1889, n.295, p.01.

Os castigos, portanto, deveriam ser evitados, de modo a promover a desmoralização do homem, por constituir uma prática que desvie da noção de civilidade. Logo, o comportamento resultante do instinto dos cães deve ser justificado pela sua irracionalidade. No caso de animais domésticos, a culpa por tais atos deve ser atribuída aos seus donos, passando a constituir em um problema doméstico. Ou a responsabilidade recairia sobre os agentes públicos, no caso dos fiscais dos municípios, caso não cumprissem suas atribuições, cujo objetivo era contribuir com o ordenamento social.

Se o cão não tem ingerência alguma na sociedade humana, isto é, não tem atividade diante o homem, - é tido, havido, considerado e submetido à passividade, portanto em estado de não ter emancipação, absolutamente irresponsável, tem culpa de lhe terem ministrado uma péssima educação doméstica? Não, por certo. Ele não é um animal inconveniente. O dono (?) é que é um mau educador e o fiscal do município um agente decorado que não procura, por meio de multas, obrigar o referido dono compenetrar-se que acha-se confiado num mandato grandioso e importante - qual o da educação doméstica. Um escritor português torna sociedade responsável pelos crimes dos analfabetos; a semelhança das proposições e de tintas muito vivas<sup>513</sup>.

O trecho anterior indica que a relação do homem com os animais se dava através do desenvolvimento do primeiro no papel de tutoria. Atribuir aos animais o sentimento de ingenuidade ainda reflete o reconhecimento da presença potencial de sentimentos. Queiroz afirma que por vezes tais aspectos eram iluminados à luz de uma comparação com os atributos humanos, que poderiam ser facultados a eles sentimentos como amor, inteligência, fidelidade, carinho.<sup>514</sup>

Essa escrita, que reivindicava através de suas discussões certas práticas e ordenamentos, apresenta-se apenas como uma dimensão da experiência do homem sobre o ato de apreender a realidade, ao mesmo tempo em que intencionava modelizar comportamentos, uma vez que a escrita é significada como uma missão<sup>515</sup>, na qual a literatura e a imprensa eram vistas com a finalidade educacional e instrutiva<sup>516</sup>. Por vezes, tais práticas escriturísticas<sup>517</sup> consistiam em um estilo denunciativo, demonstrando, através dos contrários, o que deveria ser. Tais intencionalidades enunciadas por meio da escrita encontram aproximação com a percepção do que seria processo civilizador proposto por Norbert Elias<sup>518</sup>, quando o autor trata do

<sup>513</sup> SPENCER, 1889, n.295, p.01.

<sup>514</sup> QUEIROZ, 2015, p.39.

<sup>515</sup> SEVCENKO, 1999.

<sup>516</sup> MAGALHÕES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: Horizontes de leitura & Crítica Literária*. Teresina: EDUFPI. Academia Piauiense de Letras, 2016, p 223.

<sup>517</sup> CERTEAU, 1998, p.226.

<sup>518</sup> ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma História dos Costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

desenvolvimento de um conjunto de práticas e normas que intencionariam a implantação do progresso, em oposição àquilo que era considerado bárbaro.

Nas mãos da classe média em ascensão na boca dos membros do movimento reformista, é ampliada a ideia sobre o que é necessário para tornar civilizada uma sociedade. O processo de civilização do Estado, Constituição, a educação e, por conseguinte, os seguimentos mais numerosos da população, e eliminação de tudo o que era ainda bárbaro ou irracional nas condições vigentes, fossem as penalidades legais, as restrições de classe à burguesia ou as barreiras que impedem o desenvolvimento do comércio – este processo civilizador devia seguir-se ao refinamento de maneiras e à pacificação interna pelos reis.<sup>519</sup>

A produção folhetinesca *Saudades de Barras*<sup>520</sup>, publicada no periódico *A Época*<sup>521</sup>, pode ser encarada como essa tentativa de promover uma interferência social. O folheto traz como objeto central algumas considerações sobre o município de Barras<sup>522</sup>. Em um primeiro momento, o texto produz uma pequena apresentação sobre a cidade, a fim de localizar o leitor sobre o ambiente que pretende abordar. Os elementos utilizados na feitura do prólogo levam em consideração os aspectos históricos e geográficos. O rio é narrado como aspecto responsável pelo desenvolvimento da localidade, representado como um “repositório de água potável e refrigerante” que disputa importância e formosura com o rio Parnaíba<sup>523 524</sup>. Na confluência dos rios Maratoan<sup>525</sup> e Longá<sup>526</sup>, emerge a cidade de Barras. O clima também serve como elemento que ajuda a construir essa narrativa. Descrito como “delicioso e ameno”<sup>527</sup>, dada a proximidade com o rio, contribui, segundo o autor, para o desenvolvimento de um ambiente saudável.

Mais à frente, a ausência de saneamento da cidade é apontada como responsável pelos constantes alagamentos, quando o autor afirma que “o saneamento da vila é repreensivelmente descarado. A praça dos Campos - hoje praça da Paz, após grandes aguaceiros formam soberbo lago cuja margens atingem as calçadas de uma rua inteira<sup>528</sup>”. A partir de então, toda a produção

<sup>519</sup> ELIAS, 1994, p.62.

<sup>520</sup> X. Saudades de Barras. *A Época*. Teresina. 1884. n. 304, p.01

<sup>521</sup> Periódico de caráter conservador, que teve vida entre os anos 1878 a 1889. Teve como redatores Teodoro Alves Pacheco, Raimundo de Arêa Leão e Simplício Coelho de Resende.

<sup>522</sup> Município piauiense localizado a 120 km da capital Teresina, ao norte do estado.

<sup>523</sup> Nascido na Chapada das Mangabeiras, cuja foz deságua no oceano Atlântico, o rio Parnaíba é considerado o maior rio do nordeste, uma vez que nasce totalmente na região. O curso de água é uma fronteira natural que divide os estados do Piauí e Maranhão, percorrendo 1.045 Km.

<sup>524</sup> X. Teresina. 1884.p.01.

<sup>525</sup> Nascido entre os municípios de Altos e José de Freitas, localizado na região norte do estado do Piauí.

<sup>526</sup> Nasce no município de Alto Longá, localizado ao norte do estado Piauí, onde se encontra o rio Maratoan, constituindo um afluente do rio Paranaíba.

<sup>527</sup> X. Teresina. 1884, p.01.

<sup>528</sup> X. Teresina. 1884, p.01.

se volta para o objetivo de denunciar o atraso. No texto, o progresso é discutido pelo seu contrário. A visão higienista é retratada através das críticas direcionadas à grande quantidade de porcos que transitavam livremente pelas ruas, o que era permitido pelo código de posturas, segundo aponta o folhetim. O texto destaca que “com uma tal franquia, brevemente os habitantes suínos da décima urbana sobrepujarão a raça bípede”<sup>529</sup>. O que possivelmente resultaria em desordenamento e conseqüente fator impeditivo de avanços materiais. O discurso higienista era percebido como um aliado a um pretenso processo de urbanização que se pretendia instituir. Costa destaca que, por meio de um conjunto de estratégias, ações e noções médicas, a medicina social se apossou do espaço urbano imprimindo marcas de sua influência<sup>530</sup>. Esse influxo se materializava através de uma série de ordenamentos, a fim de cumprir o propósito de se promover o processo de salubridade.

Entretanto, não devemos encarar o referido processo como algo homogêneo e linear. Constituem esse movimento as tensões e disputas que se processavam em seu interior. Figuram como atitudes que dificultavam essa ingerência “a não obediência das posturas municipais – a criação de porcos nas ruas e quintais, a ausência de eficácia na coleta de lixo, a não melhoria do abastecimento básico”<sup>531</sup>. A proliferação de porcos na rua, conforme relatado no folhetim, deve ser encarada como uma crítica política, uma vez que o argumento é utilizado com o intuito de revelar a omissão do poder público. Essa negligência resultaria em um povo “mal policiado e semibárbaro”<sup>532</sup>, reforçando ainda mais o atraso daquela população.

O progresso material e intelectual das Barras, se não é estacionário, com certeza é retardatário, a despeito dos atrativos do lugar e sua fertilidade espantosa, que torna a vida cômoda e fácil. Naturalmente causas muitos especiais devem concorrer para um tal estado de coisas. Os barrenses são hospitaleiros e tratáveis; sóbrios sem sordidez, dispendo deste traquejo social, comum aos povos sociáveis; mas, por via de regra, ressentem de imperdoável incorreção no falar, defeito derivado, mais da negligência do que da ignorância dos principais comezinhos e rudimentares da gramática.<sup>533</sup>

O trecho acima aprofunda a discussão da percepção do texto sobre a população. Nela, discutem-se as causas que levariam ao atraso de sua gente. O meio é utilizado como fator de incentivo para o desenvolvimento desses hábitos, citando que a “fertilidade espantosa” não incentiva o desenvolvimento intelectual, favorecendo a acomodação de seus cidadãos. Nesse

<sup>529</sup> X. Teresina. 1884, p.01.

<sup>530</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Familiar e Discurso* médico. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979, p.30

<sup>531</sup> QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011, p.31.

<sup>532</sup> X. Teresina. 1884, p.01.

<sup>533</sup> X. Teresina. 1884, p.01.

ponto, há implicitamente uma visão mediada pela filosofia iluminista que pretendia dar conta de explicar o desenvolvimento humano. A alteridade percebida de forma implícita se anuncia também pela necessidade de instruir a sociedade. Apesar de “hospitaleiros e tratáveis dispendo de traquejo social”<sup>534</sup>, essas pessoas ainda apresentavam falhas na arte do bom convívio, com gramaticais no falar, que, segundo o autor, eram produto mais da negligência que propriamente da ignorância, reforçando que esse traço se constituía também como um problema de mentalidade.

Para além de listar todos os aspectos analisados, a questão da infraestrutura entra como pauta de discussão para corroborar a tese da ausência de progresso. A burocracia é comprometida pelo número insuficiente de prédios, restrito somente à igreja matriz e à câmara municipal, ao colégio eleitoral e à sala do júri, que, por sua vez, careciam de manutenção. Tais aspectos são narrados a fim de demonstrar que estavam ultrapassados.

A população não cresce. Os edifícios públicos resumem-se na igreja matriz, que não goza de boa saúde e na casa da câmara, que serve de quartel e cadeia. Esta é péssima e úmida sem condições higiênicas, impossível de ser ventilada em qualquer estação do ano. O compartimento do edifício é de mau gosto e de mau comando. A sala, onde funciona o colégio eleitoral, carece de proporções. Rebocada aqui e ali com cal mais alva que a do caimento primitivo, tornou-se notável e ridícula como se fora uma bandeira de retalhos. A sala do júri e quartos adjacentes estão imundos e esburacados pelas goteiras que deixaram de si sulcos e listões barrentos, tão próximos uns dos outros, que mal de pode presumir a existência do reboco e caimento de outrora. Os móveis das salas dos tribunais e os panos que os cobrem são fósseis ou anti-filuvianos (?). A banca dos advogados mal pode suste-se nas pernas deslocadas; as cadeiras ou carecem de assento, porque a palhinha volatizou-se ou sofre de maqueiro, ameaçando ruína completa, pondo em perigo os costados do animoso hóspede. Os panos que enastram os restos veneráveis desses sobejos do tempo, foram de cor azul antigamente, hoje não passam de trapos nauseabundos. Um pulgueiro denso e compacto dá combate aos visitantes, fervilhando-lhes pelas pernas acima, como se fora um formigueiro assanhado!<sup>535</sup>

As crônicas folhetinescas também constituíam aporte para o exercício desse tipo de escrita. Ramos destaca a importância do gênero, ao percebê-lo como “peça fundamental para a compreensão da maneira pela qual muitos ‘homens de letras’<sup>536</sup> fizeram da literatura, que circulava majoritariamente nas páginas dos jornais em fins do século XIX, um importante instrumento de significação e intervenção social em que viviam”<sup>537</sup>. Nesse sentido, as crônicas,

<sup>534</sup> X. Teresina. 1884, p.01.

<sup>535</sup> X. Teresina. 1884, p.01.

<sup>536</sup> Grifos do autor.

<sup>537</sup> RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As Máscaras de Lélío: Política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016, p.34.

para além de possibilitarem a discussão dos fatos cotidianos e políticos, apresentavam-se como espaço no qual indiretamente instruíam-se o público leitor aos modos e fazeres. No folhetim *Um Casamento*<sup>538</sup>, publicado no jornal *A Imprensa*<sup>539</sup>, é observável essa referida intenção. A produção consistiu em narrar o acontecimento de um casamento.

Particularmente, a leitura da crônica em questão nos levou a aproximá-la do colunismo social. Essa modalidade se constitui como gênero jornalístico a partir do século XIX, em Paris, momento em que ganha notoriedade por meio da imprensa. Segundo Silva, o gênero desponta nos primórdios do século XX no Brasil<sup>540</sup>. Um ponto a ser levado em consideração, é o fato de sua inserção ter encontrado na crônica um suporte de desenvolvimento. Isso ganha respaldo na produção folhetinesca em análise, demonstrando que, além da crônica, a própria rubrica como forma de disseminação das colunas sociais em fins do século XIX.

Às 5 horas da tarde do corrente ano teve lugar na igreja de N.S do Amparo o casamento do distinto sr. Alferes aluno da escola militar Francisco de Moura Costa com a Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> D. Antônia Lucila de Souza Lima, digna filha de nosso ilustre amigo o exm.sr. dr. Manoel Ildefonso de Souza Lima. O ato foi celebrado pelo s.exc revm<sup>o</sup> o sr bispo diocesano, no meio de crescido a luzido concurso de cavalheiros e senhoras. Serviram de testemunhas o exm. sr. Dr. Emigdio Adolpho Vitorio da Costa e sua Exm<sup>a</sup> consorte D. Ormindia Rocha Vitorio da Costa – o nosso ilustre amigo sr. Capitão João José da Oliveira Costa, e a Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> Dra. Aldegundes César de Moura Rios, esposa do sr. Dr Colin. Por ocasião da celebração do ato, sr. Exe. revdm<sup>o</sup> fez uma prática análoga, mostrando aos noivos o caminho do dever, no seio da sociedade conjugal que contraíram perante a igreja<sup>541</sup>.

O caráter descritivo é utilizado como recurso para possibilitar maiores detalhes sobre o fato, conforme percebido no trecho acima. O esmiuçamento de certos elementos, como o local do enlace, Igreja Nossa Senhora do Amparo<sup>542</sup>, e a citação quase exaustiva dos nomes presentes nos levam a crer que este seja um evento de elite. Para além da função de descrever e informar, a coluna social é significada como espaço de legitimação e constituição desses grupos, sendo a imprensa uma vitrine. Utiliza-se, portanto, o casamento em questão como instrumento de enquadramento de modelização de pretensos comportamentos vistos como elementos fomentadores de civilidade. Antes de narrar o acontecimento em si, o autor, denominado Glucyro, apresenta um prólogo onde tece algumas considerações sobre o casamento. Essa

<sup>538</sup> GLUCYRO. Um Casamento. *A Imprensa*. Teresina. 1881, p.02.

<sup>539</sup> Periódico político do partido Liberal.

<sup>540</sup> SILVA, Paula F. *A coluna social como gênero de fofoca*. (Doutorado - Tese). Brasília: UNB, Departamento de Literatura, Programa de Pós-graduação em Literatura, 2010, p.34.

<sup>541</sup> GLUCYRO, 1881, p.02.

<sup>542</sup> Primeira igreja da cidade de Teresina, Piauí, construída em razão da transferência da capital.

leitura fornece subsídio para percebermos como a instituição é significada, ao mesmo tempo em que fornece certa pedagogia.

Todos sabem, ao menos que não seja essa gente absolutamente ignorante, quais são os fins do casamento, a razão de sua instituição, a dignidade e divindade que ele encerra em si, em suma - o poder que ele exerce nas relações humanas e sociais. Dele nasce o respeito, base essencial de todas nossas ações; a consolidação dos direitos da família; - o poder, a força, - todos esses atributos de vida compatíveis com a honra do lar, a moralidade pública, e, o que é tudo, - a uniformidade do amor com Deus! Por conseguinte, o casamento é o primeiro elemento da vida social -, a primeira necessidade da família, a suprema glória do lar!<sup>543</sup>

Por meio da narrativa, o casamento é visto como a “consolidação dos direitos da família”. Nesse sentido, ele se configuraria como o pontapé inicial no processo de constituição do núcleo familiar, evidenciado no trecho como “primeiro elemento da vida social”. A referida instituição, portanto, entendido como instrumento fomentador da moralidade, aspecto de grande relevância no tecido social, é enunciada como mecanismo que auxiliaria na implantação e manutenção da ordem sobre os corpos. Era necessário, portanto, a fabricação de meios para disciplinar moral e sexualmente, e também disciplinar as emoções<sup>544</sup>.

Ademais, perceber o enlace como elemento gerador de poder permite vislumbrar outra finalidade do casamento que se apresenta em extensão à formação familiar, pelo menos no que tange a uma conotação política da instituição. Silveira aponta que grande parte das uniões exerciam a função de manutenção do poder econômico e político a um determinado grupo<sup>545</sup>. Essa observação justifica, em grande medida, a prática da aliança entre consanguíneos, como meio de assegurar os aspectos citados. Entretanto, é preciso destacar que esse se constituiu como um de outros modelos que desenhavam as relações matrimoniais nos oitocentos. Isso porque com a ascensão de uma sociedade burguesa, em fins do século XIX, outras relações passaram a pautar as relações matrimoniais - como o amor -, que podem ser visualizados como um contraponto ao modelo tradicional<sup>546</sup>. Sobre isso, o autor nos deixa as seguintes considerações:

Mas, para chegar a esse desiderato, quanto custa!...Em primeiro lugar é preciso que as famílias se inspirem reciprocamente nos precedentes que os nobilitam, e, em segundo, que haja uma tal ou qual homogeneidade de

<sup>543</sup>GLUCYRO, 1881, p.02.

<sup>544</sup> COSTA, Mara Lígia Fagundes. *A Escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. (Dissertação- Mestrado). Teresina: UFPI, Programa de Pós-graduação em História do Brasil, p.91.

<sup>545</sup> SILVEIRA, Mona Ayala Saraiva. *As relações familiares e o matrimônio no Piauí oitocentista*. In: LIMA, Nilsângela Cardoso Lima (Org.). *Páginas do Piauí colonial e provincial*. Teresina: EDUFPI, 2020, p.166.

<sup>546</sup> COSTA, 2010, p.89.

princípios entre aqueles que aspiram esse estado. O coração pode pender muito para o lado da trivialidade, e nem sempre a razão está de acordo a deixar-se dominar por seus impulsos, - o que é muito consentâneo com a lógica dos fatos! E nisto está o grande segredo das inclinações amorosas, ou das escolhas convenientes!...E não é tudo! No meio de quanta evolução pode dar-se, antes de chegar à efetividade desse ato de maior alcance social – é mister que surja um vulto maior que todas as vicissitudes e transformações por que possam passar esses caracteres, a fim de desembaraçar-lhes a marcha ou impedir-lhes os voos.<sup>547</sup>

Em tom prescritivo, o autor delineia os passos de como suceder a partir do enlace. Primeiramente, é necessário utilizar como modelo os valores familiares desenvolvidos pelas respectivas famílias dos nubentes. Esses passariam a balizar os aspectos morais que ajudariam a constituir moralmente a nova família. Mas o fato que nos chamou atenção se concentra no ponto seguinte, circunscrito às considerações promovidas em torno da relação entre amor e casamento. O trecho evidencia uma inclinação à crítica no que se diz respeito ao uso do primeiro elemento como justificativa para o segundo por reconhecer certos perigos nas escolhas intermediadas pelo sentimento. “O amor pode pender muito para as trivialidades”<sup>548</sup>, pondera o autor. É perceptível, portanto, que o afeto em questão é significado como algo carregado de impulsividade, resultando em predileções equivocadas. Costa assevera que “o amor teria um lugar privilegiado no casamento, desde que este sentimento fosse vivenciado de maneira racional”<sup>549</sup>. Nesse sentido, o amor deveria ser vivenciado com certa cautela, uma vez que não poderia provocar danos morais aos envolvidos.

Outras problematizações emergem da referida produção, reforçando o caráter prescritivo do folhetim em análise. Uma delas consiste em discutir o papel masculino na constituição e manutenção de poder e ordem na estrutura familiar. Na produção, o pai é significado como peça chave no processo educativo, uma vez que é responsável por suscitar valores morais aos filhos. Implicitamente, a função de provedor emerge das considerações construídas em torno do papel paternal, aspecto problematizado no capítulo anterior, quando investigamos a relação entre o romance e o público leitor. O final do século XIX e início do século XX refletem um conjunto de reconfigurações provenientes do advento de uma sociedade burguesa, redefinindo os modelos de masculinidade e feminilidade<sup>550</sup>. Dentre os novos papéis

---

<sup>547</sup> GLUCYRO, 1881, p.02.

<sup>548</sup> GLUCYRO, 1881, p.02.

<sup>549</sup> COSTA, 2010, p.89, p. 91.

<sup>550</sup> Ver em CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais a condição feminina na primeira república*. Teresina: Bagaço, 2005. \_\_\_\_\_. *História e Masculinidades: a prática escriturísticas dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.

que fariam parte das vivências masculinas, estaria o exercício da paternidade percebida como lugar de afetos<sup>551</sup>.

Esse vulto majestático, como nenhuma majestade maior pode existir sobre a terra, – é o pai de família. Sim; o pai de família que soube educar o filho, incutindo-lhe no espírito o culto de dever para consigo e a sociedade. Sim; o pai de família, que, respeitando os preceitos da justiça e moral, soube doutrinar o filho no temor da lei de Deus. Sim; o pai de família, que, obedecendo ao próprio instinto, soube colocar-se acima do nível das perversões humanas e guiar o filho, apontando-lhe com a mágica mão que abençoa, - o futuro e a glória!...<sup>552</sup>

É preciso ressaltar que as discussões sobre os papéis de gênero não se restringiram somente ao âmbito masculino na produção. É possível apreender a forma como a função feminina é enquadrada no folhetim. Em determinado momento da crônica em questão, o autor destaca as reações suscitadas sobre o evento, no intuito de destacar a manifestação de sentimentos como a inveja<sup>553</sup>. Nas entrelinhas, a narrativa reforça a ideia de que a constituição da identidade feminina perpassava pela finalidade de exercer as funções de mãe, esposa, restrita ao espaço doméstico<sup>554</sup>. Nesse sentido, a instituição exerceria o ofício de ser o “pontapé inicial”<sup>555</sup> de promoção da constituição e vivência dessas identidades.

Se alguma moça pode ufanar-se de, em círculo tão pequeno, ter sido alvo da mais doce e injustificável inveja de amigas e indiferentes, - aquela é uma delas, pois quem escreve estas linhas foi testemunha de muitas manifestações a respeito, quando ela ia e voltava da igreja. Achávamos então do lado de uma senhora de que conversamos a seguinte quadrinha que insensivelmente murmurou: “Se eu morresse neste instante /Minha alma se perderia/Pois de ver aquela glória, /Minha inveja bastaria”<sup>556</sup>.

Em *Vingança Generosa*<sup>557</sup>, conto folhetinesco publicado no periódico *A Reforma*<sup>558</sup>, a escrita figura como exemplo de como a literatura é utilizado em uma dimensão moralizadora. Na produção, o amor figura como temática central. De modo mais específico, as discussões sobre o afeto em questão direcionam suas considerações sobre as experiências amorosas juvenis, de modo a advertir, por meio da ficção, as artimanhas que o sentimento pode provocar. Lima enfatiza sobre a importância de se entender a linguagem para além de uma concepção

<sup>551</sup> CASTELO BRANCO, 2008, p.132.

<sup>552</sup> GLUCYRO, 1881, p.02.

<sup>553</sup> GLUCYRO, 1881, p.02.

<sup>554</sup> CASTELO BRANCO, 2005.

<sup>555</sup> Termo utilizado pelo autor anteriormente ao significar o casamento. Ver: GLUCYRO, 1881, p.02.

<sup>556</sup> GLUCYRO, 1881, p.02.

<sup>557</sup> CONVENIT, Olípe de. *Vingança Generosa. A Reforma*. Teresina. 4 de out. 1887. n. 31, p.02-03.

<sup>558</sup> Periódico de caráter político, literário e noticioso, tendo como proprietário Mariano Gil Castelo Branco e como redatores, Clodoaldo de Freitas e Antônio Rubim.

mediadora, sendo ela também um instrumento engendradora<sup>559</sup>. A ficção, portanto, deve ser entendido por esse viés, uma vez que, por ser constituída pelo elemento anterior, apresenta como uma das finalidades essa característica.

No início do conto, o autor tece algumas considerações sobre o amor dos moços demonstrando, assim, a intencionalidade da produção. Utilizando de uma linguagem metafórica, compara o afeto ao sol, no sentido de demonstrar a ideia de infinitude, e sugere que a capacidade de amar pode ser apreendida por meio do convívio com o sexo oposto, no caso a mulher, ou através das lições que o sentimento pode ensinar.

O coração do moço é como o sol, como o sol tem o seu ardor, e como o sol não para nunca, por isso ama sempre: - ou seja, uma mulher - ou seja, uma lição. Se o moço vela, o coração tem plena consciência do objeto amado: se, ao inverso, dorme, sonha com ele. Pensar o contrário disso, ainda mesmo que o contrário o moço afete, e está em puro erro.<sup>560</sup>

O enredo se desenvolve em torno do Alfredo, representado pela jovialidade, pureza e inexperiência nas vivências amorosas. As qualidades atribuídas ao personagem não se davam por meio de aspectos que definiam os modelos identitários de uma masculinidade evidenciada por características como força e iniciativa<sup>561</sup>. Os valores morais entram em cena como elementos que se sobrepõem aos demais. Segundo o autor, Alfredo “não era nem feio e nem bonito” sua beleza, entretanto, se evidencia por aspectos subjetivos como, “alma grande, nobre e generosa”, proveniente de um “caráter sincero”<sup>562</sup>. Nesse sentido, é possível perceber que a produção destaca o exercício dos afetos e das sensibilidades como elemento ensejador de uma identidade masculina.<sup>563</sup>

Vejamos. Alfredo não é um rapaz tão bonito quanto uma moça possa desejar que o seja o seu namorado: mas também não se o- pode chamar feio. É dos tais de quem com muita propriedade se pode dizer: <<Nem é feio, nem bonito>>. Em compensação, porém, é de estatura regular, porte esbelto, fisionomia franca, simpática, agradável e atirante, o que está de perfeito acordo com a sua alma grande, nobre e generosa. E de um caráter sincero, firme e rígido como todos aqueles que verdadeiramente o são. Não demonstraremos mais tempo em fazer o merecido elogio de Alfredo, porque não é esse o nosso intuito, o qual, como já deve (?) compreendido, é provar que o coração do moço ama sempre, ou ele queira ou não queira; ou demonstre que ama ou simule não amar.<sup>564</sup>

<sup>559</sup> LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.264.

<sup>560</sup> COVENITE, 1884, p.02.

<sup>561</sup> MATOS, M. I. S. DE. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. *Locus: Revista de História*, v. 17, n. 2, 23 abr. 2012, p.132.

<sup>562</sup> COVENITE, 1884, p.02.

<sup>563</sup> COVENITE, 1884, p.02.

<sup>564</sup> COVENITE, 1884, p.02.

Contudo, a descrição das qualidades do personagem se apresenta como pano de fundo para o desenvolvimento da trama, que se concentra em torno da decepção amorosa que Alfredo sofrera. Ao apaixonar-se por “uma moça de nossa sociedade”<sup>565</sup>, o personagem padece da mais dura desilusão de ter sido enganado. Depois de acreditar que a jovem havia correspondido a seus sentimentos, ele vê sua expectativa, sendo acusado de ingenuidade<sup>566</sup>. O interessante da produção diz respeito ao fato de, no seu desenrolar, encontrarmos somente dois personagens; Alfredo e a moça. Ela não apresenta qualquer denominação e sua representação é construída de modo a enquadrá-la como vilã da história, reforçada por adjetivos como “artista hábil, a moça estourada, leviana e indiscreta”<sup>567</sup>. Implicamente, a sedução se faz presente como instrumento capaz de suscitar sentimentos torpes, como a ilusão.

Vale destacar que o conto é narrado em terceira pessoa. O narrador demarca seu lugar no enredo como aquele que exerce a função de apresentar sua leitura sobre o fato, recurso muito utilizado no contexto de uma escrita de caráter pedagógico, construindo uma lição, de modo a advertir o leitor sobre determinados perigos. Em *Vingança Generosa*<sup>568</sup>, a moral do enredo é desencadeada por meio da reação de Alfredo em recusar a moça. Isso seria pautado pela ausência de uma vingança, que é percebida pela personagem como sinônimo de fraqueza.

Mas, de sentimentos muitos nobres, Alfredo fez exatamente o que em seu lugar faria qualquer homem de bem. Não acovardou-se; não se deixou amesquinhar; mas também nunca insultou essa moça. Procurava, é certo, evitar o seu contacto; esquivava-se mesmo de vê-la; mas quando algumas vezes se encontravam, o que não era muito raro, porque viviam sempre no mesmo apertado círculo social, em que ainda hoje giram, essa moçotinha de ficar envergonhada, aturdida mesmo pela cavalheirosa delicadeza a sabida distinção com que Alfredo continuava a tratá-la.<sup>569</sup>

Qual seria a maior vingança se não fosse a de seguir adiante, ainda que todos esperassem o contrário? Essa seria a principal moral desenvolvida no conto. Na produção, a visão maniqueísta, no sentido de seguir a lógica de punir o vilão da trama, é subvertida. Nas entrelinhas, a recusa em se vingar revela a exploração do polimento social como aspecto instituidor de novas vivências masculinas, de modo também a propor, de maneira implícita, novos hábitos a esses devires, sendo a literatura uma forma de reivindicar novas práticas.

---

<sup>565</sup> CONVENTIT, 1884, p.02.

<sup>566</sup> CONVENTIT, 1884, p.02.

<sup>567</sup> CONVENTIT, 1884, p.02.

<sup>568</sup> CONVENTIT, 1884, p.03.

<sup>569</sup> CONVENTIT, 1884, p.03.

### 3.2 O sonho da Mocidade<sup>570</sup>: homens de letras, intelectualidade e autoria

Problematizar as práticas escriturísticas nas produções folhetinescas conduziu a uma construção voltada à finalidade de instruir e moralizar, conforme suscitado anteriormente. Havia, portanto, um projeto cuja escrita era utilizada como instrumento interventivo. Essas intencionalidades carregavam um objetivo maior, consistindo em implantar uma leitura na qual aspectos como civilização e progresso figuravam como expectativas de seus produtores, voltados à missão de modelizar práticas. Localizar o desenvolvimento dessa proposta nos levou à necessidade de analisar o lugar social<sup>571</sup> de quem “empunhava a pena”<sup>572</sup>, exercício ao qual nos deteremos nessa parte da produção. Entender a trajetória intelectual dos seus autores tornou-se fundamental para compreendermos como suas visões de mundo refletiam em suas criações literárias que eram publicados no suporte folhetinesco.

Em *Notas à Parte*<sup>573</sup>, folhetim publicado no periódico *O Semanário*<sup>574</sup>, o único personagem da trama, Álvaro, é caracterizado como um estudante acadêmico, regressando a sua cidade natal durante as férias. A produção se concentra em construir uma breve consideração filosófica acerca da sociedade. Nela, a ideia de progresso é apresentada como solução e finalidade, sendo a mocidade responsável por sua implantação. A ponte que levaria ao referido processo, segundo a narrativa, estaria no amplo conhecimento nos campos das artes, da ciência e da literatura. O século XIX é considerado o período em que os ideais da evolução, da civilização e, sobretudo, da liberdade estariam em pauta, levando à quebra dos grilhões da ignorância, em que o processo educacional era visto como esteio dessas transformações.

Tratando desse importantíssimo assunto – a instituição da mocidade, não posso e nem quero esquecer-me da tibieza que domina o espírito brasileiro, assim como a falta de disposição e gosto pelas letras, artes e ciências, com raríssimas exceções, principalmente em certas províncias do nosso país: eis o germe microbiano, o bacilo que aniquila a força vital de nossa educação e sociedade. (...) Nós, a mocidade, trazemos sectariadas ideias progressistas do século das luzes e filho do trabalho, temos um cérebro ardente, compreendemos maravilhosos acontecimentos, somos filhos da terra de Santa Cruz, berço de tantos heróis, aspiramos e abraçamos a santa causa da liberdade – o progresso e glória! Avante! Erguei e sustentai as artes, a ciência, a

<sup>570</sup> A expressão foi tirada do folhetim *Notas à Parte*, publicado no periódico *O Semanário*. A produção explora as discussões pautadas nas ideias do progresso e como esse aspecto levaria a sociedade rumo à emancipação. Esse aspecto é significado como sonho da mocidade, cabendo à juventude a missão civilizadora responsável por conduzir a sociedade ao esclarecimento. Esse posicionamento revela como os intelectuais se percebiam e de que modo essa percepção contribuía para o processo de formação de uma intelectualidade. Ver: CETENHEIDE. *Notas à Parte*. *O Semanário*. Teresina. Dez. 1884. n.339. ano 01, p. 01.

<sup>571</sup> Ver: CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

<sup>572</sup> DUBLEÁ. Vingança Generosa. *A Reforma*. Teresina. Out.1887. n.31. ano 01.p.02-03.

<sup>573</sup> CETENHIDE, 1884 n. 339, p.01.

<sup>574</sup> Jornal noticioso, de propriedade do cônego Tomás de Morais Rego.

literatura pátria, do Amazonas ao Prata, aos Andes, aos céus, que a posteridade vos espera; ela ajoelhada sob vossos pés, um dia bendirá o vosso nome. Oh mocidade! Álvaro, já é tempo, desperta senhora Mocidade, enquanto possuis as forças da juventude que elevam os esforços intelectuais (...)<sup>575</sup>

As informações encontradas no folhetim nos levam a crer que seu autor, que assinava Centenhide, provavelmente um pseudônimo, seja um estudante piauiense ingressado em uma das faculdades espalhadas pelo país, dadas as características apresentadas pelo personagem: jovem, acadêmico e emigrante, abrindo possibilidade de percebermos a produção como uma representação do movimento intelectual que se processava em Teresina nos fins dos oitocentos. A historiografia piauiense ressalta que, em grande medida, a concepção desse cenário teve como elemento gerador o ingresso de estudantes piauienses na Faculdade de Recife<sup>576</sup>. A ausência de ensino superior no Piauí justifica o interesse de alguns estudantes de prosseguirem suas formações em outros estados. Avelino destaca que a referida instituição pernambucana se torna o centro de predileção dos piauienses entre as últimas décadas do século XIX, por ser referência de instituição de ensino superior na área jurídica, ao mesmo tempo em que representava também uma relativa proximidade com o Piauí, tendo em vista que outra faculdade se estabeleceu em São Paulo<sup>577</sup>.

Schwarcz ressalta que a implantação de ensino superior era parte de um projeto que pretendia desvincular o país do modelo colonial existente. Era necessário, portanto, a construção de uma intelectualidade que apontasse soluções para os problemas nacionais e, assim, criar um signo de uma nação que se preocupava em avançar<sup>578</sup>. Isso nos faz refletir que a concepção do estatuto de intelectual nos oitocentos estava ligada ao lugar institucional<sup>579</sup> que esses sujeitos ocupavam. As instituições de ensino superior representariam, portanto, centro de irradiação da constituição do pensamento. As faculdades de São Paulo e Recife forneciam, em âmbito de formação jurídica, suporte para o desenvolvimento de ideias. A primeira seguia uma

<sup>575</sup> CENTENHIDE. Notas à parte. *O Semanário*, Teresina, ano 9, n. 339, 6 dez. 1884.

<sup>576</sup> Ver: ARAÚJO, Vinícius Leão. *História e Imprensa: a cultura política em jornais piauienses de 1868 a 1875*. (Dissertação-Mestrado / UFPI). Teresina: Programa de Pós-Graduação em História do Brasil - UFPI, 2013. AVELINO, Jarbas Gomes Machado. *As Escritas dos Bacharéis: a ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana*. (Dissertação- Mestrado). Teresina: UFPI, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, 2010. CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e Masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008. COSTA, Mara Lígia Fagundes. *A Escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. (Dissertação - Mestrado). Teresina: UFPI, Programa de Pós-graduação em História do Brasil, 2010. MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: Horizontes de leitura & Crítica Literária*. Teresina: EDUFPI. Academia Piauiense de Letras, 2016. QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Hígino Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

<sup>577</sup> AVELINO, 2010, p.37.

<sup>578</sup> SCHWARCZ, 1993, p.141.

<sup>579</sup> Ver: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

linha voltada a uma concepção mais liberal, enquanto a última se concentrava mais nas questões de cunho filosófico, como as discussões de caráter racial, linhas de pensamento voltadas ao Darwinismo e Evolucionismo<sup>580</sup>. A escola do Recife constituía um movimento intelectual de grande envergadura por propor redefinições epistemológicas, numa clara tentativa de sepultar as antigas concepções baseadas em linhas filosóficas voltadas à metafísica.

Enquanto movimento intelectual, a faculdade presenciou o processo de expansão a partir do final do século XIX por meio da propositura de renovação de ideias. Ao regressarem a suas cidades, os recém-bacharéis carregavam consigo as vivências que se desenvolveram no interior e no entorno da instituição. Ou seja, enquanto homens de ciências, esses sujeitos introduziam posturas e modelos até então desconhecidos no Brasil<sup>581</sup>. Isso justifica, por exemplo, o estilo adotado por vários intelectuais em seus escritos. O desenvolvimento de uma escrita militante é resultado um processo de “subjetivação”<sup>582</sup> de todo esse movimento desenvolvido em Recife, sendo a produção intelectual piauiense da década de 80 do século XIX influenciada, em grande medida, por aquilo que a faculdade irradiava, introduzindo vários bacharéis ao mundo da literatura<sup>583</sup>.

Os bacharéis em Direito pesquisados, regressando ao Piauí, estabeleceram um modelo de subjetivação específico que, articulado ao alargamento do circuito literário no estado, sobretudo em Teresina, e pelo uso regular da escritura da prescrição como forma de atuar socialmente, os positivou como homens letrados, civilizados, portadores de formação científica e assim reformadores das sociabilidades, das relações sociais, dos costumes.<sup>584</sup>

O trecho destaca um dos itinerários no processo de construção intelectual em Teresina do final do século XIX e início do século XX. A pretensão de interferir socialmente através da escrita coloca esses bacharéis como um grupo engajado, imbuído de uma linha ideológica que se demarca politicamente no que tange à formação literária. Ao destacar o caráter polissêmico do intelectual, Sirinelli evidencia a formação de dois grupos: o primeiro estaria ligado ao caráter amplo, voltado aos aspectos socioculturais; o segundo, de forma mais estrita, estaria ligado à ideia de engajamento, em que grupos demarcavam um posicionamento<sup>585</sup>. Atribuir a presente classificação aos homens de letras nos levou a perceber como eles se inseriam nos dois grupos.

---

<sup>580</sup> SCHWARCZ, 1993, p.141.

<sup>581</sup> SCHWARCZ, 1993, p.153

<sup>582</sup> AVELINO, 2010.

<sup>583</sup> QUEIROZ, 2011, p. 150.

<sup>584</sup> AVELINO, 2010, p.49.

<sup>585</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.242.

Enquanto mediadores culturais, esses intelectuais se posicionavam no sentido de reivindicar projetos civilizadores à capital piauiense. Suas atuações eram demarcadas, em grande medida, por meio das crônicas. Ferreira destaca que, na posição de críticos, eles “possuíam uma posição privilegiada de agente e escrevente do moderno”, destacando a intencionalidade de propor uma modelização social<sup>586</sup>. Há, por conseguinte, nesse caso, um posicionamento engajado no sentido de revelar certa consciência sobre suas atuações.

A utilização da imprensa como espaço de mediação e exercício intelectual se apresenta como segundo elemento de constituição da intelectualidade. Enquanto espaço de legitimação, os jornais se apresentavam como lugar de atuação desses homens de letras. Em grande medida, os periódicos serviam como pilares na construção de uma rede de sociabilidade, em que os embates políticos e literários se processavam. Nos oitocentos, há uma íntima relação entre as instituições de ensino superior - que, conforme visto, despontavam como ambientes nos quais as relações de poder se forjavam - e os impressos. Martins ressalta que “a academia formava aprendizes do poder, que se expressavam quase que exclusivamente pelas folhas da imprensa”<sup>587</sup>. Por mais que a presente observação referencie a relação entre a faculdade de São Paulo e a atuação dos bacharéis na imprensa, ela encontra semelhanças com o desenvolvimento da imprensa em Teresina durante o recorte proposto.

O jornal, portanto, era significado como uma grande vitrine em que visões de mundo eram construídas, defendidas e, sobretudo, debatidas - um *locus* de disseminação de ideias e de construção social. Por um lado, a atuação dos intelectuais deve ser percebida como uma engrenagem no processo de construção das relações de poderes. No período em análise, esse grupo exercia as funções de proprietários, redatores ou colaboradores das folhas impressas. Logo, atuavam também como jornalistas, o que corrobora a ideia evidenciada por Schwarcz, ao caracterizar a figura do intelectual como um pensador eclético<sup>588</sup>. Esse caráter multifacetado se manifestava por meio das múltiplas frentes de atuação, fosse atuando no campo burocrático, como juízes, promotores, ou servidores públicos, como também por meio do jornalismo, da docência ou como literatos.

Ressaltamos a importância da literatura como elemento constituinte da imprensa, ao mesmo tempo em que ela também ajudava a desenhar a noção de intelectualidade no período. Muitos dos sujeitos que assinavam as produções folhetinescas estavam diretamente envolvidos

---

<sup>586</sup> FERREIRA, Ronyere. Cotidiano e imprensa periódica na Teresina dos oitocentos. In: LIMA, Nilsângela Cardoso Lima (Org.). *Páginas do Piauí colonial e provincial*. Teresina: EDUFPI, 2020, p.261.

<sup>587</sup> MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p.59.

<sup>588</sup> SCHWARCZ, 1993, p.142.

com a imprensa periódica, como redatores ou colaboradores. A trajetória de Higino Cunha<sup>589</sup> abre possibilidade para visualizarmos como esse processo se desenvolveu. O levantamento documental permitiu que localizássemos dois folhetins assinados pelo literato, *A Vingança do Ancião*<sup>590</sup> e *Luciano Irerê*<sup>591</sup>, ambos publicados no periódico *O Semanário*<sup>592</sup>. Pinheiro destaca que a atuação do intelectual no periódico em questão se deu como colaborador a partir de 1882<sup>593</sup>. Entre 1885 e 1930, teve atuação como redator em periódicos como *A Imprensa*, *A Democracia*, *O Piauí*, *O Tempo*, dentre outros<sup>594</sup>. Desempenhou funções no magistério, seja como professor de instituições como Liceu Piauiense e Escola Normal, seja por meio de aulas particulares em várias disciplinas<sup>595</sup>.

O percurso de Higino nos ajuda a perceber como a atuação dos literatos se dava em várias frentes. Outros literatos parecem seguir esse mesmo itinerário, sendo Leônidas de Sá<sup>596</sup> mais um exemplo. Nos jornais, encontramos três produções folhetinescas em dois periódicos: *Fragmentos do Correr da Pena*<sup>597</sup>, em *O Semanário*; *Mimoso*<sup>598</sup> e *Límpido*<sup>599</sup>, publicados em *O Telephone*<sup>600</sup>. Monsenhor Chaves destaca que a atuação intelectual de Leônidas se deu, sobretudo, por meio do jornalismo, passando por jornais em diferentes províncias do país, como *A Bruxa*, no Rio de Janeiro e *O Comércio do Amazonas*, em Manaus. Obteve sua formação superior na Escola de Recife, militando na campanha abolicionista na capital Pernambucana<sup>601</sup>. Chaves ainda destaca que grande parte de sua produção estava voltada para a poesia. Dos três

---

<sup>589</sup> Nasceu em 1858, na região da vila das Cajazeiras, atual cidade de Timon, Maranhão, cidade próxima a Teresina, cuja fronteira é feita pelo rio Parnaíba. Fez o curso secundário na cidade de São Luís, capital do mesmo estado natal, e em 1881, ingressou na faculdade de Recife, onde se formou em Direito. Sua atuação na época de graduando foi bastante intensa, sobretudo no que se diz respeito às polêmicas. Formado, fixa-se na cidade de Teresina, onde se filia ao Partido Liberal, passando a atuar na imprensa periódica como o periódico *A Imprensa*, dentre outros jornais. Atuou na política, como deputado pelo Piauí; na magistratura, como juiz municipal da cidade piauiense de Picos e juiz federal em Teresina. Migrou para Manaus, onde atua como jornalista frente ao jornal *A Federação*. Foi um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense. Faleceu em 1943, em Teresina, com 85 anos de idade.

<sup>590</sup> CUNHA, Higino. *A Vingança do Ancião*. *O Semanário*. Teresina, 1874. n. 284, p.01.

<sup>591</sup> CUNHA, Higino. *Luciano Irerê*. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 283, p.01

<sup>592</sup> Jornal de notícias (1875-1885).

<sup>593</sup> PINHEIRO, Celso. *História da Imprensa Piauiense*. Teresina: Editora Zodiaco, 1997, p.223.

<sup>594</sup> QUEIROZ, Teresinha. *História, Literatura, Sociabilidades*. Teresina: EDUFPI, Academia Piauiense de Letras, 2015, p.63.

<sup>595</sup> QUEIROZ, 2015, p.65.

<sup>596</sup> Nasceu em Teresina em 1867. Ingressou na faculdade de Recife, tornando-se bacharel em Direito. Durante o período em que estudou na capital pernambucana, militou pelo movimento abolicionista, atuando na imprensa e em mobilizações públicas em prol do fim da escravidão. Foi jornalista, passando pelas redações da imprensa periódica carioca, piauiense e de Manaus, onde também foi professor do Liceu. Faleceu em 1902, em Recife.

<sup>597</sup> SÁ, Leônidas de. *Fragmentos do Correr da Pena*. *O Semanário*. Teresina. 1884.n. 379.p. 02

<sup>598</sup> SÁ, Leônidas de. *Mimoso*. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 293, p. 01.

<sup>599</sup> SÁ, Leônidas de. *Límpidos*. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 298, p. 01.

<sup>600</sup> De Propriedade de Antônio Joaquim, atuava como órgão Republicano saindo às quintas-feiras.

<sup>601</sup> CHAVES, Monsenhor. *Obras Completas*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p.571-572.

títulos encontrados sobre o autor, dois deles - *Mimoso e Límpidos* - constituíam poesias<sup>602</sup>. Destacamos, pois, a título de exemplo, um pequeno trecho da última produção:

Como nítida alvorada // No cálix da magnólia // Nessa tua boca iluminada //  
Teus risos – canções eólias. // Parecem tão graciosos// Nessa gentil limpidez  
// Como aqueles sons Mimosos // Do velho bardo escocês // Que penso que às  
vezes as flores// Nesses fadados liames// Também morrem dos amores // Por  
esses tênues perfumes.<sup>603</sup>

Queiroz aponta que a poesia local variava do romantismo ao cientificismo e ao verso nefelibata<sup>604</sup>. O poema em questão parece constituir um exemplo do primeiro estilo, de modo a evidenciar a exaltação de uma musa inspiradora. A diva serve como fio condutor para tessitura de várias considerações sobre o amor, a morte, o sofrimento.

Além desse aspecto, nos chamou atenção o fato de a produção apresentar uma dedicatória, disposta abaixo do título em parêntese. Ao encontrar esses elementos em outras produções, seja em poesias, como a que ora retratamos, seja em romances-folhetins, como o romance do periódico *O Abolicionista*<sup>605</sup>, *Três botões de rosa*<sup>606</sup>, dedicado a Clodoaldo Freitas<sup>607</sup> e Joaquim de Paranaguá<sup>608</sup>, visualizamos uma prática que constituía algumas produções folhetinescas locais. Isso nos instiga a refletir sobre como os laços estabelecidos entre esses homens de Letras ajudavam no processo de construção da intelectualidade, a qual poderia ser considerada um aspecto de estruturação da sociabilidade como meio de forja de uma pretensa identidade.

---

<sup>602</sup> IDEM 132, 133.

<sup>603</sup> SÁ, Leônidas de. *Límpidos*. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 298, p. 01.

<sup>604</sup> QUEIROZ, 2011, p.155.

<sup>605</sup> Periódico que trazia como bandeira ideológica o abolicionismo.

<sup>606</sup> J.F. Três Botões de Rosa. *O Abolicionista*. Teresina. 1884. n. 2/ 3/4/5/6/7. p.01.

<sup>607</sup> Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 1880, fazendo carreira na área como promotor público em Teresina. Percorreu diversos estados, assumindo cargos públicos, como juiz municipal em Minas Gerais e chefe de polícia em Mato Grosso. Foi deputado estadual, professor e jornalista, com grande atuação em periódicos, como *A Imprensa*, jornal teresinense, e *Imprensa Oficial*, de São Luís, no Maranhão. Politicamente atuou à frente do Partido Liberal no Piauí. Sua trajetória se destaca ainda pela grande produção, como em *Os Fatores do Coelhoado*, *Vultos Piauienses*, *Memórias de um Velho*, *Em rodas dos fatos*, *Contos de Teresa*, dentre outros. Foi um dos mentores na criação da Academia Piauiense de Letras, em 1917.

<sup>608</sup> Nasceu na cidade de Corrente, ao sul do estado do Piauí, tendo se formado na faculdade de Medicina do estado da Bahia, em 1882. Foi médico na Santa Casa de Misericórdia a partir de 1866. Militou em prol do abolicionismo, seguindo também como linha ideológica o republicanismo. Com o golpe militar que instituiu a República foi vice-governador do primeiro governador piauiense, Traumaturgo de Azevedo.

**Figura 11-** FOLHETIM *Límpidos*, com dedicatória abaixo do título em parêntese. O título em questão se encontra localizado no rodapé do jornal dividido em três colunas.



Fonte: SÁ, Leônidas de. *Límpidos*. *O Telephone*. Teresina.1889. n.298.p. 01.  
 Disponível: Projeto Memória do Jornalismo Piauiense.

No poema *Mimoso*<sup>609</sup>, também de autoria de Leônidas de Sá, a dedicatória é atribuída a Anísio de Abreu. Este, por sua vez, produz uma poesia de título homônimo no periódico *O Telephone*<sup>610</sup>. Ambas as produções convergem no que tange a explorar o amor romântico como objeto, assim como em *Límpidos*<sup>611</sup>, produção de Leônidas, retratada anteriormente. Por meio dos poemas, o sentimento é construído de modo a concebê-lo como algo sublime, transcendente. No escrito de Leônidas, os sentidos e os fenômenos astrológicos são utilizados como meio para evidenciar o encantamento e docilidade do afeto. “E vês de tudo ressalta // A Luz do teu doce olhar // Como a meiga estrala d’alva // De raios a tremular”<sup>612</sup>. A aproximação entre esses dois elementos se encontra presente na produção de Anísio: “Dos fluídos dos teus olhares // Que desprendesse em desmaios // Como de um astro velado // Os terníssimos raios”<sup>613</sup>. Ainda sobre as produções de Abreu, é válido destacarmos *Contraste*<sup>614</sup>, publicado no mesmo periódico de *Mimoso*. Semelhante aos literatos analisados, Anísio de Abreu se destacou como intelectual por meio da escola de Recife, onde concluiu sua formação, graduando-se em Direito. Teve grande atuação na imprensa pernambucana como revisor do *Diário de*

<sup>609</sup> SÁ, Leônidas de. *Mimoso*. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 293, p. 01.

<sup>610</sup> ABREU, Anísio de. *Mimoso*. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 289, p.02.

<sup>611</sup> SÁ, *Límpidos*, 1889, p.01.

<sup>612</sup> SÁ, *Mimoso*, 1889, p.01.

<sup>613</sup> ABREU, *Mimoso*, 1889.p.01.

<sup>614</sup> ABREU, Anísio. *Contrastes*. *O Telephone*. Teresina. 1888. n. 252.p.02.

*Pernambuco*<sup>615</sup> e como colaborador do *Jornal de Recife*<sup>616</sup>. Atuou como promotor público na cidade de Parnaíba, localizada no litoral do estado. Para Queiroz, as ligações entre os bacharéis com o estado e o aparato burocrático tendiam, em grande medida, pela inserção desses sujeitos em carreiras jurídicas, assumindo cargos como de Juízes de Direito e de Promotores. A pesquisadora ainda pontua que os critérios de nomeações estavam entre a posição familiar, pessoal e ideológica desses indivíduos, de modo a gerar rotatividade nesses cargos, a depender dos grupos políticos que estavam no poder<sup>617</sup>. Politicamente, Anísio atuou como deputado estadual em 1892<sup>618</sup>.

Todas as trajetórias analisadas até então demonstram que a constituição intelectual dos sujeitos advinha de suas formações acadêmicas, que, em todos os casos problematizados, irradiavam da Faculdade de Recife. Essa chave de leitura pode nos induzir ao equívoco de perceber a constituição dos homens de letras na sociedade teresinense entre o final do século XIX e início do XX somente por meio desse viés. Contudo, o movimento intelectual não se configura, portanto, de modo homogêneo uma vez que múltiplos elementos confluem no processo de seu desenvolvimento. Ao lado dos bacharéis, coexistiam grupos intelectuais que, apesar de não terem obtido oportunidade de ingressar no ensino superior ou de ter tal objetivo interrompido por alguma intempérie da vida, atuavam na imprensa e, por conseguinte, na literatura como homens que demarcavam suas visões de mundo. Queiroz destaca que “esses homens de letras não bacharéis dão um sabor todo próprio à literatura local e põem em questão muitos dos saberes e dos princípios veiculados pelos bacharéis, arejados pelo saber típico acadêmico”<sup>619</sup>.

Pedro Britto figura como um significativo exemplo de como a atuação no mundo das letras não era prática exclusiva dos bacharéis. As poucas informações que conseguimos a respeito do intelectual em questão impossibilitaram que obtivéssemos uma maior clareza sobre sua trajetória. Elas dão conta que Britto tenha nascido na década de 1880<sup>620</sup>. Como homem de letras, sua atuação se deu no início do século XX. Encontramos registros de tentativas malogradas de publicação de obras literárias, como a campanha de assinaturas, a fim de angariar recursos com essa finalidade, nos anos de 1901 e 1907, fato que pesou na sua decisão de se

---

<sup>615</sup> Periódico fundado em 1827, em Recife sendo considerado um dos periódicos mais antigos da América Latina.

<sup>616</sup> Jornal de caráter noticioso que circulou na cidade de Recife, capital de Pernambuco, entre os séculos XIX e XX, tendo Tobias Barreto e José Lins do Rêgo como editores, revisores ou colaboradores.

<sup>617</sup> QUEIROZ, 2011, p.112.

<sup>618</sup> CHAVES, 1998, p. 557.

<sup>619</sup> QUEIROZ, 2011, p.165.

<sup>620</sup> QUEIROZ, 2011, p.148.

mudar para Fortaleza<sup>621</sup>. No mundo literário, desempenhou o exercício de crítico literário, tendo publicado considerações sobre a obra de Jônatas Batista<sup>622</sup>.

O fato de não ter logrado êxito na empreitada de ter visto sua obra materializada por meio do livro não o impediu de publicar suas produções folhetinescas jornal . Foi possível localizar duas produções literárias publicadas no rodapé do jornal. Isso reforça a tese de que a publicação na rubrica constituía uma vitrine, encontrada como uma saída às dificuldades de editoração no Piauí. No jornal *O Correio*<sup>623</sup>, de 1901, do qual, segundo aponta Pinheiro<sup>624</sup>, Britto era redator, foi possível localizar fragmentos do folhetim *Noiva pelo Coração*<sup>625</sup>, em *O Artista*<sup>626</sup>, de 1902, o folhetim *O Fanatismo*<sup>627</sup>.

O capítulo referente à primeira produção folhetinesca de Pedro Britto, publicada no periódico *O Correio*, o Piauí surge como objeto. No título, o espaço se apresenta como cerne da produção no sentido de exaltar a paisagem. Por meio do texto, as riquezas do sertão do estado se apresentam como um elemento de constituição identitária. Nesse processo, elementos da natureza são utilizados para evidenciar tais riquezas. Na produção, “as andorinhas agrestes que se abrem pela manhã ressentem mais perfumes que as flores odores dos jardins aristocráticos”<sup>628</sup>, “os mananciais são perenes de felicidades”, dentre outros, são utilizados como recursos, de modo a evidenciar que o propósito da produção consistia em construir uma ode. As belezas naturais são, portanto, utilizadas como elementos de valorização do espaço piauiense. A falta de elementos emanados do progresso técnico, destacado como pouco desenvolvido, quando o autor afirma que a região é considerada “pouco inculta”, não seriam elementos que impedissem a mensuração das qualidades.

Numa dessas belas campinas do famoso sertão do Piauy, onde as andorinhas agrestes que se abrem pela manhã ressentem mais perfumes que as flores odores dos jardins aristocráticos , onde o sol, o fuivo a do rei das espora é mais radioso e mais cálido onde as brisas prazenteiras que vivem das alvissaras das mansas efusivas são mais sonoras e mais santas pazes a cena passional do noivado pelo coração. O Piauí, a celha égide do território brasileiro, se bem que seja ainda um pouco inculto, as suas florestas sejam poucos explorados, o seu solo fecundo onde se ostentam os mananciais perenes das felicidades campestres, seja quase inabitada com tudo, a que era um conjunto de sumidade

<sup>621</sup> QUEIROZ, 2011, p.148.

<sup>622</sup> MAGALHÃES, 2016, p.171.

<sup>623</sup> Jornal literário de propriedade de Antônio Lemos.

<sup>624</sup> PINHEIRO, 1997, p.229.

<sup>625</sup> BRITO, Pedro. *Noiva Pelo Coração*. *O Correio*. Teresina. 1901. n. 15/16/18, p.02.

<sup>626</sup> Jornal do Comércio, lavoura, indústria e interesses públicos. Teve como fundador Manoel Borges.

<sup>627</sup> BRITO, Pedro. *O fanatismo*. *O Artista*. Teresina. 1902. n. 15/ 16. p.01.

<sup>628</sup> BRITO, 1901, p.02.

e perfeição; admiráveis para os outros estados com quem o primoroso arcanjo das razões trata de realizar gradualmente.<sup>629</sup>

Explorar as belezas naturais como elemento constituinte do sertão piauiense levou a produção a construir breves considerações sobre o campo, de modo mais específico sobre o viver. Conviver nos rincões profundos dessa esfera aproximaria os indivíduos da sensação de felicidade promovida pela quietude encontrada no espaço. Em um jogo de oposição entre cidade versus o campo, este último traria a harmonia e um convite a uma imersão interior. Aqui cabe a observação feita por Williams<sup>630</sup>, que destaca que o bucólico<sup>631</sup> sofreu um processo de resignificação. Esse passaria a ser produzido pelo cientista ou turista, e a natureza passaria a ser objeto de observação<sup>632</sup>. A presente reflexão encontra aproximação com o lugar social de Pedro Brito, uma vez que a paisagem sertaneja é significada por um intelectual que se constituía por meio da atuação na imprensa e na literatura.

No entanto, o “bucólico”, com seu significado originariamente preciso, estava sofrendo nesse mesmo período uma transformação extraordinária. Seu componente mais sério era uma atenção intensa e renovada voltada para a beleza natural, porém trata-se agora da natureza da observação - a do cientista ou do turista -, e não o do camponês que trabalha<sup>633</sup>.

Na produção, os sentimentos são utilizados como instrumentos que ajudavam a exaltar o campo. A melancolia é dissipada pela intensa luminosidade irradiada do espaço, direcionando os indivíduos aos sentidos da luz e do amor<sup>634</sup>. As características da natureza também são utilizadas como aspecto que auxiliam no desenvolvimento desse tipo de sentimento. A paisagem, objeto da narrativa, é significada como algo prodigioso e abençoado. Por conseguinte, nesse ambiente de mansidão, o sertanejo é significado como inocente, evidenciando uma construção narrativa que coloca o meio como elemento responsável por ditar comportamentos, uma leitura que, possivelmente, ampara-se nos ditames deterministas.

Para aqueles que se dedicam à vida descansada e tranquila dos campos, que abandonam o eterno burburinho da cidade pelas harmonias inesquecíveis dos pássaros que gorjeiam pousados nas tranças sussurrantes dos arvoredos sertanejos, há um método invejável de vida, que ninguém jamais sabe compreender que o raciocínio humano é pouco para perscrutar. Ali parece que a natureza é mais prodigiosa e mais danosa, espalha com mais alacridade e

<sup>629</sup> BRITO, 1901, p.02.

<sup>630</sup> WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

<sup>631</sup> Adjetivo advindo do termo bucolismo, que se caracteriza pelas produções poéticas que elegem, como objeto, elementos relativos à vida do campo, os costumes rurais, a exaltação da vida campestre e da natureza.

<sup>632</sup> WILLIAMS, 2011, p.40.

<sup>633</sup> WILLIAMS, 2011, p.40.

<sup>634</sup> BRITO, 1901, p.02.

fervor os seus dons inestimáveis, os seus procedimentos miraculosos e sempiternamente abençoados. O homem que desde a tenra idade, quando ainda não sentiu o golpe profundo dos escarcéus pela sua passagem efêmera no mundo, recebe os primeiros ensinamentos, os primeiros encantos naturais da alma – no seio dos sertões virgens, isto é, ainda pouco povoados, certamente ignora o efeito funesto das paixões que nos afligem, e só conhece a trilha bem dita da inocência sempre alegre e contente, onde ele vive incólume, como no engasto do céu, as falenas garrulas que coroam a vasta constelação do firmamento azulado. É, portanto, a vida do mato a mais cândida, a mais risonha e a mais promissora de felicidades, para aqueles que preferem a solidão dos bosques, a música encantadora e arrebatante que se ouve nos festins calorosos das velhas praças. Quem percorrer as imensidões dos sertões do Piauí em toda sua extensão – não poderia deixar de casar-se com a mais perfeita beatitude que deles provém, e dizer *uber et uber*, que não há noites e só há dias.<sup>635</sup>

No folhetim *O Fanatismo*<sup>636</sup>, publicado no periódico *O Artista*<sup>637</sup>, a questão religiosa constitui objeto central. O romance-folhetim se aproxima a um romance de costume, uma vez que é perceptível a intencionalidade de explorar aspectos relativos aos hábitos, de modo a criticá-los. O enredo gira em torno da vinda do Padre André da Purificação à freguesia denominada “F”. O personagem é caracterizado como um pároco recém-ordenado, jovem, casto e de bons modos. O jogo utilizado entre o sobrenome do clérigo, Purificação, em contrapartida aos seus desejos desenvolvidos na trama, indo de encontro à formação desenvolvida no seminário, associa-se a um sentimento de hipocrisia, e possivelmente estabelece relação com o anticlericalismo. Pinheiro destaca que o movimento se constituiu entre o final do século XIX e início do XX, desenvolvido em torno de um conjunto de debates e polêmicas cujo objetivo era combater a intolerância da igreja católica, reivindicando uma sociedade livre e racional<sup>638</sup>. As críticas direcionadas ao catolicismo se concentravam em questionar a pretensão da instituição em regular a sociedade. Desse modo, os intelectuais<sup>639</sup>, permeados de um olhar modernizante, percebiam algumas práticas religiosas como demonstrações de um certo atraso. Seus questionamentos não reivindicavam o fim da religião. Sua luta residia em suscitar a importância da construção de um movimento laico enquanto instrumento de mediação social.

O fanatismo religioso era percebido como um entrave ao alcance de uma sociedade iluminada, sendo, portanto, a principal pauta de mobilização do grupo envolvido com o anticlericalismo. Esse ponto encontra conexão com o romance de Pedro Brito, uma vez que a

<sup>635</sup> BRITO, 1901, p.02.

<sup>636</sup> BRITO, 1902, p.01

<sup>637</sup> Periódico fundado por Manoel Miguel Borges.

<sup>638</sup> PINHEIRO, Áurea da Paz. *As ciladas do inimigo*: as tensões clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

<sup>639</sup> Dentre os nomes que se posicionavam como anticlericais, destacamos Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, Abdias Neves e Miguel Rosa.

produção em questão, para além de ser nomeada pelo nome homônimo, constrói uma narrativa, de modo a retratar a referida prática devocional. A recepção do recém-chegado pároco à vila é retratada de modo a evidenciar o atraso daquela população quanto aos costumes. A massa é representada como ignorante e ausente de esclarecimento, por cultivar comportamentos não amparados em princípios civilizadores.

A massa ignara, fanática de natureza, engolfada numa imbecilidade religiosa, ergue preces aos céus e aleluiava Hosanas pela entrada triunfal do novo pároco que deveria trazer a água benta e os santos olhos. Não houve uma só ovelha daquele rebanho que não fosse render homenagem ao luxurioso ministro do altar. E ele as recebia todas com a mais sonora galhardia, com sorrisos auroreiros, nos olhos, abençoados e bem dizendo com ternura de pai. No dia da chegada do padre ouviam-se estrídulos de foguetes – fedendo os ares; e tudo numa estupefação eterna parecia evaporar-se ante o espetáculo maravilhoso que se dava na vila. Estripitavam naquele ambiente risos e falas estranhas. Ninguém que viesse de fora compreenderia o que era aquilo<sup>640</sup>.

A percepção da população sobre a figura do padre é abordada de modo a reforçar seu atraso. A empolgação das senhoras em beijar a mão do clérigo, em sinal de respeito, e subserviência, ou de estarem constantemente em sua residência, demonstra que este é visto como uma santidade servindo de ponte entre Deus e os devotos. Esse aspecto é justificado quando se utiliza a máxima “sem padre não há religião, sem religião não há salvação”<sup>641</sup>. Essa devoção irrestrita, calorosa, daria ao clérigo a possibilidade de adquirir maiores poderes e, conseqüentemente, exercer grande influência sobre os fiéis. Isso é constatado pelo próprio personagem na ocasião de sua acolhida, quando em tom reflexivo concluía que “ser padre hipócrita e imprestável é ser alguma coisa”<sup>642</sup>. Nesse sentido, a imagem construída em torno do clérigo aponta para uma personalidade cheia de vícios. Essas representações eram comuns no que tange à forma como os párocos eram retratados pela literatura anticlerical. Temáticas como “a cupidez, lubricidade, burrice, gula, exploração dos fiéis, luxo das igrejas, palácios e habitações”<sup>643</sup> eram utilizadas com o intuito de desqualificar as práticas dos componentes da igreja católica.

Na produção, é observável uma contundente crítica ao celibato e, por conseguinte ao seminário. Este último é percebido como uma “masmorra de superstição clerical”<sup>644</sup> onde André “vivera cinco anos, sem contemplar os raios do sol e sem sentir o mélico perfume das

---

<sup>640</sup> BRITO, *O Fanatismo*, 1902, p.03.

<sup>641</sup> BRITO, *O Fanatismo*, 1902, p.03.

<sup>642</sup> BRITO, *O Fanatismo*, 1902, p.03.

<sup>643</sup> PINHEIRO, 2001, p.109.

<sup>644</sup> BRITO, *O Fanatismo*, 1902, p.03.

brancas açucenas”<sup>645</sup>. O ambiente, percebido como permeado pela tônica do maquiavelismo, influenciaria na construção de sua personalidade, o que justifica o desenvolvimento de sentimentos torpes, como a astúcia. Nesse ponto, o folhetim destaca que o meio formativo em que o personagem passara a fim de se preparar para as suas funções clericais em nada favorecia seu desenvolvimento moral, uma vez que este era significado como um lugar marcado pelo “imobilismo do pensamento”, que influenciava as “consciências ingênuas”. O meio é utilizado como um fator determinante na constituição de valores. Na infância, o personagem já estava predestinado pela família à missão eclesiástica. Viveria recluso, longe do convívio com crianças da mesma faixa etária que a sua, sendo impedido, portanto, de desenvolver noções de socialização.

No convento apenas fora-lhe inculcido o amargor do maquiavelismo e das astúcias eclesiásticas. Desde a sua infância, exilado em absoluto da casa paterna, longe dos brincos inesquecíveis dos seus saudosos, companheiros de meninice, que se dedicara à carreira do presbiterado não por vocação, mas por atender aos desejos dos seus progenitores. Entediado nas masmorras terríveis da superstição clerical - no cárcere repelente do confessionário, onde vão atarantadas as consciências ingênuas que se atrasam na imobilidade do pensamento, o Pedro recebia o terror da obediência e da castidade.<sup>646</sup>

O celibato se mostrava ineficiente e um convite à perversão sexual. André não conhecera os prazeres amorosos. Segundo o romance, “o único amor que experienciou foi o sentimento venal e tumultuoso da santa igreja católica”<sup>647</sup>. Apesar de não poder contrair o casamento por determinações eclesiais, isso não o impedia de admirar qualquer moça. A referida atitude é justificada pela própria natureza masculina, evidenciando a constituição de um modelo de masculinidade que se constituía por meio de um comportamento sexualizado, comandado por instintos. Ou seja, antes de padre, o personagem era homem e, assim como os demais, padecia das mesmas necessidades. Tal prática, conforme aponta Castelo Branco, é significada como elemento constituinte de um modelo patriarcal de virilidade, uma vez que contribuía para a desordem social, que, no caso da produção, serviria para reforçar a ausência moral do personagem<sup>648</sup>.

Por outro lado, a mulher é representada como um instrumento corruptivo, responsável pelo declínio moral masculino. O constante contato com as devotas - e de modo específico, com as jovens - promovia no personagem a sensação de se sentir assediado e tentado a ceder às

<sup>645</sup> BRITO, *O Fanatismo*, 1902, p.03.

<sup>646</sup> BRITO, *O Fanatismo*, 1902, p.03.

<sup>647</sup> BRITO, *O Fanatismo*, 1902, p.03.

<sup>648</sup> CASTELO BRANCO, 2008, p.123.

práticas libidinosas. A princípio, a figura feminina “lhe causara horror e até náuseas”. Contudo, essa concepção é desconstruída quando o padre assume a freguesia, sugerindo a ideia de que o poder pode degradar os valores humanos. A representação feminina desenvolvida no texto encontra diálogo com as discussões sobre a imagem da mulher proposta por Delemeau em a *História do medo do Ocidente*<sup>649</sup>. Por meio da obra, o autor destaca que a percepção feminina estaria ligada à ideia de diabolização e isso remeteria à sedução, que era significada como algo inato a elas. Dentre os fatores que reforçavam tais aspectos, o historiador ressalta a ideia de que “no inconsciente do homem, a mulher desperta a inquietude, não só porque ela é o juiz da sexualidade, mas também porque ele a imagina de bom grado insaciável, comparável a um fogo que é preciso alimentar incessantemente”<sup>650</sup>. No romance, a sedução feminina é utilizada como instrumento responsável por fazer o padre a ceder às tentações, uma vez que aquela figura por si só promoveria tais tipos de comportamentos, ao demonstrar que o pároco começava a sucumbir aos desejos.

Todas as tardes, infalivelmente antes dos Angelus, o padre André partia para a igreja que ficava defronte de sua casa, a fim de dar preleções de catecismo a doutrinar as sagradas irmãs do coração de Jesus. A natureza se lhe mudava inteiramente. Nas galés dos claustros, ele jamais sentira os eflúvios das delícias dos tempos, em liberdade, como naquela vila, cujo povo hospitaleiro era muito diferente dos roupeiros negros do seminário. (...) Pelas 4 horas de todas as tardes os sinos despertavam-nos, convidando os fiéis para a visita costumeira da igreja. E ele ao chegar ali conversava e abençoava as moças mais formosas da vila. Ah! Quanto era bom enlaçar-se com as mãozinhas aveludadas daquelas inocentes, desejando-lhes a testa de pelúcia, e dando-lhes os seios ofegantes e apetitosos que de momento a momento balançavam como um pêndulo de relógio. Aquelas bocas de virgens bandonhizavam cânticos enlaçados de ternura suprema que aos poucos ia requestando o pobre sacerdote<sup>651</sup>.

É preciso registrar a impossibilidade de ter acesso a todo o volume da produção folhetinesca em questão e isso suscitou nossa curiosidade sobre o desenrolar da trama. Nesse ponto, destacamos a eficácia do folhetim quanto à intencionalidade de instigar o leitor a continuar se debruçando sobre o romance. Não podemos afirmar que essa foi a experiência de outros leitores, tendo em vista que carecemos de indícios que contemplem esse aspecto. Mas podemos nos arriscar a afirmar que, pelo teor anticlerical da trama, nosso personagem pároco possivelmente tenha caído nos encantos femininos de suas devotas. Ainda sobre o autor das duas produções analisadas anteriormente, não encontramos informações que evidenciassem seu

<sup>649</sup> DELEMEAU, Jean. *História do Medo no ocidente: 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>650</sup> DELEMEAU, 2009, p.467.

<sup>651</sup> BRITO, *O Fanatismo*, 1902, p.03.

possível posicionamento anticlerical. Do levantamento de jornais identificados como instrumentos de debate do movimento em questão, não encontramos nenhuma referência sobre a possibilidade do periódico *O Artista*, jornal de publicação do folhetim *O Fanatismo*, listar como tal<sup>652</sup>. Contudo, as críticas direcionadas ao catolicismo e suas práticas devocionais nos levam a considerar o folhetim como de tendência anticlerical.

Outro sujeito que se insere no grupo de intelectuais não bacharéis seria Hermínio Castelo Branco<sup>653</sup>. Notas biográficas sobre o intelectual destacam a ausência de uma formação instrutiva formal<sup>654</sup>. Sua educação foi proporcionada pelo seu pai, major Miguel Castelo Branco, professor de Retórica e Artes do Liceu teresinense. O enquadramento construído por essas fontes aponta para a construção identitária do personagem como vaqueiro e caçador, sendo o sertão seu espaço de constituição<sup>655</sup>. Esses foram os elementos que deram a Hermínio inspiração para compor sua obra poética *Lira Sertaneja*. Clodoaldo Freitas afirma que o livro em versos foi publicado em Teresina em 1881 e, recebeu o título de *Ecos do coração* em 1887, no Ceará,<sup>656</sup>. Além de sua produção poética de grande destaque entre os críticos, sendo considerada de grande importância por retratar os costumes e práticas sertanejas, o intelectual teve forte atuação na guerra do Paraguai<sup>657</sup>, se apresentando como voluntário da pátria nos anos finais do conflito em 1869. Destacamos, ainda, sua atuação frente aos periódicos *O*

---

<sup>652</sup> Segundo Pinheiro, estão no rol de periódicos listados como anticlericais entre o final do século XIX e início do século XX os jornais: *A Luz* (1901-1908), editado por Higinio Cunha, Abdias Neves, Miguel Rosa, dentre outros, órgão ligado à Maçonaria; *O Reator* (1884-1902), editado também pelos três intelectuais elencados juntamente com Domingos Monteiro; *Pátria* (1902-1906), cujos redatores seriam mais uma vez Abdias Neves, Antonino Freire, Miguel Rosa, Clodoaldo Freitas; *O Monitor* (1906-1912), apresentando como redatores Higinio Cunha, Matias Olímpio, Valdivino Tito; *A Imprensa* (1911), de direção de Abdias Neves; e *Notícia* (1917), também sob a direção de Abdias Neves. Ver: PINHEIRO, 2001, p.114-115.

<sup>653</sup> Nasceu em 1851 no município de Barras, localizado na região norte do Piauí. Destacou-se por suas produções poéticas, dentre as quais, citamos *Lira Sertaneja*, publicada primeiramente no Ceará e posteriormente em Teresina, capital do Piauí. Segundo notas biográficas, o intelectual não recebeu uma educação formal, sendo instruído em âmbito doméstico por seu pai. Foi voluntário na guerra da Paraguai. Com o fim do conflito, serviu nas guarnições de Manaus, Uruguiana, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Em 1881, retornou a Teresina, onde faleceu em 1889.

<sup>654</sup> Ver: CHAVES, Monsenhor. *Obras Completas*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p.54-544. FREITAS, Clodoaldo. *Biografia e Crítica*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz- MA: Ética, 2010.p.53-61.

<sup>655</sup> FREITAS, 2010, p.54

<sup>656</sup> FREITAS, 2010, p.55.

<sup>657</sup> Para Araújo (2015), a guerra do Paraguai - conflito ocorrido a partir da segunda metade do século XIX, considerado um dos maiores conflitos da América do Sul, envolvendo países como Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, - foi utilizada pelo império brasileiro como um instrumento de constituição do Estado Nacional. Nesse sentido, a guerra era significada como meio de legitimação desse objetivo, uma vez que demarcava e inseria nosso país nos assuntos relativos às relações internacionais regionais do eixo sul-americano. Ver: ARAÚJO, Jhony Santana de. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos ...: A propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai (1865-1866)*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

*Semanário*<sup>658</sup>, segundo Freitas<sup>659</sup>. Já Pinheiro destaca que as publicações literárias de Hermínio encontraram lugar de destaque no periódico *O Telephone*<sup>660</sup>.

No que tange às produções folhetinescas, foi possível localizar *Fim do Mez*<sup>661</sup>, assinada pelo intelectual e disponível no periódico em questão. O referido folhetim constitui um conto cuja temática gravitava em torno dos aspectos políticos. A produção se estrutura em torno do personagem Tobias, caracterizado como servidor público, de elevados sentimentos, pai de família, que vivenciava as desventuras em prover o sustento da família. É evidenciado que o emprego público, portanto, não assegurava as necessidades básicas. Contudo, as críticas realçadas pelo folhetim não se concentravam no serviço público e sim nas causas que acometiam essa lacuna. Os motivos estariam justamente nos arranjos políticos que desfavoreciam que o personagem alcançasse proventos maiores do que recebia, conforme demonstrado a seguir:

O Sr. Tobias de tal, é um moço de elevados sentimentos: tem muito brio, é cioso de sua palavra e possui a virtude da economia. Não toma café no “Pobre Diabo”, não joga solo no “canto dos carecas”, nunca entrou num bilhar do Saraiva e jamais tomou cerveja no “Hotel do Comércio”. Segundo escriturário da tesouraria da fazenda, vence por mês 116\$666 rs. sujeitos a desconto; portanto, recebe líquido 114\$000, sem merecer sequer uma nomeação para exame de câmaras municipais, simplesmente por estar seu partido abaixo.<sup>662</sup>

Nesse sentido, a pobreza do personagem é explorada como fio condutor e percebida como produto dos jogos políticos estabelecidos pelos partidos do período. José Murilo de Carvalho nos lembra que a relação entre burocracia e a construção do estado imperial era permeada por práticas patrimonialistas, em que é possível destacar as nomeações e promoções feitas por meio de apadrinhamento<sup>663</sup>. Nesse sentido, constituíam os jogos políticos do período as práticas clientelistas enquadradas como marcas do advento da república, mas que já despontam no final do século XIX como *modos operandi*. A subida ao poder de determinados grupos políticos significava o controle de toda a máquina pública, favorecendo empregos e

---

<sup>658</sup> Jornal de Notícias, impresso na Tipografia de Davi Moreira Caldas, cujo proprietário era o Cônego Tomás de Moraes Rêgo, Redação de A.J do Amaral Sobreira.

<sup>659</sup> FREITAS, 2010, p.56.

<sup>660</sup> PINHEIRO, 1997, p.89.

<sup>661</sup> CASTELO BRANCO, H. de. *Fim do Mez. O Telephone*. Teresina. 1888. n. 262, p.01.

<sup>662</sup> CASTELO BRANCO. *Fim dos Mez*, 1888, p. 01.

<sup>663</sup> CARVALHO, José Murilo de *A Construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2008, p.159.

promoções ou dificultando a vida dos opositores políticos, e se materializava através de demissões sumárias ou do impedimento na ascensão dos cargos públicos<sup>664</sup>.

Impossibilitado de sustentar a família somente por meio do ofício, Tobias trabalhava no período noturno em “duas budegas”, onde conseguia um valor adicional a fim de trajar decentemente a si próprio e a sua família, , “por ser um senhor empregado público”<sup>665</sup>. Esse último trecho revela que a visão sobre os profissionais da burocracia pública está intimamente ligada à percepção do grupo como de caráter elitista. Essa perspectiva, possivelmente, encontra justificativa na estrita relação estabelecida entre o aparato administrativo e a atuação de um grupo restrito em tais atividades. Nesse sentido, este grupo se percebia como “árbitro da nação e das classes sociais, regulador da economia e proprietário da soberania nacional”<sup>666</sup>.

Precisamos destacar que o referido grupo não era homogêneo, ressaltando a existência de vários escalões e hierarquias. Apesar da miscelânea de servidores, cargos e funções, a imagem construída em torno da importância e do valor do serviço público parece constituir um ponto convergente entre todos os grupos. No folhetim, Tobias parecia partilhar dessa percepção. Era necessário, portanto, manter as aparências em prol da preservação de um status que a concepção poderia representar, mesmo que impedido de ter acesso a serviços básicos. Contudo, manter as aparências não foi suficiente para encobrir a real condição do personagem. Com os infortúnios causados por eventos trágicos, como as mortes de sua esposa, vítima de uma doença, e do filho, falecido por atropelamento, e a sua suspensão do trabalho, “sob o pretexto de faltas”<sup>667</sup>, por ser de partido opositor, Tobias não conseguira atingir esse objetivo. Nos parágrafos finais do conto, em tom reflexivo, o autor destaca que a produção servia como exemplo para demonstrar “como seria a vida para um pobre funcionário público”<sup>668</sup>.

Demarcar as trajetórias desses intelectuais e problematizar as suas produções nos levou às reflexões suscitadas por Foucault, no que diz respeito à ideia de autoria. Ao enunciar a morte do autor, o filósofo destaca que o nome desse não se apresentaria como um nome próprio como os outros, mas que de sua função emanaria certo status<sup>669</sup>. Nem todo discurso estaria amparado pela referida noção. Isso demonstra a importância do autor no interior do discurso, de modo a evidenciar que este se constitui pela relação de poder que permeia as tessituras que compõem

<sup>664</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Os Fatores do Coelhado*: Esforços de História. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2018, p.107.

<sup>665</sup> CASTELO BRANCO. *Fim dos Mez*, 1888, p.01.

<sup>666</sup> CARVALHO, 2008, p.145.

<sup>667</sup> CASTELO BRANCO. *Fim dos Mez*, 1888, p.01.

<sup>668</sup> CASTELO BRANCO. *Fim dos Mez*, 1888, p.01.

<sup>669</sup> FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Estética*: Literatura e Pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p.273-274.

as engrenagens de determinados textos, como o literário. Esse gênero se destaca, segundo Foucault, a partir do século XIX, como um processo de individualização na história das ideias, conhecimentos, literaturas, dentre outros<sup>670</sup>. O pensador ressalta:

[...] a função do autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que contém, determina, articula o universo dos discursos; ela não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; ela não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas; ela não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar.<sup>671</sup>

Chartier diverge quanto ao referido marco citado anteriormente. Ao propor uma revisão genealógica sobre a discussão<sup>672</sup>, o autor defende a tese de que a função de autoria surgira ainda no Antigo Regime como instrumento de controle sobre as produções livrescas que circulavam. O historiador ressalta que “fica evidente que tal mecanismo censor (...) é anterior ao momento da definição jurídica de uma propriedade, o que levava o autor ou editor da conferência de Foucault ao momento em que os estados ou as igrejas dotaram-se desse poder de vigiar e punir os autores de textos transgressores, a saber, ao século XVI ou XVIII”<sup>673</sup>. Essa chave de leitura nos remete diretamente às problematizações suscitadas por Darnton, em *Boemia Literária e Revolução*<sup>674</sup>. A obra problematiza a circulação dos livros proibidos, que eram produzidos e consumidos por meio de uma rede clandestina que envolvia múltiplos agentes, como livreiros, autores, editores, dentre outros. Identificar os produtores teria a função de combater a disseminação de títulos considerados subversivos. A referida pesquisa nos oportuniza visualizar como a atuação do estado contribuiu para a criação de estratégias, nas quais a censura e a identificação de autoria são compreendidas como medidas que combatiam a disseminação de obras controversas.

---

<sup>670</sup> FOUCAULT, 2009, p.267.

<sup>671</sup> FOUCAULT, 2009, p. 270-280.

<sup>672</sup> CHARTIER, Roger. *O que é um autor? Revisão de uma Genealogia*. São Carlos: EDFSCAR, 2014.

<sup>673</sup> CHARTIER, 2014, p.37.

<sup>674</sup> Ver: DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

### 3.3 Não faltam maledicentes que se encarregam de andar pela rua dando a paternidade dessa série de folhetim<sup>675</sup>: os Pseudônimos

Divergências à parte, as discussões sobre a emergência da autoria, seja no interior dos discursos ou nas relações de edição, evidenciam as mudanças estabelecidas no interior das obras, uma vez que o debate passa a ser utilizado não apenas como elemento de demarcação de propriedade, mas como constituição da intelectualidade. Isso, por exemplo, explica a grande atuação desses homens de letras que almejavam valorização social. Os critérios para o alcance de reconhecimento perpassavam por várias ações, como a publicação na imprensa periódica, de livros e folhetos, e fundação de revistas e jornais literários, constituição de grêmios e conferências literárias<sup>676</sup>. De modo especial, a publicação da literatura na imprensa periódica por meio dos folhetins reflete essa tentativa de angariar visibilidade e, assim, exercitar sua erudição.

Contudo, o que explicaria o uso dos pseudônimos, recurso muito recorrente nas produções folhetinescas analisadas? Foucault ressalta que o anonimato literário não é suportável para nós, com exceção de constituir a qualidade de enigma<sup>677</sup>. Grande parte das produções folhetinescas do levantamento documental utilizado na presente produção é assinada por meio de pseudônimos. A ideia de incógnita que o recurso carrega nos dá a dimensão de como ele era utilizado no interior das disputas que se processavam nos jornais impressos. O Poema denominado *Retalhos*<sup>678</sup> constitui um exemplo de como essa questão era retratada:

Há dias que eu andava // Cabeça a razão de juro // Parafusando na bolla // Em verdadeiros apuros! // Para saber quem iria // A autora do folhetim... // Que saiu no “*Telephone*” // Bem embaixo... ali no fim // Dizia como meus botões // Não é feito por mulher // Se é, é de longes terras // E da – Luíza Michel // Pelas ideias licenciosas demais // Uma senhora daqui // Duvido... não é capaz... // Mil jeitos temerários // Vieram-me ao pensamento // Mas também qual é o homem // De tamanho atrevimento ? // Quando vem o *Telephone* nos desvendar o mistério?<sup>679</sup>

O poema questiona a possibilidade de se desvendar a autoria de um folhetim publicado no periódico *O Telephone*. A análise do trecho nos leva a crer que o conteúdo da produção ao

<sup>675</sup> A expressão faz alusão à recepção da série *Cousas e Lousas*, publicada no jornal *A Imprensa*, de 1885. Em determinado trecho de um dos folhetins, o autor brinca com a repercussão do teor da produção de viés político e as especulações sobre quem estaria utilizando o pseudônimo Pacífico Cordeiro. Ver: CORDEIRO, Pacífico. *Cousas e Lousas*. *A Imprensa*. Teresina. 1885. n. 875, p. 01.

<sup>676</sup> QUEIROZ, 2011, p.180.

<sup>677</sup> FOUCAULT, 2009, p.276.

<sup>678</sup> RETALHOS, *A Imprensa*, Teresina. Ago.1880. Ano VI, n.259.p.03.

<sup>679</sup> RETALHOS, *A Imprensa*, Teresina. Ago.1880. Ano VI, n.259.p.03.

qual se faz referência constituía uma polêmica, uma vez que se alude a ideias licenciosas. Não conseguimos localizar o folhetim em questão. No entanto, ao lançar indagações sobre essas questões, a fonte evidencia que, por ser assinada com um nome feminino, provavelmente estaria sob a égide de um pseudônimo. A poesia ainda brinca com a possibilidade de a produção não ter sido produzida em Teresina. Caso fosse de fato uma autora feminina, provavelmente não seria da cidade, mas se fosse um homem, “quem teria tamanho atrevimento?”. A importância da produção reside em demonstrar que os pseudônimos devem ser analisados à luz das relações de poderes que ajudavam a constituir a imprensa e a literatura no período.

Em grande medida, os usos de pseudônimos se configuram como dispositivo que possibilitavam certo escudo para quem empunhava a pena. O levantamento documental promovido nos levou à percepção de que a maior parte das produções folhetinescas publicadas nos periódicos teresinenses, de caráter político, denunciativo ou polêmico, ancorava-se na utilização do presente recurso. Figuram como exemplo as produções folhetinescas já trabalhadas anteriormente, como o folhetim *Vozes do Povo*, que consistia em uma produção voltada para acusar certas práticas políticas oriundas da troca de partido no poder. Nesse folhetim, a autoria se apresenta somente pela letra Z<sup>680</sup>.

Assinar somente por letras ou algumas iniciais não se configuraria apenas como exclusividade do folhetim em questão. Outras produções folhetinescas de viés político também apresentavam essa prática. Em *Transumptos por antíteses*<sup>681</sup>, o autor se apresenta pela letra Y. Em *Drama honra por honra*, H<sup>682</sup>. *Saudades de Barras*, X<sup>683</sup>. *Nem tudo que luz é ouro*, N.I<sup>684</sup>. *Três Botões de rosas*, J.F<sup>685</sup>. Em outras produções, figuravam como nomes utilizados como pseudônimos alguns termos de origem internacional, com preponderância aos franceses, mitológicos, ou designações em alusão aos teóricos da época. Nesse sentido, destacamos cognomes como *Spencer*<sup>686</sup>, *Castor e Polux*<sup>687</sup>, *Olipe Conevit*<sup>688</sup>, *Albert Montiverde*<sup>689</sup>, *H Tma*<sup>690</sup>. Registramos, portanto, que o uso dos referidos termos reflete uma afinação com o que acontecia internacionalmente. Esse aspecto pode ser encarado como uma tentativa de demonstrar erudição.

<sup>680</sup> Z. *Vozes do povo*. *O Semanário*, Teresina, ano 8, n. 317, 15 set. 1883, p. 01.

<sup>681</sup> Y. *Transumptos por antíteses*. *O Semanário*. Teresina. 1883. n. 317, p.01.

<sup>682</sup> H. *Drama honra por honra*. *O Telephone*. Teresina. 1884. n. 66, p. 01.

<sup>683</sup> X. *Saudades de Barras*. *A Época*. Teresina. 1884. n.304, p.01.

<sup>684</sup> N.I. *Nem tudo que luz é ouro*. *O Semanário*. Teresina. 1884. n. 72, p.01.

<sup>685</sup> J.F. *Três Botões de Rosa*. *O Abolicionista*. Teresina. 1884. n. 2/ 3/4/5/6/7. p.01.

<sup>686</sup> SPENCER. *Ligeiras Considerações*. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 291 / 295.,p. 01.

<sup>687</sup> CASTOR E POLUX. *Atravez do Mez Mariano*. *A Imprensa*. Teresina.1885. n. 917 / 918.p. 01.

<sup>688</sup> CONVENTIT, Olipe de. *Vingança Generosa*. *A Reforma*. Teresina. 4 de out. 1887. n.31 p.02-03.

<sup>689</sup> MONTIVERDE, Albert. *Uma noite pelo alto*. *A Reforma*. 1887. n.? p.01.

<sup>690</sup> H TMAN. *Firminowitz*. *A Época*. Teresina. 1883, n. 262. p.01.

Em *Cousas e Lousas*<sup>691</sup>, publicado no periódico *A Imprensa*<sup>692</sup>, Pacífico Cordeiro, autor da produção, brinca com as especulações promovidas em torno de sua real identidade. Por meio do trecho abaixo, Cordeiro abre possibilidade para pensarmos sobre outro aspecto sobre o pseudônimo. Por meio da reação do autor frente à repercussão de sua produção, é permitido destacar que mais do que exercer a finalidade de resguardar o autor de possíveis retaliações frente às críticas promovidas, o recurso constituiria também como uma forma de demarcação identitária. Por mais que o autor menospreze a importância de identificação, ele não permitia que se cogitasse que outros nomes fossem atribuídos a sua produção.

Não faltam maledicentes que se encarregam de andar pela rua dando a paternidade dessa série de folhetim escrita e por escrever ora a este ora aquele cavalheiro desta cidade. Para que isto?

Quem escreve essas linhas não precisa de fazer mistério e tanto não o faz que galhardamente assinam-se. É desconhecido? É por demais obscuro? Paciência!

Uma individualidade por ser tal não deixa de existir. Eu, portanto, existo, vivo, como e durmo. Quem quiser conhecer-me nada mais deva fazer do que procurar em meu domicílio, na rua das casas, número indeterminado.

Sou um tanto velho, mas forte; sou baixo e gordo, não tenho barba e usos [...]. Dentes foi cousa que nunca vi e de resto não sou tão imbecil que mande ao bispo certa cousa do meu especial conhecimento sagrado.<sup>693</sup>

O jocoso é também utilizado como artifício, no intuito de Cordeiro promover um desvio do real motivo da polêmica. Afinal, esse não seria um aspecto relevante, tendo em vista que a o ato de assinar a produção, segundo o autor, afastaria a possibilidade do mistério que gire em torno de sua identidade. Ou seja, a assinatura por si só atribuiria legitimidade suficiente para atribuir foro de verdade sobre o escrito. A presente afirmação nos remete diretamente à ideia desenvolvida sobre “a mão do autor”, proposta por Chartier<sup>694</sup>.

O historiador ressalta que a referida prática de assinar os manuscritos reflete a implantação de propriedade individual, uma vez que o escrito passava a ser percebido como espaço de poder. Isso, segundo o autor, permitiu a forte relação entre o manuscrito assinado e a autenticidade da obra<sup>695</sup>. Nesse ínterim, o impresso seria uma evolução do manuscrito, por permitir o processo de disseminação dos textos em maior número possível. Os autores passavam a demarcar autoridade por meio do reconhecimento daquilo que produziam e, assim, legitimavam a noções de autoridade. Nesse sentido, o enlace entre as duas ideias

<sup>691</sup> CORDEIRO, Pacífico. *Cousas e Lousas*. *A Imprensa*. Teresina. 1885. n. 875, p. 01.

<sup>692</sup> Periódico órgão oficial do partido liberal

<sup>693</sup> CORDEIRO, 1885, p.01

<sup>694</sup> Ver: CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p 129-151.

<sup>695</sup> CHARTIER, 2014, p. 145.

problematizadas por Chartier constitui em uma permanência que atravessa o antigo regime, alcançando períodos posteriores, como os séculos XIX e XX<sup>696</sup>.

Ainda sobre a finalidade dos pseudônimos destacamos a chave de leitura desenvolvida por Leonardo Afonso de Miranda Pereira<sup>697</sup> e utilizada por Ramos<sup>698</sup>. Ambos sublinham que a utilização do recurso não estaria ligada somente à ideia de proteção que o artifício propiciava. Sua utilização também contemplaria a função de constituir uma opção narrativa ou um estilo literário<sup>699</sup>. Essa perspectiva recai, sobretudo, nos literatos que manuseavam mais de um pseudônimo. A escolha cuidadosa daria a cada pseudônimo uma identidade própria e, assim, possibilitando ao autor que operasse atrás da máscara com certa liberdade para discutir assuntos que, costumeiramente, não problematizaria por meio de sua real identidade. Não sabemos, contudo, se essa questão recaía sobre Pacífico Cordeiro<sup>700</sup>, autor que assina a produção. Entretanto, tal fato não impossibilita que vislumbremos a especulação de que a real autoria esteja possivelmente ligada ao reconhecimento de estilo de algum literato.

As produções assinadas por Pacífico Cordeiro<sup>701</sup> apresentam como características discussões de caráter político. Os dois textos de *Cousas e Lousas*<sup>702</sup> se dedicam a discutir as ingerências da assembleia provincial. O autor afirma “ter aversão concentrada e profunda a essa pandilha legisladora, que sem menor gravidade nos cobre com um acervo estupendo de leis e resoluções disparatadas”<sup>703</sup>. O estilo narrativo direto, o objeto do folhetim, as mudanças ocorridas no poder legislativo provincial piauiense, são elementos que nos direcionaram a perceber que o texto constituiria uma crônica política.

No conto *Dente por dente*<sup>704</sup>, a ficção é construída de modo a retratar a história de Lopes, pai de uma “numerosa família”, cuja filha se envolvera com Adonis, filho de família abastada. O envolvimento entre ambos levou o pai a tramar uma armadilha, de modo a ensinar uma lição mediante a impertinência do pretense namorado por meio do uso de violência. Contudo, Lopes não esperava que seu ato desencadeasse em retaliação. Em vingança ao ato praticado, o

---

<sup>696</sup> CHARTIER, 2014, p.144.

<sup>697</sup> CHALHOUB, Sidney. NEVES, Margarida de Souza Neves. PEREIRA, Leonardo Afonso de. (Orgs.). *História em Cousas Miúdas*. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2005.

<sup>698</sup> RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As Máscaras de Lélío: Política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

<sup>699</sup> CHALHOUB; et al.2005, p.15; RAMOS, 2016,29.

<sup>700</sup> CORDEIRO, 1885, p.01.

<sup>701</sup> CORDEIRO, Pacífico. *Cousas e Lousas*. *A Imprensa*. Teresina. 1885. 4 Jul. Ano XX. n. 874, p. 02.

\_\_\_\_\_. *Cousas e Lousas*. *A Imprensa*. Teresina. 11. Jul.1885.Ano XX. n. 875, p.02.

\_\_\_\_\_. *Dente por Dente*. *A Imprensa*. Teresina. 28. Nov. 1885. Ano XXI, n. 893, p. 01.

<sup>702</sup> CORDEIRO, 1885, n. 874-875.

<sup>703</sup> CORDEIRO, 1885, n. 874.

<sup>704</sup> CORDEIRO, 1885, n. 893.

personagem é espancado por alguns “sicários” contratado pela família da vítima. A partir do fato, o autor conclui:

Como neste mundo os atos mais sérios e trágicos vêm mesclados de um pouco de comédia, nesse transe terrível o acaso ou a pressa fez com que o negro, ao introduzir o canudo da bexiga se esquecendo de dessarrobá-la. Cansada de espreme-la de balde, tirou-a e levando o canudo fatal à boca, sacou a valha, e, desta vez, vazou a grande bexiga. Saciada a vingança retirou-se o grupo e foi abarcar-se meia légua da cidade. Ninguém tomou as dores pelo ofendido, porque todos eram de opinião que a lei de Talião é a única própria para vingar a honra. E foi esta a vingança de Adonis.<sup>705</sup>

Diferentemente da moral estabelecida em *Vingança Generosa*<sup>706</sup>, que aponta para um direcionamento por meio do polimento social e dos princípios de civilidade, destacados na recusa do personagem em sucumbir a sentimentos infames, a grande lição da presente produção literária de Cordeiro estaria em demonstrar que os sentimentos sórdidos ainda atravessavam a construção de valores da sociedade. Esse aspecto nos ajuda a entender um pouco mais do estilo estabelecido pelo autor.

Nesse sentido, a pena era utilizada como forma de desnudar a sociedade do período, direcionando essas críticas a denunciar os vícios sociais, afastando-se das práticas escritas analisadas anteriormente, cujo grande objetivo seria suscitar uma normatização aos leitores. No conto, as ações que se sucederam na trama foram motivadas em virtude de uma pretensa honra da moça. Essa é descrita por uma “rapariga de 14 anos que se distinguia pelo número de namoros que já possuía”. Assim, a personagem é construída de modo a evidenciar a hipocrisia social sendo, assim, injustificada a conduta do pai de modo a executar o castigo. Tal fato é justificado quando o autor atesta a ausência de manifestações no sentido de defender Lopes. E complementa, no caso de vingança, a honra seria a única saída, aos moldes da Lei de Talião.

Ainda sobre o uso dos pseudônimos, é necessário destacar que o exercício de desvendá-los constitui um dos grandes desafios na presente produção. Teresinha Queiroz destaca que sua utilização permeia toda a imprensa periódica do período, não sendo, portanto, artifício exclusivo das produções literárias<sup>707</sup>. A autora ainda lista os cognomes que, ocasionalmente, eram utilizados por alguns literatos<sup>708</sup>. Contudo, os nomes listados pela pesquisadora divergem

<sup>705</sup> CORDEIRO, 1885, n. 893, p.02.

<sup>706</sup> CONVENTIT, Olipe de. *Vingança Generosa*. *A Reforma*. Teresina. 4 de out. 1887. n. 31, p. 02-03.

<sup>707</sup> QUEIROZ, 2011, p.159.

<sup>708</sup> Segundo a Historiadora, nomes costumeiramente utilizados e seus respectivos autores eram: A. Moreno - Alcides Freitas; Diniz Júnior - Mário José Batista; Caio Lima - Raimundo Mendes Burlamaqui; Teofrastes - Abdias Neves; Lúcio Câmara - Esmaraldo de Freitas; João Nulus - João Crisóstomo da Rocha Cabral; Job Vial - Joel Oliveira; Stélio, W. Einhardt, Mário, Carlos de Maia - Clodoaldo Freitas; G. de Matos. J. Verner, João Eliziário - Felon Castelo Branco, Ganso do Capitólio - Honório Parentes. Ver: QUEIROZ, 2011, p.160.

dos utilizados nas produções folhetinescas. Apesar das dificuldades encontradas, isso não impede o desenvolvimento de algumas conjecturas sobre a real identidade a partir de alguns indícios. No caso do folhetim intitulado *Hygino Cunha*<sup>709</sup> assinado por Luciano Irerê, Clodoaldo Freitas destaca, em *Biografia Crítica*<sup>710</sup>, que era um pseudônimo utilizado por Francisco de Sousa Martins. A identificação sobre o referido homem de letras se justifica pela convivência estabelecida entre ele e Clodoaldo, ainda em Recife, na época de estudantes.

Nem todos sabiam que o Dr. Sousa Martins era poeta. As poucas poesias que publicou eram assinadas com o pseudônimo Luciano Ererê. Eu e os que fomos seus companheiros de república, no Recife, sabíamos, pelas suas revelações íntimas, que ele cultivou com rara beleza de inspiração a poesia lírica, na sua forma mais elevada.<sup>711</sup>

Em *Vultos Piauienses*<sup>712</sup>, Clodoaldo Freitas apresenta indícios de autoria do possível autor do romance *Três Botões de rosa*<sup>713</sup>, publicado no periódico *O Abolicionista*<sup>714</sup>, em 1884. Ao analisar a trajetória de João Alfredo de Freitas<sup>715</sup>, Clodoaldo destaca a produção de um romance feito pelo intelectual, que saiu em alguns capítulos no periódico em pauta. A produção em questão foi assinada apenas pelas iniciais J.F, coincidindo com o primeiro e último nome do intelectual, o que reforça ser de fato João de Freitas o responsável pela produção.

Em Teresina o jovem promotor passou a vida mais tranquila e poética, partilhando seu tempo entre os autos, a política e o amor. Duplicou sua atividade. Escreveu artigos políticos para *A Imprensa*, órgão do partido Liberal; começou um romance, do qual apenas saíram alguns capítulos no *Abolicionista* e amou com uma intensidade digna de um qualquer verdadeiro Romeu. Exigências de família, a necessidade de seguir para Recife, onde o chamavam seus pais, fizeram malograr-se essa paixão imensa que absorveu o coração do jovem promotor, ou antes do juiz municipal de São Francisco cargo que exerceu por pouco tempo<sup>716</sup>.

No caso de Pacífico Cordeiro, alguns itinerários permitem a especulação de certos nomes. Pelo *A Imprensa* passaram, como redatores e colaboradores, importantes figuras

<sup>709</sup> IRERÊ, Luciano. Dr. Hygino Cunha. *A Época*. Teresina. 1883. n. 241/ 251, p.01.

<sup>710</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Biografia e Crítica*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz/MA: Ética, 2010.

<sup>711</sup> FREITAS, 2010, p.145.

<sup>712</sup> FREITAS, Clodoaldo. *Vultos Piauienses: Apontamentos Biográficos*. Teresina: Academia Piauiense de Letras,

<sup>713</sup> J.F. Três Botões de Rosa. *O Abolicionista*. Teresina. 1884. n. 2/ 3/4/5/6/7, p. 01.

<sup>714</sup> Periódico que militava em prol do fim da escravidão.

<sup>715</sup> Nasceu em Teresina em 1862. Em 1880, seguiu para a Faculdade de Recife onde cursou o Bacharelado em Direito. Em 1883, publicou, em Recife, a obra os *Contentos*, posteriormente *Algumas Palavras sobre o fetichismo religioso e político*. Em 1884, *Lendas e superstições do norte do Brasil*, ano em que concluiu o ensino superior. Atuou na magistratura e como professor. Em 1887, publicou *Escorços de etologia entômica e Ensaio de crítica religiosa*, obra inacabada. Faleceu em 1891 em Recife.

<sup>716</sup> FREITAS, 2012, p.54-55.

intelectuais, como David Caldas, Higino Cunha e Clodoaldo Freitas. No que tange ao primeiro, sua atuação no periódico, segundo a historiografia piauiense<sup>717</sup>, ocorreu apenas entre 1867 e 1871. Posteriormente, o intelectual passara a atuar na causa republicana com a criação dos jornais *O Amigo do Povo*, que circulou entre 1871 a 1873, e posteriormente, no jornal *Oitenta e Nove*, ambos de sua propriedade. Segundo Araújo:

Saindo do Partido Liberal, David Caldas dedicou-se ao movimento partidário republicano no Brasil e Piauí. O manifesto republicano foi publicado na íntegra nas primeiras páginas do jornal *O Amigo do Povo* e multiplicaram-se, nas páginas do periódico, os artigos Viva a República, as correspondências com a imprensa republicana nas diversas províncias brasileiras aumentaram. O entusiasmo republicano do *O Amigo do Povo* progrediu, ao longo dos seus cinco anos de publicação, lançando os fundamentos da identidade do segundo jornal, de que David Caldas foi proprietário e redator principal, denominado *Oitenta e Nove*. No início de 1873, surgiu o *Oitenta e Nove*, que apresentava como subtítulo *Monitor Republicano do Piauí* e pouco divergiu do antigo jornal de David Caldas.<sup>718</sup>

Ao analisar a atuação política de Clodoaldo e de Higino Cunha, Teresinha Queiroz destaca que, em um primeiro momento, ambos eram filiados ao Partido Liberal<sup>719</sup>. Desse modo, “a maioria dos jornais eram instituições partidárias fiéis que divulgavam as opiniões políticas de seus jornalistas e dos seus partidos de origem”, conforme aponta Araújo<sup>720</sup>. Tal aspecto encontra consonância com a série *Cousas e Lousas*, cujo teor consistia em criticar a assembleia provincial, coincidindo com a ascensão do Partido Conservador ao poder:

Tenho aversão concentrada e profunda a essa pandilha legisladora, que sem menor gravidade nos cobre um acervo estupendo de leis e resoluções disparatadas, [...] esdrúxulas, porém a respeito das acanhadas conveniências partidárias, pois a assembleia, e lá não piso, nem deixo que se trate dela em minha presença [...] Não obstante, porém, esse ódio, eu uma vez amei a assembleia. Foi uma fraqueza, confesso. Quem não tem fraquezas? *Homo sum*. Uma vez amei a assembleia e foi na sessão em que os excelentíssimos deputados discutiram com o maior acerto e consideração a questão do subsídio.<sup>721</sup>

A observação de Araújo, no que se diz respeito ao fato de os jornais estarem à serviço dos partidos políticos do período em questão, converge com a atuação de ambos os literatos no

<sup>717</sup> Ver: ARAÚJO, Vinícius Leão. *História e Imprensa: a cultura política em jornais piauienses de 1868 a 1875*. (Dissertação-Mestrado/UFPI). Teresina: Programa de Pós-Graduação em História do Brasil - UFPI. 2013; RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa Piauiense: Atuação Política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chave, 2001.

<sup>718</sup> ARAÚJO, 2013, p.45.

<sup>719</sup> QUEIROZ, 2011, p. 306.

<sup>720</sup> ARAÚJO, 2013, p.41.

<sup>721</sup> CORDEIRO, 1885.

periódico *A Imprensa* em distintos momentos da década de 80 dos oitocentos. Clodoaldo se filia ao Partido Liberal já em 1881, tendo assumido a redação do referido jornal. Sua saída ocorre em 1885, retornando à redação do periódico impresso em 1887. Conforme destaca Queiroz:

Consideremos alguns desdobramentos fatuais da carreira política de Clodoaldo Freitas. Pertencente à família que fora das mais importantes na militância do partido liberal, filiou-se a esse partido em 1881, quando assumiu o lugar de Promotor Público de Teresina, cargo para o qual foi nomeado em dezembro de 1880, por seu parente Firmino Martins. Tido como radical por quase todas as lideranças da Província, aproximou-se de Mariano Gil Castelo Branco, depois Barão de Castelo Branco, líder da dissidência do partido, mas igualmente submetido às determinações de Paranaguá, chefe dos liberais piauienses na Corte. Como jornalista político, escreveu n' *A Imprensa*, órgão oficial do partido, e n' *A Reforma*, jornal da ala liberal dissidente, em 1887, ano em que retornou a redação d' *A Imprensa*.<sup>722</sup>

O ano de 1885 não só demarca a saída de Clodoaldo Freitas da redação de *A Imprensa*. Em substituição, Higino Cunha assume como redator geral. Teresinha Queiroz afirma que “ao voltar formado de Recife, em 1885, filiou-se ao Partido Liberal, seguindo tradição familiar, e assumiu o lugar de redator chefe d' *A Imprensa*, substituindo Clodoaldo Freitas”<sup>723</sup>, em que atuou até 1887. A referida observação nos abre a possibilidade de aproximar a figura do literato ao de Pacífico Cordeiro. E isso se justifica em razão da forte atuação desses intelectuais em várias frentes, conforme discutido em tópico anterior, quando problematizamos a constituição de uma *intelligentsia* da época. Desse modo, outras produções encontradas no período possivelmente seriam da autoria de Higino, como os folhetins *Dente por Dente*<sup>724</sup>, 1885, e *Atravez do Mez Mariano*<sup>725</sup>, de 1886.

Quando problematizamos as crônicas folhetinescas, a fim de atestar o caráter miscelâneo dos folhetins nos periódicos teresinenses, a referida produção figurou como um exemplo de como o cotidiano ajudava a constituir o espaço tipográfico em questão. Além desse aspecto, a autoria do folhetim, assinado por *Castor e Polux*, parece dialogar com algumas produções da rubrica do periódico *O Semanário*. Em *Vozes do Povo*<sup>726</sup>, folhetim de caráter político, que denunciava as manobras eleitorais utilizadas na cidade de Oeiras apresenta indícios que abrem possibilidade para também aproximarmos o cognome *Z*<sup>727</sup> a Higino Cunha.

<sup>722</sup> QUEIROZ, 2011, p.307.

<sup>723</sup> QUEIROZ, 2011, p.308.

<sup>724</sup> Dente por Dente. *A Imprensa*. Teresina. 1885. n. 893, p. 01.

<sup>725</sup> CASTOR E POLUX. *Atravez do Mez Mariano*. *A Imprensa*. Teresina. 1885. n. 917 / 918, p. 01.

<sup>726</sup> Z. *Vozes do Povo*. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 329, p. 02.

<sup>727</sup> Z. 1883, p.02.

Em determinado momento do texto, quando o autor discute a questão da confissão do espancamento do personagem *Tuna*<sup>728</sup>, evoca as figuras mitológicas utilizadas na autoria de *Atravez do Mez Mariano*<sup>729</sup>, para criticar a truculência do ato:

- Diz que o comandante da escolta já confessara por aí haver cumprido ordem de espancamento contra Tuna; mas que Polux, garantia plenas, protestara jamais aceitar ser o Castor os favores de Júpiter olímpico; engo ambos hão de passar por entre Seylla e Caribidis, a irem formar no céu das unanimidades escandalosas uma nova constelação protetor de todos os devotos da tirania muambeira.<sup>730</sup>

Algumas observações pontuais reforçam a tese de ser Higino o autor do referido folhetim. Pinheiro observa que, a partir de 1882, o periódico passou para a direção de Antônio Raimundo Barbosa<sup>731</sup> com colaboração de Higino Cunha<sup>732</sup>. O folhetim *Vozes do Povo*<sup>733</sup>, por exemplo, é publicado um ano após, em 1883. No mesmo ano, é possível encontrar duas publicações folhetinescas assinadas pelo próprio literato no periódico, como *A Vingança do Ancião*<sup>734</sup> e *Luciano Irerê*<sup>735</sup>. Entretanto, Teresinha Queiroz adverte sobre as dificuldades concernentes ao exercício de descobrir os possíveis rastros deixados pelo intelectual, quando ele se utilizava de pseudônimo. Ginzburg ressalta que, por mais opaca que seja a realidade, “existem zonas privilegiadas – sinais e indícios – que permitem decifrá-la”<sup>736</sup>. Ainda assim, a observância proposta por Queiroz se apresenta de modo bastante esclarecedor quanto ao fato de se afirmar que o intelectual em questão praticamente não se utilizava do artifício narrativo<sup>737</sup>, pois:

Apesar dessa intensiva colaboração, quase tudo o que escreveu não lhe pode ser atribuído, visto que os artigos redacionais eram de responsabilidade coletiva, e o estilo de Higino Cunha - sóbrio, sereno e escorreito, nem sempre denunciava facilmente a autoria. A escrita é pensada, disciplinada, correta, mas não necessariamente de fácil identificação. Em virtude dessa dificuldade posta ao pesquisador que tenta recuperar o seu trabalho, apenas podem ser considerados de sua lavra e, portanto, de sua própria responsabilidade, os artigos assinados. Como exceções, podem ser citados os textos cuja autoria foi publicamente assumida, como os da polêmica *Turvam-se os horizontes*<sup>738</sup>.

<sup>728</sup> Z. 1883, p.02.

<sup>729</sup> CASTOR E POLUX. 1885, p. 01.

<sup>730</sup> Z. 1883, p.02

<sup>731</sup> Não encontramos informações sobre o intelectual em questão.

<sup>732</sup> Z. 1883, p.02

<sup>733</sup> Z. *Vozes do povo*. *O Semanário*, Teresina, ano 8, n. 317, 15 set. 1883, p. 01.

<sup>734</sup> CUNHA, Higino. *A Vingança do Ancião*. *O Semanário*. Teresina, 1874. n. 284, p.01.

<sup>735</sup> \_\_\_\_\_. *Luciano Irerê*. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 283, p.01.

<sup>736</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.p.177.

<sup>737</sup> QUEIROZ, 2011, p.160.

<sup>738</sup> QUEIROZ, 2015, p.63.

No que tange ao envolvimento em polêmicas evidenciadas no trecho acima, registramos a ocorrência de uma contenda no periódico *A Imprensa*, em 1866, momento no qual Cunha esteve à frente do jornal como redator. De caráter político, a querela envolvia ataques direcionados ao Partido Conservador e, de modo específico, direcionados a Simplicio Coelho de Resende<sup>739</sup> e ao jornal de linha ideológica conservadora, *A Época*<sup>740</sup>. Isso encontra consonância com o teor do folhetim *Cousas e Lousas*, de Pacífico Cordeiro<sup>741</sup>, reforçando a tese de que seja o referido literato o autor do folhetim em questão.

Ainda sobre os pseudônimos, destacamos *Reposta a um gordo*<sup>742</sup>, publicado em folhetim no periódico *O Telephone*, de 1888. A produção em questão constitui uma resposta às considerações desenvolvidas em *Carta de um gordo*<sup>743</sup>, coluna semanal presente no mesmo periódico. O teor do artigo, constante no número anterior<sup>744</sup> à publicação do folhetim em destaque, gira em torno do posicionamento do autor, denominado um gordo, protegido sob o manto de um pseudônimo, sobre a emancipação feminina. As reflexões desenvolvidas partiram da notícia acerca da formatura de uma mulher em Direito<sup>745</sup>, considerada como algo negativo, uma vez que isso poderia influenciar outras mulheres a seguir tais caminhos, equiparando as figuras masculina e feminina. Nesse sentido, o processo de autonomia, atestado por algumas conquistas pontuais, é percebido como uma das “faces mais cômicas que se tem inventado”<sup>746</sup> até então. Tal fato demonstra a preocupação do autor em reforçar o espaço feminino como algo circunscrito ao âmbito doméstico, sendo o avanço ao espaço público significado como uma ameaça.

Li um jornal em Pernambuco, e fiquei muito triste com a notícia de se estar formando ali em direito - uma mulher. Era somente o que me faltava! Já sabia que se tinham formado em medicina - umas duas cá no Império - afora Sr.<sup>a</sup>. Generosa Estrela, la estranja. A mulher médica - vá que seja, mormente se ela dedicar-se à especialidade das moléstias das senhoras e das crianças. Ninguém mais própria e mais apta para tratar de uma criança, para curar uma mulher, do que uma mulher. Mas - mulher advogada! Deus nos livre de tal por sua infinita misericórdia e bondade. Uma mulher fazendo provas - é o mesmo que um doido soltando foguete. Quando isso acontecer - eu largo o ofício - tão certo como três e dois - são cinco. O capeta - que se ponha ao alcance delas.

<sup>739</sup> Nasceu no município piauiense de Piripiri, localizado ao norte do estado, em 1879. Formou-se bacharel pela Faculdade de Recife em 1905. Atuou na Magistratura amazonense, falecendo na mesma cidade de nascimento, em 1948.

<sup>740</sup> QUEIROZ, 2015, p.71.

<sup>741</sup> CORDEIRO, 1885.

<sup>742</sup> C.I. *Reposta a um gordo*. *O Telephone*. Teresina. 1888. n. 255.p.01.

<sup>743</sup> UM GORDO. *Carta de um Gordo*. *O Telephone*. Teresina. 28, Marc.1888. n. 254.p.01 - 02

<sup>744</sup> UM GORDO. *Carta de um Gordo*. *O Telephone*. Teresina. 28, Marc.1888. n. 254.p.01 - 02.

<sup>745</sup> UM GORDO. *Carta de um Gordo*. *O Telephone*. Teresina. 28, Marc.1888. n. 254.p.01 - 02.

<sup>746</sup> UM GORDO. *Carta de um Gordo*. *O Telephone*. Teresina. 28, Marc.1888. n. 254.p.01 - 02.

Fala-se que a mulher brasileira quer emancipar-se. Há tempos que ouço esse *zum zum* da emancipação da mulher. Isso parece mais uma utopia. A França-país das novidades inventou isso. (...) A emancipação da mulher é uma das faces mais cômicas que se tem inventado até hoje. (...) Mulher formada! Elas que já são tagarelas, ainda mais bacharelas. (...) Se as mulheres vestissem calças quem não seria alfaiate? <sup>747</sup>

Castelo Branco reforça que “a movimentação das mulheres no sentido de ocupar espaços no mercado de trabalho provocava reações entre muitos homens, que percebiam nessas mudanças comportamentais perigo ao equilíbrio familiar e para o ordenamento social”<sup>748</sup>. Por meio do excerto, é possível apontar que essa mobilização que o autor cita é produto de uma nova lógica social que refletia os anseios de um mundo burguês. O autor ainda destaca que as mulheres sempre trabalharam, mas que, em grande medida, tais funções eram exercidas em âmbito doméstico, mas que, a partir do final do século XIX e início do século XX, elas reivindicavam atuar nos espaços públicos<sup>749</sup>. Esse aspecto encontra consonância com o material que encontramos em forma de contestação, publicado no espaço folhetinesco *O Telephone*:

Permita-me, meu caro sr. Redator, que abusando de sua benevolência largue por alguns momentos o meu dedal e a minha agulha para nas tiras estreitas de um folhetim de jornal dar em nome do sexo a quem me orgulho de pertencer resposta cabal e completa às amabilidades que um gordo aprouve dirigir-nos. Estive hesitando em não responder ao homem, porque atribuí sua irritação contra nós à avançada idade que já o torna indiferente aos nossos encantos e atrativos e talvez mesmo ao seu estado mórbido, que lhe perturba a calma da reflexão e a serenidade do espírito. Pareceu-me mais caridoso e compatível com os nossos sentimentos de generosidade esquecer as ofensas e rezar um padre nosso em alívio aos seus padecimentos. Mas como a teoria de tal gorducho não se aninha somente no cérebro de um matuto de Piracuruca; é ainda sustentada por gente que se reputa com o pensamento emancipado e livre, venho eu, obscura piauiense, que até agora somente pegava na pena para escrever o rol de roupa suja, lavrar um enérgico protesto contra esta teoria que sufoca na mulher os mais santos direitos e as mais legítimas aspirações. Não é admissível que hoje que se libertam os pretos, que a consciência nacional se levanta pujante em prol de uma raça proscrita, continue a mulher escrava, condenada à ignorância e ao servilismo, posta apenas para a satisfação de lúbricos desejos, de brutais instintos.<sup>750</sup>

O trecho acima abre possibilidade para duas observações pertinentes. A primeira diz respeito aos usos das produções folhetinescas, uma vez que elas poderiam vincular em seu espaço a recepção de ideias presentes em outros espaços dos jornais ou como resposta às

<sup>747</sup> UM GORDO. Carta de um Gordo. *O Telephone*. Teresina. 28, Marc.1888. n. 254.p.01 – 02.

<sup>748</sup> CASTELO BRANCO. As Redefinições no Mundo do Trabalho e a Construção das Identidades de Gênero no Fim do Século XIX e Início do Século XX. ALAVARENGA, Valtéria Melo, NETO, Marcelo de Sousa, FONTINELES FILHO, Pedro Pio. (Orgs.). In: *A História sob múltiplos ângulos: trajetórias de pesquisa e escrita*. Teresina: EdUESPI, 2020, p.54.

<sup>749</sup> CASTELO BRANCO, 2020, p.52.

<sup>750</sup> C.I. Reposta a um gordo. *O Telephone*. Teresina. 5 Abr .1888. n. 255, p.01.

publicações folhetinescas de outros jornais, geralmente opositores. De forma específica, o caso problematizado acima se configura como o primeiro tipo. Um número após a publicação das críticas direcionadas à emancipação feminina, em *Cartas de um gordo*<sup>751</sup>, o rodapé do jornal é utilizado para denunciar a ausência de “educação artística e literária” no estado<sup>752</sup>.

O título em questão, para além de protestar contra as ideias do autor intitulado *Um gordo*, constituiria também um desabafo contra a falta de opções no que se diz respeito aos espaços de sociabilidades e de atividades onde a mulher poderia atuar. O modo como o texto constrói a defesa sobre a liberdade da mulher nos leva a pensar que, de fato, teria sido escrito por uma representante do gênero. Objetos que se relacionam com a identidade feminina da época, como “dedal, agulha”, são utilizados para reforçar a tese de que as reflexões suscitadas sejam do referido sexo. Mais à frente, a autora se apresenta como uma senhora casada, cuja insatisfação estaria ligada ao provincianismo suscitada pelo escritor responsável pelo artigo, mas que refletia a mentalidade da sociedade do período<sup>753</sup>.

O referido aspecto retratado no parágrafo anterior oportuniza que indagemos se de fato a referida produção advém de um lugar feminino ou se seria uma construção masculina se utilizando dessa identidade. O folhetim é assinado apenas com as iniciais *C.I.*, elemento bastante comum no que tange ao uso de pseudônimos observados no levantamento documental, produzidos a partir dos periódicos teresinenses do período. Rocha destaca que o final do século XIX demarca a emergência de uma imprensa periódica voltada ao público feminino em Teresina. Nesse momento, grande parte dessas produções era construída por homens. Em geral, esses editoriais tinham o objetivo de suscitar a instrução entre as mulheres de classe média. Intelectuais piauienses, como Clodoaldo Freitas, ao analisar a trajetória de Luísa Amélia de Queiroz Brandão<sup>754</sup>, por exemplo, demonstram a construção de uma defesa do referido processo, ao exaltar as qualidades da biografada, no que tange às suas atividades intelectuais:

É raro entre nós, vermos um nome feminino subscrevendo um livro qualquer. A mulher piauiense ainda vive entregue ao fetichismo romano, segregada do movimento augusto, que impede todas as inteligências em busca da ciência e da verdade. A primeira piauiense, porém, que se desviou da vulgaridade de seu sexo, exibindo um suculento atestado da sua proeminência intelectual foi a ilustre senhora que motiva este desprezioso estudo.<sup>755</sup>

<sup>751</sup> UM GORDO. Carta de um Gordo. *O Telephone*. Teresina. 28, Marc.1888. n. 254, p.01-02.

<sup>752</sup> C.I. Reposta a um gordo. *O Telephone*. Teresina. 5 Abr .1888. n. 255, p.01.

<sup>753</sup> C.I. Reposta a um gordo. *O Telephone*. Teresina. 5 Abr .1888. n. 255, p.01.

<sup>754</sup> Nascida em 1838, no município de Piracuruca, localizado no norte do Estado do Piauí, destacou-se como poetisa com a publicação de uma obra poética denominada *Flores Incultas*. Faleceu em 1898.

<sup>755</sup> FREITAS, 2012, p.91.

Ainda destacamos o fato de algumas mulheres atuarem como colaboradoras, sendo o início do século XX o período em que emergem jornais femininos dirigidos e produzidos por mulheres<sup>756</sup>. É necessário ressaltar, ainda, que o período é marcado pela entrada de ideias feministas em Teresina. Por meio da imprensa, as linhas ideológicas do movimento suscitariam múltiplas reações, desde críticas - em grande medida, construídas por homens, que viam a luta como uma ameaça - a entusiasmo - por parte de muitas mulheres<sup>757</sup>. Sobre esse último aspecto, podemos verificar a atuação feminina frente à imprensa, no intuito de reivindicar as conquistas por mais espaços. Nesse sentido, grande parte dessas produções era construída sob o manto do pseudônimo por mulheres que objetivavam se resguardar e garantir a liberdade de produção. Parte desses textos revelava o descontentamento feminino relacionado à sua restrita atuação no espaço público<sup>758</sup>. Esse ponto encontra consonância com a produção folhetinesca ora analisada. As queixas apresentadas no folhetim *Resposta a um gordo*<sup>759</sup> são, em sua maioria, direcionadas à instrução que lhes era negada.

Nós não sabemos desenhar. Com ar papalvo e ignorante contemplamos uma ortografia grosseira, uma gravura ordinária e não poderíamos à vista de um quadro responder se se trata de um pinta-monos ou de um artista de raça. Não sabemos música, que torna tão deliciosa os momentos ásperos da vida. Não foi para nós que Rossini escreveu suas mais ternas melodias. Beethooven as suas mais tristes sonatas. Verdi as suas mais líricas óperas. A música da poesia é para nós a última conquista da arte estragados os ouvidos pelos ruídos dos Lombos talvez não pudéssemos mais compreender a ária da douda do terreno ato do Ruy Blass. Md nos ensinam a ler e escrever cartas sem erros ortográficos. Somos completamente indiferentes ao movimento literário e científico do século. Não podemos manter uma conversação trivial sobre as celebridades da época. As mais lidas poderão apenas citar algum romance de Montepin e ainda acreditamos nas almas de outro mundo e nas proezas do?-homens. Não temos mesmo a elegância artística da toilettes, que realça os encantos do sexo. Se há uma D. Lavínia que sempre se apresenta na mais correta elegância, parecendo uma fluminense pue song transportada da rua do Ouvidor para as areias desta terra, é preciso também declarar que as nossa toilettes não se distinguem muito pelo bom gosto. Estas verdades que eu escrevo sangrando de dor minha alma são eloquente protesto contra as teorias do Gordo. E certo que nos ensinam a cozer, a fazer o doce de goiaba, a temperar bem uma panela de peixe. Mas esta educação serve apenas para uma criada e não para uma piauiense que prende e cativa pelo esplendor da formosura<sup>760</sup>.

<sup>756</sup> ROCHA, Olívia Candeia Lima. *Mulheres, Escrita e Feminismo no Piauí (1875 -1950)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves. 2011, p.40.

<sup>757</sup> ROCHA, 2011, p.60.

<sup>758</sup> ROCHA, 2011, p.155.

<sup>759</sup> C.I. *Resposta a um gordo*. *O Telephone*. Teresina. 5 Abr .1888. n. 255, p.01.

<sup>760</sup> C.I. *Resposta a um gordo*. *O Telephone*. Teresina. 5 Abr .1888. n. 255, p. 01.

Os protestos, conforme evidenciado no trecho acima, revelam o desejo de se obter conhecimento como meio de constituição de uma feminilidade que perpassaria pelo processo instrutivo. Era necessário, por exemplo, adquirir conhecimentos, literários ou científicos, como manifestado no folhetim, a fim de demonstrar afinidade com que acontecia no mundo que os cercam. Demonstrar erudição passaria a fazer parte desses modos de ler o mundo e de se posicionar. Lojolo e Zilberman<sup>761</sup> salientam que a escassez de opções no que tange ao processo educacional formativo feminino fomentava no feminismo a ação reivindicar tais conquistas<sup>762</sup>. Nesse processo, até mesmo a leitura de folhetins passava a ser percebida como uma prática desvalorizada, por não contribuir com o desenvolvimento moral, uma vez que determinados enredos poderiam influenciar comportamentos desviantes. Assim, a emancipação feminina estaria acompanhada de um processo normativo que, no seu interior, revelava atuações ligadas à família e ao espaço doméstico.

A mulher lê folhetins e romances ligeiros, que a imprensa e editoras lhes oferecem; mesmo essa leitura, porém, é desvalorizada, seja porque as obras são consideradas de má qualidade, seja porque desejável seria que lessem textos mais elevados, embora insossos e desestimulantes. As opções são poucas, o que suscita a militância de muitos, especialmente de mulheres, no sentido de estimular a educação feminina em melhores termos, argumentando ser essa condição essencial para estabilizar a vida familiar no Brasil e ver a não progredir.<sup>763</sup>

Conforme já problematizado no presente capítulo, até mesmo as produções folhetinescas perpassavam pela intenção de contribuir para o processo formativo de seus leitores. Ordenar, intervir, normatizar estaria entre os objetivos de muitos dos títulos analisados nos periódicos teresinenses, afinal, era necessário educar por meio de exemplos, sendo os enredos folhetinescos instrumentos de alcance. Mas isso não assegurava que algumas temáticas, significadas como polêmicas, dentre elas o adultério, não aportassem no rodapé do jornal, o que justificaria o controle sobre o que se consumia.

Com relação ao folhetim que suscitou a presente reflexão, *Resposta a um Gordo*<sup>764</sup>, a possível identidade de C.I ainda permanece um mistério. Mas de uma coisa temos certeza: a de que esse enigma compõe o repertório de polêmicas que encontraram no folhetim espaço de visibilidade. Essa seria outra dimensão do ato de empunhar a pena por revelar as tensões sociais e as disputas de poderes que ajudavam a delinear o momento, portanto, nossa próxima aventura,

<sup>761</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

<sup>762</sup> LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p.346.

<sup>763</sup> LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p.346.

<sup>764</sup> C.I. *Resposta a um gordo*. *O Telephone*. Teresina. 5 Abr .1888. n. 255, p. 01.

no capítulo seguinte. Analisar as referidas querelas é objetivo do próximo e último capítulo de nossa aventura. Por meio delas, discutiremos como a escrita folhetinesca, como instrumento de combate e de polêmicas, possibilita que se lance um olhar sobre o político.

#### 4 O FOLHETIM COMO ARENA DE CONFRONTO: ENTRE POLÊMICAS E OS USOS POLÍTICOS DO ESPAÇO TIPOGRÁFICO

“Para o historiador, o interesse de identificação desta cultura política é duplo. Permite em primeiro lugar pelo discurso, o argumentário, o gestual, descobrir as raízes e as filiações dos indivíduos, restituí-las à coerência dos seus comportamentos graças à descoberta das suas motivações, em resumo, estabelecer uma lógica a partir de uma reunião de parâmetros solidários, que respeitam ao homem por uma adesão profunda, no que a explicação pela sociologia, pelo interesse, pela adesão racional a um programa se revela insuficiente, porque parcial, determinista e, portanto, superficial. Mas, em segundo lugar, passando da dimensão individual à dimensão coletiva da cultura política, esta fornece uma chave que permite compreender a coesão de grupos organizados à volta de uma cultura”.<sup>765</sup>

Analisar o caráter prescritivo das produções folhetinescas abriu possibilidade para percebermos como os homens de Letras se relacionavam com a escrita e o impresso. Os folhetins investigados no capítulo anterior demonstram a construção de um projeto civilizador que tomava forma, sendo a literatura utilizada como um dos instrumentos escolhidos para alcançar a presente finalidade. Era preciso moralizar, instruir, denunciar, intervir de modo a contribuir para o processo de emancipação da sociedade, auxiliando para a inserção de novas práticas que seriam absorvidas por meio das instruções inseridas no corpo de cada produção, que se apresentava no espaço tipográfico folhetinesco.

Isso justifica, em grande medida, o estilo adotado pela maioria dos folhetins locais dispostos no rodapé dos jornais. Não por acaso, o termo “empunhar”, utilizado para nomear a segunda parte da presente Dissertação, se apresenta de forma a captar a maneira como esses intelectuais se posicionavam e como, a partir disso, é possível capturar as leituras de mundo desses sujeitos. Empunhar a pena, no sentido de utilizá-la como arma de combate, uma marca do final dos oitocentos, deve ser percebido de modo amplo, apresentando outros caminhos, permitindo que outras faces desse ato emergjam.

Podemos afirmar que o ato de significar a palavra como arma combativa constitui um exemplo de usos políticos no espaço tipográfico folhetinesco, integrando uma face dessas intencionalidades. À medida em que íamos avançando, foi possível nos depararmos com algumas produções no suporte que revelavam como as tensões sociais se manifestavam através dos folhetinesco, fossem por meio de polêmicas ou através do ataque direcionado a sujeitos,

---

<sup>765</sup> BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean- François. (Orgs.). In: *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p.362.

instituições, grupos sociais. Para tanto, utilizaremos a noção de Cultura Política, de modo a iluminar tais disputas. Considerada “um dos elementos da cultura de uma dada sociedade”<sup>766</sup>, a categoria será utilizada de modo a perceber “as motivações dos atos humanos num momento de sua história, por referência aos sistemas de valores, de normas, de crenças que partilham, em função da sua leitura do passado, das suas aspirações para o futuro, das suas representações da sociedade”<sup>767</sup>.

Aqui, entenderemos o político por um viés que possibilite entender como o coletivo e o individual se imbricam numa correlação que dificulta que eles sejam percebidos de modo apartado, bem com as suas ideologias, utopias e elementos que constroem as visões de mundo que dialogam com as esferas de poder<sup>768</sup>. Considerar as utopias será de fundamental importância para vislumbrarmos como a construção da “imaginação social” incide na edificação de posicionamentos que ajudam a traçar o real. Ou como diria Chauí, “é uma maneira peculiar da imaginação social, que busca combinar o irrealismo, ou a crença na total transparência do social, e o realismo, por meio da apresentação dos mínimos detalhes da nova sociedade”<sup>769</sup>.

Nesse sentido, constitui esforço da última parte do trabalho analisar a dimensão das tensões sociais apreendidas dos folhetins dos periódicos teresinenses. O capítulo investigará como as disputas de poder se processavam por meio das produções folhetinescas. Tais querelas serão captadas mediante dois trajetos. Primeiramente, através das polêmicas construídas no interior do espaço tipográfico ou que aludiam a elas em outros espaços dos jornais. Posteriormente, pela via de compreender como o espaço folhetinesco permite o exercício de perceber como as disputas político-partidárias são utilizadas como instrumentos de visibilidade das disputas de poder. Por último, investigaremos como o escárnio e o jocoso são utilizados como instrumentos de ataque nessas disputas de poder.

#### **4.1 Entre os meios e os fins: tensões e polêmicas nos folhetins**

Ao estabelecer uma aproximação entre a constituição de um campo literário e as relações de força, Bourdieu realça a importância de se conceber esses aspectos de modo imbricado. Segundo o autor, o:

---

<sup>766</sup> BERSTEIN, 1998, p.363

<sup>767</sup> BERSTEIN, 1998, p.363

<sup>768</sup> RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.35.

<sup>769</sup> CHAUI, M. Notas sobre utopia. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 60, n. 1 - Especial, p. 7- 12, 2008.

Campo de forças possíveis, que se exercem sobre todos os corpos que nele podem entrar, o campo de poder é também um campo de lutas, e junto das propriedades incorporadas, inclusive a elegância, a naturalidade ou mesmo a beleza, e o capital sob as diversas formas, econômica, cultural, social, constituem trunfos que vão comandar as maneiras de jogar e o sucesso no jogo [...] <sup>770</sup>.

Do excerto extraído do sociólogo, realçamos a noção de campo de poder como um espaço de lutas. Acreditamos que, à semelhança do que o referido pesquisador propõe, é possível apreender as tensões sociais por meio das polêmicas literárias que se desenvolviam. Essas, por sua vez, constituiriam, portanto, um repertório que abre possibilidade para compreendermos como a imprensa e a literatura são utilizadas como instrumento combativo, favorecendo a visualização de um cenário de disputas. Queiroz pontua que as polêmicas extrapolavam o âmbito da política partidária, alcançando diversas áreas, como os aspectos estéticos e gramaticais das obras, assuntos de cunho ideológico, que reverberavam entre os leitores da sociedade teresinense <sup>771</sup>.

As produções folhetinescas, como espaço onde convergia a fronteira entre a imprensa e a literatura, constituíam uma arena na qual as referidas querelas encontravam lugar. Uma das faces utilizadas para perceber esses aspectos repousa na ideia de como tais repercussões ecoavam na própria produção folhetinesca. Ao longo de toda a trajetória construída no presente estudo, procuramos problematizar o caráter múltiplo que figurava no suporte.

Dentre os gêneros que aportaram no referido espaço, temos as críticas literárias, que ganhavam visibilidade por meio das publicações no rodapé dos jornais. As apreciações desse cunho configuravam maneiras de demarcação através da recepção de obras, suscitando reações no âmbito da imprensa periódica do período. Magalhães afirma que a formação do leitor e as inovações da imprensa no século XX foram componentes que contribuíram para a constituição de uma crítica literária em Teresina <sup>772</sup>. Nesse sentido, ao olhar as análises construídas e publicadas nos folhetins dos finais do século XIX e início do século posterior, é possível vislumbrar a emergência de um sistema literário tanto no âmbito da produção quanto de uma crítica, o que ajuda a dar contornos a essa forma de organismo. Por certo, o desenvolvimento de tais produções no suporte deve ser encarado como parte dessas construções, uma vez que outros aspectos ajudaram a forjar a constituição de uma trama de redes que resultaram na criação de um circuito intelectual. Sirinelli evidencia que as redes de sociabilidades nos ajudam a compreender como os intelectuais se constituem. Tais redes são operacionalizadas por meio

---

<sup>770</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Regra das artes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.70.

<sup>771</sup> QUEIROZ, 2011, p.147.

<sup>772</sup> MAGALHÃES, 2016, p.79

de revistas, jornais. Por meio delas é possível apreender os múltiplos posicionamentos que esses sujeitos demarcam e, assim, percebemos como esses personagens leem e imprimem seus valores ao mundo que os cerca. Nesse sentido, é importante investigar como as paixões são utilizadas a serviço da razão e como, a partir disso, é possível perceber as tensões sociais.

A atração e a amizade e, ao contrário, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga, e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo. Isto, alguns poderão objetar, se aplicar a toda microsociedade. Mas, de um lado, esse peso da afetividade adquire uma significação específica, num meio teoricamente colocado sob o signo da clarividência, e cuja garantia, aos olhos do resto da sociedade, é saber jugular suas paixões, a serviço exclusivo da Razão<sup>773</sup>.

Destacamos as instâncias de produções<sup>774</sup>, e aqui as entendemos como uma rede complexa, formada por uma teia, que atua na construção não apenas da informação, mas também na fabricação narrativa de modo amplo. A presente categoria não teria razão de existir se não houvesse um conjunto de atores que recepcionasse tais produções. A instância de recepção é considerada uma incógnita à primeira<sup>775</sup>: não há como mensurar como as ideias são recolhidas, pois elas dependem de uma série de fatores, como os lugares sociais de seus indivíduos e a maneira como ocorre a apreensão do real<sup>776</sup>. Isso nos direciona à concepção de leitura Certeuriana, no sentido de perceber a noção de leitura como prática inserida nos jogos de poderes em que entram em cena interesses e visões de mundo<sup>777</sup>. Ou a própria ideia de recepção concebida por Chartier, ao reforçar que a recepção deve ser vista como campus de ressignificação<sup>778</sup>. Partindo dessas premissas, nos debruçaremos sobre duas produções e suas reverberações. Na primeira parte, focaremos em analisar o conto *O Drama Honra por Honra*<sup>779</sup>, bem como as repercussões de sua leitura publicadas em folhetim<sup>780</sup>.

<sup>773</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.p.250.

<sup>774</sup> CHARADEAU, 2013, p.73.

<sup>775</sup> CHARADEAU, 2013, p.79.

<sup>776</sup> CHARADEAU, 2013, p.79.

<sup>777</sup> CERTEAU, 1998, p.271.

<sup>778</sup> CHARTIER, 2004, p. 173.

<sup>779</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.02-03.

<sup>780</sup> X. O drama-honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.num.305. p.01-02.

#### 4.1.1 “Onde está a moralidade do drama?”<sup>781</sup>: Disputas e tensões sociais em “O Drama, Honra por Honra”<sup>782</sup>

Em 10 de maio de 1884, o periódico *O Telephone*<sup>783</sup> publicou no rodapé do seu jornal o conto *O Drama Honra por Honra*<sup>784</sup>. A narrativa gira em torno dos personagens Carlos da Gama, caracterizado na trama como um rico comerciante; Mateus; Pedro Soares; e Amélia, esposa de Carlos. Os três primeiros, em sociedade, investem na construção de uma fábrica de laticínios<sup>785</sup>. Entretanto, o empreendimento, e com ele o sonho de prosperar, barra nos infortúnios de verem a indústria destruída por um incêndio, obrigando que eles declarem falência. Mateus migra para uma cidade denominada Luanda, em busca de riquezas, não sabemos ao certo se ela seria a capital da Angola, mas o fato é que, a partir de então, o personagem não aparece mais na trama.

A partir de então, toda a narrativa é centrada na difícil decisão que Amélia deveria tomar. O fator que coloca nossa personagem em situação delicada é promovido por um golpe financeiro que seu marido, Carlos, sofre de Pedro, o sócio, o que possivelmente levaria seu cônjuge à prisão. Esse último evento poderia ser evitado caso Amélia cedesse aos desejos de Pedro. Todas essas reviravoltas estão impressas ainda no primeiro parágrafo do conto, demonstrando que a temática da produção gira em torno do adultério. Sem a intenção de prender o leitor a qualquer tipo de gancho, recurso inclusive bastante utilizado por muitos folhetinistas, de modo a estender a trama, o autor já revela de início a decisão tomada por Amélia, inclinada a salvar o companheiro, que ameaçava cometer suicídio caso fosse encarcerado. Sobre a temática do autoaniquilamento, destacamos que o recurso já era esboçado na literatura como fio condutor para explorar as questões existenciais nesse período, como na obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, em que o personagem que nomeia a produção, Werther, recorre ao ato como forma de escape, diante da impossibilidade de usufruir do amor ao lado de Lotte<sup>786</sup>.

Carlos da Gama, rico comerciante, sócio de Mateus, um sujeito satisfeito com a sorte e dominado pela mulher, a qual desejava sempre ver brilhar, receber os galanteios de quantos apaixonados se rendiam as suas graças, induzido por

<sup>781</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.02-03.

<sup>782</sup> X. O drama-honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.n305. p.01-02.

<sup>783</sup> Periódico de propriedade de Antônio Joaquim Dinis. Circulou entre os anos de 1883-1889.

<sup>784</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.02-03.

<sup>785</sup> Em alusão à fábrica de Laticínios explorada na produção *O Drama Honra por Honra*, destacamos a construção de um empreendimento semelhante ao detalhado em 1887, na cidade de Campinas, no sul do Piauí. O referido investimento é creditado a Antônio José Sampaio, cujo principal objetivo era fomentar o desenvolvimento da região. Ver: VILHENA, Marcos. *Vôo de Icaro: tensões e drama de um industrial no sertão*. Teresina: Halley, 2006.

<sup>786</sup> GOETHE, J. W. *Os sofrimentos do Jovem Werther*. Porto Alegre: Martin Claret, 2010.

Pedro Soares, empreende e monta uma fábrica de Laticínios, que foi reduzida a cinzas por um voraz incêndio, causando aos proprietários grandes prejuízos; prejuízos que os obrigaram a pedir falência e a requerer moratória por um ano. Findo o prazo, sem que pudesse adquirir capitais suficientes para saldar seus débitos sem que Matheus, que fora pra Luanda em busca de fortuna, a tivesse encontrado, Carlos, que possuía, em mãos de Pedro Soares, 30 contos, dados a sua filha pelo padrinho, o Comendador Fonseca, quer entregá-los aos seus credores. Depois de fazê-lo, Soares, sobrinho e único herdeiro de Fonseca, tendo subtraído um documento, que Carlos passara a este, quando em suas mãos depositou a soma, posteriormente dada a sua filha, declarando possuir documento que Carlos julgava inutilizado, apresenta-se requestando Amélia e propõe-lhe uma dura escolha: ou a prisão do marido como estelionatário ou o seu amor, mediante a entrega do documento. Amélia resiste; mas querendo salvar o marido, que lhe dissesse que se mataria antes de ser desonrado, cedeu.<sup>787</sup>

Amélia resistiu às investidas de Pedro. Em nome da moralidade, a protagonista desejava não sucumbir ao ato que mancharia seus princípios. Castelo Branco ressalta que “as mulheres, depois de casadas, deveriam assumir novos comportamentos; suas novas funções exigiam novas posturas, um ar grave, demonstrando seriedade e recato”<sup>788</sup>. Mediante a tentativa de recusa, por meio da personagem, a narrativa evidencia o modelo ideal feminino para a sociedade burguesa, amplamente problematizado em outras partes da presente Dissertação, no tocante às questões de gênero, indo ao encontro do que o pesquisador em questão aponta. As novas configurações sociais burguesas redefiniram o papel feminino, cabendo às mulheres dedicarem-se à função de mães e esposas fiéis, discurso endossado e legitimado pela Igreja Católica<sup>789</sup>.

“Os homens esperavam que as mulheres fossem fiéis, queriam ter a certeza de gerar com elas os filhos e quem herdaria seu patrimônio”<sup>790</sup>. Entretanto, esse mesmo tipo de atitude, em partes, não se configuraria como algo recíproco<sup>791</sup>. A liberdade com que os homens transitavam permitia que o gênero em questão pudesse experimentar jogos de sedução nos quais a infidelidade se apresentava como um aspecto<sup>792</sup>. A presente ótica nos faz entender o porquê de a angústia da personagem ser explorada como gancho narrativo. No enredo em questão, essa ótica é invertida. Amélia consumaria o adultério, não por querer, ou por um motivo que poderia ser julgado banal, mas para salvar a quem julgava amar. Após o ato, segundo o narrador, e devemos destacar que a produção é narrada em terceira pessoa, essa se sentiria “ralada de remorsos, suja,

<sup>787</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.02-03.

<sup>788</sup> CASTELO BRANCO, 2005, p.127.

<sup>789</sup> CASTELO BRANCO, 2005, p.127.

<sup>790</sup> CASTELO BRANCO, 2005, p.128.

<sup>791</sup> CASTELO BRANCO, 2005, p.128.

<sup>792</sup> CASTELO BRANCO, 2008, p.153.

(...) cheia de lástima”<sup>793</sup>. Contudo, uma “desgraçada digna”<sup>794</sup>, capaz de se sacrificar em prol do provedor que era responsável por ajudar a construir uma família e, por extensão a isso, a construção dos papéis de mães e esposa relegado as mulheres.

Pedro ameaça Amélia de levar Carlos perante os tribunais, como estelionatário, se ela se negasse aos seus lúbricos desejos. À princípio zombeteira, depois humilde, Amélia, entretanto resiste indignada às instâncias de Soares. Uma só palavra basta para salvar (a Carlos) diz Soares. Oh! O senhor me causa horror, disse Amélia. Mas amando muito o marido; temendo vê-lo réu, sentado no banco maldito e sabendo que Carlos, homem austero, intransigente em seus princípios e de palavra, se suicidaria necessariamente desde que se visse desonrado, aviltado, com o estigma de estelionatário. Supondo salvá-lo, ela cede arrastada pela sua dedicação, não digo justa, porém respeitável, imensa. Sim, imensa; por quanto para uma mulher que ama o marido como Amélia amava, que era cercada de afagos, de desvelos, esquecendo os seus deveres, o seu amor, a sua virtude, é necessária uma forte impulsão moral, uma força enorme, rude, irresistível ou uma estupenda perversão. O comportamento de Amélia seria indecente, safado, imoral se, depois de caída, aparecesse em público risonha fazendo garbo de sua queda. Mas chorosa, triste, abatida, inconsolável, ralada de remorsos, é uma desgraçada digna, cheia de lástima, do que de ódio. Que mulher há aí da sua virtude para jamais cair em circunstâncias idênticas? E que homem é bastante senhor de sua coragem e dos seus nervos para garantir que o seu coração, em caso semelhante, não se inclina mais ao perdão do que a vingança?<sup>795</sup>

Como um mártir, Amélia foi perdoada pelo marido. Absolvida com outro pedido de indulto de quem sabe que tudo foi desencadeado por uma situação em que a personagem não foi responsável. Contudo, se a pretensão do autor, que se apresenta sob o manto de pseudônimo, utilizando apenas uma letra do alfabeto, nomeado *W*<sup>796</sup>, seria a de levantar uma discussão sobre como a moralidade não pode ser vista e, conseqüentemente, significada de modo absoluto, o debate ou a lição que pretendia se colocar é atenuado em razão destino dado à personagem. A morte seria a única maneira encontrada para solucionar toda a situação colocada. Por mais que “Cristo tivesse perdoado a mulher adúltera”<sup>797</sup>, essa deveria expurgar ao contrair tuberculose, resultando no seu destino, afinal de contas, por mais que a intencionalidade da ação tenha sido em prol de algo maior, ainda assim, essa constituiria um crime, um desvio de conduta. Vale ressaltar que discursos conservadores e prescritivos tendem a recorrer a exemplos e metáforas religiosas, para definir espaços e condutas e, assim, estabelecer controle sobre os corpos.

<sup>793</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.02.

<sup>794</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.02.

<sup>795</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.02.

<sup>796</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.02.

<sup>797</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.02.

O perdão de Carlos no ato final mereceu, de parceria com o crime de Amélia, os anátemas de quantos críticos tem escarnado a pobre pele do inocente drama. Amélia, como ficou dito, entregou-se a um feudo e lúgubre desespero pelo remorso do seu crime, seu erro. Esse desgosto, as mágoas, os pesares, influíram por tal modo sobre sua saúde, que, em breve definhou lentamente de afecção pulmonar. Já moribunda, no último instante da existência, nesse momento grave e angustiante, em que a luta da vida com a morte faz da agonizante um ser divino; nessa hora em que tudo se perdoa, em que tudo se esquece, tudo se apaga; em que ódios e amizades, vícios e virtudes, dores e alegrias revelam-se diante da estupenda aproximação majestosa da morte, no momento em que Amélia mal articulava os derradeiros sons, Carlos reconhece, tem a prova material, irrecusável, que ela caíra para salvá-lo, por fraqueza, não por vício. O que lhe competia fazer? Esbofeteá-la? Escarnecê-la? Expeli-la? Cuspi-la? Não, não devia, não tinha direito, não tinha coragem. Perdoou pedindo perdão. Em lugar de dizer cruamente: eu te perdoou, desgraçada, disse com uma esquisita e admirável delicadeza: perdoa-me. Mas esse perdão grave, sem genuflexão, sem hipocrisia, dado entre os arrancos da moribunda e os prantos dos assistentes, é edificante, é santo. Carlos não perdoou a bela, feliz, cheia de galas, triunfante: perdoou a moribunda, tísica, desgraçada. Em vida, quando podia penar, fê-la sofrer toda sorte mais degradante e cruel desprezo, avivando-lhe de uma maneira esmagadora a toda hora a ideia de seu crime; mas ao transpor a porta da eternidade, quando ela ia deixar de sofrer, era brutal, indigno, tolo, estúpido que esse marido, conhecendo que os motivos que levaram a mulher à perdição foram imperiosos; que ela foi forçada, arrastada pelos cabelos, que errou por ser fraca, impressionável, porém não por pervertida, e que, afinal, esse crime foi praticado, infelizmente, na intenção de salvá-lo da desonra, da morte; seria estúpido, bestial, repito, que esse marido, para mostrar que a maior ofensa que podia sofrer estava justamente nesse crime, por ele pior que qualquer outro, viesse esbofetear uma face gelada, incapaz de corar sob o pálido véu da morte!<sup>798</sup>

Em resposta à publicação do *Drama – Honra por Honra*<sup>799</sup>, o periódico *A Época*, em 17 de maio de 1884, utiliza seu espaço folhetinesco para contra-argumentar a produção literária de *W*<sup>800</sup>. O autor da crítica, nomeado *X*<sup>801</sup>, evidencia que a temática desenvolvida não foi bem recebida apenas pelo jornal conservador em questão, mas por outras folhas noticiosas como *A Imprensa*<sup>802</sup>. As considerações desenvolvidas no referido rodapé do jornal procuram limar a produção de *O Telephone*<sup>803</sup>, questionando a moralidade do conto. Segundo *X*, o autor do conto em questão tenta incutir nos leitores que “seu drama é moral baseado nos preceitos das artes, onde a linha divisória entre a moralidade e o seu oposto” seria um tanto tênue<sup>804</sup>.

<sup>798</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.03.

<sup>799</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.03.

<sup>800</sup> X. O drama-honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.n.305, p.01-02.

<sup>801</sup> X. O drama-honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.n.305, p.01-02.

<sup>802</sup> Periódico político do partido Liberal.

<sup>803</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66, p.03.

<sup>804</sup> X. O drama-honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.n.305, p.01-02.

Os ns. 63 e 66 do “Telephone” trazem no respectivo rodapé dois folhetins de dicção correta e estilo aprimorado com que W enristou a lança de censor dramático no intuito de convencer aos leitores que o drama – Honra por Honra – não é imoral, péssimo, infame, como a *prederie* literária da “Época”, “Imprensa” aprovem qualificar, ao contrário, W garante, sem rodeio e sem rebuço, que este drama é moral, muito moral, perfeitamente moral, segundo os preceitos das artes, que não traçaram a linha divisória entre a moralidade e a imoralidade dos dramas.<sup>805</sup>

O trecho acima nos passa a impressão de que essa seria a resposta sobre o posicionamento de W<sup>806</sup> com relação à polêmica. A observação é confirmada ao descobrirmos uma publicação em que o referido autor responde aos ataques contra sua produção. Para o autor, as reações suscitadas são permeadas de exagero, uma vez que uma obra de arte possibilita a liberdade de retratar os níveis que o autor queira conceber, sendo, portanto, injustas as considerações feitas em torno da obra:

“A Imprensa”, a “Época” e o “Telephone”, como uma verdadeira *prederie literária*, noticiando a representação do *Drama – Honra por Honra*, qualificaram-no de *imoral, péssimo, infame*. Este chorrilho de enfáticos adjetivos dolorosamente amargos indica uma tal exageração, uma tão errônea compreensão do que seja moral em qualquer obra de arte, que não posso deixar de, embora perfunctoriamente, traçar estas linhas, à guisa de protestos contra a decantada imoralidade de um drama que, digo-o, sem rodeios, sem rebuço com alta e franca entonação de uma convicção arraigada, é moral, muito moral, perfeitamente moral. Toda obra de arte, diz Taine, tem por fim manifestar qualquer caractere essencial ou saliente, mais completamente, e mais claramente que na realidade. Ora, no drama, no romance o que tem em vista o autor, o artista?<sup>807</sup>

A defesa sobre a produção é construída de modo a demonstrar o desconhecimento dos críticos para com o campo literário. E é esse o caminho trilhado para problematizar a ideia da moralidade. Ao longo do folhetim, o autor vai discutindo sobre a defesa da arte. “Shakespeare ou Victor Hugo caso fossem julgados por um lance ou por uma simples cena, não perderiam a fama justa e bem merecida que gozam, como passariam por imemoriais”<sup>808</sup>, pontua nosso narrador. É perceptível, portanto, que a presente arguição não se apresenta apenas de modo a contra-argumentar a recepção, mas revela a percepção sobre as artes, de modo a entendê-las como um campo em que várias possibilidades de discussões poderiam aportar. As considerações, portanto, são direcionadas como a salvaguarda de algo maior que o próprio conto, ela constituiria uma defesa sobre a literatura moderna.

<sup>805</sup>W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66, p.03.

<sup>806</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 10 de maio de 1884. Ano II. n. 66, p.03.

<sup>807</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66, p.03

<sup>808</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.03

Em Moriori Delorme há justamente uma cena em que se trata de uma mulher que se vende para salvar o amante, terminando este por perdoá-la, ao compreender o desgraçado fim que pretendeu alcançar mediante a conspiração da sua honra. Em Otelo, há uma expressão brutal que horrorizaria a castidade auditiva do público e é quando o veneziano, ralado pelas suas incisivas do ciúme, na febre da sua fogaosa paixão trágica e sanguinária, chama Desdemona- whore -prostituta. A Dama das Camélias, Madame Bovary e toda essa série brilhante de obras admiráveis devido a Balzac, a Dumas, a Gustavo Flaubert, a Zola, a Eça de Queiroz, são, sem dúvida, no código moral teresinense, outros tantos dramas e romances, outros dramas e romances imorais, péssimos, infames. Mas o que é uma obra moral? Onde fica o mapa, a linha divisória da moralidade e imoralidade? O estilo, os lances, o desfecho, os caracteres, o conjunto de um drama quando são morais? Sim - moral quer dizer a obra que discursa trechos morais; que edifica a alma, arrastando-a para o céu com tiradas morais, isto é, com inocentes idílios, virgens poemas das velhas almas medievais, então peço a “Imprensa”, o “Telephone” e a “Época”, ao Sr. Sampaio para levar a cena os milagres de Santo Antônio, e S. Benedito e lancem os seus votos e anátemas sobre toda a literatura moderna.<sup>809</sup>

Ao requisitar aos referidos periódicos, *A Imprensa*<sup>810</sup>, *A Época*<sup>811</sup> e *O Telephone*<sup>812</sup>, na última parte do excerto, que suas críticas incidissem sobre toda a literatura moderna, W, o autor do folhetim, abre possibilidade para percebermos as disputas de poder que se estabeleciam entre os periódicos. Barbosa observa que a imprensa periódica dos oitocentos era significada, em grande medida, pelos intensos debates desenvolvidos no interior dos jornais. Nesse sentido, tais práticas ajudam a desenhar uma cultura política que se estabelece por meio da formação de uma opinião pública<sup>813</sup>. Para a pesquisadora:

A partir da abolição da censura, cria-se um espaço privilegiado para a difusão das ideias e participar desse debate é não apenas se sentir incluído, mas ser ator fundamental no processo de constituição das ideias em formação no país. Ter a força da pena, por outro lado, é se tornar visível, reconhecido e distinguido. Muitas vezes, o jornalismo é o palco intermediário para se ingressar no patamar mais elevado e almejado: a política. Para isso, os homens de jornais vão fazer dos debates, dos insultos e, sobretudo, da polêmica armas privilegiadas para a difusão de ideias, instaurando-se não como intérpretes da nação, mas como polemistas exaltados. As discussões intermináveis de um jornal contra outro, construindo um teatro político [...] <sup>814</sup>

<sup>809</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.03

<sup>810</sup> Periódico de caráter político alinhado ao Partido Liberal. É considerado o periódico mais longevo do segundo reinado na capital piauiense, indo de 1865 a 1889.

<sup>811</sup> Jornal do Partido Conservador no Piauí e de circulação em Teresina. Sua primeira edição se deu por volta do ano de 1878 e surgiu em substituição ao jornal *A Moderação*.

<sup>812</sup> Jornal de propriedade de Antônio Joaquim Dinis e considerado órgão republicano.

<sup>813</sup> BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil (1800-1900)*. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2010.p.51.

<sup>814</sup> BARBOSA, 2010, p.52.

A observação pontuada por Barbosa vai ao encontro das configurações da imprensa periódica teresinense entre o final do século XIX e início do século XX. Rêgo assinala que as tensões entre os Partidos Liberal e Conservador eram mediadas pela imprensa. Ambos os partidos mantinham periódicos “com a finalidade de dialogar com opositores”<sup>815</sup>. Dos três periódicos citados por W, dois eram órgãos oficiais de partidos, corroborando as afirmações de Barbosa e Rêgo. “Acordos políticos e financeiros são realizados entre os periódicos e ocupantes (...) no sentido de publicizar suas realizações ou para criticar seus opositores”<sup>816</sup>, tornando-se “porta-vozes do poder público”<sup>817</sup>. O jornal *A Imprensa* foi criado em 1865 por Deolindo Moura<sup>818</sup>. Politicamente, o intelectual militava em prol do Partido Liberal. Segundo Chaves<sup>819</sup>, em 1862, o jornalista assumia como redator-chefe do periódico *Liga e Progresso*<sup>820</sup>. Posteriormente, criou o periódico *A Imprensa*, tornando-o órgão oficial do partido em que atuava. O jornal *A Época* teve sua emergência datada em 1878, órgão do Partido Conservador, tendo Teodoro Alves Pacheco<sup>821</sup>, Raimundo Arêa Leão<sup>822</sup> e Simplício Coelho de Resende<sup>823</sup> como mentores. A política era utilizada como instrumento que forjava os impressos em questão. Em suas seções, artigos se digladiavam entre si em busca de legitimar seus posicionamentos.

X, pseudônimo utilizado para criticar o conto *O Drama Honra por honra*<sup>824</sup>, alega que “A *preterite* literária jamais invadiu a página da gazeta onde somente a política assentou sua tenda”<sup>825</sup>.. Ao tecer tal afirmação, o autor do folhetim, produzido em respostas à defesa de W<sup>826</sup> sobre o destino trágico em que a personagem Amélia percorreu, reafirma o caráter político em que a imprensa teresinense do período se configurava, ao tempo em que demonstra como o autor do folhetim da *Época*<sup>827</sup> se posiciona frente à polêmica. Para ele, o fio condutor entre as noções de moralidade e imoralidade estaria no sentimento de honra e do dever. Dessa afirmação

<sup>815</sup> RÊGO, 2001, p.167

<sup>816</sup> BARBOSA, 2010, p.52.

<sup>817</sup> BARBOSA, 2010, p.52.

<sup>818</sup> Nascido em Oeiras, primeira Capital do Piauí, em 1835. Atuou como jornalista e advogado. Morreu em Teresina em 1872.

<sup>819</sup> CHAVES, 1998, p.477.

<sup>820</sup> Jornal Político, órgão do Partido Liberal. Teve Deolindo Mendes, Manoel Idelfonso de Sousa Lima, Jesuíno José de Freitas, Miguel Borges, Clodoaldo Freitas e Higinio Cunha como redatores.

<sup>821</sup> Foi jornalista, advogado e político, atuando em dois mandatos como Senador e um como vice-presidente provincial.

<sup>822</sup> Nascido no ano de 1846, foi médico e atuou politicamente como deputado provincial pelo Partido Conservador.

<sup>823</sup> Nasceu em 1846, foi médico e professor. Foi chefe do Partido Conservador da Província, Deputado Geral. Faleceu em 1892.

<sup>824</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.03.

<sup>825</sup> X. O drama-honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.n.305. p.01-02.

<sup>826</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.03.

<sup>827</sup> Jornal do partido Conservador no Piauí e de circulação em Teresina. Sua primeira edição se deu por volta do ano de 1878 e surgiu em substituição ao jornal *A Moderação*.

advém sua posição sobre a função da arte; não a de que esse seria um campo onde a liberdade daria espaço para assuntos sensíveis<sup>828</sup>, mas a da concepção de que a literatura teria a finalidade de promover, através dos bons exemplos, conforme problematizamos quando discutimos a questão da escrita prescritiva no capítulo anterior.

Qualquer que possa ser na opinião pública o resultado obtido por essas linhas, ele inteirará ao leitor que a priori podemos confessar-nos vencidos, mas não convencidos pelo ilustre adversário da nossa obscura opinião acerca do aludido drama. Se os conhecimentos das artes dramáticas não alumiam o nosso espírito e os preceitos desta não traçaram a linha divisória entre moralidade e a imoralidade dos dramas, como diz W, temos por nós o tato delicado de esposo e pai de família guiando nossos passos no labirinto intricado em que nos meteram. Possuímos o sentimento da honra, que afere do merecimento e moralidade de um fato qualquer pelas sensações boas ou más que o mesmo desperta em nossa alma, tela e espelho polido onde as mesmas refletem. O melindroso sentimento da moral e da honra instintivamente assenhora-se e subjuga o homem de bem em frente o espetáculo do drama fictício ou real que aos seus olhos desenrola-se, conquistando sua simpatia ou repulsa, conforme as impressões de que nos se apoderam na ocasião. Este tato, este sentimento de honra e do dever congênito a todo homem de costumes severos, traçam a linha divisória entre a moralidade e imoralidade dos dramas em cena sem a necessidade de pedirmos a arte dramática o que ela não possui, segundo a autoritária palavra de W. Se com efeito passemos em revistas quanto em obras de literatura dramática, poética e há por este mundo além anotando as frases mais sensíveis a uma audição casta - ali, aqui, acolá, não acharíamos com certeza do cenário e da leitura de nossas esposas e filhas dramas, novelas e poesias, por que todas dizem a cousa mais ou menos pelo próprio nome, e sob esta face todas possuem seu pedaço de mal caminho. Portanto, sob este ponto de vista, W, talvez sem pensar, descobriu que não há no mundo dramático obra perfeitamente moral porque não há no gênero e na espécie sem uma ou outra frase dura ou sensível à castidade audiente. Mas não é disso que se trata. Trata-se de saber se o dramaturgo atingiu o fim de sua arte dando à luz o drama – Honra por honra. Se este drama contém exemplo de virtudes e de heroísmo dignos de ser imitados na prática pelas esposas colocadas nos lances difíceis da vida em que se achou Amélia, esposa extremosa e estremecida do comerciante Carlos.<sup>829</sup>

Lojolo e Zilberman<sup>830</sup> afirmam que tanto os leitores de Manuel Antônio de Almeida<sup>831</sup> quanto Machado de Assis<sup>832</sup> “careciam de tutela para seguir seus caminhos sem tropeços”<sup>833</sup>. Tal prática parecia apresentar-se como uma marca dos oitocentos no que tange à

<sup>828</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.03.

<sup>829</sup> X. O drama - honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.n.305. p.01-02.

<sup>830</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

<sup>831</sup> Nascido no Rio de Janeiro em 1831. Foi jornalista, crítico literário e escritor, tendo produzido o romance *Memória de um Sargento de Milícias*.

<sup>832</sup> Joaquim Maria Machado de Assis (1839- 1908), nascido no Rio de Janeiro, é considerado um dos grandes expoentes da literatura brasileira. Dono de uma vasta produção literária, em múltiplos gêneros, como o romance, a crônica, o conto, foi também jornalista e um dos mentores da Academia Brasileira de Letras.

<sup>833</sup> LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p.79.

intencionalidade do escritor em conduzir o leitor. Mas essa condução, de acordo com excerto acima, deveria ser pautada no desenvolvimento de virtudes. Algo que fugisse do referido propósito seria combatido. A preocupação em torno da temática do adultério incide sobre o público feminino, manifestada pela apreensão de que obras desse caráter se apossassem “do cenário e da leitura de nossas esposas e filhas”<sup>834</sup>, revelando a forma como se dá a construção do público leitor. Esse aspecto foi discutido anteriormente, ocasião em que problematizamos a correlação entre a formação de um público em específico, o feminino, e a leitura de folhetins. Nesse ponto, outra leitura surge em torno dessa relação, focada agora pelo viés do caráter subversivo que uma produção literária poderia apresentar.

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições.<sup>835</sup>

As insurgências desenvolvidas no interior da narrativa, conforme aponta Bosi, no trecho acima, abrem possibilidade para pensarmos como o gênero romance abordava temáticas que, por vezes, fugiam a um pretense controle, revelando as tensões desenvolvidas em torno de algumas produções. Desse modo, “se a educação das mulheres era vital para consolidar a revolução burguesa, ela também acarretava riscos, corporificados nos livros lidos, na cultura adquirida, na igualdade que se esboçava”<sup>836</sup>. A presente observação nos leva a compreender as tentativas de controle sobre as leituras destinadas ao público feminino e, assim, perceber as disputas que se desdobraram a partir daí.

#### **4.1.2 Escritas e Leituras interditas: entre a subversão e o Romance**

O periódico *O Semanário*<sup>837</sup>, de 1884, publica uma notícia um tanto curiosa no que diz respeito à aprovação da proibição da leitura de romances em Nova York, Estados Unidos. Na nota, afirma-se que “todo aquele que der romances a um rapaz de dezesseis anos para baixo, sem permissão dos seus pais ou tutores será posto em cadeia e multa, a qual pode atingir a

<sup>834</sup> X. O drama-honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.n.305. p.01-02.

<sup>835</sup> BOSI, ALFREDO. *Narrativa e Resistência*. Revista Itinerários. Araraquaras-SP.n.10.1996. p.26.

<sup>836</sup> LAJOLO; ZILBERMAN, 2019.p.320.

<sup>837</sup> Jornal noticioso produzido na Tipografia de Davi Caldas, de propriedade do cônego Tomás de Moraes. Em 1882, passou para a direção de Antônio Raimundo Barbosa, com colaboração de Higinio Cunha. Circulou entre os anos de 1875 e 1885.

quantia de 40:000”<sup>838</sup>. Aqui, o gênero pode ser significado como um instrumento perigoso que demandava controle. Outro ponto a ser destacado diz respeito ao fato de que a proibição do consumo dos romances recaía somente ao público masculino, o que possivelmente encontra justificativa na própria concepção de masculinidade, que provavelmente se constituía em oposição do ser feminino.

Ao perceber que o jornal se configura como um espaço de poder, é possível afirmar que a intencionalidade na publicação da nota não possuía apenas a pretensão de demonstrar que o jornal estava conectado ao que acontecia ao redor do mundo, como também é perceptível que havia uma intenção implícita de reivindicar o controle sobre os leitores. Aqui, cabe uma aproximação entre a noção de estratégia e poder disciplinar, construído por Certeau<sup>839</sup> e Foucault<sup>840</sup>, como Brochetti<sup>841</sup> aponta. Para o autor, há uma correlação entre os dois teóricos, no sentido de perceber o desafio de se problematizar a constituição dos sujeitos que, em grande medida, perpassa pelas estratégias em que se constitui o poder disciplinar, e o jornal deve ser entendido como instrumento de operacionalização e forja desse controle ou ao menos uma reivindicação de controle sobre a realidade. Sobre esse aspecto, Charaudeau destaca que as mídias, apesar de pleitearem esse lugar de construção e legitimidade, apresentam-se apenas como mais um dos muitos campos nessa tarefa de significação do real <sup>842</sup>.

Nesse exercício, entram jogos de interesses e disputas de poder, o que nos leva a perceber que esse controle não pode ser visto como algo homogêneo. Esse aspecto pode ser ilustrado por meio de uma nota publicada no periódico *A Imprensa*<sup>843</sup>, ao justificar a interrupção da publicação do folhetim, que até então residia no rodapé do jornal. O ano da publicação e a referência ao jornal em que a nota faz menção fortalecem nossas suspeitas de que o teor da citação abaixo alude ao conto *Drama - Honra por honra* <sup>844</sup>.

#### FOLHETIM

Por ter sido retirado pelo autor deixamos de inserir o folhetim de que tratamos na nossa edição anterior. Não esperando isso, havíamos renunciado ao propósito de protestar as perniciosas doutrinas que com resenhas de realismo foram publicadas no rodapé do penúltimo número do *Telefone*. Uma vez, porém, que escapamos o trabalho feito pelos nossos folhetinistas, cujas ideias são idênticas as nossas, viemos protestar e protestar com energia contra o desastrado escritor que, santificando ao adultério lançou no seio da nossa

<sup>838</sup> *O Semanário*, 1884, n. 339, p.03.

<sup>839</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. v.1.

<sup>840</sup> FOUCAULT, Michel de. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis, RJ. 2014.

<sup>841</sup> BROCCETTI, André. Entre golpes e dispositivos: Foucault, Certeau e a constituição dos sujeitos. *História da Historiografia*. n. 18. agosto. 2015.p.43-56. Ouro Preto- MG: Universidade Federal de Ouro Preto

<sup>842</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2013.

<sup>843</sup> FOLHETIM. *A Imprensa*, Teresina, n. 859, 1884, p. 04.

<sup>844</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telefone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.03.

sociedade, o gérmen da imoralidade abalando por essa forma a nossa constituição doméstica. Nem mesmo C.L deu-nos uma página áspera e viva de Zola, saturado de sensacionalismo e ausente de exemplos e sentimentos próprios. A sensação que causou o seu folhetim foi desoladora e grande a indignação com que fui recebido. Tanta lista para mobilizar os piauienses.<sup>845</sup>

Além de o trecho possibilitar a visualização das polêmicas e do estilo de escrita, voltados para uma construção denunciativa, é possível vislumbrar que o controle é mais complexo do que podemos supor, uma vez que ele escapa às intencionalidades, e esse aspecto pode ser evidenciado de duas maneiras. Primeiro, pela motivação que explica a retirada do folhetim do qual o anúncio trata, atribuída essa supressão ao próprio autor do folhetim. Por certo, se não há a mão do autor, parafraseando Chartier<sup>846</sup>, o controle exercido pelos editores não pode ser exercido, uma vez que a produção dos impressos deve ser entendida como “um processo de múltiplas operações que supõem uma ampla variedade de decisões, técnicas e habilidades”<sup>847</sup>. Isso nos leva a entender a importância dos agentes, autores, editores, tipografias e jornais no desenvolvimento e na circulação do impresso.

Mas a nota não teria apenas a finalidade de anunciar a interrupção do folhetim. Ela também revela as tentativas de controle sobre o que seria lido, e esse seria o segundo ponto a ser analisado, revelado a partir do trecho: “viemos protestar e protestar com energia contra o desastroso escritor que, santificando o adultério lançou no seio da nossa sociedade o gérmen da imoralidade abalando por essa forma a nossa constituição doméstica”<sup>848</sup>. Podemos interpretar o termo “constituição doméstica” como um elemento referencial à mulher. Chartier<sup>849</sup> atesta que havia um controle sobre a leitura das mulheres “que justificava a mediação necessária do clero, por temor das interpretações selvagens”<sup>850</sup>. Essa censura, ou tentativa de controle, também se daria por meio de outros agentes e instituições, como o jornal. Ainda sobre o trecho, é possível entrever que a intencionalidade em se criticar uma publicação considerada de temática sensível à sociedade da época revela que nem sempre o controle é exercido eficazmente, uma vez que certas publicações consideradas sensíveis poderiam ter visibilidade e alcance.

A dimensão do controle sobre o que é lido, ou ao menos suas intencionalidades, perpassa, em grande medida, por uma tentativa de disciplinar os corpos. As novas configurações sociais impostas pela sociedade burguesa colocam a mulher no papel de salvaguarda da

<sup>845</sup> FOLHETIM. *A Imprensa*, Teresina, n. 859, 1889, p. 04

<sup>846</sup> CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

<sup>847</sup> CHARTIER, 2014. p. 38.

<sup>848</sup> FOLHETIM. *A Imprensa*, Teresina, n. 859, 1889, p. 04.

<sup>849</sup> CHARTIER, Roger. LEBRUN, Jean. *A aventura do livro: do livro ao navegador- conversações com Jean Lebrun / Roger Chartier*. 1ª reimpressão. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

<sup>850</sup> CHARTIER, 1998, p.109.

instituição familiar. Nesse processo, a educação se apresentava como instrumento que ajudaria a mulher a alcançar a instrução, de modo a auxiliar no processo formativo da família. Muitas atuavam na educação primária. Rocha assinala que “a abertura de espaços para atuação feminina no mercado de trabalho educacional favorecia a ampliação do contingente de mulheres instruídas e possíveis leitoras, considerando-se que algumas famílias tivessem preferência por preceptores para instruir suas filhas”<sup>851</sup>. Mesmo vislumbrando a formação de um público leitor feminino, algumas obras e leituras deveriam ser evitadas. Há, portanto, um direcionamento das leitoras para as leituras sadias. A mulher conquista o direito à leitura, mas só pode exercê-lo “caso se submeta à hierarquia socialmente estabelecida que o regula, e esta inclui, entre as assimetrias, tanto a do tutor e da tutelada quanto uma outra, a da escrita e da leitura,”<sup>852</sup> por vezes regulada por homens.

Por aí se percebe que os esforços visando à emancipação feminina não fogem ao processo de dominação da mulher pela sociedade burguesa. Mesmo na militância feminista ressoam ideias familistas que, até então, obstavam a mulher a se liberar. A mulher pode, agora, receber instrução e trabalhar, mas no seu universo ainda é o da família, de casa e do marido ao qual cabe dedicar-se. As leituras que lhes são aconselhadas adequam-se a essa moldura: folhetins, romances ou histórias de fantasia são reprovados, porque iludem e afastam a leitora das tarefas domésticas; recomendadas são as obras de moral e religião, que devolvem a mulher para o exercício de suas atividades mais nobres.<sup>853</sup>

Uma das vias desse controle estaria no mecanismo de censura, conforme percebido na nota do periódico *A Imprensa*, problematizado acima<sup>854</sup>. Por meio da polêmica sobre o conto publicado no periódico *O Telephone*<sup>855</sup>, X, autor da crítica publicada em *A Época*<sup>856</sup>, abre possibilidade para reforçar como esse artifício se operacionaliza. Ao argumentar que a noção de moralidade é algo construído historicamente, evidenciando que sua noção está relacionada aos aspectos culturais de cada nação, o autor deixa entrever que as obras de Camões<sup>857</sup> “não pode ser analisada nas escolas públicas e particulares sem a supressão de algumas instâncias”<sup>858</sup>.

Do dilúvio apenas escapou W para contar a história aos pósteros; todos os mais pensam conosco a julgar-se pela uníssona voz da imprensa teresinense –

<sup>851</sup> ROCHA, 2011, p.49.

<sup>852</sup> LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p.365.

<sup>853</sup> LAJOLO; ZILBERMAN, 2019, p.352.

<sup>854</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.03.

<sup>855</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.03

<sup>856</sup> X. O drama-honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.n.305. p.01-02.

<sup>857</sup> Considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa, Luís Vaz de Camões nasceu em Lisboa, Portugal, em 1524. Ingressou no exército português percorrendo as colônias portuguesas da África e no Oriente, na Índia, onde foi preso e criou a obra *Os Lusíadas*, poema épico que narra as grandezas do povo luso.

<sup>858</sup> X. O drama - honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.n.305. p.01-02.

sem outro protesto que o do nosso ilustrado contendor. O sentimento de honra não tem a mesma bitola entre todos os povos. Aquilo que entre nós passa como a cousa mais natural do mundo, entre outros povos pode constituir falta imperdoável à honra e, vice e versa. Vieira de Castro divinizou o adultério, porém quando a coisa chegou-lhe em casa, ele assassinou sua esposa infiel. No próprio drama ventilado um tipo especial em Matheus, que só olha e admira a esposa formosa quando a vê cercada e seguida por uma cauda enorme de adoradores; mas quando um pequeno equívoco ia fazê-la infiel a seus olhos, Matheus transformou-se completamente, revelando os zelos que seguiram-lhe d'alma. Conta-se que na Bulgária o noivo na lua de mel é obrigado a privar-se do leito conjugal em proveito do amigo e hóspede que vem cumprimentá-lo brindando sua esposa de subido valor. Camões, no imortal *Lusíadas*, cuja obra de arte, universalmente admirada, não pode ser analisada nas aulas públicas e particulares sem a supressão de algumas instâncias, diz que o povo de Malabar permite aos descendentes dos maridos a comunhão com as mulheres, o que levou o mesmo Camões a dizer: “Ditosa condição, ditosa gente, que não são de ciúmes ofendidos!”. Isto posto, vejamos se W foi feliz nos paralelos criados entre O drama – honra por honra e as demais obras de artes por si apresentadas. Certo que não, ao menos quanto as do nosso conhecimento. Que paralelo pode existir entre os romances Paulo, Virgínia e Graziela e o drama questionado, cuja história W resumiu, posto que de um modo um pouco diferente das cenas que no palco passaram diante dos nossos olhos? Nenhum, porque todos que leram esses romances sabem que neles os protagonistas viveram de amores castos, puramente platônicos, sem que, contudo, passassem a dizer extremos de senões em outra parte previstos. O poema de Camões não é tão escoimado de imortalidade, como supõe W, tanto assim que não é admitido às escolas sem nenhuma supressão de algumas instâncias.<sup>859</sup>

“Seja em forma impressa ou manuscrita, a palavra escrita há muito foi investida de um poder ao mesmo tempo temido e desejado”<sup>860</sup>. A premissa pontuada por Roger Chartier<sup>861</sup> nos ajuda a refletir, em certa medida, como se construía as tentativas de controle sobre os impressos e as leituras. A possível leitura sobre a história de uma personagem que incorreu em traição, mesmo que em situações específicas, não poderia ser ventilada nos lares, sobretudo por meio da literatura. Seria inconcebível, pois os tais exemplos poderiam se instaurar, influenciando comportamentos semelhantes, daí a preocupação em se restringir certas obras ou temáticas ou certos trechos que poderiam incidir em comportamentos desviantes. E é possível observar essa questão de modo bastante enfático em vários pontos da crítica dirigida à história de Amélia<sup>862</sup>.

A regeneração do amor pela mulher perdida que a elevou à categoria de esposa, não tem com o drama, que nos ocupa, a menor paridade. Ao contrário cria belo exemplo de reconstituição moral de um ser perdido, purificado na pira do amor verdadeiro, sabe Deus com que provações, com que

<sup>859</sup> X. O drama-honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.n.305. p.01-02.

<sup>860</sup> CHARTIER, Roger. *O que é um autor?* Revisão de uma Genealogia. São Carlos: EDUFSCAR, 2014.p.43.

<sup>861</sup> CHARTIER, 2014.

<sup>862</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66. p.03.

humilhações, até reabilitar-se na opinião do mundo imparcial do mundo imparcial e d'aquela que soube inspirar-lhes tão grande transformação, recolhendo generoso o produto de sua obra!<sup>863</sup>

“Mas o critério para que uma obra de arte seja boa ou má é estar em harmonia como usos e costumes do público que o aprecia?”<sup>864</sup>, questiona W<sup>865</sup>. Mais à frente, em tom de ataque, o autor evidencia o atraso da população, possivelmente intencionando ressaltar a falta de desenvolvimento cultural, preferimos o termo literário, sobre a sociedade teresinense da época. “Um público como o nosso que ri-se nos lances mais tristes e compungentes; que se cala e fica sério nos cômicos; que emudece no sublime; um público que não tem educação dramática, não é competente e nem devem exigir dramas que se adaptem a seus gostos”<sup>866</sup>. Tais questionamentos e afirmações são refutados por X<sup>867</sup> da seguinte maneira:

Nós que não temos à mão tão copiosa provisão, não dispomos, sequer, do recurso das bibliotecas públicas, que em momento crítico, como o nosso, podiam fornecer-nos o material de que carecemos. A nossa luta, portanto, é desigual, quer a encaremos pelo lado do talento e comprovada ilustração do nosso contador, quer pelo lado do auxílio dos mestres que repousa em suas estantes. A nossa precária posição, porém, não deve influir em nosso ânimo de modo decisivo pela abstenção, que importaria a vitória completa do oficioso defensor do drama malsinado.

O trecho acima nos permite estabelecer um diálogo com a historiografia piauiense no que tange ao processo educacional do período estudado. O autor do folhetim de *A Época*<sup>868</sup> contra-argumenta a referida colocação, alegando a precariedade de espaços que estimulem as práticas de leitura, como as bibliotecas. Sobre essas instituições desse período em Teresina, Clodoaldo Freitas apresenta pistas *Em História de Teresina*<sup>869</sup> sobre como o referido espaço se estruturava em fins do século XIX. A produção em questão foi publicada em forma de folhetim

<sup>863</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66, p.03.

<sup>864</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66, p.04.

<sup>865</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66, p.03.

<sup>866</sup> W. O Drama Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina: 03 de maio de 1884. Ano II. n. 66, p.04.

<sup>867</sup> X. O drama-honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.n.305, p.01-02.

<sup>868</sup> X. O drama-honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.n.305, p.01-02.

<sup>869</sup> FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. 2. ed. Teresina: Mentis Abertas, Organização, apresentação e notas de Teresinha Queiroz e Ronyere Ferreira, 2020.

no periódico *Diário do Piauí*<sup>870</sup>, em 1911<sup>871</sup>, considerada uma das mais extensas obras de caráter historiográfico do intelectual e a primeira da cidade<sup>872</sup>.

As temáticas que atravessam o referido exercício intelectual são variadas e envolvem as instituições e seus personagens em múltiplos âmbitos, sejam eles políticos, religiosos ou educacionais.<sup>873</sup> No que tange às bibliotecas, Clodoaldo apresenta um cenário marcado por fragilidades, no que se diz respeito a sua manutenção. A falta de investimentos públicos fazia com que os poucos espaços existentes ficassem fechados, uma vez que dependiam de verbas da Lei Orçamentária ou de doações particulares.

Graças à atividade e patriotismo da Sociedade Promotora da Instrução Pública Popular, foi inaugurada nesta cidade, a 11 de outubro de 1873, uma biblioteca pública, com cerca de 1.000 volumes, dados pelo governo, pelos sócios e por particulares. Até 1877, a província dava-lhe, anualmente, a quantia de 24\$000 para luzes e gratificação do porteiro. Mas suprimida essa mesquinha verba, foi a biblioteca fechada. Não tendo a Lei Orçamentária nº 959, de 16 de junho de 1877, incluído a verba de 24\$000 votada anualmente para a manutenção da biblioteca, foi esta fechada. Mas, tendo o art. 15 da Lei nº 1.066, de 16 de junho de 1882, autorizado o presidente da província a despende até 200\$000, pela verba Eventuais, com luzes e gratificação ao porteiro, não excedendo a gratificação de 100\$000 anualmente, foi a biblioteca reaberta a 12 de outubro de 1882 e funcionou em um dos salões do edifício do tesouro provincial, sendo franqueada ao público nas quintas e domingos, das 6 da tarde às 9 da noite. A biblioteca possuía 575 volumes encadernados e 788 brochados. O inciso 59 do art. 1º da Lei Orçamentária nº 1.157, de 19 de outubro de 1886, consigna apenas a verba de 100\$000 para a biblioteca. Em 1889, segundo os dados constantes do relatório do presidente, Dr. Raimundo José Vieira da Silva, a biblioteca possuía 1.499 livros, sendo encadernados 569 e brochados 930, compondo-se estes livros de literatura nacional e estrangeira, tratados práticos de artes e ofícios, agricultura, história, medicina, revistas e outras produções úteis.<sup>874</sup>

Para além de apresentar a questão da dependência do poder público frente à manutenção e existência das bibliotecas, o autor traz um painel quantitativo do acervo, bem como áreas em que esse acervo era classificado, revelando que tais obras eram de caráter nacional e internacional. Mas escapam da análise de Freitas as bibliotecas particulares mantidas por alguns intelectuais. Ao mapear as produções literárias locais do período, Queiroz revela que as

<sup>870</sup> Jornal Dirigido por Simplício Mendes. Teve como colaboradores intelectuais como: Lucídio e Alcides de Freitas, Celso Pinheiro, Jônatas e Zito Batista, Nogueira Tapeti, Fenelon Castelo Branco e Baurélio Mangabeira.

<sup>871</sup> Ver: FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. 2. ed. Teresina: Mentis Abertas, Organização, apresentação e notas de Teresinha Queiroz e Ronyere Ferreira, 2020. SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e Identidade: as narrativas da piauiensidade*. Teresina: UFPI, Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, 2008.

<sup>872</sup> FREITAS, 2020, p.12.

<sup>873</sup> FREITAS, 2020, p. 382.

<sup>874</sup> FREITAS, 2020, p. 354;355.

bibliotecas estaduais eram pobres em relação às publicações feitas no Piauí<sup>875</sup>. Mas um ponto sinalizado pela autora sobre tais acervos particulares se apresenta de modo mais claro quando ela afirma que grande parte das obras que compõem o Arquivo Público do Piauí<sup>876</sup> foi adquirida das bibliotecas de Clodoaldo Freitas e Higino Cunha<sup>877</sup>.

As queixas direcionadas à ausência de recursos sobre as bibliotecas no folheto de *A Época*<sup>878</sup> nos ajudam a pensar sobre outro aspecto do processo instrutivo ligado ao processo educacional. Queiroz afirma que havia a preocupação expressa pelo poder público no que diz respeito ao incremento da instrução. Contudo, o referido receio não foi acompanhado de uma devida atenção, uma vez que o número de instituições escolares e de alunos não resultou em melhorias nesse âmbito. Várias foram as fragilidades que impediram o desenvolvimento educacional na província piauiense. Em grande medida, elas giravam em torno da falta de investimento do poder público, como a ineficiência de escolas, a falta de qualificação, o atraso salarial, e da falta de condições materiais, como materiais didáticos<sup>879</sup>. Freitas corrobora com o exposto por Queiroz ao afirmar que “apesar das reformas no regulamento da instrução pública, a verdade é que nenhum presidente (provincial) trouxe um remédio prático para melhorar o péssimo estado da instrução pública no Piauí, mal crônico, que ainda subsiste”<sup>880</sup>.

Ao analisar a produção folhetinesca *A História de Teresina*<sup>881</sup>, Paulo Gutemberg Souza afirma que Clodoaldo Freitas privilegia o tema da instrução pública, sob a perspectiva dos atos governamentais, detendo-se aos ensinos primário e secundário até a primeira década do século XX<sup>882</sup>. Mais uma vez a referida produção do intelectual oferece possibilidades de leituras de como a educação piauiense se configurava na virada entre os séculos XIX e XX. Nesse ponto, são pertinentes os aspectos que atravessam a análise feita pelo literato dessas instituições analisadas, a exemplo das disciplinas ofertadas. Figuram entre as cadeiras ofertadas aos ensinos primário e secundário as disciplinas de Latim, Língua Nacional (Português), Matemáticas Elementares, Geografia e História<sup>883</sup>. Na escola normal, criada em 1864, as disciplinas

---

<sup>875</sup> QUEIROZ, 2011, p.122.

<sup>876</sup> O arquivo público do Piauí, denominada Casa Anísio Brito, foi criado em 1909. É localizado na capital piauiense e ainda hoje está em funcionamento.

<sup>877</sup> QUEIROZ, 2011, p.122.

<sup>878</sup> X. O drama-honra por honra. *A Época*. Teresina: 17 de maio de 1884. Ano VII.n.305. p.01-02.

<sup>879</sup> QUEIROZ, 2011, p.74.

<sup>880</sup> FREITAS, 2020, p.315.

<sup>881</sup> FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. 2. ed. Teresina: Mentis Abertas, Organização, apresentação e notas de Teresinha Queiroz e Ronyere Ferreira, 2020.

<sup>882</sup> SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e Identidade: as narrativas da piauiensidade*. Teresina: UFPI, Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, 2008.

<sup>883</sup> FREITAS, 2020, p.299.

ofertadas, para além das citadas anteriormente, Pedagogia, História Pátria e Sagrada<sup>884</sup>. Nas instituições noturnas, voltadas ao público adulto, o ensino era dividido em três graus, cada nível composto por matérias como: Leituras, Ortografia, Aritmética, na primeira categoria; Leituras de autores nacionais, Aritmética Elemental, Geografia Geral e Física, Exercício de Redação, na segunda; e História Natural, Cosmografia, História do Brasil e do Piauí, em último<sup>885</sup>.

Ainda sobre o processo instrutivo, é preciso destacar as aulas particulares. Segundo Queiroz, a presente prática se configuraria como um elemento que compunha o cenário educacional do Piauí do período em estudo<sup>886</sup>. Essa, segundo a pesquisadora, se processava por meio o ensino de disciplinas isoladas e preparatórios para o ensino secundário. Em grande medida, essa modalidade de ensino era ministrada por bacharéis que atuavam em várias frentes, como foi discutido no capítulo anterior, quando analisamos a construção da intelectualidade nesse período, conforme evidenciado abaixo:

Muitos alunos secundaristas frequentavam aulas particulares de disciplinas específicas ofertadas de acordo com as habilitações dos professores. Em 1866, Higino Cunha dava aulas particulares de Português e Filosofia, possivelmente para preparatorianos. O mesmo feito por outros profissionais recém-egressos das Faculdades do Império.<sup>887</sup>

E o que de político todas essas dimensões problematizadas trouxeram? Ao analisar as polêmicas em torno do adultério, foi possível visualizar como os posicionamentos são construídos e com eles os valores e crenças sociais, de modo a apreender as disputas de poder em que a literatura e a imprensa eram utilizadas como arena. Essa seria uma das várias camadas que compõem o cenário da cultura política teresinense entre o final do século XIX e início do século XX. Outras possibilidades de análise da dimensão política se apresentam pelo espaço tipográfico folhetinesco, uma delas dá conta em perceber como as disputas político-partidárias se desenvolveram. Essas querelas serão investigadas nos próximos tópicos.

## **4.2 Entre a Pólis e a Pena: as Disputas Político-Partidárias**

O estilo de escrita jornalística Oitocentista - e devemos utilizar esse termo com muitas ressalvas, uma vez que o surgimento da figura do jornalista floresce no início do século XX, o que revela o processo de profissionalização da imprensa, pois em grande parte eles eram

---

<sup>884</sup> FREITAS, 2020, p.333.

<sup>885</sup> FREITAS, 2020, p.346;347.

<sup>886</sup> QUEIROZ, 2011, p.75.

<sup>887</sup> QUEIROZ, 2011, p.75.

denominados de redatores, ou gazeteiros, e os jornais eram chamados de periódicos, gazetas ou folhas<sup>888</sup> - constituía-se por meio de um panfletarismo agressivo, conforme assevera Rêgo<sup>889</sup>. Atacar, combater e apoiar era parte do papel jornalístico da época, o que dava contornos à imprensa piauiense. Essa característica encontrava nos folhetins lugar de disseminação. A rubrica do periódico *O Latiquara*<sup>890</sup>, de 1889, denominado *O Engole Espada*<sup>891</sup>, apresenta-se como espaço de ataque contra a figura de Simplício Resende<sup>892</sup>:

Existe nessa cidade / Do palácio bem pertinho / Um certo senhor Simplício/ Que é danado o sujeitinho / Sem nunca me fatigar / Sempre ao seu jogo propício/ Fiz durante muito tempo as delícias de Simplício / Mas, tendo pouco que dar/ Ao grandíssimo patife, / Elle a pretexto d'estudo / Si algum colega estranhava o seu viver desregrado / Respondia-lhe o sacana : / << Já'stoui tão habituado >> / Não houve tirá-lo disso / Simplício, pois regalou-se, / Deu por trancos e barrancos / Até que afinal formou-se/<sup>893</sup>

O título é estruturado por meio de uma quadrinha, elemento que não conseguimos localizar em nenhum outro título do levantamento documental produzido. Um segundo aspecto diz respeito ao uso que a referida produção folhetinesca apresenta, a de ser empregada como instrumento para desqualificar figuras públicas, reforçando os seus usos políticos. Elementos como a sátira, a difamação e o estilo panfletário aproximam o jornal dos pasquins, prática jornalística presente no século XIX. O periódico seria todo direcionado à missão de depreciar os atos de Simplício Resende<sup>894</sup>, e isso é evidente quando abaixo da legenda do jornal encontramos seu objetivo, que estaria “dedicado em registrar as infâmias, crimes, torpezas e vilanias de Simplício Barnabé Resende e todos os seus arreios”<sup>895</sup>. Vale ressaltar que o mesmo era direcionado ao público masculino, distribuído gratuitamente, uma vez por semana. Contudo, registramos a obtenção apenas do primeiro número.

O desregramento evidenciado como uma conduta desviante, e utilizado como instrumento de crítica, nos aproxima das discussões produzidas em torno dos novos modelos

<sup>888</sup> MOREL, 2015, p. 34.

<sup>889</sup> RÊGO, 2001, p. 78.

<sup>890</sup> Segundo Pinheiro, o Jornal foi criado unicamente com o intuito de atacar o intelectual Simplício Mendes. O periódico circulou apenas em 1889 e não temos informações da quantidade de edições, uma vez que conseguimos ter acesso somente a um exemplar.

<sup>891</sup> O ENGOLE ESPADA. *O Latiquara*, 1889. n. 01, p.02.

<sup>892</sup> Nascido no município de Piripiri, localizado na região norte do estado do Piauí, atuou como professor, advogado e jornalista.

<sup>893</sup> O ENGOLE ESPADA, 1889,p.02.

<sup>894</sup> Nascido em 1841 na cidade de Piripiri, localizado ao norte do estado do Piauí. Tornou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, tendo atuado na magistratura como Promotor Público e Juiz Municipal, nas cidades de Piracuruca, Parnaíba e Barras, pertencentes ao estado do Piauí. Atuou também como jornalista em periódicos como *A Época*, *A Phalange* e *O Democrata*. Foi Deputado provincial pelo Partido Conservador. Faleceu em Manaus em 1915.

<sup>895</sup> O ENGOLE ESPADA, 1889, p.01.

de masculinidades, ocorridos em face de uma nova ótica social burguesa no limiar entre os séculos XIX e XX. Castelo Branco <sup>896</sup>, ao analisar esses novos discursos sobre os devires masculinos, aponta para a ideia de que as condutas masculinas deveriam ser pautadas na disciplina. Esses modelos perpassavam pelo polimento social construído por meio da instrução, das artes, das práticas escriturísticas, que dariam ao mundo masculino novas configurações sociais. Nesse sentido, esses novos fazeres também podem ser definidos pelos seus contrários, hábitos como a boemia, por exemplo, eram percebidos discursivamente como um problema moral à família.

Uma outra leitura diz respeito ao âmbito da questão político-partidária, de modo a evidenciar como as disputas de poder se processavam. Alinhado ao Partido Conservador, Simplício Coelho de Resende atraía para si as críticas de seus adversários políticos. Tal prática não se constituía como algo restrito somente ao referido sujeito, mas constituía como estratégia de ataque direcionada aos opositores. Utilizando o mapeamento de jornais teresinenses, produzido por Rêgo entre a segunda metade do século XIX e início do XX, torna-se evidente que grande parte deles estava a serviço dos partidos políticos, sendo, inclusive, considerados seus órgãos oficiais. Dos treze jornais analisados pela pesquisadora <sup>897</sup>, dez foram produzidos no século XIX e refletem as disputas políticas entre os partidos Conservador e Liberal. São considerados do primeiro grupo *A Phalange*<sup>898</sup>, criado em 1889 e dirigido por Coelho de Resende;<sup>899</sup> *A Pátria*<sup>900</sup>, de 1871; *A Época*<sup>901</sup>, de 1878, tendo como redator Teodoro Alves Pacheco<sup>902</sup>; *O Piauí*<sup>903</sup>. Do segundo conjunto, alinhados ao Partido Liberal, destacamos os

---

<sup>896</sup> CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e Masculinidades: a prática escriturísticas dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.

<sup>897</sup> *A Phalange, A Pátria, A Época, A imprensa, A Reforma, O Artista, O Abolicionista, O Correio, O Latiquara, O Piauí, O Semanário, O Telephone, Pátria*.

<sup>898</sup> Órgão Conservador, tendo como proprietário e redator Simplício Coelho de Resende. Surgiu e circulou apenas em 1889.

<sup>899</sup> Nascido na cidade de Piri-piri, localizada no norte do estado do Piauí, formou-se em Direito pela faculdade de Recife, tendo atuado como promotor das cidades de Piracuruca e Parnaíba, sendo também juiz municipal em Barras, município da província. Foi literato e jornalista, tendo atuado na imprensa por meio dos jornais *A Época, A Phalange* e *O Democrata*.

<sup>900</sup> Jornal de Propriedade de Agesilau Pereira da Silva. Surgiu em 1870, tendo circulado até 1872.

<sup>901</sup> Jornal Alinhado ao Partido Conservador. Teve como redatores Teodoro Alves Pacheco, Raimundo Arêa Leão, Simplício Coelho de Resende. Colaboraram Francisco de Sousa Martins, Antônio Gentil de Sousa Mendes e Acelino Portela. Circulou entre 1878 a 1889.

<sup>902</sup> Nascido em Teresina em 1851, atuando à frente do Partido Conservador na época do Império. Firmou sua trajetória no espaço político como governador da província do Piauí, em 1891, e deputado federal entre 1894-1895.

<sup>903</sup> Órgão do Partido Conservador, tendo como redator Antônio Coelho Rodrigues e Agesilau Pereira. Circulou apenas em 1867, quando foi substituído pelo periódico *A Opinião Conservadora*.

jornais *A Imprensa*<sup>904</sup>, *A Reforma*<sup>905</sup>, *O Abolicionista*<sup>906</sup>, de 1884; *O Latiquara*<sup>907</sup>, de 1889; *O Semanário*<sup>908</sup>, de 1875 e *O Telephone*<sup>909</sup>, de 1883. Os jornais *O Artista*<sup>910</sup>, *O Correio*<sup>911</sup> e *Pátria*<sup>912</sup> foram localizados no início do século XX e escapam da dicotomia liberais/conservadores, constituindo linhas ideológicas diversas, apresentando natureza literária, como no caso de *O Correio*; de caráter que consistia em discutir questões pertinentes ao comércio, à lavoura e à indústria, tal qual *O Artista*; ou independente, como o jornal *Pátria*.

No que tange à constituição da imprensa no Piauí, Pinheiro<sup>913</sup> localiza o jornal *O Piauiense*<sup>914</sup>, produzido por uma tipografia vinda da Bahia, como o marco inicial para um possível início das atividades da imprensa na província, na cidade de Oeiras, em 1832. Com a transferência da capital, em 1852, para uma região mais estratégica, localizada mais ao norte da província, nas proximidades da Vila do Poty, que passou a ser denominada Teresina, temos como primeiro jornal *A Ordem*<sup>915</sup>, fundado em 1853, tendo Antônio Costa Neves como impressor, e José Pereira de Alencastre como redator, conforme apontam Pinheiro<sup>916</sup> e Rêgo<sup>917</sup>. Martins<sup>918</sup>, ao traçar uma geografia do impresso no Brasil, corrobora as considerações levantadas no que se diz respeito à tênue relação entre imprensa e política.

É preciso salientar as dificuldades enfrentadas pelos jornais no século XIX no que diz respeito a sua manutenção. Araújo destaca que o número pequeno de assinantes ilustra esses empecilhos, o que possivelmente justifica a efemeridade dos periódicos teresinenses, que, em

---

<sup>904</sup> Periódico de caráter político e semanário. Teve como redatores Deolindo Mendes da Silva Moura, David Caldas, Manoel Idelfonso de Sousa Lima, Jesuíno José de Freitas, Miguel Borges Leal Castelo Branco, Clodoaldo Freitas e Higino Cunha. Órgão do Partido Liberal. Circulou entre 1869 a 1889.

<sup>905</sup> Periódico Político, literário e noticioso cujo proprietário foi Mariano Gil Castelo Branco. Seus redatores foram Clodoaldo Freitas e Antônio Rubim. Jornal alinhado ao Partido Liberal, de tendência abolicionista. Circulou em 1887.

<sup>906</sup> Jornal voltado exclusivamente para a luta abolicionista. Não apresentava redatores ou proprietários. Circulou em 1884.

<sup>907</sup> Periódico produzido com o intuito de atacar a figura do Conservador Simplício Coelho de Resende. Circulou apenas em 1889.

<sup>908</sup> Jornal noticioso e semanal. Teve como proprietário Tomás de Moraes Rêgo e redação. A.J do Amaral Sobreira. Higino Cunha trabalhou como colaborador a partir de 1882. Circulou entre 1875 e 1885.

<sup>909</sup> Jornal de propriedade de Antônio Joaquim Dinis. Circulou entre 1883 e 1889. Com o golpe militar que instituiu a República, foi transformado em *O Estado do Piauí*.

<sup>910</sup> Jornal fundado por Manoel Borges. Circulou em 1902.

<sup>911</sup> Jornal Literário. Teve como redator Focion Caldas e Benedito Lemos. Circulou em 1901.

<sup>912</sup> Jornal semanal, ideologicamente independente, de propriedade de Abdias Neves. Seus redatores foram nomes como Antonino Freire, Miguel Rosa e Clodoaldo Freitas. Contribuíram Félix Pacheco e Gabriel Ferreira. Circulou entre 1902 a 1905.

<sup>913</sup> PINHEIRO, Celso. *História da Imprensa Piauiense*. Teresina: Editora Zodíaco, 1997.

<sup>914</sup> Produzido na Tipografia de Silveira & Cia. Circulou entre 1832 e 1835.

<sup>915</sup> Periódico de caráter oficial, político e literário de redação de José Martins Pereira d'Alencastre. Considerado o primeiro jornal de Teresina. Circulou em 1853.

<sup>916</sup> PINHEIRO, 1997.

<sup>917</sup> RÊGO, 2001.

<sup>918</sup> MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 45-82.

sua maioria, eram extintos em poucos números. O autor ainda destaca as tentativas de sanar o problema com a criação de uma associação, com o intuito de prover materialmente os jornais que atravessavam dificuldades, denominada *Associação Tipográfica Protetora de Artistas*, mas que, contudo, não passou apenas de um projeto<sup>919</sup>.

A breve vida dos jornais em Teresina constituía uma realidade recorrente na cidade. O periódico *O Papiro*<sup>920</sup>, impresso de natureza literária, tendo como redator David Caldas, ilustra de modo bastante elucidativo a presente constatação, tempo em que imprime, no artigo inaugural do jornal, o sentimento de esperança de que a experiência com o jornal seja diferente:

Sabemos o quanto é difícil sustentar um periódico nesta província, aonde, em geral, há pouco gosto pela leitura; principalmente se se trata de publicações literárias – que, infelizmente, entre nós não passam de faustosinhos temporões ensaios de alguns moços de nobres aspirações, que procuram cultivar, por sem dúvida, uma planta exótica, que ainda não pode aclimatar entre nós – os piauienses. A presente tentativa é ainda um [...] esforço para ver se consegue, embora [...], alguma cultura útil – ao mesmo tempo agradável – que sirva quando menos para fazer espaiar, alguns momentos de inocente distração, quando per ventura não lhes passa dar também instrução, como quiséramos que acontecesse. Sai, pois *O Papiro*; a ver se é mais bem sucedido que outros pequenos periódicos literários, que tem aqui existência efêmera. Oxalá que o nosso pobre *Papiro*; que vai hoje aventurar-se à luz da publicidade: possa ser pergaminho ilustre – digno dos sábios e dos homens de letras do nosso país!<sup>921</sup>

O autor do artigo atribui ao pouco gosto pela leitura a responsabilidade pela brevidade desses jornais e esse aspecto possivelmente pode se remeter ao baixo índice de analfabetismo da província. Queiroz destaca que “o Piauí continuou, como fora no Império, um estado em que o número de analfabetos guardava maior proporção relativamente à população total”<sup>922</sup>. Logo, a falta de instrução da sociedade teresinense provavelmente justificaria essa indiferença pelas práticas de leitura. Entretanto, essa percepção não consegue dar conta de explicar como se desenvolviam as práticas de leitura e, portanto, não permitindo que visualizemos tais fazeres, conforme nos lembra Chartier, ao sinalizar que “não é possível restringir a capacidade de leituras das sociedades tradicionais às porcentagens de alfabetização, classicamente calculadas”<sup>923</sup>. Ao problematizar as instituições de leitura, como a Veillée, uma prática de leitura francesa do século XVIII caracterizada pela leitura coletiva, Darnton<sup>924</sup> demonstra que a

<sup>919</sup> ARAÚJO, Vinícius Leão. *História e Imprensa: a cultura política em jornais piauienses de 1868 a 1875*. (Dissertação-Mestrado / UFPI). Teresina: 2013.

<sup>920</sup> Periódico Literário tendo como redator David Caldas. Circulou em 1874.

<sup>921</sup> DR. ZAMPARI. Introdução. *O Papiro*, Teresina, ano 1, n.1, 23 maio 1874.

<sup>922</sup> QUEIROZ, 2011, p. 74.

<sup>923</sup> CHARTIER, Roger; PAIRE, Alain. (Orgs.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 80.

<sup>924</sup> IDEM 407.

leitura é um fenômeno social dinâmico e que não podemos restringi-lo somente ao fator instrução, uma vez que não permite que se compreenda a circulação dos impressos.

A fim de localizar o início da constituição dos Partidos Liberal e Conservador, José Murilo de Carvalho<sup>925</sup> assinala que seu surgimento se deu em torno da questão da centralização e descentralização enquanto projeto político para o Brasil. A primeira configuração foi utilizada e defendida como esteio do Partido Conservador que, por sua vez, apresentavam como filosofia a construção de um Estado centralizado, fortalecido e sustentado por uma burocracia composta por classes dirigentes conservadoras. Em grande medida, estes eram formados por proprietários de terras e de escravos, grandes comerciantes e pelo judiciário. Por outro lado, o Partido Liberal apresentava como agenda a luta e defesa pela descentralização política, tanto em âmbito político como administrativo. Em grande medida, eram compostos por proprietários de terras voltados ao mercado interno<sup>926</sup>.

Durante esses anos de luta foram tomando forma dois partidos políticos: o liberal e o conservador. Em teoria, cada um tinha um programa diferente. Durante os primeiros anos de Regência, liberais e conservadores usaram discursos diversos e pareciam estar batalhando por causas distintas. Os liberais eram federalistas, favoreciam a autonomia local, exigiam as abolições do Poder Moderador e do Conselho de Estado, opunham-se à vitaliciedade do Senado e à intromissão do governo na economia, eram favoráveis ao comércio livre, à liberdade de expressão e de culto. Os conservadores defendiam a posição oposta: a centralização, o Poder Moderador, o Conselho do Estado, a vitaliciedade do Senado, a religião católica como religião de Estado e o princípio de que o rei reina e governa.<sup>927</sup>

Tais configurações políticas não passariam despercebidas no Piauí. Em grande medida, as decisões da corte reverberavam na província de modo a influenciar nas decisões políticas em esfera estadual. Para Rêgo:

O Piauí, assim como as demais províncias, sofre reflexos constantes dos acontecimentos da Corte. Desde a conformação das correntes políticas, no início do Segundo Reinado, que as facções não se entendem. O “sobe e desce” do poder, incentivado por Sua Majestade, acirra ainda mais os ânimos, o que não impede que um conservador convicto durma e acorde liberal. A mudança de partidos é uma constante. O afastamento entre os indivíduos que integram os dois grupos dominantes politicamente é provocado, não por identidade do sistema, mas simplesmente pela disputa em torno do poder, visando à preservação de seus interesses e privilégios. Na Província, a intersecção entre realidade e ficção não é tão nítida como na Corte, mas acompanham as

<sup>925</sup> CARVALHO, José Murilo. A Vida Política. CARVALHO, José Murilo (Org.). In: *A Construção Nacional* (1831-1889). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. Coleção História do Brasil Nação.

<sup>926</sup> CARVALHO, 2012, p.95.

<sup>927</sup> COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 9 ed. São Paulo: UNESP, 2010, p.159.

instabilidades que correr por lá. Com a queda de um gabinete, até o chefe de polícia muda<sup>928</sup>.

Publicado em 1883, folhetim *Vozes do Povo*<sup>929</sup> apresenta uma possibilidade de como os usos políticos encontram, no espaço folhetinesco, lugar de visibilidade. Analisando o título, é possível perceber o tom panfletário em suas linhas, uma vez que ele revela as práticas políticas, caracterizadas pelos desmandos e autoritarismo na cidade de Oeiras, com a demissão dos suplentes do juiz municipal, o uso da violência como instrumento de legitimidade política e espaço de disputa de poder e a crítica direcionada ao partido Liberal.

– Diz que vão ser demitidos todos os suplentes de juiz municipal, sem excetuar o famoso Chico Raimundo por já ser [...] rombudo, há de ser nomeada brava gente que entre nós edifique novo reino nunca d’antes destemido; gente de guerra, gente de fogo, de lama e lodo também, que não tenha um só rosto, nem uma só fé, que tudo possa ser, mas que de fato gente não é; gente que seja para o que der e vier como muito bem disse um certo cabano; gente que tome e nunca dê. ‘De quem vergonha é o natural reparo.’; ‘– Gente que seja para tudo e para nada sirva – para o que der e vier enfim; gentsuimo-acabanada que jamais possa dizer: enfim; TOUT EST PERDU, FORS L’HOUNNER!’  
-Diz que o comandante da escolta já confessara por aí haver cumprido ordem de espancamento contra Tuna; mas que Polux, garantia plenas, protestara jamais aceitar ser o Castor os favores de Júpiter olímpico; engo ambos hão de passar por entre Seylla e Caribidis, a irem formar no céu das unanimidades escandalosas uma nova constelação protetora de todos os devotos da tirania muambeira.

-Diz que a situação liberal é somente aonde houver liberais do que não é sem, e que se deixam engolir todos por qualquer bicho de guela larga e grande bojo; por isto aqui será tirânica, despótica e opressiva; por isto também os liberais daqui já vão tendo vergonha de ser liberais.

E a verdade é que Tuna foi espancado dentro do seu domicílio; a verdade e que por aí se fala de uma próxima razoborra na suplência de juiz municipal; a verdade é que os defensores dos oprimidos são ameaçados pela consequência deste ato de caridade, e que o nome da primeira autoridade da província é invocado como talismã da infalível virtude em favor de todos os criminosos.

Vozes do povo...

Mas é muito mais que isto se diz por aí;

Quem quiser vá, e quem não quiser não vá lá.

Z.

Oeiras, 8 de outubro de 1883.<sup>930</sup>

O tom denunciativo, que se caracteriza em uma construção narrativa direta e formal, nos levou a crer que o texto não podia ser caracterizado como literário. Entretanto, a utilização de recursos literários compõe a presente narrativa, como o uso de pseudônimos, instrumento que se constituía um estilo literário da época, bem como a utilização de figuras da mitologia grega,

<sup>928</sup> RÉGO, 2001, p.182.

<sup>929</sup> Z. Vozes do povo. *O Semanário*, Teresina, ano 8, n. 317, 15 set. 1883, p. 01.

<sup>930</sup> Z. Vozes do povo. *O Semanário*, Teresina, ano 8, n. 317, 15 set. 1883, p. 01.

como Pólux e Castor<sup>931</sup>, possivelmente intencionando dar uma certa erudição. Rêgo<sup>932</sup> aponta que o estilo do jornalismo piauiense do período transparece em um panfletismo agressivo, evidenciando construções bem elaboradas, com domínio de normas gramaticais e discussões de cunho científico e filosófico<sup>933</sup>.

Thérenty destaca que o jornal no século XIX é essencialmente composto de literatura<sup>934</sup>, ou seja, a utilização de recursos literários não se dava apenas nas partes destinadas a ela nos periódicos, diluindo-se em vários espaços. Nesse ponto, cabe a reflexão da aproximação entre ficção e história. Lima destaca que o primeiro elemento deve ser entendido como um transicional entre o ficcional e a realidade, constituindo uma terceira margem<sup>935</sup>. Por conseguinte, é possível perceber que o autor percebe essa relação para além da ideia de problematizá-la apenas como produto do real. Entretanto, trabalhar com a perspectiva oposta a essa, que concebe a literatura por meio de certas regularidades estruturais o que nos leva à crença de que, no caso específico, para além de ajudar a construir uma dada realidade, também apresenta como um reflexo desta e isso nos faz revisitar a segunda modalidade apontada por Antônio Candido, que objetiva analisar o quanto as obras, extensíveis ao folhetim, espelham ou representam a sociedade<sup>936</sup>.

Entendemos, porém, que a ideia de representação seja mais complexa do que sugerida por Candido, que afirma que essa modalidade é simplista e, conseqüentemente, mais fácil. Aqui, cabem as concepções de Chalhoub e Pereira, quando apresentam o caminho de entender a literatura como testemunho, evidenciando o “lugar social do texto”<sup>937</sup>, no intuito de percebê-lo no interior dos processos históricos. A ideia de testemunho nos leva a refletir sobre o quanto a literatura não pode ser vista apenas como um reflexo do real, ela também ajuda a construir a realidade.

Toda a discussão acerca da historicização da literatura se justifica pelo fato de observarmos alguns padrões narrativos entre o referido folhetim e algumas notícias como um todo, daí a importância de perceber não apenas o folhetim em seu *locus*, mas, sobretudo, o que

---

<sup>931</sup> Segundo a Mitologia Grega, Pólux e Castor são irmãos e filhos da rainha Leda, esposo do rei de Esparta. Apesar de gêmeos eles são filhos de pais diferentes sendo Pólux filho de Zeus, portanto imortal, e Castor seria filho do referido rei.

<sup>932</sup> RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa Piauiense: Atuação Política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

<sup>933</sup> RÊGO. 2001. p.78.

<sup>934</sup> CAPARELLI, 2015, p.117.

<sup>935</sup> THÉRENTY, 2015, p. 289.

<sup>936</sup> CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 11.

<sup>937</sup> CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História Contada: Capítulos da História Social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 08.

o cerca, o que torna necessário analisar o “todo” do jornal, conforme aponta Caparelli<sup>938</sup>. Ao analisar o alto do jornal, ou seja, as colunas acima do folhetim, encontramos dois artigos que se aproximam da temática de *Vozes do Povo*<sup>939</sup>. Os artigos estão inseridos na coluna *Secção Livre*<sup>940</sup> e localizados sobre o folhetim.

O primeiro artigo, denominado *Sempre o baile*<sup>941</sup>, discorre sobre a atuação do jornal *A Época*, periódico do Partido Conservador. As críticas dirigidas em torno da gazeta em questão são centradas nos radicalismos do referido partido e, conseqüentemente, do jornal, considerado órgão oficial da agremiação política. Essa questão pode ser evidenciada através do trecho: “Eu digo que pode ser bom conservador, indo-se a um baile liberal. – Ele responde que há de me pôr a cara na bunda”<sup>942</sup>. As críticas são direcionadas ao fato de o artigo explorar “que há diferença entre demissão e insulto”<sup>943</sup>, temática abordada em *Vozes do Povo*<sup>944</sup>, quando o autor do folhetim denuncia a demissão de Chico Raimundo, aspecto também explorado por Costa<sup>945</sup>, ao evidenciar ser a demissão entre os funcionários e presidentes alinhados à oposição uma manobra política amplamente utilizada pelos partidos políticos em época de eleições<sup>946</sup>.

Em *A Verdade é esta*<sup>947</sup>, artigo publicado após o anterior, a política também se apresenta como cerne. Dessa vez, a narrativa objetiva suscitar uma reflexão sobre as eleições, com o intuito de discutir o papel do eleitor nas práticas eleitorais, que encontram no espaço político lugar de ramificação. O autor, denominado *o observador*<sup>948</sup>, prescreve que o posicionamento do eleitor “jamais deve sujeitar-se a imposições dos que se dizem ou querem ser chefes ou poderosos em quaisquer partidos, não se devendo dar-lhes mais do que o direito de pedirem, e não o de imposição, visto que já se terem idos outros tempos dos régulos e das chapas de ferro”<sup>949</sup>. Esse caráter ordenador, suscitado no texto, encontra nas críticas acerca das divergências de composição das chapas nas eleições sua justificativa. O autor aponta que a “concordata é o melhor meio para se chegar aos fins desejados, e não haver contrariedades entre amigos e políticos, e os interesses comuns de um partido ordeiro”<sup>950</sup>, o que encontra conexão

<sup>938</sup> CAPARELLI, 2015.

<sup>939</sup> Z. Vozes do povo. *O Semanário*, Teresina, ano 8, n. 317, 15 set. 1883, p. 01.

<sup>940</sup> O SEMANÁRIO.1883. p.01

<sup>941</sup> SEMPRE O BAILE. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 329.p.01.

<sup>942</sup> SEMPRE O BAILE. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 329.p.01.

<sup>943</sup> SEMPRE O BAILE. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 329.p .01..

<sup>944</sup> Z. Vozes do povo. *O Semanário*, Teresina, ano 8, n. 317, 15 set. 1883, p. 01.

<sup>945</sup> COSTA. Emília Viotti de. *Da Monarquia à República*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

<sup>946</sup> COSTA, 2010, p.163.

<sup>947</sup> A Verdade é esta. *O Semanário*. Teresina. 1883, n. 329. p. 02.

<sup>948</sup> A Verdade é esta. *O Semanário*. Teresina. 1883, n. 329. p. 02.

<sup>949</sup> A Verdade é esta. *O Semanário*. Teresina. 1883, n. 329. p. 02.

<sup>950</sup> A Verdade é esta. *O Semanário*. Teresina. 1883, n. 329. p. 02.

com o folhetim em questão, uma vez que ele denunciava as práticas políticas que acompanhavam os jogos de poderes.

O fato de os três textos constituírem uma narrativa que se aproxima nos remete às discussões produzidas por Caparelli<sup>951</sup>, quando o autor aponta para a utilização de certos esquemas jornalísticos. No caso do folhetim em questão, esse exerceria a função de reforçar aquilo que já foi dito anteriormente em outros espaços do jornal. O porquê dessa utilização não saberemos, mas é possível evidenciar que a matéria-prima para sua construção se inspirou nas questões políticas que atravessavam a cidade de Oeiras e a província do Piauí naquele momento. A prática de se utilizar do real para a construção das produções folhetinescas é denominada estética de atualidade. Caparelli explica esse regime, apontando dois caminhos para o folhetinista: “ou o escritor recolhe a atualidade que servirá à sua rubrica na própria parte alta do jornal, ou então é impelido a lançar-se no mundo e a recolher diretamente as matérias que serão o conteúdo de sua rubrica”<sup>952</sup>.

As críticas apontadas no artigo *Sempre o baile*<sup>953</sup> contra o periódico *A Época* evidenciam que a imprensa era instrumento de disputa de poder entre os correligionários dos partidos políticos que se constituíram no período. Tudo isso porque grande parte dos jornais teresinenses do recorte temporal proposto, em boa medida, estava a serviço dos órgãos políticos - partidos liberal e conservador -, sendo, portanto, conforme assevera Rêgo<sup>954</sup>, uma extensão das tribunas. Desse modo, eram constantes os ataques promovidos diretamente por meio do referido veículo, através de editoriais, artigos e do próprio folhetim. No Brasil, a imprensa é de fato possibilitada somente a partir de 1808, com a chegada da Família Real. Contudo, Morel destaca que, anteriormente a esse período, é possível localizar a circulação de diversos tipos de impressos que não ficavam restritos somente às camadas letradas. Desse modo, antes da institucionalização da imprensa no país, localiza-se o trânsito de jornais produzidos na Europa e que atravessavam o Atlântico ainda no século XVIII, como o *Correio Braziliense* e a *Gazeta de Lisboa*, aportando nos trópicos<sup>955</sup>.

Andries e Granja destacam que o século XIX configurou-se como uma espécie de “idade de ouro” da imprensa na França e que acabou se estendendo a quase todo o ocidente<sup>956</sup> e essa

---

<sup>951</sup> CAPARELLI, 2015.

<sup>952</sup> CAPARELLI, 2015, p. 123.

<sup>953</sup> Sempre o Baile. *O Semanário*. Teresina: 1883, n329, p. 01.

<sup>954</sup> RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa Piauiense: Atuação Política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chave, 2001.

<sup>955</sup> MOREL, 2015, p. 30.

<sup>956</sup> GRANJA, Lúcia. ANDRIES, Lise (Orgs.). *Literaturas e Escritas da Imprensa, Brasil/ França, século XIX*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015. Coleção História da Leitura, p.12.

afirmativa se ampara em algumas proposições. Primeiramente, é nos oitocentos que verificamos a expansão do jornal como instrumento de divulgação de notícias e da própria literatura. Por certo que o último campo não pode ser visto como algo homogêneo. Possivelmente, essa plasticidade tenha contribuído com o seu desenvolvimento <sup>957</sup>. Segundo, é possível observar que o desenvolvimento do impresso modificou uma série de relações, como a de leitura, escrita, temporalidade e a própria percepção de mundo, o que levou alguns historiadores da imprensa francesa a afirmarem que a imprensa constituía uma verdadeira civilização, uma vez que ajudava a desenhar a sociedade do período.

A periodicidade com que as notícias eram publicadas – e é preciso realçar o caráter fragmentário, heterogêneo, portanto, múltiplo, onde o político dividia espaço com o cotidiano e o literário, nas notícias – dava ao jornal uma “impressão de totalidade”, segundo Caparelli. O autor completa a presente noção afirmando que “se a integralidade do real, é evidentemente, impossível de ser retratada, o jornal entende compensar esse fato, e assim garantir seu simulacro de uma totalidade”<sup>958</sup>, ou seja, como uma tentativa de legitimação social. E a disseminação das mídias, não somente o jornal, como posteriormente do rádio, da TV e da internet, como as redes sociais atualmente, é um mecanismo de grande peso na construção e no enquadramento de uma realidade, contribuindo para a composição das visões de mundo dos seus indivíduos. Essa observação justifica o fato de alguns pesquisadores da imprensa perceberem o jornal como um elemento constituidor de uma civilização, ou seja, de um conjunto de práticas que ajudaram na formação social do século XIX.

O artigo *Sempre o Baile*<sup>959</sup> suscita outra reflexão sobre a imprensa teresinense do período. Ele demonstra que as disputas de poder nem sempre se davam apenas em âmbito conservador *versus* liberal, as querelas poderiam se dar no seio do próprio o grupo ideológico do qual os jornais eram portadores. *O Semanário*, periódico no qual o artigo foi publicado, e que tece uma série de críticas contra o jornal *A Época*, revela o referido aspecto, uma vez que ambos eram periódicos alinhados ao Partido Conservador. Rêgo<sup>960</sup> destaca que a “ligação dos jornais não é só com os partidos, mas com as oligarquias, o que resulta na presença visível do discurso familiar no conteúdo jornalístico”. Isso revela que, para além dos interesses políticos, outras questões atravessavam e constituíam os jogos de poderes, como também indica que a relação entre liberais e conservadores se desenvolvia em bases sociais bastante semelhantes<sup>961</sup>.

---

<sup>957</sup> LIMA, 2006, p. 348.

<sup>958</sup> CAPARELLI, 2015, p. 113.

<sup>959</sup> SEMPRE O BAILE. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 329, p. 01.

<sup>960</sup> RÊGO, 2001, p. 169.

<sup>961</sup> COSTA. Emília Viotti da. *Da Monarquia à República*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

Outra possibilidade de diálogo com o folhetim *Vozes do Povo*<sup>962</sup> é estabelecido por meio de outra produção, localizada no rodapé de outra edição do periódico *O Semanário*<sup>963</sup>, denominada *Transumptos por Antíteses*<sup>964</sup>. O folhetim parece constituir uma sequência do que havia sido narrado na primeira produção folhetinesca, de modo a retratar as animosidades entre os grupos políticos que disputavam os espaços de poder. A narrativa desenvolvida por Y<sup>965</sup>, pseudônimo utilizado, reforça as dicotomias presentes no interior do Partido Liberal na cidade de Oeiras, primeira capital do Piauí. O presente aspecto abre possibilidade para pensarmos sobre as ambiguidades presentes no partido, bem como as dinâmicas que se firmam por meio dessas disputas. A participação de liberais, como Higino Cunha no papel de colaborador do referido jornal, nos leva a crer que este seja liberal<sup>966</sup>. Contudo, o referido aspecto se apresenta de modo obscuro, uma vez que Rêgo localiza o jornal como uma folha conservadora<sup>967</sup>.

Salomão apertava com as correias, com correntes, mas houve um jaborão que ousou a subtrair dez tribos a despótica arrogância régia. Em Oeiras também pode haver algum liberal bastante livre e nobre para recusar o incenso ao grande arquiteto desta igreja liberal; e então a este partido dos Burlamaques, Ferraz e Brandões – que já foi tão grande e forte – talvez não queira Deus.

“Nem memória de epitáfio dar!

Com efeito, em relação a muitos o nome já não dá a conhecer a cousa (Snino, cabano, curimatá, pajé, &); e, se a Imprensa for avezando à moda de revirar os tipos.

“Nenhuma letra de banal prestígio”- indicará na História a passagem de tantos personagens grotescos pelo zenith de nobre horizonte político. E quando o indagador de nossa vida no tempo buscar no passado um traço que recorde ao menos as honras do cargo que desempenharam os ditos regedores do nosso destino há de ser forçado a dizer cismado: “Nenhum vestígio do que ali morreu”!

Não é pois de admirar que por aí se dissesse que Pereiras Nunes não de vingar o Sr. de Paranarguá. A Tuno – Jeremiada vai andando o seu caminho: nos dizem – corpo de delito, queixa, processo & tudo vai por diante; e o resto ... como for Deus servido.

É o tema das discussões em Oeiras.

- Uns lembram-se de que Pedro declara ter grandes inclinações para arbitrariedades.

-Outros cochicham que Paulo achou pouco.

-Outros afirmam que Sancho protestara que se fosse ele teria mandado mirar Tuna amarrado à porta de seus protetores.

- Outros, finalmente, arrematam tudo com a sentença do Marinho que condenou todas as penas de carniça de urubu (cavalos mortos).

<sup>962</sup> Z. *Vozes do povo. O Semanário*, Teresina, ano 8, n. 317, 15 set. 1883, p. 01.

<sup>963</sup> Jornal noticioso e semanal. Teve como proprietário Tomás de Moraes Rêgo e redação de A.J do Amaral Sobreira, tendo como colaborador Higino Cunha a partir de 1882. Circulou entre 1875 e 1885

<sup>964</sup> Y. *Transumptos por antíteses. O Semanário*. Teresina. 1883. n. 317. p.01-02.

<sup>965</sup> Y. *Transumptos por antíteses. O Semanário*. Teresina. 1883. n. 317. p.01-02.

<sup>966</sup> PINHEIRO, Celso. *História da Imprensa Piauiense*. Teresina: Editora Zodiaco, 1997, p.223.

<sup>967</sup> RÊGO, 2001, p.259.

Assim vão correndo as coisas....  
 “Em engano d’alma ledo e cego”

(...)

“Mas ei que chega a hora do assinalado termo”.

Porém, de minha parte duvido muito, porque está escrito: vosso é o mundo e o poder das trevas. E foi em trevas que tudo isto... que espanta, envergonha e revolta Oeiras se conspirou e resolveu – justiça se faça aos mais nobres representantes das ideias liberais naquela município. Estes ignoravam os segredos das Salinas; não sabiam de santo e de sanhas passados a trulha policial animadas das coisas de Salinas – tão (?) do seu transcendente zelo que não só despreza como parece horrorizar se de toda intervenção judiciária em tais negócios !!!

A relação do fato já é injúria, o espancamento é farsa, e as queixas calúnias!  
 Paciência, desterrados!

Resignação, filhos meus!

O termo “igrejinha libarelesca”<sup>968</sup>, seguido dos sobrenomes responsáveis pela criação e sustentação do partido, possibilita o exercício de entender parte do processo de criação partidária. Essa, por sua vez, firma-se por meio das instituições familiares que se estabeleceram no Piauí desde os primórdios. Nesse sentido, a composição das elites da província é resultado dos arranjos familiares que geraram três grandes grupos políticos do período: os Coelhos Rodrigues, os Castelos Brancos e os Pereira Ferraz que, por sua vez, formaram alianças familiares com outros grupos, como os Sousa Martins, Araújo Costa e os Burlamaqui<sup>969</sup>.

Dos nomes figurados, o folhetim faz menção, pelo menos, a dois; Burlamaqui e Ferraz. A fim de mostrar a importância da emergência de famílias enquanto instrumento fomentador de grupos políticos no estado do Piauí, Rêgo nos oferece uma amostra ao analisar algumas trajetórias de alguns troncos familiares<sup>970</sup>. Dentre eles, alguns trajetos analisados pela autora evidenciam o percurso político de Polidoro César Burlamaqui. Para além de ser descendente do referido grupo familiar, Polidoro é também proveniente dos Castelos Branco. Foi presidente provincial no Piauí em 1867. Ideologicamente, durante seu percurso político, ora pendeu ao Partido Liberal, ora ao Partido Conservador<sup>971</sup>. O folhetim em análise evidencia uma aproximação entre os Burlamaqui e os liberais<sup>972</sup>. É por meio desses grupos que o poder político se operacionaliza ao se encontrar centralizado em suas mãos, passando de geração em geração. O presente aspecto ajuda a delinear a cultura política no Piauí. As alianças políticas entre os referidos grupos ensejaram a formação dos dois fortes grupos do cenário político Imperial no Piauí, em torno da liderança de duas figuras emblemáticas oriundas desses arranjos familiares:

<sup>968</sup> Y. Transumptos por antíteses. *O Semanário*. Teresina. 1883. n. 317. p.01.

<sup>969</sup> RÊGO, 2001, p.183.

<sup>970</sup> RÊGO, 2001, p.183.

<sup>971</sup> RÊGO, 2001, p.206.

<sup>972</sup> Y. Transumptos por antíteses. *O Semanário*. Teresina. 1883. n. 317. p.01.

João Lustosa Nogueira de Paranaguá, presidente do Partido Liberal, e Antônio Coelho Rodrigues, líder do Partido Conservador na província piauiense<sup>973</sup>.

Nunes destaca que as principais lideranças estaduais dos referidos partidos possuíam influência política em nível estadual, sendo inclusive conselheiros do Império<sup>974</sup>. No que tange ao Marquês de Paranaguá, citado no folhetim *Transumptos por Antíteses*<sup>975</sup>, é possível perceber sua forte atuação frente ao parlamento imperial e como componente de alguns ministérios, como o da Justiça. Além de atuar na magistratura, foi nomeado como presidente de províncias, como Bahia (1881-1882), Maranhão (1858-1859) e Pernambuco (1865-1869), além de ter sido senador vitalício<sup>976</sup>. À semelhança de Paranaguá, Antônio Coelho Rodrigues, descendente direto dos troncos dos Coelhos Rodrigues e Sousa Martins<sup>977</sup>, alcançou certo destaque em nível nacional ao participar, por exemplo, da redação do Código Civil em 1890<sup>978</sup>. Atuou como deputado da assembleia provincial e como magistrado, tendo inclusive percorrido os caminhos da docência nas ciências jurídicas<sup>979</sup>. Outro ponto que também devemos destacar é atuação do intelectual como mentor e redator dos jornais *O Piauí*<sup>980</sup> e o *Conservador*<sup>981</sup>, duas folhas noticiosas alinhadas ao Partido Conservador.

Para Berstein, os partidos políticos “são lugares onde se opera a mediação política”<sup>982</sup>. Mais do que isso, o autor problematiza o presente elemento, de modo a percebê-lo nos distanciamentos entre os modelos que pretendiam exprimir suas agendas ideológicas e suas práticas sociais<sup>983</sup>. A presente observação se aplica ao caso dos jogos partidários do final do século XIX, em Teresina. Oriundos de um mesmo sustentáculo social, a distinção entre liberais e conservadores se operava mais em nível discursivo do que exatamente no fazer político. Emília Viotti destaca que, por vezes, “a filiação partidária fosse geralmente mais uma questão de família e parentesco do que ideologia”<sup>984</sup>.

<sup>973</sup> NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. *Oligarquia Pires Ferreira : família e poder político no Piauí (1889-1920)*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016.p.44.

<sup>974</sup> NUNES, 2016, p.44.

<sup>975</sup> Y. Transumptos por antíteses. *O Semanário*. Teresina. 1883. n. 317. p.01.

<sup>976</sup> CASTRO, Chico. *Marquês de Paranaguá (1821-1912)*. Brasília: Câmara dos Deputados. Coleção Edições Câmara,2009. p.11.

<sup>977</sup> RÊGO,2001, p.199.

<sup>978</sup> RÊGO,2001, p.199.

<sup>979</sup> CHAVES, Monsenhor. *Obras Completas*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.p.525.

<sup>980</sup> Órgão do Partido Conservador. Fundado e Redigido por Antônio Coelho Rodrigues e Agesilau Pereira da Silva. Circulou em 1867.

<sup>981</sup> Substituiu o jornal *O Piauí*, passando a ser órgão oficial do Partido Conservador. Circulou entre os anos de 1874 a 1876.

<sup>982</sup> BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: REMOND, René (Org). *Por uma História Política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.p.60

<sup>983</sup> REMOND,2003, p.61.

<sup>984</sup> COSTA,2010. p.163.

A produção folhetinesca localizada no rodapé do jornal *A Phalange*<sup>985</sup> nos dá uma dimensão de como tais questões são retratadas. A narrativa de *O Homem Phenomeno*<sup>986</sup> constituiu uma sátira utilizada para denunciar as migrações partidárias que ocorriam. A produção gira em torno de um personagem que é apresentado ora como liberal, ora como conservador, ora como republicano. De modo claro, é perceptível observar o teor denunciativo da produção.

-Pois bem, ouvi-me, este velhaco é indigitado como um fascista e comediante de primeira força! Logo ao chegar a maioridade, apregoava-se republicano, mas tendo-o chamado mais tarde a Redação da “Época” para moço de recados, ele não teve dúvidas – virou camisa declarando-se conservador totis e tribue, e quebrando lanças por tudo que dizia a respeito a situação. Seguindo depois para Recife, onde vivia sempre com a onça na algibeira por causa da sua negação, para o trabalho, e por só querer andar e por querer só andar flanando pelos cafés, implorou a caridade evangélica de um distinto magistrado que, apiedando-se do mísero, socorreu-o com o pão de cada dia e arranjou-lhe uma pequena sinecura no “Diário de Pernambuco”. O Maroto para ser mais agradável ao seu benfeitor virou a ceroula, isso é, declarou-se liberal e começou desde logo a apregoar as virtudes beatificadas do sr. M. de Parnaíba. Entendendo quem poderia explorar a situação e mesmo por não poder continuar no Recife, em virtude de um bonito calo que pregou no sr. M Figueiroa, partiu de lá para esta capital, onde adulando os liberais seus correligionários e depois de ter percorrido meia província à custa do governo, conseguiu ser nomeado promotor em Parnaíba, embora vivendo na capital. Estava, pois, o patife nestas disposições de espírito, bem satisfeito, e de tal maneira que quando chegou a notícia de ter sido chamado pelo ilustre chefe liberal, ele correu logo a lavrar em casa de sr. R. Theodorico um daqueles estupendos bestiológicos que só não foi publicado por chegar outra notícia asseverando ter S. M conferenciado com os presidentes – Barão de Cotegipe e Pádua Fleury. E sabeis o que operou nesta massa informe de ingratidões, logo que constou por telegramas, ser verdadeira a ascensão do partido conservador ao poder, sendo escolhido para encetar a afinação e venerando sr. J. Maurício Wanderley? - Mudou de Política outra vez, ou por outra declarou-se conservador, assoalhando que o sr. deputado pelo 2º distrito nunca o demitiria de promotor de Parnaíba, visto ver seu distinto correligionário e amigo. Ainda não é tudo, meus srs. – Este brejeiro é uma ave de arribação, como vou demonstrar-vos. Vós todos sabeis a cisão que se abriu no seio do partido conservador, dividindo-o em resendista e centrista. Por esse tempo, desejando o notável Budião de escama sua nomeação para juiz municipal de Piracuruca, e vendo que o deputado pelo segundo Distrito tinha grande influência perante o governo geral, tanto fez tanto apregoou-se phalangista até que conseguiu seu intento. Mas oh! Monstro de perfídia! Logo que agarrou o ossinho deu sebo nas canelas, e foi um dia... virou a pele da cara, e declarou-se conservador centrista, apesar de ainda visitar a título de amigo os seus ex-protetores para ouvir-lhes as mágoas e depois ir envenená-las em conciliábulos de sussuranas, presidido pelo notável Sr. Baéte! É o que tenho a dizer-vos, sr. juiz sobre este pária. - Tem a palavra o primeiro da esquerda. - Começarei dizendo, sr. juiz, que esse fascista, plagiário flagrado muitas vezes em flagrante delito, tem o hábito inveterado de apregoar-se notável

<sup>985</sup> Órgão Conservador, que possuía como redator Simplício Coelho de Resende. Circulou em 1889.

<sup>986</sup> ASNIDADE, Asno das. *O Homem Phenomeno. A Phalange*. 1889. n. 06. p.01-02.

polemista e ilustre mestre de ofício, consistente em murchar as orelhas para trás, razão porque já foi convidado algures para reger a cadeira de idiota da Universidade da Tamarineira, e a de couceologia da Faculdade do Brum.<sup>987</sup>

A citação longa se fez necessária para que fosse possível visualizar de forma mais detalhada como a presente narrativa é construída. Sob o manto do pseudônimo denominado *Asno das Asnidade*<sup>988</sup>, o detalhamento dado ao sujeito em questão nos leva a crer que tais críticas eram direcionadas a uma autoridade política que compunha o cenário político teresinense. Iniciando a narrativa como republicano, nosso personagem logo mudara de grupo, alinhando-se ao lado dos conservadores, que, segundo o autor, era o partido situacionista. Indo para a cidade de Recife, torna-se liberal. Ao regressar à capital piauiense conseguiria o cargo de promotor na cidade de Parnaíba, localizada no litoral do Piauí. Com a subida dos conservadores ao poder, mais uma mudança partidária é ocorrida, de modo a se alinhar ao Partido Conservador.

Alguns trechos do folhetim abrem possibilidade de aproximação entre a narrativa desenvolvida em *O Homem Phenomeno*<sup>989</sup> e a trajetória de Anísio de Abreu<sup>990</sup>. Segundo Monsenhor Chaves<sup>991</sup>, em 1882, o intelectual ingressou ao curso de ciências jurídicas para a Faculdade de Recife. Durante o tempo em que esteve concluindo as cadeiras subjacentes ao curso superior em questão contribuiu com alguns periódicos da capital pernambucana, como o *Jornal de Recife*<sup>992</sup>, *A Província*<sup>993</sup> e o *Diário de Pernambuco*<sup>994</sup>, este último citado pela produção folhetinesca<sup>995</sup>. Além desse elemento, outros surgem de modo a reforçar que a crítica era de fato dirigida ao referido intelectual, como o fato de ter sido colaborador do periódico *A Imprensa*<sup>996</sup>, demonstrando seu alinhamento ideológico ao Partido Liberal. Nessa ocasião, segundo Chaves, Anísio foi nomeado Promotor Público de Parnaíba, cidade localizada ao norte

<sup>987</sup> ASNIDADE, Asno das. *O Homem Phenomeno*. *A Phalange*. 1889. n. 06. p.01-02.

<sup>988</sup> ASNIDADE, Asno das. *O Homem Phenomeno*. *A Phalange*. 1889. n. 06. p.01-02.

<sup>989</sup> ASNIDADE, Asno das. *O Homem Phenomeno*. *A Phalange*. 1889. n. 06. p.01-02.

<sup>990</sup> Nasceu em Teresina em 1862, formou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Recife, foi Magistrado e teve atuação política como deputado provincial constituinte entre o final do século XIX e início do XX. Faleceu em 1909, momento em que cumpria mandato como Governador do Estado do Piauí.

<sup>991</sup> CHAVES, Monsenhor. *Obras Completas*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p.556.

<sup>992</sup> Jornal de caráter noticioso que circulou na cidade de Recife, capital de Pernambuco, entre os séculos XIX e XX, tendo Tobias Barreto e José Lins do Rêgo como editores, revisores e colaboradores.

<sup>993</sup> Circulou entre os anos de 1872 e 1933. O periódico atravessou várias fases, a princípio foi Órgão do Partido Liberal em Recife, posteriormente órgão do Partido Republicano, tendo como um dos redatores nessa fase Gilberto Freire.

<sup>994</sup> Periódico surgido em 1825, criado pelo tipógrafo Antônio José de Miranda Falcão. É considerado um dos jornais mais antigos da América Latina, ainda hoje em circulação.

<sup>995</sup> ASNIDADE, Asno das. *O Homem Phenomeno*. *A Phalange*. 1889. n. 06. p.01-02.

<sup>996</sup> Órgão do Partido Liberal de propriedade de Deolindo Mendes da Silva Moura. Teve como redatores, além do proprietário, David Caldas, Manoel Idelfonso de Sousa Lima, Jesuíno José de Freitas e Miguel de Sousa Borges; e contou com a colaboração de Higinio Cunha. Circulou entre 1865 e 1889.

do estado do Piauí. Com a subida do Partido Conservador, permaneceu no cargo até 1888, momento em que foi nomeado para Juiz Municipal da cidade de Piracuruca, também localizada no norte do estado<sup>997</sup>.

Outro aspecto que deve ser ressaltado sobre a produção diz respeito à própria cisão do Partido Conservador, que foi retratada no folhetim. Ao narrar a troca do personagem do grupo liberal para o conservador, com o intuito de se manter no cargo de Promotor em Parnaíba, o autor cita a formação de duas facções em torno do último grupo político, dividido entre Centristas e Resendistas. O surgimento do periódico *A Phalange*<sup>998</sup> está inserido nessas disputas que se processavam no prelúdio do processo republicano. A folha noticiosa surgiu em 1889, por meio de Coelho de Resende. Rêgo assevera que sua emergência está ligada “muito mais em degradar os opositores intrapartidários, do que denunciar ou guerrear contra os liberais”<sup>999</sup>. Sem aprofundar na questão, a autora revela a incidência de facções no interior do Partido Conservador. Esse ponto encontra consonância com a nota biográfica produzida sobre Anísio de Abreu, analisada anteriormente, reforçando mais ainda a tese de que as críticas fossem de fato direcionadas ao intelectual. Chaves evidencia que, no ano de 1888, assiste-se, em Teresina, ao surgimento de uma facção partidária desenvolvida no interior do Partido Conservador, denominada *Centro onça* e à qual Anísio se alinhou<sup>1000</sup>.

Se em *O Homem Phenomeno*<sup>1001</sup> levantávamos apenas uma hipótese sobre a quem seria direcionada a crítica, *Conselho da bicharia*<sup>1002</sup>, publicado no rodapé do mesmo periódico que a produção anterior, parece confirmar nossas suspeitas. O primeiro ponto a ser levantado diz respeito aos nomes dos autores das duas produções. No primeiro folhetim, a autoria é assinada por *Asno das Asnidades*<sup>1003</sup>. Na segunda trama, a autoria é assumida por alguém que se nomeia *Anísio das Asnidades*<sup>1004</sup>, ou seja, o nome de Anísio já aparece de maneira explícita na referida produção.

No folhetim *Conselho da bicharia*<sup>1005</sup>, os ataques também são endereçados a determinado grupo político. Os animais são retratados de modo a realçar suas características decadentes, bem como seus vícios. Nas artes, de modo geral, utilizar a figura de animais para

<sup>997</sup> CHAVES, 1998, p.557.

<sup>998</sup> Órgão do Partido Conservador. Fundado e Redigido por Antônio Coelho Rodrigues e Agesilau Pereira da Silva. Circulou em 1867.

<sup>999</sup> RÊGO, 2001, p.92.

<sup>1000</sup> CHAVES, 1998, p.557.

<sup>1001</sup> ASNIDADE, Asno das. *O Homem Phenomeno. A Phalange*. 1889. n. 06. p.01-02.

<sup>1002</sup> ASNIDADADES, Anísio da. *O Conselho da Bixaria. A Phalange*. Teresina. 1902. n. 02. p.01.

<sup>1003</sup> ASNIDADE, Asno das. *O Homem Phenomeno. A Phalange*. 1889. n. 06. p.01-02.

<sup>1004</sup> ASNIDADADES, Anísio da. *O Conselho da Bixaria. A Phalange*. Teresina. 1902. n. 02. p.01.

<sup>1005</sup> ASNIDADADES, Anísio da. *O Conselho da Bixaria. A Phalange*. Teresina. 1902. n. 02. p.01.

representar a condição humana, é recorrente, a exemplo de *A Revolução do Bichos*<sup>1006</sup> e *Maus*<sup>1007</sup>. Nesse sentido, a representação do Asno nos chamou atenção. O animal é significado como um traidor, um ser que muda de lado, partido, conforme seja favorecido. Isso encontra conexão com o retratado em *O Homem Phenomeno*<sup>1008</sup>, como também em alguns pontos narrados por Chaves, ao construir o traço biográfico de Anísio de Abreu<sup>1009</sup>. Não somente isso, o termo Asno é utilizado tanto para nomear a autoria da presente produção quanto é empregado para caracterizar a possível trajetória de Anísio de Abreu, como a questão da troca de partido.

Aí a bicharada, em alarido horroroso manifestou-se por meio de aplausos estrondosos por entre os quais notava-se uma confusão infernal.

- O que é isto? Perguntavam umas.

E todas em um coro trágico e sinistro:

- É a anta nova e formigueiro. Deixem a falar a cacotte. Levem para a tribuna a Luíza Michel.

E, de fato, leitores – era uma anta nova, descabelada, de olhar vesgo e ousado, saracoteando, bolindo com o rabo, e brava e felina como cadela a ciumar os filhos. Seguia-se a ela um animal raro na espécie, cabelo pixainhos, cor de piranha cozida. Ambos saudaram a bicharia.

Era o tamanduá, acompanhado do formigueiro, galgando a anta nova imediatamente a tribuna.

- Estou hoje danada, caras amigas! Agora mesmo acabo de ver no rez de chaussé de um papelucho imundo o meu retrato garatujado a carvão e black verniz.

Eu, toda a vós o já sabeis, sou um animal comum de dois.

-Sim, anta nova, tu és comum de dois quanto ao gênero, mas quanto às espécies de partidos políticos nunca deixastes de ser comum de todo mundo ou de quem melhor te pagasse o ofício. Nós já te conhecemos: tu és nova na idade, porém, velha na patifaria, e tanto que já comeste a vergonha com a farinha seca! Deixa-te, pois, de arengas e desce a tribuna – nós queremos ouvir o tamanduá que sobre ser traiçoeiro e felino, leva vantagem a ti em possuir a toga e ser chamuscado<sup>1010</sup>.

Encontramos, ainda, referência à facção centrista, em Nunes, que, ao analisar os primeiros governos republicanos no Piauí à luz das oligarquias que ali se formaram, como os Pires Ferreira, evidencia o desenvolvimento das organizações partidárias, surgidas no irradiar do processo republicano, como os partidos, Democrata, formado pelo Barão de Castelo

<sup>1006</sup> ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos*: um conto de fadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>1007</sup> SPIEGELMAN, Art. *Maus*: a história de um sobrevivente. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>1008</sup> ASNIDADE, Asno das. O Homem Phenomeno. *A Phalange*. 1889. n. 06. p.01-02.

<sup>1009</sup> CHAVES, 1998, p.557.

<sup>1010</sup> ASNIDADADES, Anísio da. O Conselho da Bixaria. *A Phalange*. Teresina. 1902. n. 02. p.01.

Branco<sup>1011</sup>, Clodoaldo Freitas<sup>1012</sup>, Joaquim Diniz<sup>1013</sup>, Firmino de Sousa Martins<sup>1014</sup>. Já a formação do Partido Republicano (PRF) foi composta por Barão de Uruçuí<sup>1015</sup>, Joaquim de Paranaguá<sup>1016</sup> e por Teodoro Alves Pacheco<sup>1017</sup>, do grupo *centro onça*<sup>1018</sup>. É notória a carência de estudos que deem conta de analisar as constituições partidárias, bem como suas divisões, não sendo, portanto, objetivo do presente texto. A análise de tais aspectos, mesmo que de forma incipiente, configura-se como uma tentativa de tentar responder aos contornos políticos evidenciados na produção *O Homem Phenomeno*<sup>1019</sup>.

Ainda no exercício de problematizar como as produções folhetinescas eram utilizadas como arena de ataque, evidenciamos a produção *Firminowitz*<sup>1020</sup>, publicada no periódico *A Época*<sup>1021</sup>, em 1883. Ao analisar os elementos pré e pós-textuais do folhetim, título, autoria, nomeado por *H TMAN*<sup>1022</sup> localizando a produção em *New Moscou*<sup>1023</sup>, Rússia, acreditamos que se tratava de uma produção internacional que eventualmente aportava nos jornais teresinenses. Mas a leitura e a análise do texto nos fizeram perceber que o folhetim se tratava de uma crítica direcionada às questões político-partidárias que compunham a cultura política partidária piauiense no final dos oitocentos. Por ser um jornal de caráter político, *A Época* configurou-se como uma folha noticiosa alinhada ao Partido Conservador.

O ano de 1883 demarca a subida dos Liberais ao poder. Nesse momento, fora nomeado o liberal Emídio Adolfo Vitória da Costa para a presidência da Província no Piauí<sup>1024</sup>. Constituía

---

<sup>1011</sup> Mariano Gil Castelo Branco (1848-1935) foi deputado provincial (1884-1885), vice-governador do Piauí em 1892, foi jornalista e fundador do periódico *O Combate e O Democrático*. Esteve à frente do Partido Democrático como diretor regional.

<sup>1012</sup> Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 1880, fazendo carreira na área como promotor público em Teresina. Percorreu diversos estados, assumindo cargos públicos, como juiz municipal em Minas Gerais e chefe de polícia em Mato Grosso. Foi deputado estadual, professor, jornalista, com grande atuação em periódicos, como *A Imprensa*, jornal teresinense, e *Imprensa Oficial*, de São Luís, no Maranhão. Politicamente atuou à frente do partido Liberal no Piauí. Sua trajetória se destaca ainda pela grande produção como *Os Fatores do Coelho*, *Vultos Piauienses*, *Memórias de um Velho*, *Em rodas dos fatos*, *Contos de Teresa*, dentre outros. Foi um dos mentores na criação da Academia Piauiense de Letras, em 1917.

<sup>1013</sup> Proprietário do Periódico *O Telephone*.

<sup>1014</sup> Foi Presidente da Província em diferentes momentos no século XIX, 1879, 1881, 1883 e 1889.

<sup>1015</sup> João da Cruz e Santos (1841-1896) foi membro da junta governativa provisória do Piauí no contexto da implantação da República e foi vice-governador pelo estado do Piauí em 1890.

<sup>1016</sup> Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia. Foi Deputado Provincial, Vice-governador do Estado do Piauí, foi Deputado Federal Constituinte, Senador da República.

<sup>1017</sup> Nascido em 1851, bacharel em Direito, militou pelo partido Conservador, foi vice-presidente da Província, Governador do Piauí em 1891 e Deputado Federal.

<sup>1018</sup> NUNES, 2016, p.48.

<sup>1019</sup> ASNIDADE, Asno das. *O Homem Phenomeno*. *A Phalange*. 1889. n. 06. p.01-02.

<sup>1020</sup> H TMAN. *Firminowitz*. *A Época*. Teresina. 1883, n. 262. p.01.

<sup>1021</sup> *Jornal Alinhado ao Partido Conservador*. Teve como redatores Teodoro Alves Pacheco, Raimundo Arêa Leão, Simplício Coelho de Resende. Colaboraram Francisco de Sousa Martins, Antônio Gentil de Sousa Mendes e Acelino Portela. Circulou entre 1878 a 1889.

<sup>1022</sup> H TMAN. *Firminowitz*. *A Época*. Teresina. 1883, n. 262. p.01.

<sup>1023</sup> H TMAN. *Firminowitz*. *A Época*. Teresina. 1883, n. 262. p.01.

<sup>1024</sup> RÊGO, 2001, p.201.

elemento das práticas políticas do período a nomeação de presidentes provinciais de outras regiões do Brasil. Rêgo pontua que, em decorrência da alternância constante dos partidos monarquistas no Segundo Reinado, passam muitos “forasteiros” pela província do Piauí. Homens de confiança dos partidos., os nomeados, muitas vezes, nem exercem suas funções, são logo substituídos ou governam, figurativamente, já que o poder continua nas mãos dos chefes locais<sup>1025</sup>. A presente observação recai sobre o então presidente da província piauiense, por meio do quadro estabelecido por Rêgo com a finalidade de listar os presidentes provinciais de origem não piauiense, em que figura o nome de Emídio Costa<sup>1026</sup>. Governava em seu lugar o vice-presidente Firmino de Sousa Martins, que exerceu a presidência em 1870, 1880, 1883 e 1889<sup>1027</sup>.

Firmino é um beribérico, é um alienado. Já foi um homem, hoje falta-lhe racionalidade. Já é um bruto, porque se parece com o tipo da nossa espécie. Nele apenas se pode ver um caso especial de alienação mental, consequência do beribéri. Há alguns anos esse infeliz foi atacado da terrível moléstia, e posto que seu corpo tenha conseguido restabelecer-se, o seu espírito continua em uma desordem lamentável e até certo ponto ridícula. Talvez porque fosse ele naturalmente dotado de um temperamento belicoso, a moléstia, em vez de produzir uma imbecilidade ou idiotismo passageiro, deixou-lhe ao contrário uma insânia ou furor contínuo e persistente. Como todo louco tem um coitado e sua mania. Capacitou-se de quem descende dos Czares, que é nobre, poderoso, augusto, quase rei, e ei-lo chamando-se a si mesmo de – Firminowitz. Entende que todo tirano, não medíocre, precisa de vítimas, de golpes, de cadáveres, e como o monarca russo debela os niilistas, o seu colega piauiense, o czar caturra e grotesco – Firminowitz - persegue, fustiga, escolhe os conservadores do Piauí. Não sabemos como entrarão nos cascos desses animalejos tão disparatadas ideias e apesar da compaixão que merece todo aquele que é acometido de alienação mental, não podemos conter o riso quando vemos o nosso cômico autocrata, iracundo, medonho, desconfiado, ameaçando céus e terras, sonhando acordado com alfanges, cutelos, canhões e masmorras, esmiralhando, catando, farejando tudo quanto pode prejudicar os conservadores - seus niilistas. Às vezes o delírio acende um grau tão elevado que causa dor vê-lo com as narinas dilatadas, olhos espavoridos, suado, inquieto, arfando de cólera, mordendo os punhos do paletó a praguejar como um possesso. Nos intervalos de mais calma vemo-lo grave a majestoso, olhando com desdém os apaniguados que formam a guarda palaciana, recusando manchar os sacros lábios com um nome niilista saboreando as louvaminhas e bajulações que cercam os seus servos<sup>1028</sup>.

E qual a relação entre a produção folhetinesca publicada no periódico *A Época* e a última figura política? Acreditamos que o folhetim em questão tenha como alvo de críticas endereçadas ao vice-presidente provincial que comandava o Piauí nesse período. Alguns

<sup>1025</sup> RÊGO, 2001, p.200.

<sup>1026</sup> RÊGO, 2001, p.211.

<sup>1027</sup> RÊGO, 2001, p.211.

<sup>1028</sup> H TMAN. Firminowitz. *A Época*. Teresina. 1883, n. 262. p.01.

elementos reforçam a presente ideia. Primeiro, foneticamente o título nos remete ao nome de Firmino. A partir da leitura e análise do folhetim em questão, tal aspecto é reforçado na produção quando o nome de Firmino é citado explicitamente. As representações construídas em torno do personagem se desenvolvem de modo a aproximá-lo da figura do Czar, autoridade Imperial Russa. A presente relação teria o intuito de ressaltar a tirania de Firmino, objeto da narrativa. Desse despotismo adviria o fenômeno denominado Firminowitz, marcado pela opressão direcionada aos conservadores.

#### **4.3 O riso é a vida para as almas:<sup>1029</sup> Humor e Política nas produções folhetinescas**

Ao problematizar sobre os usos dos pseudônimos no capítulo anterior, utilizamos como instrumento de análise as produções de Pacífico Cordeiro, a fim de entender como a dimensão dos cognomes se operacionalizava<sup>1030</sup>. Por meio das referidas produções, foi possível perceber a dimensão político-partidário de, pelo menos, duas produções de Cordeiro, *Cousas e Lousas*<sup>1031</sup> e *Em redor da Situação*<sup>1032</sup>. Em 1885, assistimos à subida dos conservadores ao poder. Como órgão do Partido Liberal, o periódico *A Imprensa*<sup>1033</sup> era utilizado como instrumento de ataques contra os opositores. Nesse sentido, as produções folhetinescas em evidência podem ser problematizadas como uma reação ao alcance do partido oponente. Além disso, é perceptível que ambas as produções dialogam entre si no sentido de objetivarem produzir uma sátira contra a assembleia provincial do período.

Eu uma vez amei a assembleia e foi na sessão em que os excelentíssimos deputados discutiram com maior acerto e consideração a questão do subsídio. Nunca, em um congresso de sábios, a eloquência andou aos trambolhões com essa sessão solene. O nosso respeitável amigo Campos, com a gravidade heroica do imortal Pipele, sentou-se na cadeira presidencial, rubro de cólera. Apossado da cadeira s.exc. levantando o dedo profético, que resume tudo quanto o gênio antigo tinha o trágico e o sublime apontando para as bancadas liberais disse ao nosso amigo Major Gentil: - Está vendo? Eu sou o presidente. E riu-se. O riso do s.exc. era como o de Júpiter. Todos riram-se, menos o nosso

<sup>1029</sup> CORDEIRO, Pacífico. *Cousas e Lousas*. *A Imprensa*. Teresina. 1885. 4 jul. Ano XX. n. 874, p. 02.

<sup>1030</sup> CORDEIRO, Pacífico. *Cousas e Lousas*. *A Imprensa*. Teresina. 1885. 4 jul. Ano XX. n. 874, p. 02.

\_\_\_\_\_. *Cousas e Lousas*. *A Imprensa*. Teresina. 11. jul.1885. Ano XX. n. 875, p.02.

\_\_\_\_\_. *Dente por Dente*. *A Imprensa*. Teresina. 28. nov. 1885. Ano XXI, n. 893, p. 01.

<sup>1031</sup> CORDEIRO, Pacífico. *Cousas e Lousas*. *A Imprensa*. Teresina. 1885. 4 jul. Ano XX. n. 874, p. 02.

\_\_\_\_\_. *Cousas e Lousas*. *A Imprensa*. Teresina. 11. jul.1885. Ano XX. n. 875, p.02.

\_\_\_\_\_. *Em redor da Situação*. *A Imprensa*. Teresina. 21 nov. 1885. Ano XXI, n.892.p.02.

<sup>1032</sup> CORDEIRO, Pacífico. *Em redor da Situação*. *A Imprensa*. Teresina. 21 nov. 1885. Ano XXI, n.892.p.02.

<sup>1033</sup> Órgão do Partido Liberal de propriedade de Deolindo Mendes da Silva Moura. Teve como redatores, além do proprietário, David Caldas, Manoel Idelfonso de Sousa Lima, Jesuíno José de Freitas, Miguel de Sousa Borges e colaboração de Higinio Cunha. Circulou entre 1865 e 1889.

particular amigo Josino que arregalou os olhos e fez uma careta, e que, em s.exc denota o auge da satisfação<sup>1034</sup>.

Alguns elementos nos permitem historicizar a produção. O primeiro aspecto diz respeito à ascensão dos conservadores ao poder em 1885, ano referente à publicação do folhetim. Nesse período, assume a presidência provincial José Meneses Prado, classificado por Rêgo como presidente de origem não piauiense<sup>1035</sup>. Contudo, quem assumiria, de fato, a política local seria seu vice-presidente, Raimundo de Arêa Leão<sup>1036</sup>. Anteriormente, o poder provincial era dominado pelo Partido Liberal. Ainda em 1885, antes de os conservadores alcançarem o poder local, o liberal Manoel Idelfonso de Sousa Lima ocupava a cadeira presidencial da província<sup>1037</sup>. Em grande medida, essa última observação estabelece conexão com a passagem em que Pacífico Cordeiro atesta ter “já amado a assembleia”<sup>1038</sup>. Josino é retratado como presidente da assembleia na trama. Nesse período, o conservador José Ribeiro Gonçalves é presidente do legislativo local<sup>1039</sup>. Outros personagens encontram conexão direta com a composição da assembleia no período e, dentre eles, destacamos Plínio, Jaime e Belino<sup>1040</sup>.

O Campos com os olhos coruscando fagulhas sinistras, ocupou de novo a sua cadeira e entregou-se a um silêncio profundo. Reclinou-se na cadeira e pondo o grande pensamento a girar pelos mundos superiores, fechou os olhos. Depois, tampando a boca com a mão direita, bocejando com estrondo: Ah! Ah! Jesus! E fez uma cruz na boca. Ao seu lado o Josino meditava. Nas vastas rotundidades encefálicas do feroso tribuno picoense a meditação toma uma forma religiosa. As caretas que contraem as faces raspadas de s. exc significam... Deus me perdoe. O que podia dizer dessas caretas guypainicas, estudadas? O mesmo que dizia... Mas, silêncio oh! musa. As mutações que assombram a mente humana, contudo, têm a sua harmonia por mais dessemelhante que surjam. Uma vez, e lá vai uma história de Trancoso a propósito de não sei o quê faz um homem chamado Josino. Era bonitote, risonho, alvo, faceiro, um homem galante. Quem o visse de noite, ao escuro, podia supor fosse Adonis ou Cupido. Mas, por mais bonito que fosse, não era tão bonito como fazendo umas caretas. Dizem que em Picos os conservadores usam a careta como distintivo. Ao mesmo tempo, disse-me meu especial amigo Belino que seu pai... Pois será possível que a simpática pessoa do doce deputado de Picos não tenha virtude de inspirar a minha obcecada imaginação o suficiente para encher esta tira(...) <sup>1041</sup>.

<sup>1034</sup> CORDEIRO, Pacífico. Cousas e Lousas. *A Imprensa*. Teresina. 1885. 4 jul. Ano XX. n. 874, p. 02.

<sup>1035</sup> RÊGO, 2001, p.201.

<sup>1036</sup> Nasceu em 1846, no município de Alto Longá, localizado a 80 km de Teresina, no norte do estado do Piauí. Foi Médico. Alinhado aos ditames do Partido Conservador, foi vice-presidente provincial, Deputado provincial e Vereador em Teresina, faleceu no Rio de Janeiro em 1904.

<sup>1037</sup> Nasceu na cidade de Crateús, estado do Ceará, em 1832. Foi bacharel em direito, magistrado e vice-presidente da Província no Piauí.

<sup>1038</sup> CORDEIRO, Pacífico. Cousas e Lousas. *A Imprensa*. Teresina. 1885. 4 jul. Ano XX. n. 874, p. 02.

<sup>1039</sup> RÊGO, 2001, p.216.

<sup>1040</sup> RÊGO, 2001, p.243.

<sup>1041</sup> CORDEIRO, Pacífico. Cousas e Lousas. *A Imprensa*. Teresina. 1885. 4 jul. Ano XX. n. 874, p. 02.

As críticas ao Partido Conservador são o foco central na série. A narrativa se desenvolve de modo a evidenciar as incompetências da assembleia provincial. Nesse sentido, os personagens são construídos de forma caricata no intuito de ressaltar o referido aspecto. No folhetim do dia 11 de Julho de 1885<sup>1042</sup>, Pacífico narra a repercussão do seu primeiro folhetim, publicado em 4 de julho daquele ano <sup>1043</sup>. Segundo o autor, a reverberação de sua produção trouxe como resultado o desencadeamento de uma reunião para tentar ensaiar uma reação contra as críticas endereçadas ao grupo conservador. Por meio do diálogo do personagem Jayme, a narrativa evidencia como a desaprovação foi retratada:

O folhetim da “Imprensa” nos é ofensivo. Ofende a mim, aos nossos ilustres colegas Campos, Josino, Baptista e Belino. Convém uma desforra que sirva, quando menos, para mostrar que nós, a maioria da assembleia legislativa provincial, temos a energia suficiente para repelir os ataques que nos dirigem, seja de bala nos campos de Aquibadan, seja na lição gloriosa dos gladiadores antigos, seja, finalmente no estádio luminoso onde o pensamento, como Anteo, emaranha-se no torvelinho adjacente das anfractuosidades do estilo parlamentar. Está em discussão os senhores quem pensam em alguma coisa, tenham palavras. <sup>1044</sup>

Ainda sobre a ideia de jocoso impresso na escrita de Cordeiro esta se apresenta como elemento de constituição de seu estilo. O viés cômico ou irônico é um recurso bastante utilizado como meio de abordar as polêmicas. Geralmente, tais construções narrativas se utilizam do achincalhamento, ou seja, da ridicularização dos personagens, de modo a construir suas críticas. Isso é evidenciado no conto quando o autor conclui “que os atos mais sérios e trágicos vêm mesclados de um pouco de comédia”. Lustosa afirma que a utilização do riso ou da sátira “só alcançará o objetivo se permitir ao leitor desvendar, através da parábola ou da alegoria, situações e fatos que lhes são familiares”<sup>1045</sup>. A presente observação pode ser encarada a partir de um pacto estabelecido entre leitor e autor, cujas referências apresentam-se como um elo que estabelece essa relação. A referência é essencial para que o primeiro agente possa significar o enredo, uma vez que há um estreitamento entre a ficção e a realidade.

Segundo George Minois<sup>1046</sup>, o século XIX traz como uma de suas marcas o desenvolvimento de um riso de combate, propiciado pela intensa luta ideológica travada no referido século, tornando claro que este seria uma arma política<sup>1047</sup>. De acordo com Elias Thomé

<sup>1042</sup> CORDEIRO, Pacífico. Cousas e Lousas. *A Imprensa*. Teresina. 11. jul.1885. Ano XX. n. 875, p.02.

<sup>1043</sup> CORDEIRO, Pacífico. Cousas e Lousas. *A Imprensa*. Teresina. 1885. 4 jul. Ano XX. n. 874, p. 02.

<sup>1044</sup> CORDEIRO, Pacífico. Cousas e Lousas. *A Imprensa*. Teresina. 1885. 4 jul. Ano XX. n. 874, p. 02.

<sup>1045</sup> LUSTOSA, 1993, p.160.

<sup>1046</sup> MINOIS, George. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.

<sup>1047</sup> MINOIS, 2003, p.462-463.

Saliba<sup>1048</sup>, a literatura contribuiu para que o humor ganhasse seu espaço no país. Com os folhetins, o humor e, conseqüentemente, o riso terão sua consolidação, uma vez que um dos principais mecanismos utilizados pelo suporte se refere à exploração do burlesco e do cômico.

É necessário considerar primeiramente que uma parte não desprezível de grande produção humorística brasileira não nasce com a república, ela já existe disseminada na produção literária rotulada, nem sempre de maneira apropriada, de ‘romântica’ e ‘realista’, já que no formato mais leve e fácil dos folhetins, que ocupava o rodapé dos jornais semanais. A tendência era francamente pela produção de histórias cômicas que jogavam com o burlesco, com a surpresa e com o suspense.<sup>1049</sup>

*Em Cousas e Lousas*<sup>1050</sup>, Pacífico Cordeiro creditava ao riso uma função social de crítica, especialmente quando explorava os aspectos grotescos de seus personagens. Ora caracterizando o personagem Belino como o filho mimado e sem opinião, ora apelando para as caretas de Jaime, pai de Belino, o riso também tem uma função racionalista, pois traria para o cerne da questão a ausência do progresso na província do Piauí. Nesse sentido, o riso se transforma em arma de combate para conscientizar os possíveis leitores do despreparo das políticas provinciais.

O riso é a vida para as almas como a minha. Voltaire dizia que o céu nos deu para adoçar as agruras da vida, dois excelentes companheiros: a esperança e o sonho, hei de acrescentar uma terceira faculdade, a do rir. De fato um riso franco, cordial, que irrompe n’alma, seja ao contemplar as caretas do Josino, seja o dedo gigante do Campos, é um consolo que ameniza os pesados pesadumes da vida, faz esquecer mil contrariedades tornando suportável o calor que nos asfixia, o Jayme que nos arrouba etc, etc. Eu me rio. O riso é como dinamite, a eletricidade: um elemento de progresso, uma força destruidora, irresistível. É a minha clava de combate. Os vizinhos da província são o vomitório que lava minha bílis. Quando penso em suas excelências e medito que excelências primam pela pontualidade de correr pelo cofre e mover-se aos acentos inspirados do ilustre Jayme, do meu coração, tenho uma irrupção de riso, e rio-me, rio-me. É uma cócega.<sup>1051</sup>

Da narrativa em torno da reunião convocada com o intuito de combater as críticas publicadas por Cordeiro, só o encontraremos na edição de 21 de novembro de 1885<sup>1052</sup>. O rodapé do jornal ainda continuaria a ser seu espaço de visibilidade, não mais com *Cousas e*

<sup>1048</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira, da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>1049</sup> SALIBA, 2002, p.38.

<sup>1050</sup> CORDEIRO, 1885, n 874-875.

<sup>1051</sup> CORDEIRO, 1885, n.875.p.01.

<sup>1052</sup> CORDEIRO, Pacífico Em redor da Situação. *A Imprensa*. Teresina. 21 nov. 1885. Ano XXI, n.892.p.02.

*Lousas*<sup>1053</sup>, mas com um folhetim denominado *Em Redor da Situação*<sup>1054</sup>. Engana-se quem acha que as produções não tenham conexão. Nesse último folhetim, Cordeiro justifica que seu desaparecimento estava ligado à saída de Belino, Josino e Campos da assembleia.

O leitor me desculpe. Eu não pude, por motivos alheios a minha vontade, dar nestes três últimos meses ares da minha graça. A retirada do Josino, do Campos, do Bellino, do Baptista, que eram o meu encanto, a minha troça, o meu divertimento, deixou-me acabrunhado, sem sal, nem espírito. Aqueles soleníssimos e estapafúrdios deputados eram a minha ideia fixa. Partindo onde achar que servisse de tema a minha nobre musa? Por mais que esporeasse o meu Pégaso, nunca pude beber a límpida santa da inspiração na veia cristalina que emana da montanha habitada pelas nove casas irmãs, forçoso, pois, era calar-me embora contraditoriíssimo. Deus sabe quanto tempo levaria assim, nesse mutismo aterrador, desviado das musas, perdidos nas estéreis planícies da velha proa rasteira da política, da terra, se não me fosse dado pelo destino a aventura de gozar da amizade de um tipo que em si reúne todos os inestimáveis predicados do Josino, do Campos, do Belino, do Baptista, além de P. Guimarães. Esse fenômeno é... sabe, leitor? Nada menos, nada mais que o meu preclaro amigo, o simpático dr. Manoel José de Menezes Prado, digníssimo presidente desta ilustre província<sup>1055</sup>.

O trecho acima constitui a parte introdutória da produção. Cordeiro utiliza como justificativa do seu desaparecimento do rodapé a saída dos deputados Josino, Campos e Belino da assembleia provincial, deixando nosso autor sem inspiração para continuar produzindo. Contudo, seus olhares se voltam para outro aspecto do cenário político piauiense, dando subsídio para visualizar as dinâmicas da cultura política local. O folhetim *Em redor da situação*<sup>1056</sup> centra-se em satirizar o Presidente provincial do período, Manoel José de Menezes Prado<sup>1057</sup>. O riso continua se constituindo como instrumento narrativo cuja finalidade seria atacar os opositores. A referida produção se apresenta como aporte para entendermos como as práticas políticas se processavam no final do Segundo Reinado. Sobre o risível, Jaime Santos Júnior pontua que:

Ao mesmo tempo, a comicidade julga que algo vai mal e que existe um comportamento que supostamente seria o correto. O erro e o direito seriam elementos imprescindíveis para o riso, assim como a adequação daquele que ri a um dos lados do debate. O que seria mais engraçado: o completo desajuste de um indivíduo que tenta se manter correto em uma sociedade degenerada e corrompida, ou a crença de que algo está fora dos eixos justamente pelo desrespeito dos súditos às estruturas e poderes conhecidos?<sup>1058</sup>

<sup>1053</sup> CORDEIRO, Pacífico. Cousas e Lousas. *A Imprensa*. Teresina. 1885. 4 jul. Ano XX. n. 874, p. 02.

<sup>1054</sup> CORDEIRO, Pacífico. *Em redor da Situação*. *A Imprensa*. Teresina. 21 nov. 1885. Ano XXI, n.892.p.02.

<sup>1055</sup> CORDEIRO, Pacífico. *Em redor da Situação*. *A Imprensa*. Teresina. 21 nov. 1885. Ano XXI, n.892.p.02.

<sup>1056</sup> CORDEIRO, Pacífico. *Em redor da Situação*. *A Imprensa*. Teresina. 21 nov. 1885. Ano XXI, n.892.p.02.

<sup>1057</sup> RÊGO, 2001, p.203.

<sup>1058</sup> SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. O cômico como estratégia retórica no debate político. *FACES DA HISTÓRIA*, Assis-SP, v.4, n°2, p. 218-233, Jun.-Dez., 2017,p.220.

Na trama, Prado é representado como um sujeito alheio à realidade política da Província para a qual fora nomeado. Esse desconhecimento é evidenciado, na produção, quando Cordeiro destaca, por meio da narrativa, a “descoberta do personagem em perceber que a Igreja São Benedito, localizada no coração de Teresina, pode ser vista do Palácio do Governo”<sup>1059</sup>. Contudo, o estranhamento é justificável. Prado era das “terras de Tobias Barreto<sup>1060</sup> e Silvio Romero<sup>1061</sup>”, ou seja, oriundo da capitania de Sergipe<sup>1062</sup>. No que tange a esse fato, e conforme já discutido anteriormente, a nomeação de presidentes provinciais, levava consideração o nível de influência e proximidade que esses sujeitos teriam com as principais autoridades da Corte. Tais relações desenhavam o cenário político da época, uma vez que, eventualmente, eram nomeados para os diversos cargos políticos sujeitos de origens regionais diversas, não constituindo obrigatoriedade a origem provincial como fator para o provimento dos cargos de presidentes das províncias, conforme já problematizado anteriormente<sup>1063</sup>.

Muitos dos políticos nomeados sequer assumiam de fato a função, delegando, por vezes, ao vice - que geralmente era um componente político local - ou até mesmo aos presidentes da assembleia provincial<sup>1064</sup>. O diálogo estabelecido entre Prado e o Capitão Costa Afilhado revela o referido aspecto, uma vez que demonstra que o comando da Província ficaria a cargo de Arêa Leão, já problematizado anteriormente.

Outro dia meu amigo dr. Prado recebe o anúncio da visita do não menos ilustre capitão Costa Afilhado, erudito empregado do tesouro provincial. O dr. Prado não se esperar e depois dos cumprimentos do estilo:

- É v.s parente do dr. Arêa ? perguntou.- Alguma coisa sim, sr exc, responde o considerável escriturário. Por que v. s.exc. pergunta?

- Porque tem suissas como ele.- É verdade- Eu sou danado ! disse o dr. Prado, rindo-se com gesto da Penna d'ouro, quando fala da sua pessoa. E os dois talentosos e ilustrados amigos meus travaram animada palestra. O dr. Prado falou que já sabemos; o Costa em coisas que não vale a pena saber; mas inquirio :

- V. Exc. *parle la francaise* ?

- Um peo de chose. Et Vous ?

- Já estou aprendendo maintenant.

<sup>1059</sup> CORDEIRO, Pacífico Em redor da Situação. *A Imprensa*. Teresina. 21 nov. 1885. Ano XXI, n.892.p.02

<sup>1060</sup> Tobias Barreto de Meneses (1839-1889) foi poeta, filósofo, jurista e um dos representantes da Escola de Recife.

<sup>1061</sup> Silvio Vasconcelos da Silva Romero (1851-1914) foi poeta, jornalista, magistrado, crítico literário, historiador, professor e político.

<sup>1062</sup> CORDEIRO, Pacífico Em redor da Situação. *A Imprensa*. Teresina. 21 nov. 1885. Ano XXI, n.892.p.02.

<sup>1063</sup> RÊGO, 2001, p.201.

<sup>1064</sup> RÊGO, 2001, p.201.

- Bien. Mas vous avec quem aprendeis vous ?

- Avec moi meme.

- Certament´e tres rares quelqu un aprender sans um mestre , qui lui ensine , pour quoi le mestre ´e indispens´avel.

- ui, j´a creio.

E os dois ilustres s´abios continuaram a conversar em frances, l´ingua que não capisco. Quando o Costa parlio o dr. Prado , admirado de encontrar um homem de tamanha ilustração, murmurou satisfeito:

- J´a encontrei um do meu tope. O cabra fala frances como o diabo; mas não me venceu.<sup>1065</sup>

Em grande medida, as produções pol´ıticas analisadas no espaço tipogr´afico folhetinesco coincidiam com a mudança de grupo no poder, mesmo que assumissem a cadeira presidencial somente por horas. Na edição do peri´odico *A Imprensa*, em que a produção folhetinesca *Dente por dente* foi publicada e problematizada no cap´ıtulo anterior, quando analis´avamos o car´ater prescritivo<sup>1066</sup>, encontramos uma den´uncia no espaço destinado ao subt´ıtulo do Jornal, presente na edição de 28 de novembro de 1885<sup>1067</sup>.

**Figura 12** - Subt´ıtulo do Jornal utilizado como espaço de den´uncia contra as demissões dos liberais no poder.



<sup>1065</sup> CORDEIRO, Pacífico Em redor da Situação. *A Imprensa*. Teresina. 21 nov. 1885. Ano XXI, n.892.p.02

<sup>1066</sup> CASTOR E POLUX. *Dente por Dente*. *A Imprensa*. Teresina. 28 nov. 1885. Ano XXI,n. 893. p. 01.

<sup>1067</sup> *A Imprensa*. Teresina. 28 nov.1885. Ano XXI, n. 893. p. 01.

**Fonte:** *A Imprensa*. Teresina, 28 nov. 1885.p.01. **Disponível:** Projeto memória do jornalismo Piauiense.

Na imagem acima, é possível visualizar a seguinte informação:

No dia 14 de outubro de 1885, o espoleta Raimundo Arêa Leão, que por 49 horas conspurcou a cadeira presidencial desta província, demitiu, em menos de cinco horas, cento e tantos empregados liberais, entre os quais muitos vitalícios!!! Horror... No dia 11 de novembro do mesmo ano o desbragado Manoel José Menezes de Prado calcando aos pés a Res. n.1062 de 15 de junho de 1882, removeu forçosamente quatro professores de instrução primária!<sup>1068</sup>.

Em *Fatores do Coelhado*<sup>1069</sup>, de Clodoaldo Freitas, publicado em 1892, a questão levantada acima se torna mais visível. Nesse período, o Brasil se encontra sobre o auspício do processo republicano. Contudo, as configurações de certas práticas políticas permanecem. As motivações que ensejaram a concepção da obra estão ligadas ao episódio da sustação da nomeação de Clodoaldo ao cargo de Juiz na comarca da cidade União, durante o governo de Campos Sales<sup>1070</sup>. Nesse sentido, a obra é utilizada para atacar não apenas a referida prática, como também endereçada ao Presidente republicano em questão e a Coelho Rodrigues, responsáveis, segundo o autor, pela anulação<sup>1071</sup>.

Bacharel em Direito, sem preparo algum científico, o Sr. Campos Sales é tão ignorante que confundiu soberania com autonomia, federação com confederação, baralhando princípios e termos que todo segundanista conhece, o que obrigou ao Dr. José Higino dar-lhe uma tremenda e vergonhosa lição. Dentre os mentores que mais ou menos guiavam o bestunto do incompatível ministro, destaca-se, pelo modo brutal com que dirigiu, o Sr. conselheiro Antônio Coelho Rodrigues, aquele a quem foi dada a confecção de um código civil mediante a ninharia de 172 contos de réis! Posto à mercê de um gênio diabólico do destemperado jurisconsulto contratado, o Sr. Campos Sales chafurdou-se na lama de todas as vinganças que o jurisconsulto tinha a exercer no Piauí, e, como um instrumento inconsciente, feriu a esmo a quem o censor mandou ferir. Eu fui a primeira vítima do subserviente paulista. A minha nomeação para o cargo de juiz de Direito da União e a subsequente anulação do decreto que me nomeou, tem uma história que é edificante e mostra até onde pode descer a baixaza de um infeliz que circunstâncias imprevistas investiram com um elevado cargo<sup>1072</sup>.

<sup>1068</sup> *A Imprensa*. Teresina. 28 nov.1885. Ano XXI, n. 893. p. 01.

<sup>1069</sup> SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e Identidade: as narrativas da piauiensidade*. Teresina: UFPI, Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, 2008.

<sup>1070</sup> Nasceu em Campinas, em 1841, e falecido em Santos, em 1913, Campos Sales foi um advogado com grande atuação na política, sendo o quarto presidente da República.

<sup>1071</sup> SOUZA, 2008, p.135.

<sup>1072</sup> SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e Identidade: as narrativas da piauiensidade*. Teresina: UFPI, Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, 2008, p.16.

Não pretendemos esgotar as possibilidades de análise sobre a obra acima. Nosso intuito é de apenas visualizar como tais práticas se processavam no recorte proposto pela presente Dissertação. Vale destacar, ainda, a observação de Queiroz, que, ao analisar o início do processo republicano, nos ajuda a pensar como a cooptação era utilizada como mecanismo de demarcação de poder. Elemento que não se restringe apenas ao regime que se instaurou em 1889, mas que já se encontrava enraizado no Império.

A cooptação é um mecanismo de fácil operacionalidade na política clientelística republicana e um dos seus elementos de autopreservação, desde que os grupos dos seus elementos de autopreservação, desde que os grupos no poder têm o controle quase total da máquina governamental, utilizando-se tanto no sentido do favorecimento via empregos e concessão de serviços públicos, como no sentido contrário, de tornar efetivas possíveis pressões de afastamentos da fruição das benesses governamentais. As migrações por motivação política entre os grupos partidários em disputa eram perceptíveis na órbita estadual e conferiam agilidade e dinâmica aos grupos no poder<sup>1073</sup>.

Em 1887, os Conservadores assumem o poder. Nesse momento, assume a presidência o maranhense Francisco José Viveiros de Castro<sup>1074</sup>. Em 11 de novembro do referido ano, o periódico liberal *A Reforma publica*, em seu rodapé, um folhetim denominado *Uma Noite Pelo Alto*<sup>1075</sup>. O ambiente onde a trama é desenvolvida gira em torno de uma reunião do presidente provincial no palácio do governo com deputados apoiadores, um encontro regado a jogatina. Tal aspecto pode ser visto como uma crítica direcionada aos Conservadores de modo a representar os personagens do enredo pelas suas inabilidades. Um ponto a ser destacado diz respeito à forma como a produção retrata a mudança de presidente. Na última parte do folhetim o presidente, nomeado apenas como “S. exc.”, recebe um telegrama cujo teor anunciava a derrota do ministro do Império e, com isso, as mudanças que essa ação ensejaria.

Um soldado entrou trazendo um telegrama para S. Exc. Reinou um respeitoso silêncio, porque, neste telegrama, entrava a majestade do governo. S.Exc. o abriu pausadamente e mais pausadamente leu. Todos estavam fixos em Jesus os olhos dos seus discípulos no instante em que, envolvido na nuvem de ouro azul, elevou-se ao céu. Por fim S.Exc. como uma gravidade inacreditável de tão verdes anos, leu:

Derrotado o ministro do Império!

Não há novidades. Deschamps.

<sup>1073</sup> FREITAS, 2018, p.108.

<sup>1074</sup> Foi um juiz criminalista de bastante atuação no final do século XIX. Suas teorias e ideias foram amplamente utilizadas na jurisprudência do período.

<sup>1075</sup> MONTIVERDE, Albert. Uma noite pelo alto. *A Reforma*. 1887. n.32. p.01

Entrou um criado com uma bandeja de café. Os pensamentos convergiram para o saboroso licor e por um momento só se ouvia os estrondosos sorvos de goles que desciam pelas goelas conservadoras.

Retiradas as xícaras, recomeçou o jogo para o qual voltaram todas as atenções. S. Exc fez-se de distraído. O dr. Polidoro ponderou:

- Deixe as cogitações, Exm<sup>o</sup> e distraia-se.

- O estadista cogita nos negócios públicos ainda no meio das distrações mais íntimas.

- Político assim nunca se viu, bradaram.

S. Exc. levantou-se e, como de costume, saiu coxeando, bamboleando o seu corpinho teso, passeando de um lado para o outro debaixo das inclinações. Dizia:

- Este há de ser um grande homem.

- Será o nosso Pitt.

- Petit ele já é.

- É um prodígio.

- S. Exc. ouviu tudo isto com os lábios abertos pelo riso *André* que é peculiarmente encantador fazendo pequenas mesuras em sinal de reconhecimento.

A corneta que estrondou embaixo no corpo do guarda, abafou esse chorrilho de pontos de admiração e S. Exc., desde que não podiam seus adoradores render-lhe culto, não os expunha ao dissabor de pregarem no deserto<sup>1076</sup>.

O periódico liberal *A Imprensa* também reagia à subida dos conservadores ao poder. O ano era 1888, apesar da possível mudança de presidente, com a nomeação do carioca Raimundo José da Silva, e de Firmino Licínio como vice-presidente, o cargo ainda pertencia a hordas do Partido Conservador. À semelhança do ocorrido em *Uma noite pelo alto*<sup>1077</sup>, o ambiente da trama desenrola-se em uma reunião. Mas, diferentemente da surpresa nada agradável que o presidente do folhetim publicado no jornal *A Reforma* recebe com a troca do gabinete, em *A Recepção*<sup>1078</sup> as confabulações giram em torno do ataque que estavam preparando. Isso retrataria a reação dos conservadores para com as críticas dirigidas pela *A Imprensa*, reforçando as querelas políticas que se processavam entre os periódicos.

O relógio da matriz acabava de dar 10 horas e o Gabriel, que comparece por último às reuniões, ainda não tinha aparecido. Já ia se fazendo tarde e o centro já se mostrava ansioso para entrar na matéria positiva d'aquela reunião familiar. Mas o Chiquinho que sabe compreender essas coisas de um pulo entrou no gabinete e voltou trazendo entre os dedinhos uma tira de papel.

<sup>1076</sup> MONTIVERDE, Albert. Uma noite pelo alto. *A Reforma*. 1887. n.32. p.01.

<sup>1077</sup> MONTIVERDE, Albert. Uma noite pelo alto. *A Reforma*. 1887. n.32. p.01.

<sup>1078</sup> A Recepção. *A Imprensa*. Teresina. 1888. n. 1006, p. 01.

- Será alguma novidade! murmurou surdamente o Jeremias.

O Polidoro olhou de socapa; só o Maire e o Jayme conversavam a deliciosa posição de perfeitos aristocratas.

O Chiquinho aproximou-se com seu sorriso alvar e disse empaticamente:

- Depois da leitura deste trabalho que há de ser publicado na coluna editorial da “Época”.

O Polidoro tomou uma pitada e passou ao cumprido lenço no nariz.

- ... iremos tomar uma chávena de chá, onde esperaremos a amável chegada do nosso amável Gabriel. Nesse meu trabalho ataco o chefe liberal; mas o faço debaixo da crítica mais fina, mas tão fina que nem a fineza do Polidoro.

E no mais religioso silêncio começou de pé o Chiquinho que acabou trepado numa cadeira a leitura de sua mimosa produção que vem publicada na primeira parte do noticiário da “Época” de 20 do cadente.

- É um poema! bradou o Jeremias.

- É uma maravilha! juntou o Polidoro.

O Jayme e o Maire deram sinais de admiração.

O Chiquinho estava *rempli soi meme*.

No entanto, Polidoro começou a filosofar consigo:

- “A Imprensa” já disse isso mesmo do pequeno, com algumas diferenças de palavras, mas o pensamento é o mesmo... e aquele patusco divertido ... então...pode ser ... e querer publicar como editorial...vejamos se podemos arranjar as coisas<sup>1079</sup>.

Ao que tudo indica, as depreciações eram dirigidas ao presidente da Província. A presença do presidente se dá de modo a destacar a sua onipresença no enredo, este não possui um nome, mas se apresenta na produção por meio de sua característica física, desprovido de uma grande estatura. Acreditamos que elementos como esses são utilizados não apenas para ridicularizar o alvo, mas para fazer com que o leitor, conhecedor da realidade do período, identifique a pessoa que está sendo retratada. E o que podemos apreender de toda essa discussão produzida no presente capítulo? Primeiro, reforça cada vez mais o caráter miscelânico do folhetim nos periódicos teresinenses. E, em decorrência dessa observação, advém uma segunda compreensão, a de que as questões políticas que atravessaram o cenário político piauiense chegavam até o rodapé do jornal, dando possibilidade de entendermos através dele como essas dinâmicas eram (re) construídas.

<sup>1079</sup> A Recepção. *A Imprensa*. Teresina. 1888. n. 1006, p. 01.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ATÉ BREVE!

“[...] O leitor se contente com o que aí fica e não tenha pena que estou disposto a dar-lhe semanalmente um folhetim a propósito de qualquer coisa. O meu amigo Prado tem boas e quando não tiver mais nada, não falta assunto para qualquer um dizer asneiras, como eu digo, sem entrar em contenda com pessoa alguma. O leitor sabe que sou velho, galhofeiro, um pouco gamenho, divertido, de coração nas mãos. Quero bem a todo mundo, não maldigo da minha sorte, nem me revolto contra o destino que vai acabando com a minha força. Assim mesmo, ainda não me troco por muitos moços. Até Breve”<sup>1080</sup>.

O trecho acima corresponde ao fechamento da produção *Em redor da situação*<sup>1081</sup>, utilizado no capítulo anterior a fim de evidenciar os usos políticos que aportaram no espaço tipográfico. Ao pedir que o leitor contenha a ansiedade, Pacífico Cordeiro, autor do referido folhetim, cujo trabalho tivemos o prazer de analisar, nos possibilitando, inclusive, alguns momentos de descontração, realça uma característica que se apresentou como itinerário de toda nossa investigação: a ideia de que as produções folhetinescas dos periódicos teresinenses entre 1871 a 1903 apresentam como marca o caráter dinâmico. O “Até Breve” brinca com os deslizamentos do tempo, pois os folhetins poderiam ter continuidade ou vida curta. Brinca com a atenção ao presente ou com o passado-presente, mas insinua a potência do porvir e do devir. Brinca com as interações entre texto, autor, leitor, consumo e recepção.

Outros folhetins parecem dialogar com a referida concepção. Raul de Saint Clair, ao nos presentear com a ideia de que “o folhetim é uma coisa vaporosa e saltitante”<sup>1082</sup> queixava-se de estar sem folhetim (leia-se sem assunto), confessando que “precisava de um assunto volátil, caprichoso e interessante”<sup>1083</sup>, destacando a ideia da volatilidade que uma produção disposta no rodapé do jornal apresentava. O fato é que uma miscelânea de gêneros aportava nos folhetins. Nelas, encontramos as crônicas, o conto, o romance, as críticas e o político, descristalizando a ideia, há muito tempo construída, de que o suporte era concebido como sinônimo do romanesco.

Confessamos que o objetivo inicial do presente estudo estaria ligado somente em desconstruir o binômio folhetim – romance, e o fizemos durante o desenvolvimento de toda a Dissertação, de modo mais específico, nos debruçamos sobre essa questão na primeira parte do estudo. A cada folhetim encontrado, a riqueza de análises e de possibilidades era atestada,

<sup>1080</sup> CORDEIRO, Pacífico Em redor da Situação. *A Imprensa*. Teresina. 21 nov. 1885. Ano XXI, n.892.p.02.

<sup>1081</sup> CORDEIRO, Pacífico Em redor da Situação. *A Imprensa*. Teresina. 21 nov. 1885. Ano XXI, n.892.p.02.

<sup>1082</sup> SINCLAIR, Raul de. Nota a Êsmo. *A Reforma*. Teresina. 21 out.1887. p.02.

<sup>1083</sup> SINCLAIR, Raul de. Nota a Êsmo. *A Reforma*. Teresina. 21 out.1887. p.02.

levando-nos a entendê-las pela ideia de espaço tipográfico. A referida chave de leitura possibilitou que analisássemos o corpus documental por meio das suas miscelâneas. Antes foi necessário problematizar a emergência do suporte. Por meio desse viés, observamos que o folhetim encontrou na Inglaterra e na França espaço de desenvolvimento. No segundo país, isso ocorreu de modo muito mais intenso, pois foi a partir dele que a rubrica se transformou em um fenômeno social, reconfigurando a literatura, a imprensa, as noções de autoria, consumo e práticas de leituras.

Como um espaço que reinventou a narrativa e revolucionou o impresso, os folhetins logo chegaram ao Brasil. Devido ao grande sucesso alcançado por folhetinistas que se tornaram célebres - como é o caso de Eugene Sue -, é perceptível que as referidas produções chegaram aos trópicos de forma quase concomitante ao seu surgimento na França, em um primeiro momento, por meio de compilados comercializados em livrarias. Em 1839, os exemplares exportados do país que consagrou o folhetim passaram a serem publicados nos jornais da Corte, repetindo o sucesso que o suporte promoveu na França. E não somente isso, poderíamos afirmar que as produções folhetinescas auxiliaram no processo de desenvolvimento de um movimento da literatura nacional que, nos Oitocentos, estava a serviço da construção de um projeto de nação.

Vários autores e obras, hoje reconhecidos e estudados, ganharam visibilidade por meio da fórmula. Machado de Assis, José de Alencar, Raul Pompeia, dentre outros de uma extensa lista, são exemplos de como os folhetins serviam de vitrine e ajudavam a dar contorno à produção literária da época. Quem não se lembra das aulas de literatura no Ensino básico, em que as explanações sobre o movimento do Romantismo brasileiro vinham acompanhadas da nota explicativa de que, em grande medida, tais obras eram primeiramente publicadas de forma fatiada por meio de folhetins? Por certo, esse fato povoa a memória de muitos.

Antes da narrativa publicada em livro, a narrativa a conta gotas servia para medir o grau de popularidade e aceitação de uma obra. Primeiro no jornal, depois editado em livros, o folhetim se apresentava como um grande laboratório em que o produtor poderia se dar a liberdade de experimentar e analisar o alcance de sua produção e também fazer alguns ajustes durante a transposição para os livros. Mais uma vez destacamos que, além do romance, a crônica, a poesia e a crítica também encontravam lugar no espaço folhetinesco.

Precisar o marco inicial das produções folhetinescas em Teresina apresentou-se como um empecilho. Optamos, nesse caso, por trabalhar com vários jornais entre o final do século XIX e início do século XX, de 1871 a 1903. O estado de conservação das fontes pode ser apontado como justificativa para nossos recortes. Só foi possível estabelecer um olhar sobre as

produções locais graças ao mosaico que fomos montando por meio dos diferentes impressos surgidos na imprensa periódica teresinense do período. A partir daí, outra problemática surgiu: a de entender as dinâmicas que atravessavam os folhetins dos periódicos teresinenses e esse aspecto foi desenvolvido por meio das relações de poder que marcavam essas produções. Eleger esse elemento permitiu que entendêssemos como suporte também era significado, daí a importância de analisar a referida nuance, por meio da noção de espaço tipográfico.

A fim de evidenciar esse aspecto, alguns itinerários foram percorridos. Primeiro, foi necessário problematizar como o espaço tipográfico se localizava no próprio jornal e como ele concorria por lugar nas folhas noticiosas. Por esse viés, foi possível perceber que até mesmo a disposição dos folhetins se apresentava de maneira maleável. Ora no rodapé do jornal, ora de forma vertical, ora nas duas primeiras páginas, ora nas últimas. Observamos, com isso, que a estrutura dos folhetins se apresentava como uma possibilidade de análise. O segundo itinerário percorrido foi perceber como a visibilidade propiciada pelo folhetim dava aos literatos locais a possibilidade de terem suas produções publicadas em um meio onde imperavam inúmeras dificuldades no que tange à política editorial desse período. Nesse momento, poucos conseguiram, de fato, publicar suas obras, e os que fizeram, conseguiram tal intento fora do Piauí.

O terceiro aspecto diz respeito às representações que os folhetins no periódico piauiense apresentavam. Ao lançar um olhar por esse prisma, foi possível problematizar os usos que os folhetins nos periódicos teresinenses possuíam e, assim, perceber como suas dinâmicas se desenhavam. Primeiro, procurando problematizar a relação entre o folhetim e as práticas de leituras femininas, demonstrando que a referida relação é bem mais complexa que imaginamos, não cabendo, portanto, visões simplistas. E, por fim, os múltiplos gêneros que foram ao encontro do rés-do-chão. Ali, encontramos, além dos romances e das crônicas, a publicação de relatos de viagem, trajetórias de vida, poesias e monólogos.

Poderíamos ter focado apenas no estudo sobre as representações dos folhetins nos periódicos teresinenses. Contudo, à medida que íamos nos debruçando sobre as fontes, outras perguntas surgiram e, com elas, outras problematizações. Analisar o folhetim do ponto de vista dos usos e imagens nos fez perceber o quanto era importante analisar as produções pela perspectiva de conteúdo, e isso constituiria uma outra face da Dissertação. Ao analisarmos a rubrica presente no jornal, foi possível investigar o teor ordenativo de algumas dessas produções, cuja pretensão estaria em intervir socialmente. A presente chave de leitura nos levou a três caminhos possíveis. Primeiro, o de analisar a relação entre escrita e ideologia. Por meio disso, foi possível perceber o retrato de uma sociedade e de uma época, com produções de

cunho cientificista, filosófico e prescritivo. Segundo, o de analisar o lugar social dos produtores e, com eles, refletir sobre a constituição de uma intelectualidade que se forjava por meio várias frentes, através da atuação na imprensa. E, por fim, problematizamos a questão dos pseudônimos, ocasião em que visualizamos os embates e tensões sociais que se processavam no ato de se esconder. Com a análise dos pseudônimos, foi possível perceber múltiplas facetas das narrativas, da escrita, dos sujeitos escritores e dos sujeitos leitores, pois a leitura envolve agentes da criação, da produção, da circulação, da recepção e da apropriação.

Esse último aspecto nos propiciou novas perguntas e, com elas, novas possibilidades de investigação. Como perceber essas tensões sociais e disputas por meio dos folhetins? Esse aspecto se deu por meio da análise das polêmicas de algumas produções e percebermos como esses sujeitos se posicionavam, quais as visões de mundo apreendidas a partir dessas demarcações e como ocorriam as disputas com a recepção de algumas temáticas retratadas. Particularmente, entendemos que as crenças, os valores e o posicionamento de um determinado grupo auxiliam no processo de definição de um cenário político da época, uma vez que é possível compreender as disputas de poder. Nesse ínterim, foi possível perceber produções cuja temática retratava, de forma direta e indireta, as disputas político-partidárias do período entre liberais e conservadores.

Confessamos que esse aspecto foi uma grata surpresa do levantamento documental produzido. Grande parte dos jornais dos quais nos apropriamos era de periódicos de direcionamento político. Muitas dessas folhas noticiosas, quando seu partido estava no poder, servia de órgão oficial dessas agremiações políticas. Algumas dessas referidas discussões eram estendidas aos folhetins. Por meio dessas produções, tivemos a oportunidade de compreender um pouco sobre as disputas ocorridas. As críticas e os apedrejamentos contra seus opositores se constituíram em uma prática política da época. Mas uma outra forma de perceber as críticas se relaciona ao entendimento de como o riso e o escárnio pautavam as querelas políticas desenvolvidas no espaço tipográfico folhetinesco. Algumas produções recorriam ao cômico como forma de ataque aos seus opositores.

De tudo aquilo que foi analisado e problematizado surge uma última indagação: o que aprendemos ao analisar as produções folhetinescas nos periódicos teresinenses entre 1871-1903? Sabemos que a pergunta é demasiadamente complexa e um tanto audaciosa. Mas nos arriscamos em tentar responder. O estudo sobre o objeto possibilitou que percebêssemos como as construções sociais foram produzidas, nos apresentando as visões de um mundo, e como os sujeitos imprimiam valores, significando sua realidade. Confidenciamos que a leitura dos diversos folhetins suscitou várias reações, como surpresa com as reviravoltas dos personagens;

curiosidade, quando não tínhamos acesso ao volume completo de determinadas tramas; momentos de risos, ou seja, assim como os leitores da época, nos sentimos envolvidos com cada enredo que sugia como possibilidade de análise. Para além dessas questões, reforçamos que o estudo sobre os folhetins abre possibilidade para percebermos como a imprensa, a literatura e as práticas de leituras foram reconfiguradas, oportunizando a nós, historiadores, entendermos como as transformações sociais se processam a partir dessas relações.

Os folhetins, com suas manifestações de forma e conteúdo, estavam imersos nos meandros de temporalidades marcadas por disputas, relações e polissemias. Os folhetins, assim, só podem ser problematizados e compreendidos como práticas e discursos localizados no tempo, para o tempo e contra o tempo, pois (re) construíram realidades. Ficaremos por aqui, desejando que outros desdobramentos sobre o objeto de estudo surjam e, a partir deles, novos olhares.

**Até Breve!**

*Clio*

## 6 REFERÊNCIAS

### 6.1 Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JR. Durval. Raros e rotos, restos, rastros e rostos: Os arquivos e documentos como condição de possibilidade do discurso historiográfico. *Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte*. 15, n. 26, jan.-jun. 2013. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História.

ABREU, Márcia (Org.). *Romances em Movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789- 1914)*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

\_\_\_\_\_. *Diferentes Formas de Ler*. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências e Comunicação, Intercom. Campo Grande, MT, 2001. Disponível em <<https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>> Acesso em : 28. Fev.2020.

BARBOSA, Marina Souza. *Desvendando o desastre do Vapor Bahia (1887)*. (Dissertação – Mestrado). Recife: 2014.

\_\_\_\_\_. Problemas de História Literária e Interpretações de romances. *Todas as letras X*, São Paulo, v16, n.02.nov, 2104.p 39-52.

\_\_\_\_\_. Uma comunidade Letrada Transnacional. In: ABREU, Márcia; MIDORI, Deacto (Orgs.). *A Circulação transatlântica dos impérios: conexões*. Campinas, SP: Publiel, 2014.

ALENCAR, Maria Eduarda Santos. *Tradutoras Brasileiras dos Século XIX e XX*. (Dissertação – Mestrado). Florianópolis, SC. 2016.

ALENCAR, José. *Senhora*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. Versão E-book.

ASSIS, Machado de; GLEDSON, Jhon (Orgs.). *Crônicas Escolhidas*. São Paulo: Penguin Clássicos, Companhia das Letras, 2013.

ARAÚJO, Vinícius Leão. *História e Imprensa: a cultura política em jornais piauienses de 1868 a 1875*. Teresina:UFPI. Dissertação de mestrado do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, 2013.

ARAÚJO, Jhony Santana de. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos ... : a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a guerra do Paraguai (1865-1866)*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

AVELINO, Jarbas Gomes Machado. *As Escritas dos Bacharéis: a ciência e o direito como mediadores para a construção de uma sociedade republicana*. Teresina: UFPI, Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, 2010.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Os intermediários da leitura na Paraíba do Oitocentos: Livreiros e Tipógrafos. IN: ABREU, Márcia. BRAGANÇA, Aníbal (Orgs.). *Impressos no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil (1800-1900)*. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2010.

BELO, Pedro. *História & Livro e Leitura*. Belo Horizonte- MG: Autêntica, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: Um lírico no auge do Capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. *A Obra de Arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2006.

\_\_\_\_\_. *Magia, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: as aventuras da modernidade*. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean- François. (Orgs.). In: *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p.349-364.

BEZERRA, Valéria Cristina. *O Romance de Alexandre Dumas no Brasil*. Disponível em : <[http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/dossie\\_valeria\\_pt.pdf](http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/dossie_valeria_pt.pdf)>. Acesso em 26 de fevereiro de 2020.

BOSI, ALFREDO. Narrativa e Resistência. *Revista Itinerários*. Araraquaras-SP.n.10.1996. p.11-27.

BORDIEU, Pierre. *A Regra das artes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BLOCH, March. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BROCCHETTI, André. Entre golpes e dispositivos: Foucault, Certeau e a constituição dos sujeitos. *História da Historiografia*. n. 18. agosto. 2015.p.43-56. Ouro Preto- MG: Universidade Federal de Ouro Preto.

CARVALHO, José Murilo de *A Construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. A Vida Política. CARVALHO, José Murilo (Org) In: *A Construção Nacional (1831-1889)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. Coleção História do Brasil Nação.2012. p.82-127.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais a condição feminina na primeira república*. Teresina: Bagaço, 2005.

\_\_\_\_\_. *História e Masculinidades: a prática escriturísticas dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2008.

\_\_\_\_\_. *As Redefinições no Mundo do Trabalho e a Construção das Identidades de Gênero no Fim do Século XIX e Início do Século XX*. ALAVARENGA, Valtéria Melo, NETO,

Marcelo de Sousa, FONTINELES FILHO, Pedro Pio. (Orgs.). In: *A História sob múltiplos ângulos: trajetórias de pesquisa e escrita*. Teresina: EdUESPI, 2020, p.39-62.

CASTRO, Chico. *Marquês de Paranaguá (1821-1912)*. Brasília: Câmara dos Deputados. Coleção Edições Câmara, 2009.

CANO, Jefferson. Justiniano da Rocha, o Cronista do Desengano. In: CHALHOU, Sidney. NEVES, Margarida de Souza Neves. PEREIRA, Leonardo Afonso de. (Orgs.). *História em Cousas Miúdas*. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2005, p.25-67.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. (Org.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e sua transformação no Brasil*. Campinas, SP: Fundação Rui Barbosa, 1992.

CAPARELLI, André. O Folhetim e a Crônica na França e no Brasil: Produção e Recepção Midiática em Meados do Século XIX. In: ANDRIES, Lise; GRANJA, Lúcia. (Orgs.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil/ França, Século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015, p.107-129.

CHAVES, Monsenhor. *Obras Completas*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

CHARTIER, Roger; PAIRE, Alain. (Orgs.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. *A Ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. *O que é um autor? Revisão de uma Genealogia*. São Carlos: EDUFSCAR, 2014.

\_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do livro ao navegador- conversações com Jean Lebrun / Roger Chartier*. 1ª reimpressão. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. Do livro à leitura. CHARTIER, Roger; PAIRE, Alain. (Orgs.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p.77-105.

\_\_\_\_\_. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHALHOUB, Sidney. NEVES, Margarida de Souza Neves. PEREIRA, Leonardo Afonso de. (Orgs.). *História em Cousas Miúdas*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *História Contada: capítulos da História Social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2013.

CHAUÍ, M. Notas sobre utopia. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 60, n. 1 - Especial, p. 7- 12, 2008.

CAPELATO, Maria Helena. A Imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: VILLAÇA, Mariana e PRADO, Lígia Coelho. *História das Américas*. São Paulo: Humanitas, CAPES, 2015. [Recurso eletrônico].

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998. v.1.  
\_\_\_\_\_. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

COSTA. Emília Viotti da. *Da Monarquia à República*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Familiar e Discurso médico*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

COSTA, Mara Lígia Fagundes. *A Escrita e o desejo: as relações de gênero na produção literária de Clodoaldo Freitas*. Teresina: UFPI, Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, 2010.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *O Beijo de lamourrette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo. Companhia das Letras. 1990.

\_\_\_\_\_. História da Leitura. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p.203-242.

\_\_\_\_\_. A Leitura rousseauista e um leitor “comum” no século XVII. CHARTIER, Roger; PAIRE, Alain. (Orgs.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p.143-170.  
DELEMEAU, Jean. *História do Medo no ocidente: 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUMASY-QUEFFELÈC, L. Le Feuilletton. In: KALIFA.D.; RÉGNIER, P.; THÉRENTY, M. VAILLANT, A. (Orgs). *La Civilisation du jornal: une histoire de la presse française au XIX siècle*. Paris: Nouveau Monde, 2011, p.925-936.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: uma História dos Costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FANINE, Ângela Maria Rubel. *Os romances-folhetins de Aluísio de Azevedo: aventuras periféricas*. Florianópolis: UFSC, Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Teoria Literária da Universidade de Santa Catarina, 2003.

FERREIRA, Ronyere. Cotidiano e imprensa periódica na Teresina dos oitocentos. In: LIMA, Nilsângela Cardoso Lima (Org.). *Páginas do Piauí colonial e provincial*. Teresina: EDUFPI, 2020, p.253-275.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Estética: Literatura e Pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis, RJ, 2014.

\_\_\_\_\_. *As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREITAS, Clodoaldo. *Biografia e Crítica*. Pesquisa e organização de Teresinha Queiroz. Imperatriz- MA: Ética, 2010.

\_\_\_\_\_. *Vultos Piauienses: Apontamentos Biográficos*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2012. (Coleção Centenário).

\_\_\_\_\_. *Os Fatores do Coelhado: Esforços de História*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. *História de Teresina*. 2. ed. Teresina: Mentis Abertas, Organização, apresentação e notas de Teresinha Queiroz e Ronyere Ferreira, 2020.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis - antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção*. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2018.

GRANJA, Lúcia. ANDRIES, Lise (Orgs.). *Literaturas e Escritas da Imprensa, Brasil/ França, século XIX*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015. Coleção História da Leitura.

\_\_\_\_\_. *A Era dos Extremos (1875-1914)*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Paz e Terra, 2019.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOULEMOT, Jean Marie. Da Leitura como produções de sentidos. In: CHARTIER, Roger; PAIRE, Alain. (Orgs). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p 106- 116.

GOETHE, J. W. *Os sofrimentos do Jovem Werther*. Porto Alegre: Martin Claret, 2010.

HARTOG, François. *Regimes de Historicidades: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOHLFEDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPCURS,2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LUCA, Tânia Regina de e MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006. [Livro Eletrônico].

LUCA, Tânia Regina de. *A Ilustração (1884-1892): Circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

LUDWING, Paula Fernanda. *O Melodrama Francês no Brasil*. Santa Maria: UFSM, Tese de Doutorado do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2015.

LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo Método Confuso: Humor e Boemia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 1993.

MAGALHÕES, Maria do Socorro Rios. *Literatura Piauiense: Horizontes de leitura & Crítica Literária*. Teresina: EDUFPI. Academia Piauiense de Letras, 2016.

MATOS, M. I. S. DE. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. *Locus: Revista de História*, v. 17, n. 2, 23 abr. 2012, p.125-143.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p.45-82.

MARX, Karl e ENGELS, Frederich. *Manifesto do partido Comunista*. SP: Martin Claret, 2006.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MENDES, Maria Lúcia Dias. Romance-Folhetins sem fronteiras: O caso de Alexandre Dumas. In: ABREU, Márcia (Org.). *Romance em Movimento: A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2016. p. 223-253.

MINOIS, George. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.

MOREL, Marco. Os Primeiros Passos da Palavra Impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 23-44.

NADAF, Yasmim Jamil. *Rodapé das Miscelâneas: folhetins nos jornais mato grossense: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2002.

NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. *Oligarquia Pires Ferreira : família e poder político no Piauí (1889-1920)*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2016.

PAIXÃO, Alexandre Henrique. O Gosto literário pelos romances no gabinete português de leitura do Rio de Janeiro. **In:** ABREU, Márcia (Org). *Romances em Movimentos: A Circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p.255-278.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. *A França em Nosso Caminho Cultural*. In: ANDRIES, Lise; GRANJA, Lúcia. (Orgs.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil/ França, Século XIX*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p.25-35.

PASTRO, Sandra Maria. *Os folhetins de Nelson Rodrigues: um universo de obsessões em fatias parcimoniosas*. Dissertação (Teoria Literária) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PALLOTTINI, Renata. Telenovela: os bons e os maus. *XXIII INTERCOM*, GT 21 Ficção Televisa e Seriada. Manaus: 02 a 06 de setembro de 2000.

PEREIRA, Wellington dos Santos. *Cartografando uma cidade, descortinando seus elementos: um olhar sobre os folhetins em Teresina na segunda metade do século XIX*. (Monografia-Graduação). Teresina: UFPI. 2010.

PEREIRA, Wellington dos Santos. FONTINELES FILHO, Pedro Pio. *Nos Domínios de Sexete: Sociedade e Cultura nos folhetins em Teresina-PI, na segunda metade do século XIX*. **In:** ALAVARENGA, Valtéria Melo, NETO, Marcelo de Sousa, FONTINELES FILHO, Pedro Pio. (Orgs.). *A História sob múltiplos ângulos: trajetórias de pesquisa e escrita*. Teresina: EdUESPI, 2020, p.63-84.

PESAVENTO, Sandra. Na contramão da vida: de onde a imprensa faz da história um folhetim. **In:** LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p.367-396.

\_\_\_\_\_. *História & História Cultural*. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012. Coleção História & Reflexões.

\_\_\_\_\_. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, n. 29, 1995.p 09-27.

PINHEIRO, Celso. *História da Imprensa Piauiense*. Teresina: Zodíaco. 1997.

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.

\_\_\_\_\_. *Do Singular ao Plural*. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

\_\_\_\_\_. *História, Literatura, Sociabilidades*. Teresina: EDUFPI, Academia Piauiense de Letras, 2015.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As Máscaras de Lélío: Política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

\_\_\_\_\_. *Política e Humor nos últimos anos da monarquia: a série “Balas de Estalos” (1883-1884)*. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas. 2005.

RANCIERE, Jacques. *Políticas da escrita*. Tradução de Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa Piauiense: Atuação Política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chave, 2001.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa – Tomo III*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. São Paulo: Cosac Nayf, 2007.

ROCHA, Amanda. *Miguel Borges: A atuação de um homem de letras no Piauí*. (Dissertação-Mestrado). UFPI. Teresina: 2015.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. *Mulheres, Escrita e Feminismo no Piauí (1875 -1950)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves. 2011.

SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. O cômico como estratégia retórica no debate político. *FACES DA HISTÓRIA*, Assis-SP, v.4, nº2, p. 218-233, Jun.-Dez., 2017.p.218-233.

SANTANA, André. *Vale tudo, uma das melhores novelas de todos os tempos*, estreava há 29 anos. Disponível: <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/historia-da-tv/2017/05/vale-tudo-uma-das-melhores-novelas-de-todos-os-tempos-estreava-ha-29-anos>>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira, da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Paula F. *A coluna social como gênero de fofoca*. Brasília: UNB, Tese de Doutorado do Curso de Pós-Graduação em Literatura pela Universidade de Brasília, 2010.

SILVEIRA, Mona Ayala Saraiva. As relações familiares e o matrimônio no Piauí oitocentista. In: LIMA, Nilsângela Cardoso Lima (Org.). *Páginas do Piauí colonial e provincial*. Teresina: EDUFPI, 2020, p.163-190.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.231-270.

SOUZA, Antonia Pereira de. *A prosa de ficção nos jornais do Maranhão Oitocentista*. João Pessoa: UFPB, Tese de Doutorado do Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal da Paraíba, 2017.

SOUZA, Cristina Martins de. Ao Correr da Pena: Uma Leitura dos Folhetins de José de Alencar. In: CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *A História Contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de. *As noites do Ginásio: Teatro e tensões na Corte (1832-1868)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2002.

SOUZA, Paulo Gutemberg de Carvalho. *História e Identidade: as narrativas da piauiensidade*. Teresina: UFPI, Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, 2008.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: Literatura, Técnica e Modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SERRA, Tânia Rabelo Costa. *Antologia do romance-folhetim: 1839 a 1870*. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

THÉRENTY, Marie- Éve. Escrever Folhetins e continuar brasileiro é realmente difícil? O Folhetim de Crônica Parisiense como matriz do Jornalismo Literário no século XIX. In: GRANJA, Lúcia. ANDRIES, Lise. (Org.). *Literaturas e Escritas da Imprensa: Brasil / França, século XIX*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2015. Coleção História da Leitura, p.57-72.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. *Ao pé da página: o espaço tipográfico na imprensa paulistana (1851-1946)*. Assis, SP: UNESP. Tese de Doutorado do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista, 2016.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil: 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VILLAR Socorro de Fátima Pacífico. *O marido da adúltera*, de Lúcio Mendonça, ou as estratégias de publicação de um romance como folhetim. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, n. 9, p.73-97, ago. 2006.

VILHENA, Marcos. *Vôo de Icaro: tensões e drama de um industrial no sertão*. Teresina: Halley, 2006.

XAVIER, Wibke Röben de Alencar. Romance Brasileiro em Tradução Alemã: O Guarany e Innocência, produto nacional e Best-Seller no longo século XIX. In: ABREU, Márcia. *Romances em Movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

WILLIAMS, Raymond. *A Produção Social da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

\_\_\_\_\_. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. A imprensa e a cultura popular: uma perspectiva histórica. *Projeto História*, São Paulo, n.35, p.15-20, dez. 2007.

## 6.2 Folhetins/Jornais/Notícias

### 6.2.1 Jornais

*A Phalange*. (1889)

*A Pátria*. (1871)

*Pátria* ( 1903)

*A Época*. (1883;1884)

*A imprensa* (1884;1885;1886;1888)

*A Reforma* (1887)

*Oitenta e Nove* (1884)

*O Artista* (1902)

*O Abolicionista* (1884)

*O Correio* (1901)

*O Latiquara* (1889)

*O Piauí* (1869;1870)

*O Semanário* (1883;1884)

*O Telephone* (1882; 1885, 1888;1889)

*Pátria* (1903)

### 6.2.2 Folhetins

A Horla. *O Telephone*. Teresina. 1887. n. 263.p.01.

*A imprensa*, Teresina, ano 21, n. 917, 15 maio 1886.

A Recepção. *A Imprensa*. Teresina. 1888. n. 1006. p. 01.

ABREU, Anísio. Mimoso. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 289.p.02.

ABREU, Anísio. Contrastes. *O Telephone*. Teresina. 1888. n. 252.p.02.

As Sete Luminuras. *A Imprensa*. Teresina. n. 1888. n. 1007. p. 01.

ASNIDADADES, Anísio da. O Conselho da Bixaria. *A Phalange*. Teresina. 1902. n. 02. p.01.

ASNIDADADES, Anísio da. O Homem Phenomeno. *A Phalange*. 1889. n. 06. p.01-02.

BASTOS, Texeira. A Família. *A Imprensa*. Teresina: jul.1885, n.877.p.01.

BRITO, Pedro. Noiva Pelo Coração. *O Correio*. Teresina. 1901. n. 15/16/18. p.02.

BRITO, Pedro. O fanatismo. *O Artista*. Teresina. 1902. n. 15/ 16. p.01.

BRITO, Theodora (Tradutora). Contos de Luidi. Teresina: Jul, 1885, n 876, ano 20.

C.I. Reposta a um gordo. *O Telephone*. Teresina. 5 Abr.1888. n. 255.p.01.

CASTELO BRANCO, Camilo Castelo. Vintes horas de Liteira. *O Piauí*, Teresina, 11 fev. 1871.p.01.

CASTELO BRANCO, H. de. Fim do Mez. *O Telephone*. Teresina. 1888. n. 262.p.01.

CASTELO BRANCO. Vintes horas de Liteira. *Diário de Pernambuco*. Recife, 14 Dez.1864. p.Vintes horas de Liteira. *Diário de Pernambuco*. Recife, 19 Dez.1864. p.08.

CASTELO BRANCO. Vintes horas de Liteira. *O Piauí*, Teresina, 13 set. 1871.p.01.

CASTOR E POLUX. Atravez do Mez Mariano. *A Imprensa*. Teresina .1885. n. 917 / 918.p. 01.

CASTOR E POLUX. Dente por Dente. *A Imprensa*. Teresina. 1885. n. 893. p. 01.

CASTOR E POLUX. Folhetim incompleto. *A Imprensa*. Teresina. n. 894. p.01.

CETENHIDE. Notas à Parte. *O Semanário*. Teresina. Dez. 1884. .339. ano 01.p. 01.

- CETENHIDE. Notas à Parte. *O Semanário*. Teresina. Dez. 1884. .369. ano 01.p. 01.
- CONVENIT, OIPE DE. Vingança Generosa. *A Reforma*. Teresina. 4 de out. 1887. n.31 p.02-03.
- CORDEIRO, PACÍFICO. Cousas e Lousas. *A Imprensa*. Teresina. 1885. n. 875.p. 01.
- CUNHA, HIGINO. A Vingança do Ancião. *O Semanário*. Teresina, 1874. n.284. p.01.
- CUNHA, HIGINO. Luciano Irerê. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 283. p.01.
- DAVI, JAME. Aves Prisioneiras. *O Telephone*. Teresina. 1887. n. 224. p. 01.
- DUBLEÁ. Vingança Generosa. *A Reforma*. Teresina. Out.1887. n.31. ano 01.p.02-03.
- E.M. A Conversão (A Raymundo Palhano). *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 315. p. 01.
- FEVAL, PAUL. As Últimas Fadas: O Castelo de Malestroit. *O Piauí*. Teresina. Abr.1869.num 72, ano 02.p.01.
- FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO. *A Liga e Progresso*. Teresina, 21 de novembro de 1862, ano 01, n.5.p.01.
- FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO. *A Liga e Progresso*. Teresina, 21 de janeiro de 1863, ano 02, n.11.p.01.
- FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO. *A Liga e Progresso*. Teresina, 22 de novembro de 1862, ano 01, n.5.p.01.
- FOLHETIM DO LIGA E PROGRESSO. *A Liga e Progresso*. Teresina, 24 de dezembro de 1862, ano 01, n.8.p.01.
- FOLHETIM. *A Opinião Conservadora*, Teresina. 11 de setembro de 1874. n. 41, p.01.
- FOLHETIM. *A Pátria*, Teresina, n. 4, 11 fev. 1871. p.04.
- FOLHETIM. Apontamento para a nova ciência. Teresina. nov, 1874, ano II, num.31. p.01-02.
- FOLHETIM. Fiana. *O Escolástico*. Oeiras. 06 de abril de 1850.n 14. p.03.
- FOLHETIM. Nota ao Êsmo. *A Reforma*. Teresina. 21 Out.1887. p.02.
- FOLHETIM. O Assobio. *O Conciliador Piauiense*. Teresina, n.18, 21 set.1853.ano 01. p.01.
- FOLHETIM. O Fanatismo. *O Artista*. Teresina, 01, jun, 1902, ano 01, n 15.p.03.
- GLUCYRO. Um Casamento. *A Imprensa*. Teresina. 1881. n.? p.02.
- GUIMARÃES, LUIZ JÚNIOR. Literatura: Mater Dolores. *O Telephone*. Teresina. 1882. n. 10. p. 01.

- H TMAN. Firminowitz. *A Época*. Teresina. 1883, n. 262. p.01.
- H. Drama honra por honra. *O Telephone*. Teresina. 1884. n.66. p. 01.
- IRERÊ, Luciano. Dr. Higyno Cunha. *A Época*. Teresina. 1883. n. 241/ 251. p.01.
- J.F. Três Botões de Rosa. *O Abolicionista*. Teresina. 1884. n. 2/ 3/4/5/6/7. p.01.
- JANIN, Júlio. Ressuix (Folhetim do Paiz). Teresina. 1884. n. 314. p.01.
- LIMA, Plínio de. Por Causa de uma Joanhina. *O Piauí*. Teresina. 1879. n.152. p. 01.
- LITERATURA. Dionísia. *A Imprensa*. Teresina: Mai, 1885, num 859, ano 20.p.01.
- MAPASSANTE, Guy de. A Horla. *O Telephone*. Teresina.1887. n. 210. p.02.
- MIRANDA, Carlota (Tradução). As Aventuras do Nilimo Abencerrage. *Pátria*. 1903. n. 27.
- MONTIVERDE, Albert. Uma noite pelo alto. *A Reforma*. 1887. n.? p.01.
- MOREAL, Charles. A Bela Condessa. *A Phalange*. Teresina. 1889. n. 31 a 64. p.01.
- N.I. Nem tudo que luz é ouro. *O Semanário*. Teresina. 1884. n. 72. p.01.
- NEVES, Abdias. A Taboca. *O Artista*. Teresina. 1902. n. 20. p.01.
- NEVES, Abdias. Coração de Ave. *O Artista*. Teresina. 1902. n. 22. p.01.
- NEVES, Abdias. O Mamão. *O Artista*. Teresina. 1902. n.19. p.01.
- O Engole Espada. *Latiqara*. 1889. n. 1. p. 02.
- RAUL. A vol d'oiseau. *O Telephone*. Teresina. 1885. n. 27. p. 01.
- Romance Instantâneo (Transcrito do Gazeta da tarde). *O Telephone*. Teresina. 1882. n. 3. p. 01.
- SÁ, Leônidas de. Fragmentos do Correr da Pena. *O Semanário*. Teresina. 1884.n.379. p. 02.
- SÁ, Leônidas de. Límpidos. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 298. p. 01.
- SÁ, Leônidas de. Mimoso. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 293. p. 01.
- SEGUNDO, Wanderley. O naufrágio da Bahia. *O Telephone*. Teresina. 1887. n. 233. p. 01.
- SPENCER. Ligeiras Considerações. *O Telephone*. Teresina. 1889. n. 291 / 295. p. 01.
- SUCUPIRA, Aguilhão. *A Phalange*. Teresina. 1889. n. 2. P. 01.
- TEIXEIRA, Mucio. O Naufrágio do Rio Apa. *O Telephone*. Teresina. 1887. n. 234. p. 01.

W. O Drama – Honra por Honra. *O Telephone*. Teresina. 1884. Ano II. N. 66. p.01-02.

X. Saudades de Barras. *A Época*. Teresina . 1884. n.304. p.01.

Y. Transumptos por antíteses. *O Semanário*. Teresina. 1883. n. 317. p.01.

Z. Vozes do Povo. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 329. p. 02.

Zás (Transcrito do Gazeta da Tarde). *O Telephone*. Teresina. 1882. n. 3. p. 01.

### 6.2.3 Anúncios/Notícias

A Coluna Prestes através do Brasil. *A Imprensa*. 08 de julho de 1926. Ed: 109.

A Educação da mulher. *A Imprensa*. 25 de maio de 1884.num.822, ano XIX.

DR. ZAMPARI. Introdução. *O Papiro*, Teresina, ano 1, n.1, 23 maio 1874.

Festa Escolar. *O Monitor*. Teresina, ano 01, n.06, p.01, 6 dez, 1906.

FOLHETIM. *A Imprensa*, Teresina, n. 859, 1889.

JORNAIS. *A Pátria*, Teresina, n. 88, 13 jan. 1872.

Leilão do Cruzeiro do Sul, Periódico *Oitenta e Nove*, 1874, Ed 31, p.3.

LIVROS. *O Semanário*, Teresina, ano 8, n. 308, 16 jan. 1883.

Noticiário: O Paiz. *A Época*, 1884, n. 314. P. 3.

NOTÍCIAS, Lucro da Litteratura. *A Imprensa*. Teresina, jul, 1886, p.04.

NOTÍCIAS. *Oitenta e Nove*. nov, 1874, ano II, num.31. p .02.

O Banquete do Martins. *Época*. 18 de setembro de 1880. num, 126. Ano II.

RETALHOS, *A Imprensa*, Teresina. Ago.1880.Ano VI, n.259.p.03.

Sempre o Baile. *O Semanário*. Teresina, 1883, n. 329. p. 02.

UM GORDO. Carta de um Gordo. *O Telephone*. Teresina. 28, Mar.1888. n. 254.p.01 – 02.

### 6.2.4 Referências das Imagens

Ao Correr da Pena. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro. 29. abr.1854.Ano XII. P.01. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

CASTELO BRANCO, Camilo Castelo. Vintes horas de Liteira. *O Piauí*, Teresina, 22 Abr. 1871.p.01. Disponível: Hemeroteca Projeto Memória do Jornalismo Piauiense.

FOLHETIM. Fiama. *O Escholástico*. Oeiras. 06 de abril de 1850.n 14. p.03.Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

LE FEUILLETON. *La Presse*. Paris, 01. jul.1836. ano 01, n.16. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional da França.

MIRANDA, Carlota (Tradução). As Aventuras do Nilimo Abencerrage. *Pátria*. 1903. n. 27.p.02. Disponível: Hemeroteca Projeto Memória do Jornalismo Piauiense.

Mistérios dos Povos. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1850, ano 01, n 129, p.01. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

NEVES, Abdias. O Mamão. *O Artista*. Teresina. 1902. n.19. p.01. Disponível: Hemeroteca do Projeto Memória do Jornalismo Piauiense.

NEVES, Abdias. O Mamão. *O Artista*. Teresina. 1902. n.19. p.02. Disponível: Hemeroteca do Projeto Memória do Jornalismo Piauiense.

SPENCER. Apontamento para a nova ciência. Teresina. nov, 1874, ano II, num.31. p.01.Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil. Disponível: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

SPENCER. Apontamento para a nova ciência. Teresina. nov, 1874, ano II, num.31. p.02. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil. Disponível: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

Tradução do jornal brasileiro Correio Mercantil da obra Os Mysteries de Paris de Eugène Sue. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil. Disponível: Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital do Brasil.

## 7 APÊNDICE

QUADRO ILUSTRATIVO					
JORNAL	CIRCULAÇÃO	TIPOLOGIA	ANO	FOLHETIM	AUTOR
<b>A PÁTRIA</b>	(1870-1872)	Propriedade de Agesiliau Pereira da Silva.	<b>1871</b>	<i>Vinte Horas de Liteira</i>	Camilo Castelo Branco
<b>O SEMANÁRIO</b>	(1875-1885)	Noticioso	<b>1883</b>	<i>A Vingança do Ancião</i>	Higino Cunha
				<i>Luciano Irerê</i>	Higino Cunha
				<i>Vozes do Povo</i>	Z
				<i>Transuptos por Antíteses</i>	Y
			<b>1884</b>	<i>Fragmentos do Correr da Pena</i>	Leônidas de Sá
				<i>Notas à Parte II</i>	Não Informado
				<i>Nem tudo que luz é ouro</i>	Não Informado
<b>O ABOLICIONISTA</b>	( 1884)	Visava combater a escravidão	<b>1884</b>	<i>Três Botões de Rosa</i> (Romanceto)	J.F

<b>A Época</b>	(1878-1889)	Periódico Político alinhado ao partido Conservador	<b>1883</b>	<i>Dr. Higyno Cunha</i>	Luciano Irerê
				<i>Firminowitz</i>	H Tman
			<b>1884</b>	<i>Saudades de Barras</i>	X
				<i>Ressuix (Folhetim do periódico O Paiz)</i>	Júlio Janin
<b>O TELEPHONE</b>	(1883-1889)	Noticioso / Político (em 1889, tornou-se órgão do Partido Republicano)	<b>1882</b>	<i>Literatura: Mater Dolores</i>	Luiz Guimarães Júnior
				<i>Zás (Transcrito do Periódico Gazeta da Tarde)</i>	Não Informado
				<i>Romance Instantâneo (Transcrito do Periódico Gazeta da Tarde)</i>	Não Informado
			<b>1884</b>	<i>Drama Honra por honra</i>	H
			<b>1885</b>	<i>A vol d'oiseau</i>	Raul
			<b>1887</b>	<i>A Horla</i>	Guy de Maupassante
				<i>Aves Prisioneiras</i>	James Davi
				<i>O Naufrágio do Rio Apa</i>	Mucio Teixeira
				<i>O naufrágio da Bahia</i>	Dr.Segundo Wanderley

<b>O TELEPHONE</b>			<b>1888</b>	<i>Contrastes</i>	Anísio de Abreu
				<i>Fim do Mez</i>	H. de Castelo Branco
				<i>Reposta a um gordo</i>	C.I
			<b>1889</b>	<i>Límpidos</i>	Leônidas de Sá
				<i>Adeus à minha noiva</i>	Benjamim Rubim
				<i>Ligeiras Considerações</i>	Spencer
				<i>Mimoso</i>	Anísio de Abreu
<i>Mimoso</i>	Leônidas de Sá				
<i>A Conversão</i>	E.M				
<b>O LATIQUARA</b>	(1889)	Distribuído gratuitamente; Utilizado para denegrir a imagem de Simplício de Resende	<b>1889</b>	<i>O Engole Espada</i>	Não Informado
<b>A REFORMA</b>	(1887)	Periódico Político, literário e noticioso.	<b>1887</b>	<i>Vingança Generosa</i>	Olive de Conventit
				<i>Uma noite pelo alto</i>	Albert Montiverde

<b>A IMPRENSA</b>	(1865-1889)	Periódico Político – Órgão do Partido Liberal	<b>1884</b>	<i>Um casamento</i>	Glucyro	
				<b>1885</b>	<i>Cousas e Lousas</i>	Pacífico Cordeiro
					<i>Dente por Dente</i>	Pacífico Cordeiro
				<b>1886</b>	<i>Atravez do Mez Mariano</i>	Castor e Polux
					<b>1888</b>	<i>A Recepção</i>
				<i>As Setes Luminárias (Do Periódico Tribuna Literal)</i>		Não Informado
<b>A PHALANGE</b>	(1889)	Periódico Político alinhado ao Partido Conservador	<b>1889</b>	<i>A Bela Condessa</i>	Charles Moreal	
				<i>O Homem Phenomeno</i>	Não Informado	
				<i>Fogos de Bengala</i>	Aguilhão Sucupira	
				<i>Conselho da Bixaria</i>	Anísio das Asnidades	

				Quem será o Mystificado ?	N.E
<b>O CORREIO</b>	(1901)	Periódico Literário, publicava-se às quintas e domingos	<b>1901</b>	<i>Noiva pelo Coração</i>	Pedro Brito
<b>O ARTISTA</b>	(1902)	Jornal do Comércio, lavoura e indústria	<b>1902</b>	<i>A Taboca</i> <i>O Mamão</i>	Abdias Neves Abdias Neves
				<i>Coração de Ave</i>	Abdias Neves
				<i>O Fanatismo</i>	Pedro Brito
<b>PÁTRIA</b>	(1902-1905)	Periódico Semanal de propriedade de Abdias Neves	<b>1903</b>	<i>As Aventuras do Nílipo</i> <i>Abencerrage</i>	Tradução de d. Carlota Miranda